

TEXTO PARA DISCUSSÃO

N° 177

**Evolução e perfil
das exportações
dos países sul-
americanos no
período 1965-
2005**

**Roberto Iglesias
e Fernando
Ribeiro**

Junho de 2007

Evolução e perfil das exportações dos países sul-americanos no período 1965-2005

**Roberto Iglesias e
Fernando Ribeiro**

Junho de 2007

Ref.: Contrato de Prestação de Serviços firmado entre o Departamento de Promoção Comercial (DPR) do Ministério das Relações Exteriores e a Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior – Funcex.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
I. ARGENTINA	7
I.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações	7
<i>Evolução geral das exportações</i>	7
<i>Market-share no comércio mundial</i>	8
<i>Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados</i>	9
I.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino	12
I.3. Distribuição das exportações segundo produtos	14
<i>Tipos de produtos para os principais mercados</i>	17
I.4. Conclusões e perspectivas	19
II. BOLÍVIA	21
II.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações	21
<i>Evolução geral das exportações</i>	21
<i>Market-share no comércio mundial</i>	22
<i>Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados</i>	23
II.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino	26
II.3. Distribuição das exportações segundo produtos	28
<i>Tipos de produtos para os principais mercados</i>	32
II.4. Conclusão e perspectivas	33
III. BRASIL	35
III.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações	35
<i>Evolução geral das exportações</i>	35
<i>Market-share no comércio mundial</i>	36
<i>Evolução comparada com as exportações da América do Sul e de outros países selecionados</i>	37
III.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino	39
III.3. Distribuição das exportações segundo produtos	41
<i>Tipos de produtos para os principais mercados</i>	44
III.4. Conclusão e perspectivas	46
IV. CHILE	47
IV.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações	47
<i>Evolução geral das exportações</i>	47
<i>Market-share no comércio mundial</i>	48
<i>Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados</i>	49
IV.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino	52
IV.3. Distribuição das exportações segundo produtos	54
<i>Tipos de produtos para os principais mercados</i>	56
IV.4. Conclusão e perspectivas	57

V. COLÔMBIA	59
V.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações	59
<i>Evolução geral das exportações</i>	59
<i>Market-share no comércio mundial</i>	60
<i>Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados</i>	61
V.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino	63
V.3. Distribuição das exportações segundo produtos	65
<i>Tipos de produtos para os principais mercados</i>	67
V.4. Conclusões e perspectivas	69
VI. EQUADOR	70
VI.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações	70
<i>Evolução geral das exportações</i>	70
<i>Market-share no comércio mundial</i>	71
<i>Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados</i>	72
VI.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino	74
VI.3. Distribuição das exportações segundo produtos	76
<i>Tipos de produtos para os principais mercados</i>	78
VI.4. Conclusão e perspectivas	79
VII. GUIANA	80
VII.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações	80
<i>Evolução geral das exportações</i>	80
<i>Market-share no comércio mundial</i>	81
<i>Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados</i>	81
VII.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino	82
VII.3. Distribuição das exportações segundo produtos	83
<i>Tipos de produtos para os principais mercados</i>	85
VII.4. Conclusão e perspectivas	86
VIII. PARAGUAI	87
VIII.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações	87
<i>Evolução geral das exportações</i>	87
<i>Market-share no comércio mundial</i>	88
<i>Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados</i>	88
VIII.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino	91
VIII.3. Distribuição das exportações segundo produtos	93
<i>Tipos de produtos para os principais mercados</i>	95
VIII.4. Conclusão e perspectivas	96
IX. PERU	98
IX.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações	98
<i>Evolução geral das exportações</i>	98
<i>Market-share no comércio mundial</i>	99
<i>Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados</i>	99
IX.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino	102
IX.3. Distribuição das exportações segundo produtos	104

<i>Tipos de produtos para os principais mercados</i> _____	106
IX.4. Conclusão e perspectivas _____	107
X. SURINAME _____	109
X.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações _____	109
<i>Evolução geral das exportações</i> _____	109
<i>Market-share no comércio mundial</i> _____	110
<i>Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados</i> _____	110
X.2. Exportações segundo principais países de destino _____	111
X.3. Distribuição das exportações segundo produtos _____	112
<i>Tipos de produtos para os principais mercados</i> _____	113
X.4. Conclusão e perspectivas _____	115
XI. URUGUAI _____	116
XI.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações _____	116
<i>Evolução geral das exportações</i> _____	116
<i>Market-share no comércio mundial</i> _____	117
<i>Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados</i> _____	118
XI.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino _____	120
XI.3. Distribuição das exportações segundo produtos _____	122
<i>Tipos de produtos para os principais mercados</i> _____	124
XI.4. Conclusão e perspectivas _____	126
XII. VENEZUELA _____	127
XII.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações _____	127
<i>Evolução geral das exportações</i> _____	127
<i>Market-share no comércio mundial</i> _____	128
<i>Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados</i> _____	128
XII.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino _____	130
XII.3. Distribuição das exportações segundo produtos _____	132
<i>Tipos de produtos para os principais mercados</i> _____	133
XII.4. Conclusão e perspectivas _____	135
XIII. O LUGAR DO BRASIL COMO DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DOS PAÍSES SUL-AMERICANOS _____	136
XIII.1. Participação nas exportações sul-americanas _____	136
XIII.2. Market-share dos países sul-americanos nas importações brasileiras _____	138
XIII.3. Produtos exportados para o Brasil _____	140
XIV. TENDÊNCIAS E FATOS ESTILIZADOS DAS EXPORTAÇÕES DA AMÉRICA DO SUL NO PERÍODO 1965-2005 _____	142
XIV.1. O crescimento das exportações sul-americanas _____	142
XIV.2. O papel da taxa de câmbio real no crescimento de longo prazo _____	150
XIV.3. As mudanças na distribuição das exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino _____	152
XIV.4. Diferenças de desempenho em função da natureza dos recursos naturais disponíveis _____	153
CONCLUSÃO _____	161

INTRODUÇÃO

A economia mundial passou por importantes transformações nos últimos 40 anos, entre as quais se destaca um acelerado processo de globalização econômica que alcançou praticamente todos os países do mundo e que vem gerando impactos significativos sobre os fluxos de comércio exterior dos diversos países, em especial aqueles chamados “em desenvolvimento”.

A América do Sul foi afetada de forma especial por este processo, sendo notável que, nestes últimos 40 anos, os países da região atravessaram profundas transformações econômicas, com destaque para um processo de industrialização que, em maior ou menor grau, teve reflexos diretos sobre seus fluxos de comércio. Percebe-se, por exemplo, que alguns países deixaram de ser meros exportadores de *commodities* de origem mineral e agrícola e passaram a vender também produtos manufaturados, com maior ou menor grau de elaboração.

Neste sentido, o correto entendimento de como evoluíram as exportações dos países da região ao longo deste período mostra-se de fundamental importância, seja para compreender melhor o atual contexto do comércio exterior destes países, seja para melhor elaborar cenários que tenham em vista a evolução futura de suas exportações, seja ainda para ter uma noção mais clara dos interesses e das possibilidades de cada país no âmbito do aprofundamento de sua integração com a economia mundial e, em especial, com seus vizinhos sul-americanos.

O presente trabalho analisa, com certo grau de detalhe, como se desempenharam as exportações dos 12 países da América do Sul (Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela) nos últimos quarenta anos, buscando montar um quadro abrangente para cada país, bem como identificar padrões comuns entre os países e aspectos que os diferenciam. De forma especial, busca-se identificar como se alterou a composição da pauta exportadora dos países em termos de tipos de produtos exportados e de principais países ou regiões de destino das vendas.

As análises tomaram como base séries anuais de exportação (em US\$ FOB) de cada um dos 12 países considerados, para o período compreendido entre os anos de 1965 e 2005. A fonte básica do estudo foi o sistema Comtrade, administrado pela UNCTAD e que disponibiliza dados de exportação para quase todos os países do mundo, segundo duas classificações: a Classificação Uniforme do Comércio Internacional (CUCI), com desagregação de até cinco dígitos, e o Sistema Harmonizado (SH), desagregado até seis dígitos. O estudo incluiu também dados e indicadores disponibilizados pela Comissão Econômica para América Latina (CEPAL).

O trabalho está organizado em capítulos por países, nos quais é feita uma análise da evolução de suas exportações, tanto ao longo de todo o período 1965-2005 quanto dentro de subperíodos relevantes, levando-se em conta os seguintes níveis ou aspectos:

- i) Evolução geral das exportações e comparação entre a evolução das vendas de cada país e o desempenho, no mesmo período: das exportações mundiais, das exportações totais sul-

americanas, das exportações de um conjunto selecionado de países emergentes de fora da América do Sul (México, Coréia do Sul e China) e das exportações do Brasil.

- ii) Exportações desagregadas segundo os principais países e blocos econômicos de destino, destacando a mudança desta composição ao longo do tempo e as alterações do grau de concentração da pauta.
- iii) Distribuição das exportações segundo tipos de produtos, também destacando a mudança desta composição ao longo do tempo e as alterações do grau de concentração de pauta. As classificações de produtos a serem utilizadas serão as seguintes: principais produtos a dois dígitos da CUCI (um mínimo de 20 produtos); bens primários e industrializados, conforme classificação utilizada pela Cepal; bens segmentados segundo classificação especial utilizada pela Cepal (agrícolas, minérios, energéticos, manufaturas tradicionais, manufaturas intensivas em economias de escala e recursos naturais, bens duráveis e bens difusores de progresso técnico); e tipos de produtos exportados para os principais mercados, quais sejam: América Latina, EUA, Europa e Ásia.
- iv) Breve avaliação das tendências recentes e das perspectivas para as exportações nos próximos 10 anos.

Após os capítulos por país, o trabalho conta com dois capítulos adicionais. O primeiro deles discute a importância do Brasil como destino das exportações dos países sul-americanos e a significação destes nas importações do Brasil. O segundo apresenta uma visão do conjunto dos países, mostrando algumas tendências e fatos estilizados do desempenho exportador sul-americano em termos de crescimento e mudanças na distribuição geográfica das exportações, e classifica os países em dois grandes grupos – países de base agrícola e países de base mineral. Cada um desses grupos possui características comuns em termos de concentração dos mercados de destino e de diversificação da pauta exportadora.

Ao final do trabalho é apresentado um breve capítulo de conclusão.

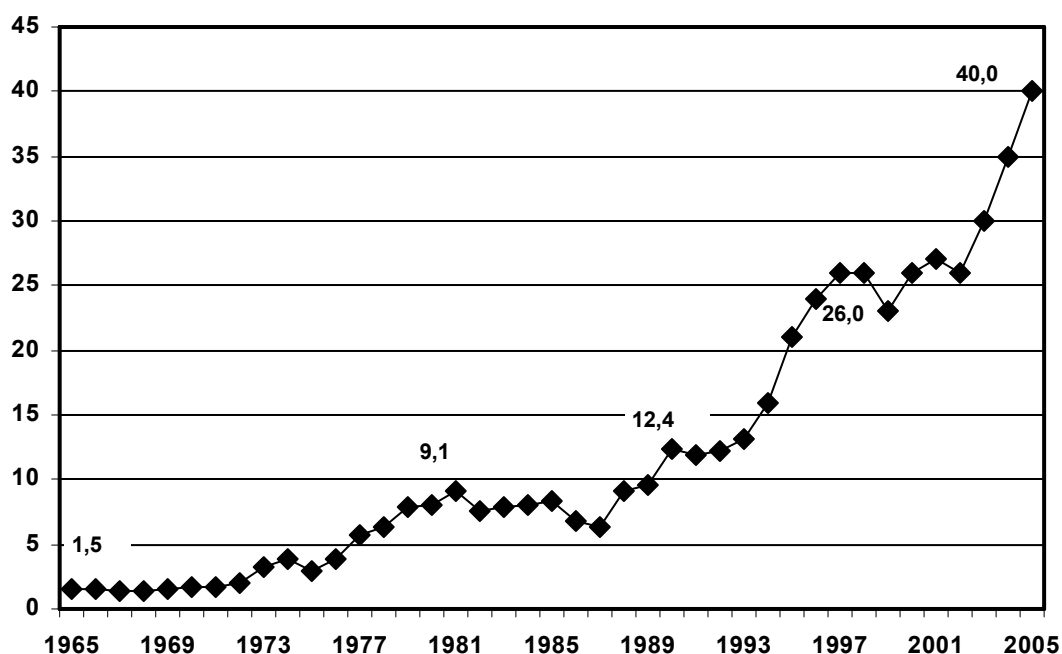
I. ARGENTINA

I.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações

Evolução geral das exportações

O que se destaca na evolução das exportações argentinas é a dificuldade de sustentar o crescimento durante um longo período, observando-se uma alternância entre períodos de alta e períodos de estagnação ou retrocesso dos valores exportados. As vendas do país passaram de US\$ 1,5 bilhões em 1965 para US\$ 40 bilhões em 2005, o que corresponde a um crescimento médio anual de 8,6% a.a., inferior à taxa referente ao total dos países sul-americanos, que foi de 9,5% (Gráfico I.1).

Gráfico I.1
Argentina – Exportações anuais
Em US\$ Bilhões



Fonte: FMI – Estatísticas Financeiras Internacionais (IFS). Elaboração: Funcex.

O país exportava US\$ 1,5 bilhão, em 1965 e continuou exportando praticamente o mesmo montante até 1971. O salto de 1972 a 1974 foi resultado de altas nos preços dos cereais, que eram parte importante da cesta exportadora do país. A forte desvalorização de 1976, seguida de uma queda significativa do salário real, permitiu liberar excedentes de alimentos que passaram a ser exportados. Isto, junto com a maturação de melhorias tecnológicas no campo, contribuiu para a ocorrência de um expressivo crescimento das quantidades exportadas de produtos agrícolas e seus derivados. A nova desvalorização e a conseqüente queda do salário real em 1981-1982, contudo, não tiveram impacto favorável nas exportações, que caíram entre 1981 e 1987.

Na década de noventa, mesmo com a apreciação da moeda doméstica, a Argentina experimentou um forte crescimento das exportações. Entre 1990 e 1997 as exportações mais que duplicaram, passando de

US\$ 12,4 bilhões para US\$ 26 bilhões. A desvalorização brasileira, a crise asiática e os efeitos da excessiva valorização do peso, contudo, promoveram a estagnação das exportações entre 1997 e 2002.

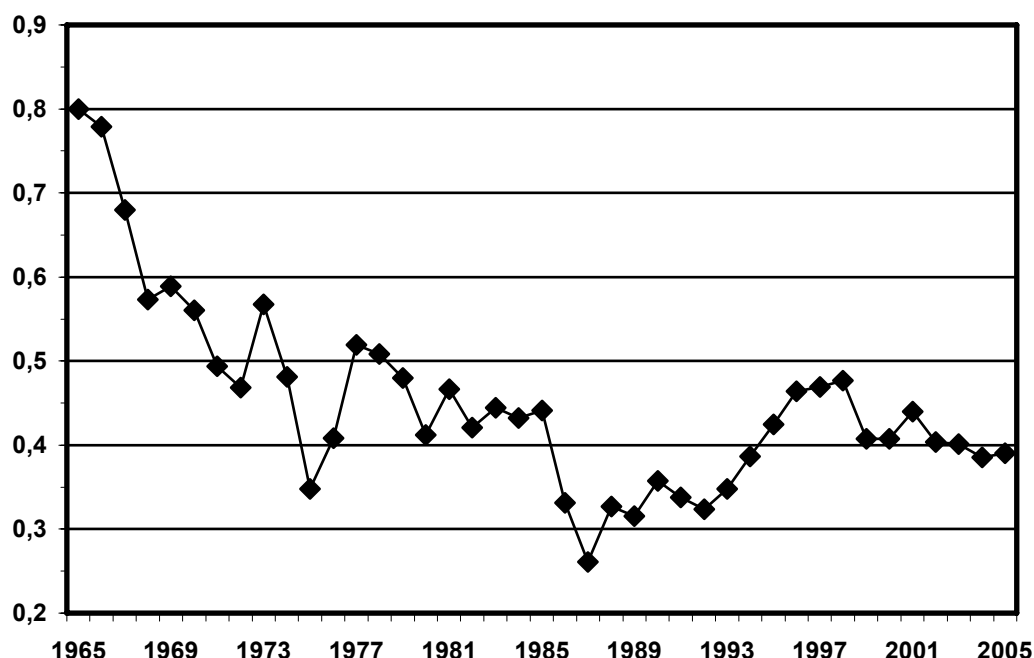
Nos últimos anos, as exportações têm crescido rapidamente, passando de US\$ 26 bilhões em 2002 para US\$ 40 bilhões em 2005, ou seja, um aumento de 53% em três anos, resultado principalmente do forte crescimento do comércio mundial e da alta dos preços internacionais dos produtos exportados pelo país.

Market-share no comércio mundial

A participação argentina nas exportações mundiais se reduziu em mais de 50% entre 1965 e 1975, caindo, de forma quase contínua, de 0,8% para 0,35% (**Gráfico I.2**). Após um curto período de recuperação relativa em 1976 e 1977, a participação voltou a entrar em declínio nos anos seguintes, ainda que com uma velocidade menor.

Em 1987, as exportações argentinas representavam apenas 0,26% das exportações mundiais. A partir daquele ano, essa participação se recupera de forma sustentada até 1998, caindo novamente nos anos seguintes, quando a economia foi afetada por uma severa recessão. A desvalorização de 2002 e a posterior expansão da economia e das exportações não foram suficientes para que a Argentina recuperasse sua participação anterior à crise. Nos últimos anos, a participação da Argentina tem oscilado em torno de 0,4%, o que representa a metade do percentual registrado em 1965.

Gráfico I.2
Argentina – Market-share nas exportações mundiais
Em %

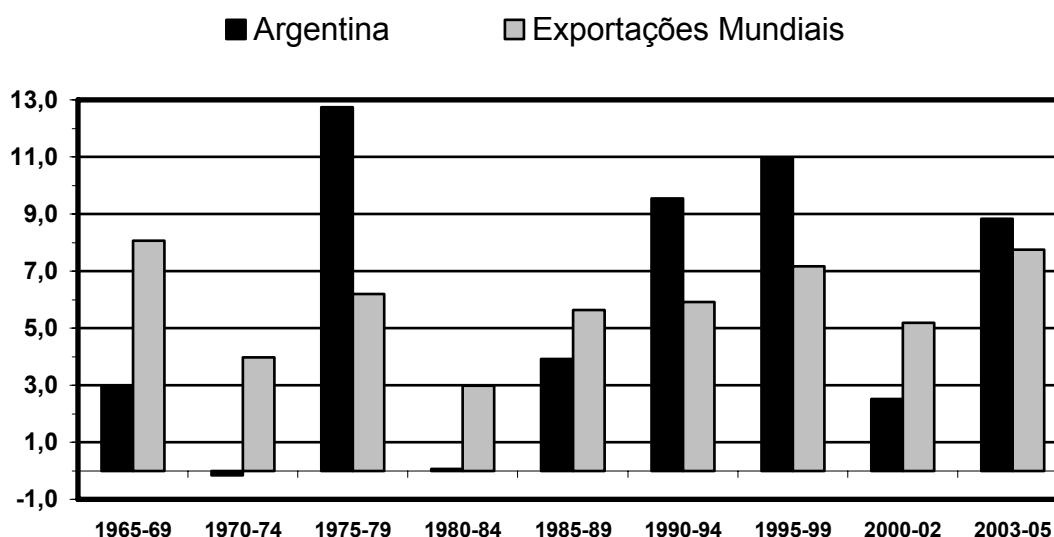


Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Quedas fortes de participação nas exportações mundiais podem resultar de diminuições de preços de produtos de exportação ou de escasso dinamismo dos volumes exportados. A prevalência de um ou outro fator pode ser analisada à luz do **Gráfico I.3**, que apresenta as taxas médias anuais de crescimento dos volumes exportados, de acordo com índices de *quantum* de exportações calculados pela CEPAL.

O Gráfico mostra que a Argentina teve, de fato, sérios problemas para expandir seus volumes exportados em diversos momentos do período analisado. Entre 1965-1969, as quantidades cresceram muito pouco, para depois cair entre 1970-1974 e atravessar uma fase de *boom* entre 1975 e 1979. Na década de oitenta, com sérios problemas macroeconômicos e a despeito de uma taxa de câmbio real desvalorizada, o país expandiu muito lentamente as quantidades exportadas, a um ritmo bem inferior ao do resto do mundo. Os anos 1990, ao contrário, testemunharam um forte crescimento do *quantum*, superando o ritmo mundial. A crise recessiva entre 2000-2002 reduziu novamente o ritmo de expansão das exportações, que só voltou a se acelerar a partir de 2003.

Gráfico I.3
Argentina e Mundo - Taxas anuais médias de crescimento do volumes exportado
Em % a.a.



Fonte: CEPAL – Divisão de Desenvolvimento Econômico. Elaboração: Funcex.

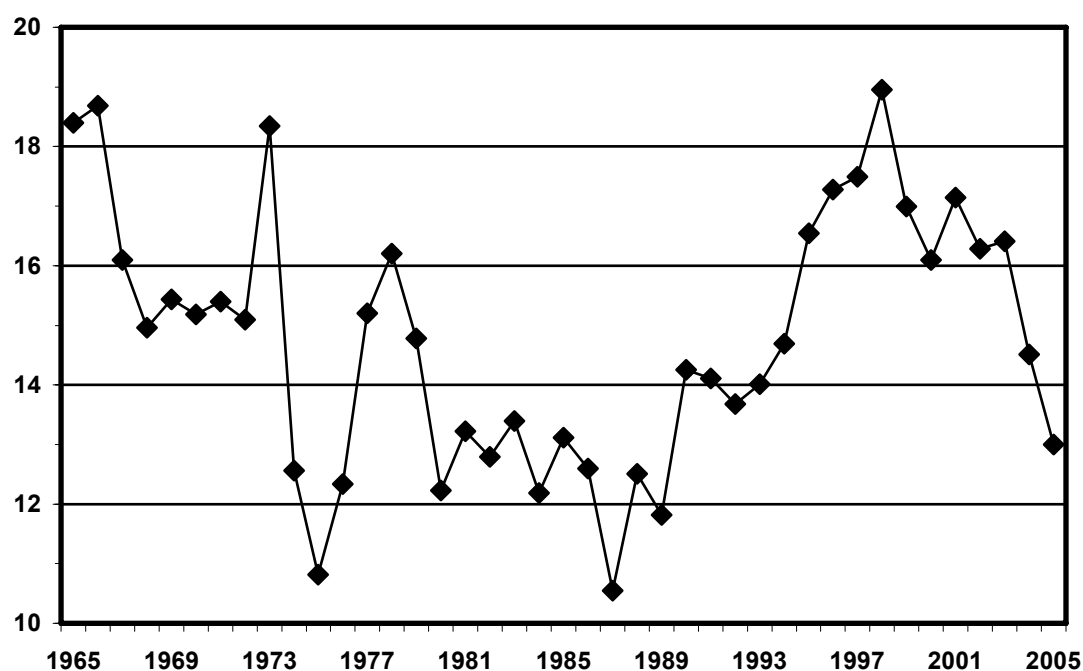
Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados

Como resultado do crescimento relativamente baixo dos últimos 40 anos, a participação das exportações argentinas nas exportações sul-americanas mostrou, também, queda na maior parte desse período. O **Gráfico I.4** mostra que as exportações argentinas equivalem a mais de 18% das exportações sul-americanas em 1965-1966 e caíram para 13% em 2005. O único período em que as exportações argentinas cresceram mais rapidamente do que a dos demais países sul-americanos, de forma

continuada, foi na década de noventa, permitindo uma recuperação da participação do país nas exportações do subcontinente para níveis similares aos dos anos sessenta.

No triênio 2003-2005, mesmo com o forte crescimento das exportações argentinas, sua participação nas exportações sul-americanas caiu, visto o acelerado crescimento observado no total exportado pelo restante da região.

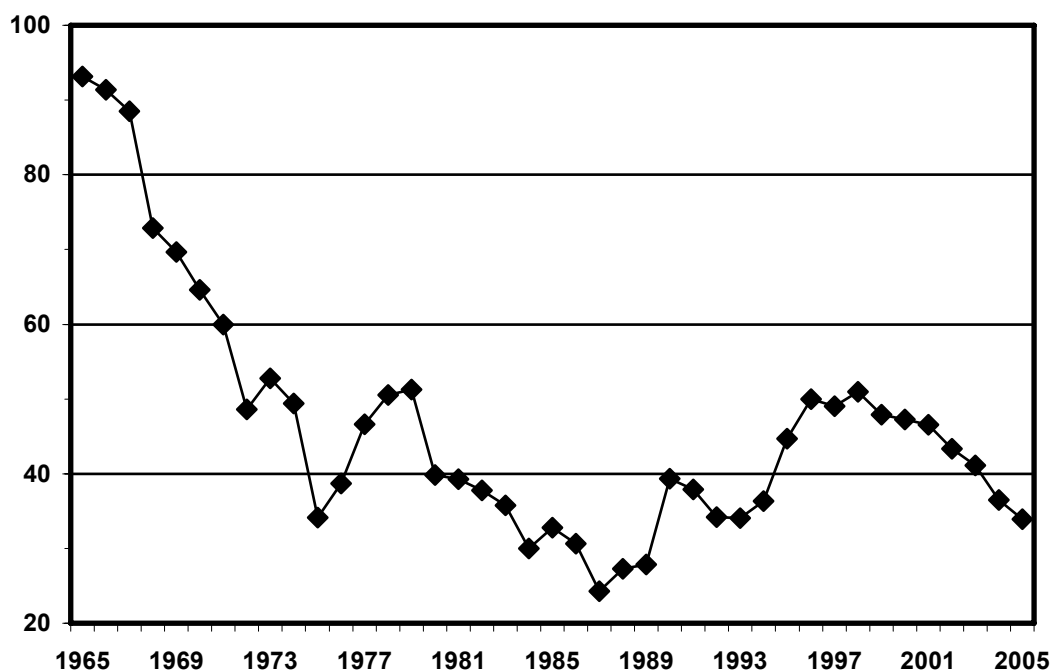
Gráfico I.4
Exportações da Argentina – Proporção das exportações sul-americanas
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

O **Gráfico I.5** mostra que ao longo dos últimos 40 anos o desempenho das exportações argentinas foi quase sempre inferior ao do Brasil, o que se traduziu em queda das vendas externas argentinas como proporção das exportações brasileiras. Em 1965-1966, as vendas argentinas equivaliam a mais de 90% das vendas brasileiras. Em 2003-2005, porém, as vendas argentinas eram inferiores a 40% das vendas brasileiras.

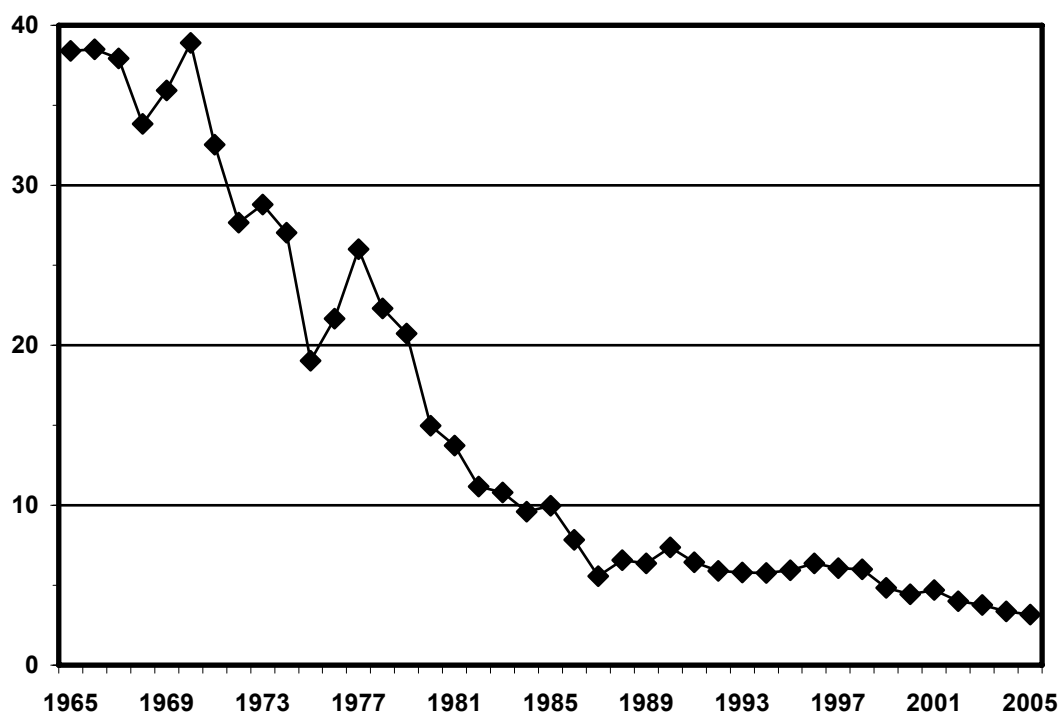
Gráfico I.5
Exportações da Argentina – Proporção das exportações do Brasil
 Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Uma outra maneira de observar o declínio das exportações argentinas é através da comparação com países emergentes que se tornaram, nas últimas décadas, grandes exportadores mundiais. O **Gráfico I.6** mostra que as vendas externas da Argentina representavam, em 1965-1966, mais de 35% das vendas agregadas de México, Coréia e China. Nos últimos anos, as vendas argentinas representaram menos de 5% do total exportado por estes três países. Nem mesmo durante o período de crescimento mais acelerado, entre 1992 e 1997, as exportações argentinas conseguiram superar o desempenho desses países.

Gráfico I.6
Exportações da Argentina – Proporção das exportações de México, Coréia do Sul e China
 Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

I.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino

A União Européia foi o principal mercado de destino das exportações argentinas entre 1965 e o início da década de noventa. Diferentemente dos países andinos e do Brasil, o mercado americano nunca foi destino importante para as exportações da Argentina, ainda que na década de oitenta e noventa esse mercado tenha aumentado sua participação (**Tabela I.1**).

A mudança mais importante na distribuição geográfica das exportações argentinas, nos últimos 40 anos, foi o crescimento, a partir dos anos noventa, da proporção exportada para os países da América do Sul (inclusive Mercosul), que responderam no triênio 2003-2005 por cerca de 35% das vendas, contra apenas 19% nos anos sessenta. Em contrapartida, observou-se um declínio na participação da União Européia, que hoje responde por apenas 17% do total. Como se verá nos demais capítulos deste informe, o declínio da importância da União Européia é um fenômeno comum a todos os países da região. Merecem destaque também o expressivo crescimento das vendas direcionadas à China, à África e aos países da Ásia-Pacífico. Em 2003-2005, a China absorveu quase 8%, o continente africano representou 8,5% e Ásia-Pacífico, 4,7%.

Tabela I.1
Participação de países e blocos selecionados no total das exportações argentinas

(Em %)

Anos	EUA	Mercosul	Demais da América do Sul	América Central	México	União Européia (15 países)	Demais da Europa
1965-69	8,7	9,3	9,8	0,3	0,7	56,3	7,4
1970-74	8,8	11,3	10,9	1,1	1,1	47,7	6,3
1975-79	7,5	13,5	9,5	3,2	2,0	40,0	8,9
1980-84	10,4	9,9	6,8	2,0	1,8	26,8	24,6
1985-89	12,6	11,5	7,8	3,4	1,9	28,1	13,4
1990-94	11,1	22,3	10,3	1,7	2,0	29,4	4,0
1995-99	9,0	33,8	12,5	1,2	1,0	18,6	2,5
2000-02	11,5	27,5	15,2	1,1	1,9	18,2	1,4
2003-05	10,9	19,1	16,2	1,6	2,9	17,3	3,1

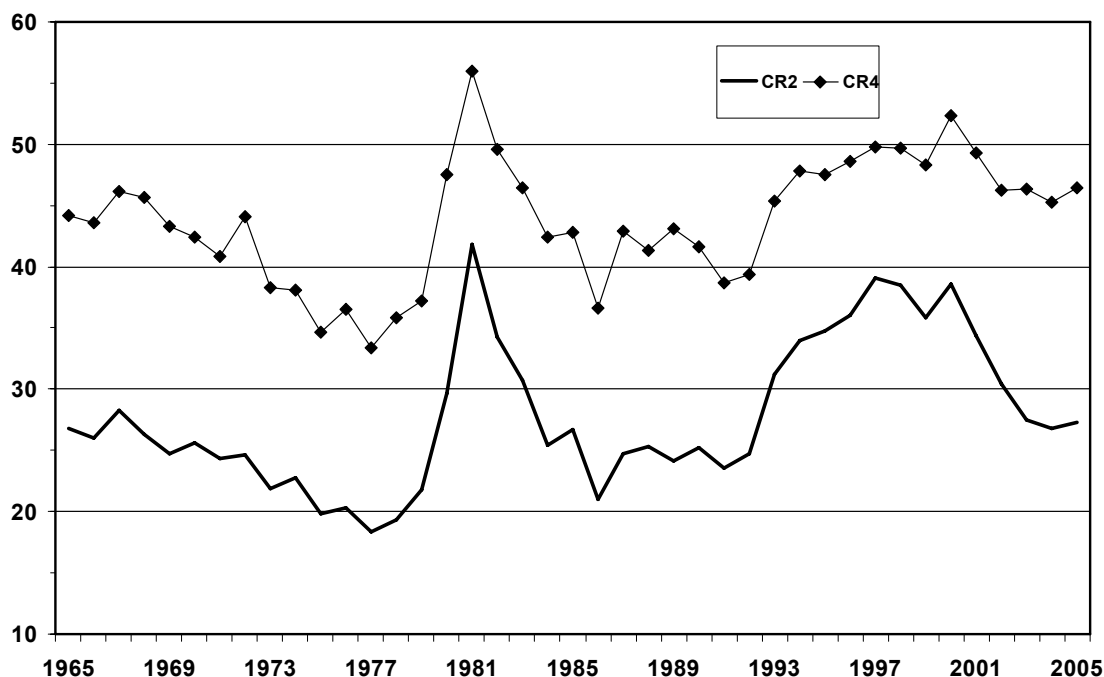
Anos	China	Oriente Médio	África	Ásia Pacífico*	Demais da Ásia	Demais países	Total
1965-69	2,3	1,0	0,7	0,3	2,9	0,5	100,0
1970-74	0,9	1,9	2,2	0,3	6,8	0,6	100,0
1975-79	1,4	2,2	4,3	1,0	5,9	0,7	100,0
1980-84	2,4	4,4	4,4	1,4	4,1	0,9	100,0
1985-89	4,0	4,2	4,2	2,1	5,1	1,8	100,0
1990-94	1,5	3,9	4,4	3,5	4,2	1,6	100,0
1995-99	2,4	3,6	6,1	4,0	4,4	1,0	100,0
2000-02	3,8	3,8	6,2	4,2	4,0	1,3	100,0
2003-05	7,9	2,7	8,5	4,7	3,9	1,1	100,0

Nota: (*) Os países que formam o bloco Ásia-Pacífico são: Cingapura, Coréia do Sul, Filipinas, Formosa, Hong Kong, Indonésia, Tailândia e Malásia.
Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

As vendas externas da Argentina nunca foram muito concentradas em termos de países de destino, ao contrário dos demais países sul-americanos. Isto pode ser visto através da participação das vendas dirigidas aos dois principais (CR2) e aos quatro principais (CR4) países. No **Gráfico I.7** pode-se observar que entre 1965 e 1977 houve, inclusive, um processo de desconcentração, refletido na diminuição da participação dos dois principais países de destino das vendas externas argentinas.

Vale destacar, contudo, a ocorrência de dois períodos de aumento da concentração na distribuição geográfica das exportações. O primeiro, no início dos anos oitenta, esteve associado com as dificuldades diplomáticas do governo daquela época – que frente ao crescente desprestígio internacional, optou por direcionar as vendas externas para a antiga União Soviética – o que explica o forte aumento de participação do grupo “Demais da Europa”, que ficou perto de 25% do total (ver Tabela I.1, acima).

Gráfico I.7
**Exportações da Argentina – Participação nas exportações totais
 de dois e dos quatro principais países de destino**
 Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Na década de noventa, a concentração esteve associada ao processo de integração do Mercosul, que transformou o Brasil no principal mercado individual das exportações argentinas. A participação brasileira como mercado de destino chega a um máximo de 30% em 1997-1998 e declina após a desvalorização da moeda brasileira. Na década atual, por fim, as vendas voltaram a se desconcentrar. A recuperação do nível de atividade no Brasil e a valorização do real não conseguiram aumentar a participação deste país, que permaneceu em um patamar próximo de 16% das vendas externas argentinas. Os quatro principais parceiros da Argentina no triênio 2003-2005 foram Brasil, Chile, Estados Unidos e China.

I.3. Distribuição das exportações segundo produtos

A Tabela I.2 apresenta os principais produtos exportados pela Argentina classificados a dois dígitos da Classificação Uniforme de Comércio Internacional (CUCI Rev.1). De acordo com essa classificação, em 2003-2005 aproximadamente 53% das exportações argentinas estavam concentradas em seis tipos de produtos: petróleo e derivados de petróleo, preparados para alimentação animal (tortas de sementes oleaginosas e outros resíduos sólidos); azeites vegetais; cereais e seus derivados; equipamentos de transporte e sementes e frutos oleaginosos.

Tabela I.2
Participação nas exportações da Argentina, segundo classificação CUCI
Produtos selecionados ordenados pela média do triênio 2003/2005

Produtos	(Em %)								
	1965-69	1970-74	1975-79	1980-84	1985-89	1990-94	1995-99	2000-02	2003-05
Petróleo e derivados	0,6	0,3	0,6	5,1	3,2	8,3	10,5	14,7	13,1
Alimentos para animais, exc. cereais não-móidos	6,6	4,9	5,6	6,4	12,4	10,3	8,3	10,0	10,9
Óleos e gorduras vegetais	4,6	3,8	5,2	6,5	9,7	9,1	9,1	6,5	8,5
Cereais e seus preparados	30,6	29,0	25,4	28,3	15,6	11,0	11,3	9,7	8,2
Equipamentos de transporte	0,3	2,3	3,3	1,8	2,2	3,9	8,7	7,9	6,4
Grãos e sementes oleaginosas	0,0	0,0	5,7	7,5	6,3	6,6	3,4	4,7	6,0
Frutas e vegetais	4,3	4,5	6,0	3,9	4,4	5,1	4,9	3,8	3,7
Carnes e seus preparados	24,9	22,0	13,0	9,1	6,9	6,4	4,1	2,2	3,5
Máquinas, exc. Elétricas	1,4	3,9	4,3	2,8	3,5	4,2	4,0	3,8	3,2
Gás natural e industrializado	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1	0,3	0,6	2,2	3,1
Ferro e aço	1,0	2,7	2,3	2,8	6,4	3,7	2,5	2,7	2,6
Couro, produtos de couro e peles depiladas	1,0	2,9	4,4	4,0	4,5	4,9	3,8	3,1	2,5
Peixes e seus preparados	0,1	0,6	1,9	2,0	2,9	4,2	3,9	3,2	2,4
Materiais plásticos	0,1	0,2	0,1	0,4	1,2	1,0	1,2	2,0	2,3
Minérios de metais e sucatas de metal	0,2	0,2	0,1	0,2	0,1	0,1	0,9	1,7	2,1
Elementos e compostos químicos	0,5	0,9	1,5	2,2	3,1	2,3	1,9	1,8	2,0
Transações especiais	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,6	1,2	1,9
Laticínios e ovos	0,6	0,7	0,7	0,4	0,6	0,7	1,3	1,2	1,4
Metais não ferrosos	0,1	0,1	0,3	1,4	1,9	1,4	1,0	1,5	1,2
Materiais e produtos químicos	0,7	0,5	0,4	0,7	0,5	0,7	0,9	1,0	1,2
Produtos medicinais e farmacêuticos	0,5	0,7	0,5	0,4	0,3	0,5	1,0	1,2	1,0
Papéis, papelão e seus produtos	0,1	0,5	0,3	0,2	0,5	0,5	0,8	0,8	1,0
Mat. de perfumaria e preparações de higiene e limpeza	0,0	0,2	0,2	0,2	0,2	0,5	0,8	0,9	0,9
Açúcar, seus preparados e mel	0,9	3,9	2,3	2,7	0,9	0,9	0,9	0,9	0,9
Fibras têxteis, não manufaturadas, e desperdícios	7,8	4,6	5,1	3,7	2,7	2,3	2,1	0,7	0,6
Fios têxteis, tecidos e artigos confeccionados	0,1	0,4	0,6	0,5	1,6	1,1	1,1	0,8	0,5
Café, chá, cacau, condimentos e seus preparados	0,6	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5	0,7	0,5	0,4
Vestuário	0,2	0,7	1,7	0,7	0,8	0,6	0,5	0,3	0,3
Couros e peles não depiladas	4,2	1,3	0,5	0,4	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Subtotal	92,0	92,2	92,5	94,7	93,4	91,1	90,9	90,9	91,8
Demais produtos	8,0	7,8	7,5	5,3	6,6	8,9	9,1	9,1	8,2
Total das exportações	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

A estrutura dos seis principais produtos foi mudando ao longo do período de análise. Por exemplo, os produtos derivados do petróleo, os equipamentos de transporte (veículos automotores) e a soja, que não tinham posição de destaque no início do período de análise, aumentaram sua participação, especialmente os derivados do petróleo. Por outro lado, alguns produtos que estavam colocados entre os seis primeiros no início do período foram perdendo participação, tais como carnes e seus derivados, frutas e vegetais e fibras têxteis.

A estrutura exportadora argentina se diversificou e, conseqüentemente, reduziu sua concentração. Em 1965-1969, os dois principais produtos, cereais e carnes, representavam 55,4% do total exportado. Em 2003-2005, os dois principais produtos, derivados de petróleo e preparados para alimentação animal, representavam 24% do total exportado. Os seis principais produtos representavam 79% em 1965-1969, enquanto os seis mais importantes representaram 53% em 2003-2005.

Um outro fato que revela o aumento de diversificação é o crescimento da participação de um conjunto de produtos industriais e intensivos em novos recursos naturais, tais como máquinas e equipamentos, gás, produtos de ferro e aço, produtos manufaturados de couro, pescados, plásticos, minerais diversos e produtos químicos. Esse conjunto de produtos representava 20% do total exportado em 2003-2005.

As modificações da estrutura exportadora da Argentina podem ser analisadas com a ajuda de uma classificação mais agregada de tipos de produtos. A CEPAL classifica os produtos exportados em bens

primários e industrializados e, dentre dessas duas grandes categorias, em subcategorias.¹ A **Tabela I.3** apresenta a proporção dos distintos tipos de produtos nas exportações totais para períodos selecionados.

Observa-se, em primeiro lugar, uma queda de participação dos bens primários e um aumento dos produtos industrializados. Isto também pode ser observado com ajuda do **Gráfico I.8**, que apresenta a proporção de bens primários e industrializados ao longo do período de análise. Observa-se que os produtos industrializados passaram de menos de 50% da pauta em 1965-1966 para uma média em torno de 67% nos últimos vinte anos.

Tabela I.3
Argentina – Proporção de tipos de produtos nas exportações totais

Produtos	(Em %)								
	1965/ 1969	1970/ 1974	1975/ 1979	1980/ 1984	1985/ 1989	1990/ 1994	1995/ 1999	2000/ 2002	2003/ 2005
Bens primários	49,4	39,4	43,3	45,7	32,0	31,6	32,5	34,2	31,4
Bens industrializados	50,5	60,5	56,7	54,3	67,9	68,4	66,8	64,2	67,0
Tradicionalis	41,0	43,2	37,2	29,4	33,3	32,7	28,8	25,8	27,4
Alimentos, bebidas e fumo	37,7	36,0	26,9	22,0	24,1	22,6	19,8	18,1	20,7
Outros tradicionalis	3,3	7,2	10,3	7,4	9,2	10,1	9,0	7,6	6,6
Não tradicionalis	9,6	17,3	19,5	24,9	34,7	35,7	38,0	38,4	39,7
(1)	6,9	9,2	10,0	19,0	27,4	25,7	23,0	24,3	27,1
(2) e (3)	2,7	8,0	9,4	5,9	7,2	10,0	15,0	14,1	12,6

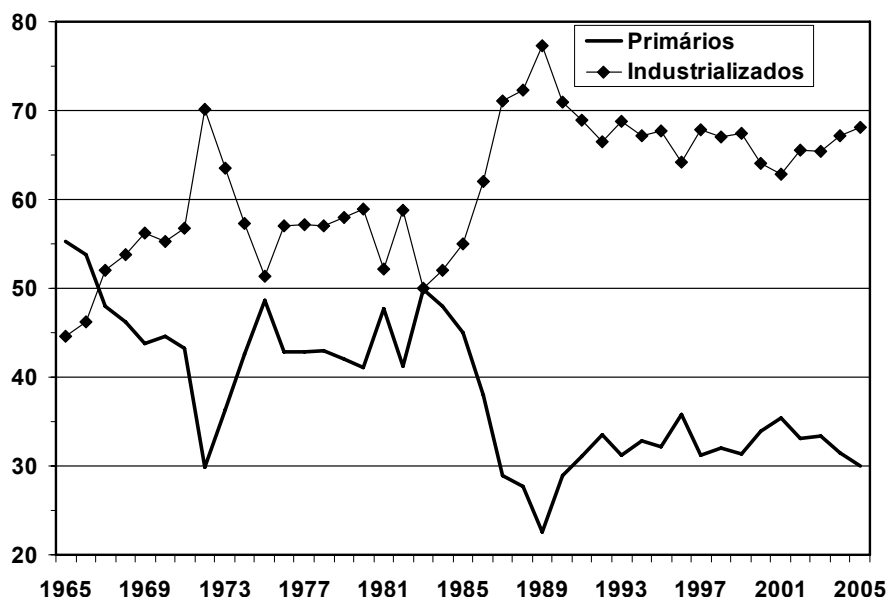
Notas: (1) Bens industrializados intensivos em economias de escala e recursos naturais.

(2) e (3) Bens industrializados difusores do progresso técnico e bens duráveis.

Obs: Os percentuais não somam 100% devido à existência de um pequeno grupo de produtos não classificados.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional. Elaboração: Funcex.

Gráfico I.8
Argentina – Proporção de bens primários e industrializados nas exportações totais
Em %



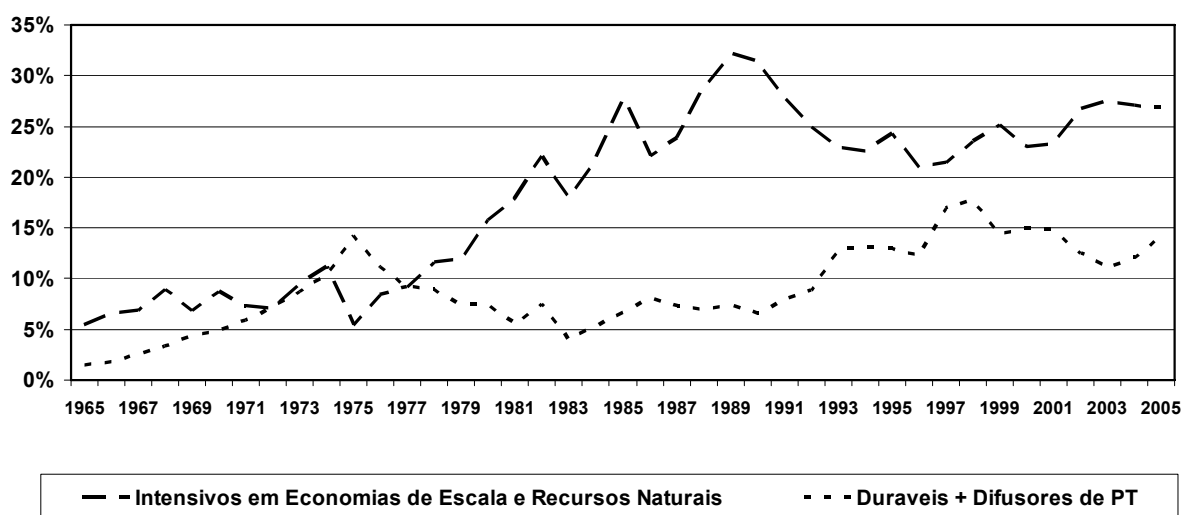
Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional. Elaboração: Funcex.

¹ Para realizar essa classificação a CEPAL utiliza os dados básicos ordenados de acordo com a Classificação Uniforme para o Comércio Internacional (CUCI), Revisão 1. Os produtos primários são classificados em agrícolas, minérios e energéticos. Os produtos industrializados são classificados em tradicionalis (alimentos e bebidas e outros tradicionalis) e não tradicionalis (intensivos em economia de escala e recursos naturais, duráveis e difusores de progresso técnico).

Em segundo lugar, houve uma queda na participação de alimentos e bebidas, de aproximadamente 38% para 20%, e um aumento de outros produtos tradicionais, de 3% para aproximadamente 7%. Como resultado dessas duas mudanças, a Argentina diminuiu suas exportações de produtos industrializados tradicionais de 40% no início dos anos 1970 para uma proporção próxima a 27% nos anos recentes.

Gráfico I.9

Argentina – Participação de bens e industrializados não tradicionais, por subcategorias, nas exportações totais



Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional. Elaboração: Funcex.

Em terceiro lugar, houve uma expansão de produtos industrializados não tradicionais, que passaram de 10% na segunda metade dos sessenta para quase 40% em 2003-2005. De acordo com o **Gráfico I.9**, a Argentina expandiu fortemente a proporção de produtos industrializados intensivos em economias de escala (EE) e em recursos naturais (RN) – produtos de aço, produtos químicos e derivados do petróleo e gás –, de aproximadamente 5% para 27% no último triênio. Os bens duráveis e difusores de progresso técnico (PT), que incluem basicamente máquinas e equipamentos, passaram de aproximadamente 3% das exportações entre 1965-1969 para 12,6% do total exportado em 2003-2005. Observe-se que a participação desses bens atingiu um pico de 15% entre 1995 e 2002.

Tipos de produtos para os principais mercados²

A Argentina, a exemplo de outros países de América do Sul, exporta uma proporção maior de bens industrializados para os mercados dos Estados Unidos e dos países da própria região (América Latina e Caribe). A **Tabela I.4** apresenta as exportações para países e blocos selecionados, de acordo com a classificação por tipo de produtos da CEPAL, para três anos selecionados.

² O termo "Região" refere-se a 33 países da América Latina e o Caribe; o termo "Ásia Pacífico-10" engloba os seguintes países e territórios: Austrália, Filipinas, Hong Kong (Região Administrativa Especial da China), Indonésia, Malásia, Nova Zelândia, Coreia do Sul, Cingapura, Tailândia e outros da Ásia não especificados. China e Japão são apresentados separadamente.

Embora tanto o mercado americano quanto o mercado regional tenham uma estrutura de exportações com maior peso dos industrializados, o mercado regional absorve uma proporção maior de bens duráveis e difusores de progresso técnico. De fato, em 2005 esses bens representavam, em média, 14% das exportações argentinas para todos os destinos, mas, no caso dos países da região, essa participação aumentou para quase 26%. O mercado regional parece ser, portanto, um destino privilegiado dos bens argentinos com maior grau de elaboração e sofisticação.

Tabela I.4
Argentina - Composição das exportações de bens segundo destino, por categorias

(Em %)

Categorias	1990							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	27,0	10,1	35,3	34,6	52,8	27,4	31,3	28,9
Agrícolas	24,2	5,4	35,0	34,6	52,8	27,2	31,3	27,4
Minerais	0,5	0,0	0,3	0,0	---	0,2	0,0	0,2
Energéticos	2,4	4,7	0,1	---	---	---	0,0	1,3
Bens industrializados	72,9	89,6	64,6	65,4	47,2	72,6	68,7	71,0
Alimentos, bebidas e fumo	14,2	19,3	36,9	7,4	0,2	14,1	26,6	23,5
Outros tradicionais	10,3	17,1	8,9	10,9	3,2	3,8	5,7	9,6
Com elevadas EE e intensivos em RN	33,1	49,0	16,6	41,6	43,3	43,9	34,3	31,3
Duráveis	4,0	1,2	1,1	0,1	---	0,1	0,5	1,7
Difusores de progresso técnico	11,4	2,9	1,1	5,4	0,5	10,7	1,6	4,8
Outros bens	0,1	0,3	0,1	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	1995							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	32,5	23,5	37,8	37,6	52,2	36,6	21,6	32,2
Agrícolas	18,9	8,4	37,4	34,6	51,5	36,5	21,0	24,1
Minerais	0,2	0,0	0,1	0,1	---	0,2	0,2	0,1
Energéticos	13,5	15,1	0,3	2,9	0,7	---	0,3	8,0
Bens industrializados	67,4	76,5	62,2	62,4	47,8	63,4	78,4	67,7
Alimentos, bebidas e fumo	13,0	21,8	37,2	10,7	4,5	28,3	15,2	19,2
Outros tradicionais	9,3	29,8	8,7	20,5	12,6	3,8	6,3	11,2
Com elevadas EE e intensivos em RN	22,6	13,1	13,4	26,8	16,2	30,9	49,3	23,5
Duráveis	13,0	1,5	1,0	0,0	1,0	0,1	1,4	6,7
Difusores de progresso técnico	9,5	10,3	1,9	4,3	13,6	0,4	6,2	7,0
Outros bens	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	2005							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	26,5	26,6	25,9	31,5	66,1	39,2	27,1	30,0
Agrícolas	10,3	4,9	20,8	26,8	55,7	18,4	24,9	18,5
Minerais	0,6	0,0	4,8	4,7	3,2	20,7	2,1	2,0
Energéticos	15,6	21,7	0,3	---	7,2	---	0,1	9,4
Bens industrializados	72,9	73,4	74,1	68,5	33,9	60,8	64,2	68,2
Alimentos, bebidas e fumo	10,3	11,0	47,9	37,5	1,2	21,2	30,2	20,8
Outros tradicionais	7,3	10,5	5,9	9,1	4,6	5,6	2,1	6,4
Com elevadas EE e intensivos em RN	29,7	45,1	14,0	14,5	25,8	32,7	24,3	26,9
Duráveis	15,3	3,1	2,9	1,8	0,1	0,4	2,1	7,5
Difusores de progresso técnico	10,3	3,7	3,4	5,6	2,2	0,9	5,5	6,6
Outros bens	0,6	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	8,7	1,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Nota: AP10 – Ásia Pacífico 10 países.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional, sobre a base de cifras oficiais. Elaboração: Funcex.

Outra tendência que pode ser observada na Tabela I.4 é o aumento da participação dos bens industrializados nas vendas para a União Européia e para os 10 países da Ásia-Pacífico. Em ambos os

casos é importante a participação dos industrializados tradicionais na pauta, mas observa-se também um crescimento na proporção de bens duráveis e difusores de progresso técnico.

Por último, pode se observar que as exportações para a China e, em menor medida, para o Japão estão concentradas em produtos primários de origem agrícola. No caso da China, que experimentou rápido crescimento nos últimos anos, houve uma mudança na estrutura de suas compras na direção dos produtos primários agrícolas.

I.4. Conclusões e perspectivas

A evolução recente das exportações argentinas apresenta três aspectos altamente positivos: diversificação dos mercados de destino, diversificação de produtos e redução do peso dos chamados “bens-salário” na estrutura exportadora.

Em 1965-1969, mais de 50% das vendas estavam concentradas na União Européia. Em 2003-2005, as vendas se diversificaram e observa-se uma distribuição razoavelmente equilibrada entre os distintos mercados. Com isso, a Argentina não fica dependente, como no passado, dos ciclos econômicos específicos de um importante mercado consumidor de seus produtos.

Foi assinalado também o maior grau de diversificação da pauta nos últimos anos, quando comparada com a prevalente nos anos sessenta ou setenta. Em 1965-1969, os seis principais produtos representavam quase 80% do valor exportado, enquanto em 2003-2005 os seis principais produtos correspondiam a 53% do valor exportado.

A Argentina mostra, sem dúvida, uma alta concentração de suas exportações em produtos industrializados tradicionais e intensivos em economias de escala e recursos naturais – mais de 50% das exportações de 2003-2005 –, mas é inegável que houve, nos últimos anos, uma expansão importante nas vendas externas de bens duráveis e difusores do progresso técnico

Em relação às perspectivas, há um aspecto importante da diversificação da pauta exportadora da Argentina que pode permitir um crescimento futuro sustentado das vendas externas, sem que se repitam os ciclos de expansão e estagnação do passado. Diferentemente do passado, os principais produtos exportados atualmente pela Argentina não constituem “bens-salário” – destacadamente cereais e carne. Com efeito, no passado a concentração da pauta exportadora em “bens-salário” gerava um conflito entre exportação e consumo no mercado doméstico, entre medidas que estimulavam a exportação e medidas que expandiam o consumo privado. A escolha de um tipo ou outro de política era o elemento central do conflito de política econômica, que terminava gerando inflação e ciclos de expansão e estagnação das exportações.

Hoje, a Argentina exporta derivados do petróleo, soja em grão, preparados para alimentação animal, azeites, oleaginosas, cereais, equipamentos de transporte e frutas. A expansão dessas exportações não requer uma forte redução do consumo privado como no passado. Em conseqüência, a desvalorização da taxa de câmbio real, principal instrumento de estímulo à exportação, pode ser sustentada sem uma forte contração do poder aquisitivo do salário. De fato, nos últimos quatro anos, a Argentina conseguiu manter uma taxa de câmbio desvalorizada e exportações crescentes com simultânea expansão do mercado

doméstico. Mas é necessário reconhecer que o país teve a seu favor a forte demanda mundial e a procura chinesa por matérias primas e *commodities*.

Quais são as dificuldades em vista? A pauta argentina ainda está muito concentrada em bens intensivos em recursos naturais e bens de baixa e média tecnologia. Nesse sentido, uma mudança no cenário internacional, que implique em redução da demanda mundial de *commodities* e matérias primas, pode comprometer o recente ciclo virtuoso de expansão de exportações.

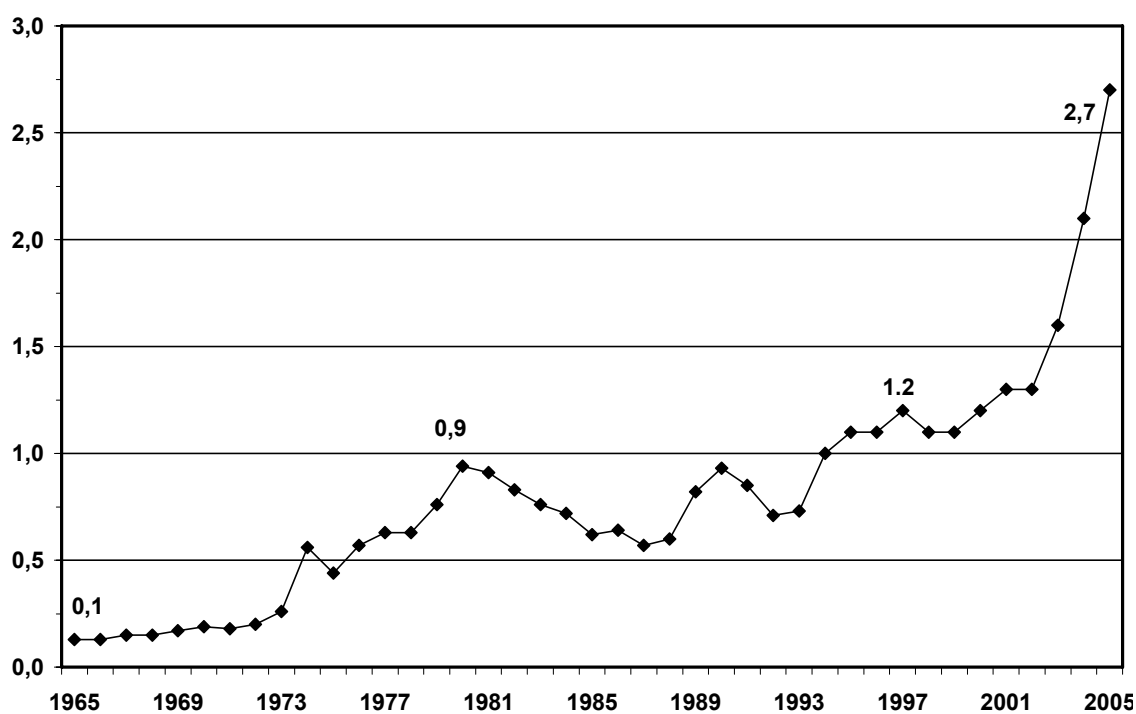
II. BOLÍVIA

II.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações

Evolução geral das exportações

As exportações da Bolívia saltaram de apenas US\$ 130 milhões em 1965 para US\$ 2,7 bilhões em 2005, com um crescimento médio anual de 7,9%, inferior à média sul-americana no período. O país experimentou um primeiro processo de expansão de suas exportações entre 1972 e 1980, associado à elevação das vendas externas de produtos minerais, petróleo e metais não ferrosos. Isto permitiu que as exportações do país chegassem a US\$ 940 milhões em 1980, com expressiva alta de 14,1% a.a.. Na década posterior, a maioria destes produtos perdeu dinamismo e as exportações bolivianas retrocederam, mostrando alguma recuperação apenas na segunda metade dos anos noventa. Entretanto, em 1992 as exportações ainda eram de apenas US\$ 1,2 bilhões (**Gráfico II.1**).

Gráfico II.1
Bolívia – Exportações anuais
Em US\$ Bilhões



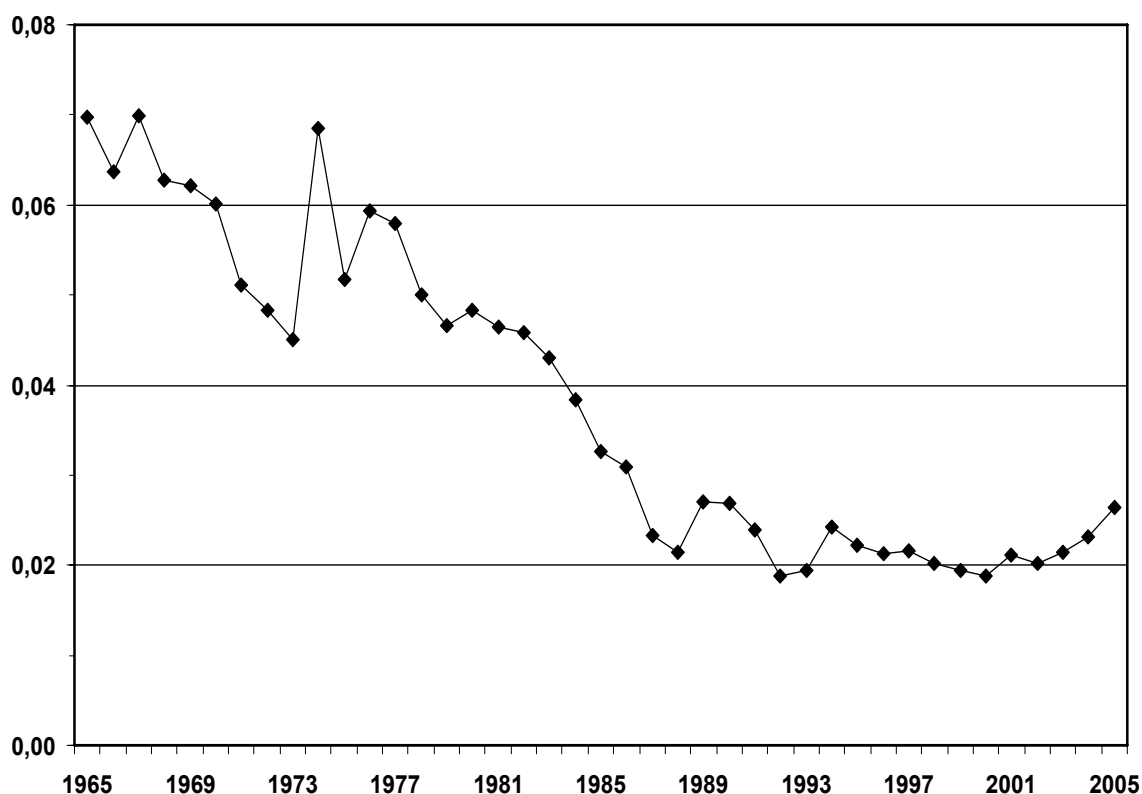
Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

O cenário se modifica radicalmente na década atual, principalmente no triênio 2003-2005, quando as vendas externas duplicam. Este salto pode ser associado à expansão da economia mundial e ao crescimento de preços de alguns dos principais produtos exportados pela Bolívia. Entretanto, não há dúvida de que houve também mudanças estruturais importantes, em especial a maior diversificação das exportações a partir dos anos noventa, traduzida na inclusão de novos produtos agrícolas na pauta, na expansão das exportações do gás, bem como das frutas e das sementes oleaginosas.

Market-share no comércio mundial

A Bolívia respondia por apenas 0,07% das exportações mundiais em 1965. Essa participação se reduziu em 70% entre 1965 e 1988. Esses vinte e três anos foram de quedas sistemáticas da participação boliviana, com alguns breves momentos de recuperação, como em 1975 e 1977. Posteriormente, a participação boliviana se estabilizou em cerca de 0,02%. A partir de 2000, observou-se uma leve tendência de recuperação, com o *market-share* chegando a 0,026% em 2005, quando as exportações atingiram US\$ 2,7 bilhões (**Gráfico II.2**).

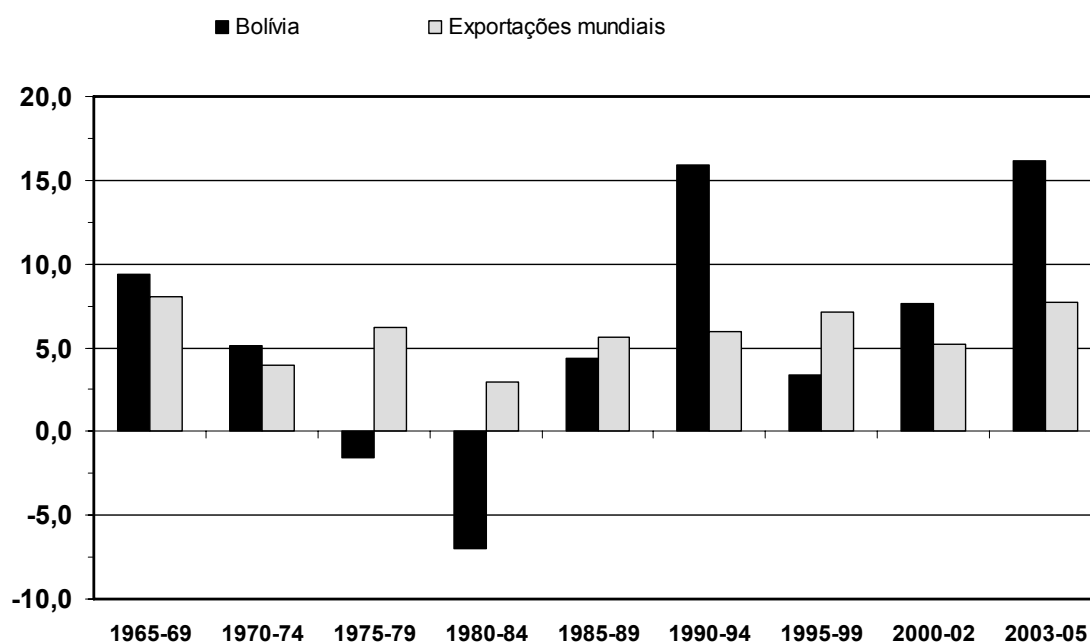
Gráfico II.2
Bolívia – *Market-share* nas exportações mundiais
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

O **Gráfico II.3** apresenta as taxas médias anuais de crescimento dos volumes exportados, de acordo com estimativas de índices de *quantum* de exportação feitos pela CEPAL. Entre 1975 e 1984, um período de alta instabilidade macroeconômica e política, a Bolívia reduziu o *quantum* exportado. No quinquênio seguinte, as taxas de crescimento do *quantum* se recuperaram, mas ainda ficaram abaixo das médias mundiais. Contudo, a recuperação dos preços de seus produtos exportados permitiu que a Bolívia ganhasse alguma participação nas exportações mundiais. Entre 1990-1994, o crescimento anual do *quantum* exportado foi realmente espetacular, 16%, muito acima da média mundial, mas nesse período os preços internacionais tiveram uma evolução desfavorável e a participação boliviana caiu. Finalmente, entre 2000 e 2005, os volumes exportados cresceram consistentemente acima da média mundial e isto resultou em uma melhora da participação do país no comércio mundial.

Gráfico II.3
Bolívia e Mundo - Taxas anuais médias de crescimento do volume exportado
 Em % a.a.

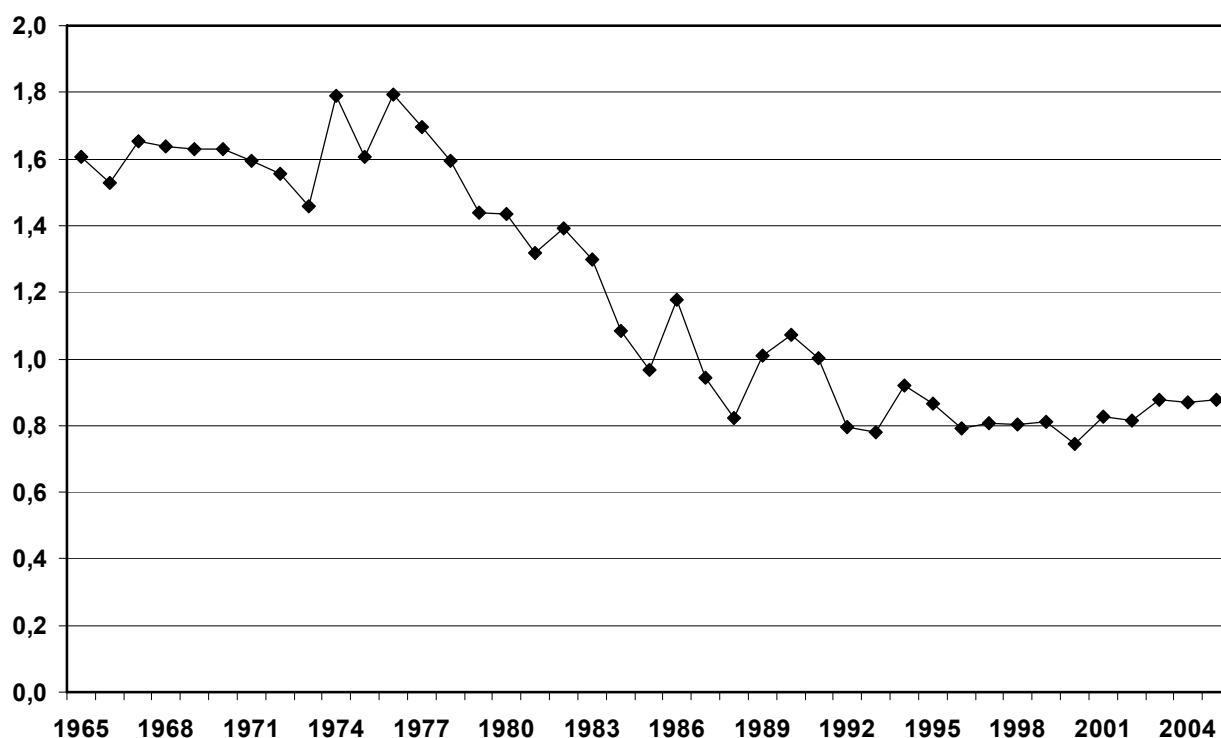


Fonte: CEPAL – Divisão de Desenvolvimento Econômico. Elaboração: Funcex.

Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados

Como resultado da estagnação dos valores exportados a partir de meados dos anos setenta, a participação das vendas bolivianas nas exportações sul-americanas caiu de 1,8% em 1976 para 0,82% em 1988 (**Gráfico II.4**). Nos últimos anos, a participação oscilou em torno de 0,8%, observando-se uma pequena alta depois de 2003.

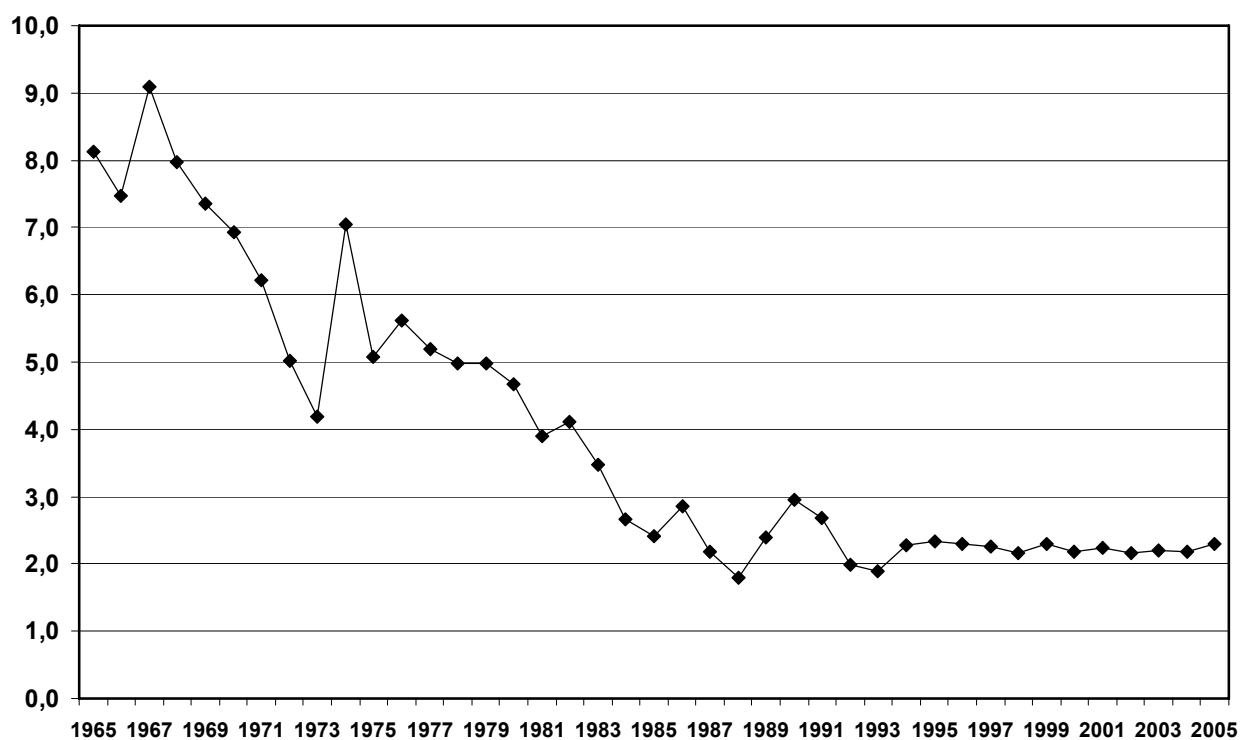
Gráfico II.4
Exportações da Bolívia – Proporção das exportações sul-americanas
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

As exportações da Bolívia equivaliam a cerca de 8% das exportações brasileiras em 1965-1969 (**Gráfico II.5**). O processo de declínio observado na participação das exportações mundiais se repete nesta comparação e, em 1988, as exportações bolivianas correspondiam a menos de 2% das exportações do Brasil. Após a recuperação das vendas externas bolivianas de começos da década de noventa, essa proporção se estabilizou em torno de 2,3%.

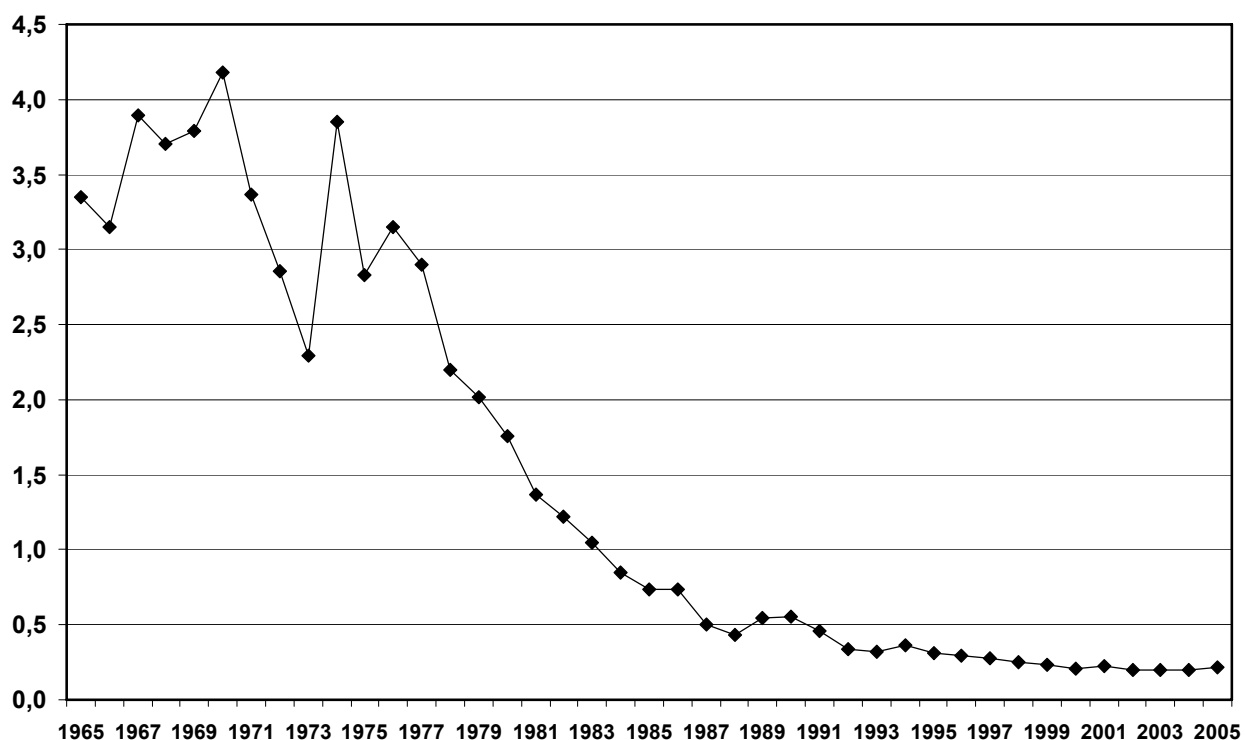
Gráfico II.5
Exportações da Bolívia – Proporção das exportações do Brasil
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

O **Gráfico II.6** mostra a evolução das exportações bolivianas como proporção das exportações de México, Coréia do Sul e China. Nesta comparação, o processo de declínio das exportações bolivianas também fica evidente. Entre 1965 e 1969 as vendas bolivianas equivaliam a montantes entre 3,6% e 4% das exportações desses grandes exportadores, enquanto que em 2003-2005 a proporção foi de apenas 0,2%

Gráfico II.6
Exportações da Bolívia – Proporção das exportações do México, Coréia do Sul e China
 Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

II.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino

Na segunda metade da década de sessenta as exportações bolivianas eram destinadas basicamente à União Européia (53%) e aos Estados Unidos (38%). A partir de 1970 e até o fim dos anos oitenta, com as vendas de gás para a Argentina, os países do Mercosul começaram a ter uma participação crescente e houve, simultaneamente, uma redução da participação americana.

Nos anos noventa, Estados Unidos, América do Sul e União Européia foram os três grandes destinos das exportações bolivianas. Na presente década, a União Européia perdeu participação, assim como os Estados Unidos, ainda que em menor grau. O Mercosul e o resto da América do Sul se consolidaram como os dois grandes blocos compradores dos produtos bolivianos, sendo responsáveis por cerca de 2/3 do total. (Tabela II.1).

Tabela II.1
Participação de países e blocos selecionados no total das exportações bolivianas

(Em %)

Anos	EUA	Mercosul	Demais da América do Sul	América Central	México	União Européia (15 países)	Demais da Europa
1965-69	37,6	4,2	1,9	0,0	0,3	52,6	0,1
1970-74	29,2	14,7	10,8	0,1	0,3	30,9	7,5
1975-79	32,8	23,7	6,0	0,1	0,3	23,1	10,6
1980-84	25,9	40,9	5,2	0,1	0,1	20,1	6,0
1985-89	17,2	46,9	6,9	0,2	0,1	24,2	3,4
1990-94	25,6	26,7	16,1	0,1	0,7	26,9	1,7
1995-99	27,4	17,4	26,4	0,6	0,7	19,4	5,3
2000-02	18,2	25,9	29,1	0,4	0,9	9,3	12,5
2003-05	15,3	41,8	23,6	0,5	1,0	6,7	2,4

Anos	China	Oriente Médio	África	Ásia Pacífico*	Demais da Ásia	Demais países	Total
1965-69	0,0	0,0	0,0	0,0	3,3	0,0	100,0
1970-74	0,0	0,0	0,5	0,0	6,0	0,0	100,0
1975-79	0,0	0,1	0,6	0,1	2,5	0,1	100,0
1980-84	0,0	0,1	0,0	0,1	1,3	0,3	100,0
1985-89	0,0	0,0	0,1	0,5	0,5	0,2	100,0
1990-94	0,0	0,1	0,2	0,8	0,3	0,7	100,0
1995-99	0,1	0,1	1,1	0,3	0,4	0,9	100,0
2000-02	0,5	0,1	0,9	0,7	0,5	1,0	100,0
2003-05	0,8	0,1	0,5	3,1	3,5	0,7	100,0

Nota: (*) Os países que formam o bloco Ásia-Pacífico são: Cingapura, Coreia do Sul, Filipinas, Formosa, Hong Kong, Indonésia, Tailândia e Malásia.

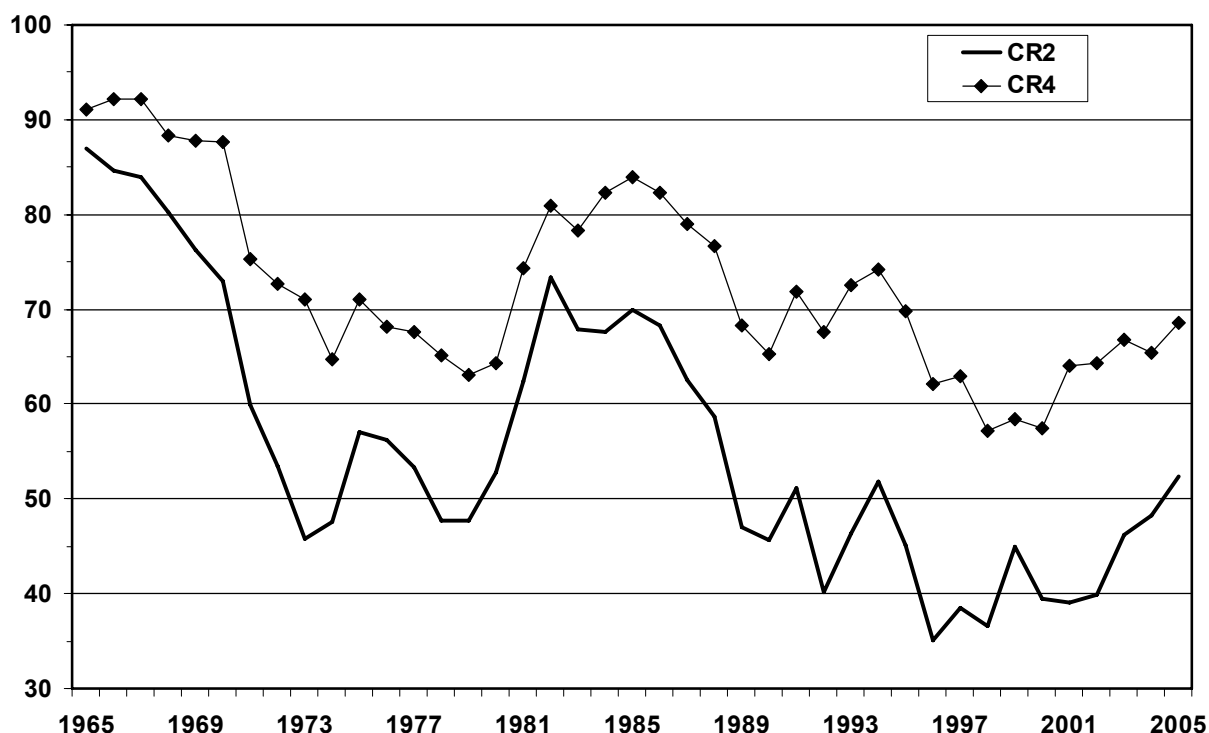
Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

A Bolívia também reduziu a concentração geográfica de suas vendas externas nas últimas décadas (**Gráfico II.7**). Os dois principais países de destino concentravam mais de 80% das vendas entre 1965 e 1968. Nos anos seguintes, essa medida de concentração caiu para 50%, mas as vendas de gás para a Argentina a partir da década de oitenta voltaram a concentrar as vendas externas bolivianas nos dois principais mercados compradores: Argentina e os Estados Unidos.

Nos anos noventa, o fortalecimento dos mercados do Peru e do Reino Unido promoveu nova redução da concentração das vendas nos dois primeiros mercados, um fato auspicioso, ainda que o índice de concentração CR2 permanecesse em níveis elevados, em torno de 40%. Nos últimos anos, as vendas de gás ao Brasil levaram a uma nova concentração das vendas nos dois principais países de destino: Brasil e Estados Unidos.

A **Tabela II.2** destaca o principal país de destino das exportações bolivianas em períodos selecionados. Os Estados Unidos foram o principal mercado até início dos anos oitenta. As melhorias na infra-estrutura de transporte de gás permitiram o deslocamento dos Estados Unidos e o crescimento da Argentina como mercado comprador até meados dos anos noventa. Na presente década, o pleno funcionamento do gasoduto com o Brasil permitiu que o país saltasse à condição do principal comprador das exportações bolivianas, com uma participação de 37% em 2005. No triênio 2003-05, os quatro principais parceiros comerciais da Bolívia foram Brasil, Estados Unidos, Venezuela e Colômbia, nessa ordem.

Gráfico II.7
**Exportações da Bolívia – Participação nas exportações totais
 dos dois e dos quatro principais países de destino**
 Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Tabela II.2
Principal país de destino das exportações bolivianas nos subperíodos

1965-69	1970-74	1975-79	1980-84	1985-89	1990-94	1995-99	2000-05
EUA	EUA	EUA	EUA ARG	ARG	ARG EUA	EUA	BRA

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

II.3. Distribuição das exportações segundo produtos

A Bolívia experimentou algumas importantes modificações na composição da sua pauta exportadora ao longo do período de análise, ainda que suas vendas se mantenham concentradas em gás, produto que representou 30,6% da pauta em 2003-2005.

A **Tabela II.3** apresenta os principais produtos exportados a dois dígitos da Classificação Uniforme de Comércio Internacional (CUCI). Entre 1965 e 1969, três grandes produtos com algum grau de processamento representavam quase 92% de suas exportações: minerais básicos (33,9%), petróleo e derivados (9,5%) e metais não ferrosos (48,1%). A partir de 1975, o gás natural se incorpora como o quarto principal produto e rapidamente ganha participação na pauta exportadora. Na década de oitenta, o gás se transforma no principal produto de exportação e os quatro principais produtos representavam entre 83% e 90% da pauta. Nesses anos, os minerais não-ferrosos foram perdendo participação gradualmente.

Na década de noventa, especialmente na segunda metade, a participação do gás natural diminuiu e os quatro principais produtos de exportação reduziram sua participação na pauta. Em compensação, novos produtos agrícolas e industrializados começaram a ganhar força, diversificando a pauta exportadora: preparados para alimentação animal (tortas de sementes oleaginosas), azeites vegetais, frutas e vegetais, sementes oleaginosas, madeiras e equipamentos de transporte. Entre 1995 e 1999, os quatro produtos tradicionais previamente mencionados representaram 39% da pauta e os novos produtos mencionados somaram quase 40%.

Nos últimos anos, os avanços na tendência de diversificação da pauta não se sustentaram. Os quatro produtos “tradicionais” (gás, petróleo, minerais básicos e metais não-ferrosos) voltaram a aumentar sua participação para 59%, enquanto que a participação das vendas de equipamentos de transporte e de maquinaria retrocedeu. Os produtos agrícolas e agroindustriais (preparados para alimentação de animais, azeites, frutas e oleaginosas), por sua vez, mantiveram uma participação razoável, atingindo 22,5% das exportações em 2003-2005.

Tabela II.3
Participação nas exportações da Bolívia, segundo classificação CUCI
Produtos selecionados ordenados pela média do triênio 2003/2005

Produtos	(Em %)								
	1965-69	1970-74	1975-79	1980-84	1985-89	1990-94	1995-99	2000-02	2003-05
Gás natural e industrializado	0,0	3,9	10,0	37,9	41,8	17,7	6,0	16,0	30,6
Minérios de metais e sucatas de metal	33,9	29,7	32,2	25,2	26,3	26,4	20,8	15,9	13,1
Alimentos para animais, exc. cereais não-móidos	-	0,0	0,1	0,4	1,1	2,8	7,9	13,9	10,6
Petróleo e produtos do petróleo	9,5	17,2	9,9	1,6	0,5	0,8	3,8	4,6	10,6
Óleos e gorduras vegetais	-	0,0	-	0,1	0,1	1,1	4,6	6,9	6,0
Metais não ferrosos	48,1	37,8	32,8	26,1	14,1	13,9	8,5	4,7	4,5
Frutas e vegetais	0,8	0,5	0,4	0,3	0,9	2,1	3,0	2,9	3,3
Artigos manufaturados diversos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	6,3	5,3	4,3	3,0
Grãos e sementes oleaginosas	0,0	0,1	0,0	0,0	1,3	2,7	6,0	3,2	2,6
Vestuário	0,0	0,0	0,2	0,1	0,3	1,3	2,2	2,1	2,2
Máquinas, exc. elétricas	0,0	0,0	0,2	0,6	0,2	1,0	2,0	3,3	1,7
Madeira, madeira serrada e cortiça	0,4	1,4	1,5	1,3	3,4	6,0	4,8	1,9	1,5
Açúcar, seus preparados e mel	0,4	1,8	3,8	1,8	1,2	3,4	1,7	0,8	1,1
Elementos e compostos químicos	1,5	2,1	0,9	0,2	0,3	0,4	1,0	0,6	1,0
Manufaturas de madeira e cortiça, exc. móveis	0,0	0,0	0,4	0,5	0,5	0,7	1,4	1,5	1,0
Equipamentos de transporte	-	0,0	0,0	0,2	-	0,7	9,3	4,6	0,6
Café, chá, cacau, condimentos e seus preparados	2,0	1,3	2,3	1,7	2,3	1,3	1,6	0,7	0,5
Cereais e seus preparados	0,0	0,0	0,1	0,2	1,3	2,3	0,5	0,4	0,4
Fibras têxteis, não manufaturadas, e desperdícios	0,2	2,4	2,1	0,1	0,3	1,4	2,4	0,5	0,2
Transações especiais	0,1	0,0	1,4	-	0,1	1,3	0,2	2,4	0,1
Subtotal	96,9	98,2	98,4	98,3	96,0	93,3	92,9	91,1	94,6
Demais produtos	3,1	1,8	1,6	1,7	4,0	6,7	7,1	8,9	5,4
Total das exportações	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

A Tabela II.4 mostra a evolução da estrutura das exportações em períodos selecionados de acordo com a classificação por tipo de produtos da CEPAL. Como os metais não-ferrosos são classificados como bens industrializados (na categoria de bens intensivos em recursos naturais), a Bolívia tinha uma alta participação de produtos industrializados em 1965-1969. A primeira grande mudança na estrutura exportadora é o desenvolvimento do petróleo e do gás a partir da década de setenta, o que aumentou a participação dos bens primários e permitiu que estes produtos mantivessem participação alta até meados dos anos noventa. Paralelamente, a queda dos metais não-ferrosos reduziu a participação dos bens industrializados.

Na década de noventa, o fenômeno de diversificação da pauta mencionado é evidenciado pelo crescimento dos bens industrializados tradicionais e pela queda da participação dos produtos primários, que em realidade foi resultado de duas forças contrapostas: a forte queda da participação do gás e o crescimento dos novos produtos agrícolas. Por último, a incipiente exportação de maquinaria e equipamentos se reflete no crescimento da participação dos bens industrializados difusores do progresso técnico.

Tabela II.4
Bolívia – Proporção de tipos de produtos nas exportações totais

Produtos	(Em %)								
	1965/ 1969	1970/ 1974	1975/ 1979	1980/ 1984	1985/ 1989	1990/ 1994	1995/ 1999	2000/ 2002	2003/ 2005
Bens primários	38,0	50,7	54,7	66,8	75,1	55,1	42,2	42,5	53,3
Bens industrializados	61,8	49,1	43,8	33,2	24,8	43,7	57,5	57,3	46,5
Tradicionais	1,0	3,9	6,8	5,4	9,7	25,7	30,2	33,7	27,6
Alimentos, bebidas e fumo	0,5	2,4	4,2	2,6	3,9	9,1	13,7	19,4	16,3
Outros tradicionais	0,5	1,5	2,6	2,9	5,8	16,6	16,5	14,3	11,4
Não tradicionais	60,9	45,2	37,0	27,7	15,1	17,9	27,4	23,6	18,9
(1)	60,9	45,2	36,7	27,3	14,9	16,1	15,4	14,1	15,2
(2) e (3)	0,0	0,1	0,3	0,5	0,2	1,8	12,0	9,5	3,7

Notas: (1) Bens industrializados intensivos em economias de escala e recursos naturais.

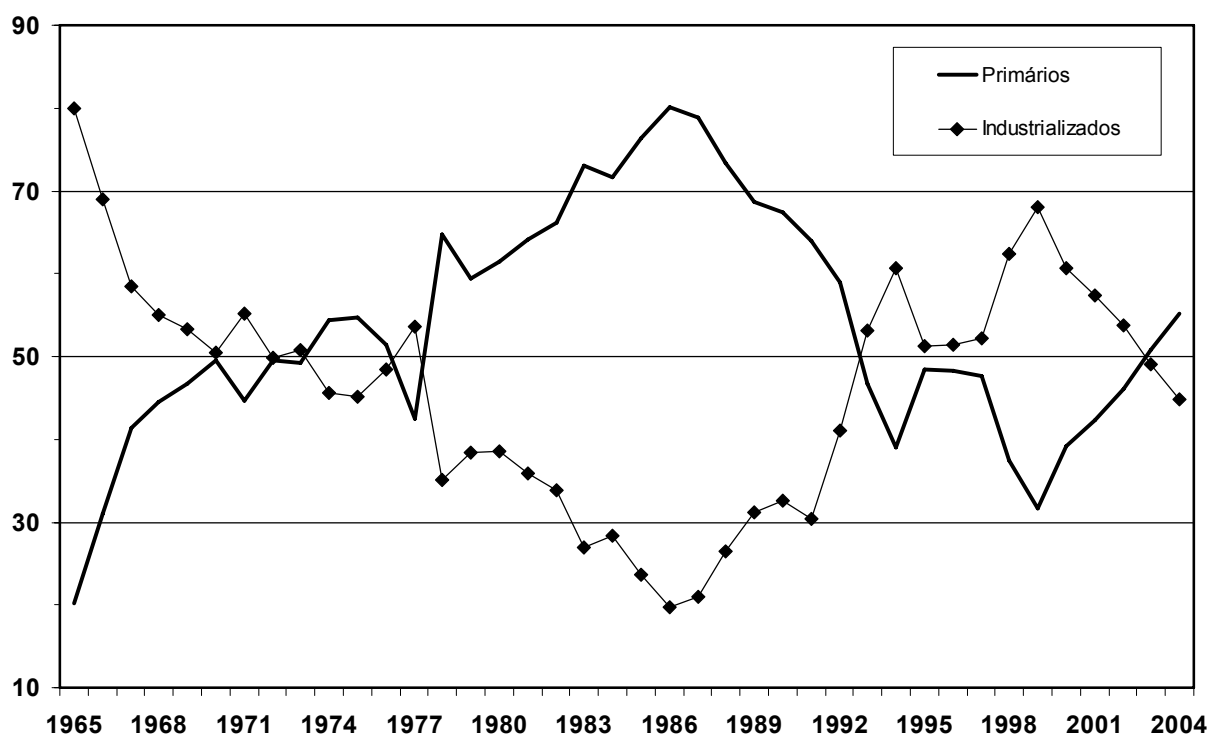
(2) e (3) Bens industrializados difusores do progresso técnico e bens duráveis.

Obs: Os percentuais não somam 100% devido à existência de um pequeno grupo de produtos não classificados.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional. Elaboração: Funcex.

O **Gráfico II.8** apresenta a evolução da participação de bens primários e industrializados ao longo do período de análise. Como comentado, o crescimento dos produtos primários desde o início dos anos setenta reflete a crescente importância do gás, ao passo que o declínio dos produtos industrializados está associado à queda das vendas dos metais não-ferrosos. O fenômeno de diversificação da pauta exportadora observado nos anos noventa levou a participações semelhantes dos dois tipos de produtos no decorrer da década, com uma tendência decrescente dos primários. A partir de 2000, a inversão das proporções de bens primários e industrializados no total está associada ao surgimento do gás como principal produto de exportação e à queda das exportações de produtos industrializados não tradicionais

Gráfico II.8
 Bolívia – Proporção de bens primários e industrializados nas exportações totais
 Em %

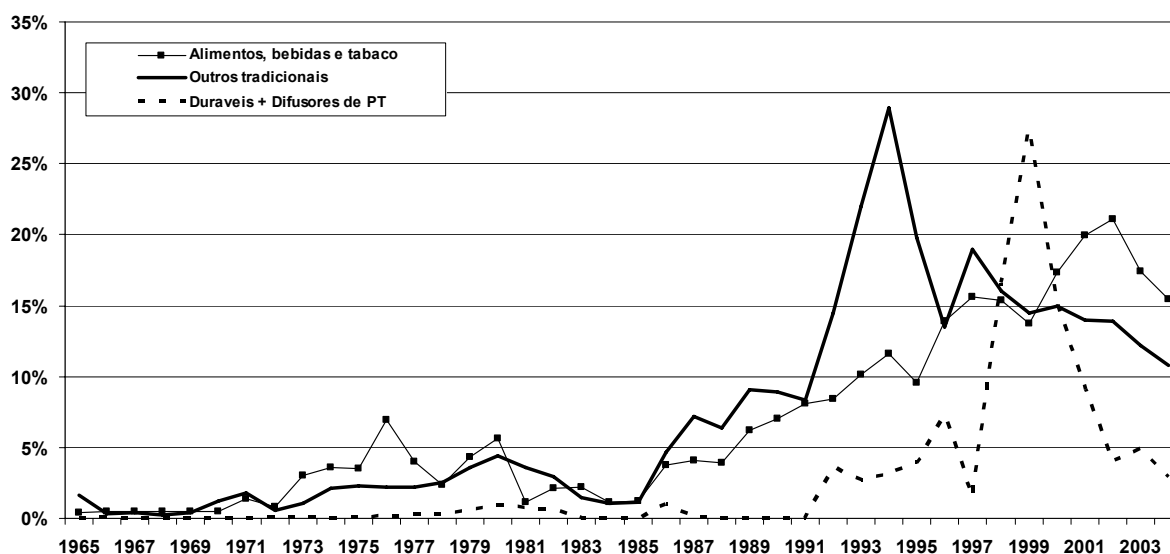


Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional – Elaboração: Funcex

O **Gráfico II.9** permite visualizar com maior detalhe as mudanças ocorridas nas diferentes categorias de produtos industrializados. Como se explicou, os minerais não-ferrosos, componente principal dos produtos intensivos em economias de escala e recursos naturais, diminuíram fortemente sua participação ao longo do período de análise. Mas, no fim da década de oitenta, o crescimento na participação dos produtos industrializados obedeceu à crescente importância dos alimentos, de outros tradicionais e, posteriormente, dos bens duráveis e difusores do progresso técnico. No início da década atual, esses três produtos tinham atingido participações significativas nas exportações totais: alimentos, em torno de 15%; outros tradicionais, com uma proporção semelhante; e duráveis e difusores do progresso técnico estavam em franca expansão.

Gráfico II.9

Bolívia – Participação de bens e industrializados não tradicionais, por subcategorias, nas exportações totais



Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional. Elaboração: Funcex.

Tipos de produtos para os principais mercados³

As exportações da Bolívia para os demais países da América Latina e Caribe têm uma alta proporção de produtos primários por conta do gás – que forma parte dos bens energéticos e dos bens primários e é vendido para a Argentina e o Brasil. Mas ao longo dos anos noventa, assim como na presente década, houve aumento da proporção de bens industrializados tradicionais e com elevadas economias de escala nas exportações para a região

Os Estados Unidos são o principal destino dos produtos industrializados bolivianos, principalmente de metais não-ferrosos, mas também se observa uma crescente participação de outros industrializados tradicionais e produtos difusores de progresso técnico. Ásia-Pacífico, Japão e União Européia têm se consolidado como importantes compradores de produtos minerais. Mais recentemente, a China também se tornou um grande mercado comprador de produtos minerais da Bolívia.

Finalmente, os produtos agrícolas que a Bolívia começou a exportar na década de noventa destinaram-se principalmente ao mercado da União Européia.

³ O termo "Região" refere-se a 33 países da América Latina e o Caribe; o termo "Ásia Pacífico-10" inclui os seguintes países e territórios: Austrália, Filipinas, Hong Kong (Região Administrativa Especial da China), Indonésia, Malásia, Nova Zelândia, República de Coréia, Singapura, Tailândia e outros da Ásia não especificados. China e Japão se apresentam separadamente.

Tabela II.5
Bolívia - Composição das exportações de bens segundo destino, por categorias

(Em %)

Categorias	1990							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	75,8	16,4	87,9	60,7	---	40,9	77,6	67,3
Agrícolas	19,5	7,2	8,6	26,4	---	4,6	21,3	13,9
Minerais	1,5	9,2	79,3	34,2	---	36,3	56,3	28,8
Energéticos	54,8	---	---	---	---	---	0,0	24,6
Bens industrializados	24,2	83,4	12,0	39,1	---	56,4	22,1	32,6
Alimentos, bebidas e fumo	12,6	6,5	0,2	---	---	---	0,4	7,0
Outros tradicionais	6,4	19,8	5,5	39,1	---	45,3	2,5	8,9
Com elevadas EE e intensivos em RN	5,2	57,1	6,2	---	---	10,9	19,2	16,6
Duráveis	0,0	0,0	0,0	---	---	0,1	0,0	0,0
Difusores de progresso técnico	0,0	0,0	0,0	---	---	---	0,0	0,0
Outros bens	0,0	0,2	0,1	0,2	---	2,7	0,3	0,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	---	100,0	100,0	100,0

Categorias	1995							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	49,6	14,9	84,7	73,8	100,0	62,7	90,1	48,5
Agrícolas	18,4	2,5	13,4	15,3	---	40,7	10,9	11,9
Minerais	7,0	1,9	71,3	58,6	100,0	22,0	79,2	23,2
Energéticos	24,3	10,6	---	---	---	---	0,0	13,4
Bens industrializados	50,1	84,8	14,9	24,9	---	34,1	9,5	51,2
Alimentos, bebidas e fumo	21,3	1,1	0,5	---	---	8,3	3,5	9,5
Outros tradicionais	11,6	43,4	5,1	23,0	---	25,4	1,9	19,8
Com elevadas EE e intensivos em RN	13,0	33,9	8,9	0,6	---	0,1	2,8	18,0
Duráveis	0,9	0,1	0,0	0,3	---	0,3	0,1	0,4
Difusores de progresso técnico	3,4	6,2	0,4	1,0	---	---	1,1	3,5
Outros bens	0,2	0,3	0,4	1,2	0,0	3,2	0,4	0,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	2005							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	59,4	15,6	62,8	88,7	80,2	96,3	61,3	55,1
Agrícolas	3,4	7,2	28,9	2,1	0,2	8,7	8,1	6,0
Minerais	3,9	0,5	33,9	86,5	80,1	87,7	53,1	13,3
Energéticos	52,1	7,9	---	---	---	---	0,0	35,8
Bens industrializados	40,6	84,2	36,9	11,3	19,8	3,6	38,3	44,7
Alimentos, bebidas e fumo	22,6	1,3	1,6	0,0	---	2,2	4,3	15,5
Outros tradicionais	3,4	41,6	14,9	9,0	13,0	1,4	8,9	10,8
Com elevadas EE e intensivos em RN	12,6	34,3	19,5	1,9	6,6	---	7,7	15,6
Duráveis	0,1	0,3	0,1	0,0	---	0,0	4,3	0,2
Difusores de progresso técnico	1,8	6,7	0,8	0,4	0,1	0,0	13,2	2,7
Outros bens	0,1	0,2	0,3	0,0	0,0	0,0	0,4	0,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Nota: AP10 – Ásia-Pacífico 10 países

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional, sobre a base de cifras oficiais. Elaboração: Funcex.

II.4. Conclusão e perspectivas

A Bolívia, como outros países de América do Sul, diversificou sua estrutura exportadora e reduziu a concentração geográfica de suas vendas externas. Estes são dois fatores positivos para o crescimento sustentável das exportações.

Na atualidade, as exportações de gás têm um papel central e, para isso, o país deve manter um bom ritmo de investimento na exploração e produção do produto, adequar sua infra-estrutura de transporte e manter relações sólidas e de cooperação com seus sócios comerciais. Os eventos recentes, como a nacionalização das reservas de petróleo e gás, a aquisição “obrigatória” das refinarias da Petrobrás em solo boliviano e a tentativa de reajustar os preços do gás vendido ao Brasil em condições diferentes daquelas anteriormente pactuadas, lançam dúvidas sobre esses três elementos da equação de exportação de gás. Ao persistirem estes problemas, a Bolívia poderia se ver em dificuldades para cumprir com seus dois grandes contratos de exportação: o que mantém com o Brasil e o que assinou com a Argentina. Este seria um cenário francamente pessimista, pois, num contexto de instabilidade política e de dificuldades econômicas não é improvável que seja afetada a capacidade de exportação do país. Infelizmente, no contexto atual, esse cenário não pode ser descartado.

Um segundo cenário seria o de normalização gradual da atividade relacionada à produção e distribuição de hidrocarbonetos e do funcionamento dos contratos que regem essa atividade. Isto permitiria também um ambiente adequado de negócios para as atividades agrícolas e industriais no país vizinho, levando a uma expansão das exportações em bases sustentadas.

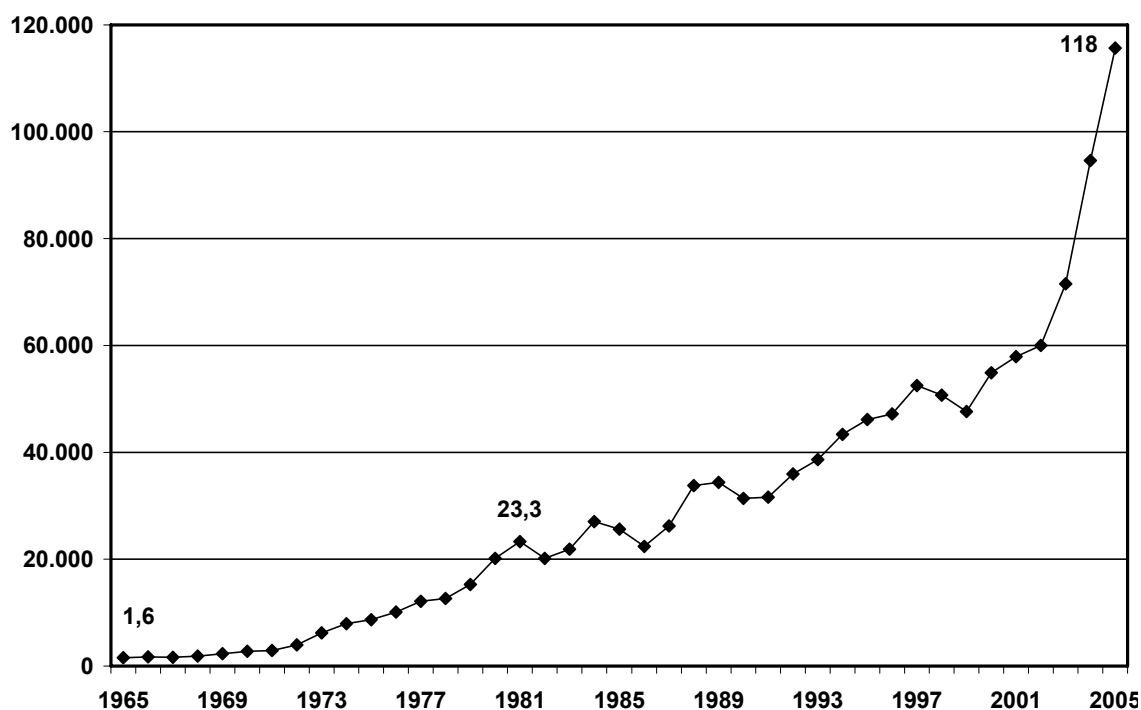
III. BRASIL

III.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações

Evolução geral das exportações

O Brasil apresentou nos últimos 40 anos uma evolução extraordinária de suas exportações. As vendas passaram de US\$ 1,6 bilhão em 1965 para US\$ 118 bilhões em 2005, acumulando uma alta de nada menos que 7.275% (ou 11,4% a.a.). Nenhum outro país sul-americano conseguiu expandir suas exportações na mesma proporção⁴ (**Gráfico III.1**). Embora este crescimento tenha sido entremeado por breves fases de contração, observou-se um movimento de expansão mais firme e sustentado do que o verificado nos demais países sul-americanos.

Gráfico III.1
Brasil – Exportações anuais
 Em US\$ Milhões



Fonte: FMI – Estatísticas Financeiras Internacionais (IFS). Elaboração: Funcex.

Na expansão exportadora brasileira podem se identificar quatro fases: entre 1965 e 1981, marcada por expansão firme e contínua das vendas; entre 1981 e 1991, quando elas evoluíram de forma bastante irregular; entre 1992 e 2002, onde o crescimento se deu a taxas apenas razoáveis; e o período 2003-2005, quando houve forte aceleração.

⁴ No mesmo período, os países que se seguiram ao Brasil em termos de crescimento foram o Chile, que expandiu suas exportações em 10,6% a.a., o Equador, com 10,3% a.a., e a Colômbia com 9,6% a.a..

No período 1965-1981 o Brasil experimentou uma das maiores expansões de exportações da América do Sul,⁵ passando de US\$ 1,6 bilhão para US\$ 23,3 bilhões (representando alta de quase 20% a.a.). O aspecto mais interessante da experiência brasileira desse período foi o fato de a expansão do valor exportado ter sido acompanhada por mudanças estruturais na composição da pauta segundo produtos com perda de participação de produtos tradicionais, como o café, e o aparecimento de diversos produtos industrializados, como é o caso de equipamentos de transporte; maquinarias; calçados, azeites vegetais, carnes e suco de laranja.

O segundo período, compreendido entre 1981 e 1991, foi de baixo crescimento das exportações com alta volatilidade: elas acumularam crescimento de apenas 35% (3% a.a.) e houve vários anos em que a variação foi negativa. Como fica claro neste estudo, este foi um período conturbado para as exportações da maioria dos países da América do Sul, em razão das diversas crises de ordem macroeconômica. No Brasil não foi diferente, com um quadro caracterizado por inflação crônica, baixo crescimento do PIB e queda da taxa de investimento, dificultando a formação de oferta exportável.

A terceira fase exportadora esteve condicionada, por um lado, pelas conseqüências do processo de estabilização do Plano Real, com a conseqüente ampliação do mercado doméstico e a retração da oferta exportadora; e por outro, pela liberalização comercial que gerou diversas pressões de reestruturação sobre as empresas e levou-as a adotarem uma estratégia mais internacionalizada, com as exportações assumindo um papel de maior relevância. Essa combinação de estímulos e pressões, contudo, não foi totalmente favorável para as exportações, ao menos nos primeiros anos. De fato, com exceção dos anos iniciais do período, houve um débil crescimento do *quantum* exportado, com o crescimento dos montantes em dólares sendo beneficiados por bons preços internacionais, especialmente entre 1995 e 1997.

Adicionalmente, o país, como o resto da América do Sul, teve que enfrentar os efeitos da crise asiática, que deprimiu preços e quantidades a partir de 1998. Nesse contexto depressivo, a desvalorização cambial de 1999 demorou a mostrar efeitos positivos sobre os valores exportados. De qualquer modo, o saldo do período não foi ruim: as exportações atingiram US\$ 60 bilhões em 2002, o dobro do valor de 1991, equivalente a uma alta de 7,2% a.a.

Por fim, a expansão recente foi favorecida pela demanda mundial, que permitiu um expressivo crescimento das quantidades exportadas e trouxe também um forte aumento dos preços de exportação. Este, porém, foi menor do que o observado em outros países sul-americanos cujas pautas são mais concentradas em *commodities*.

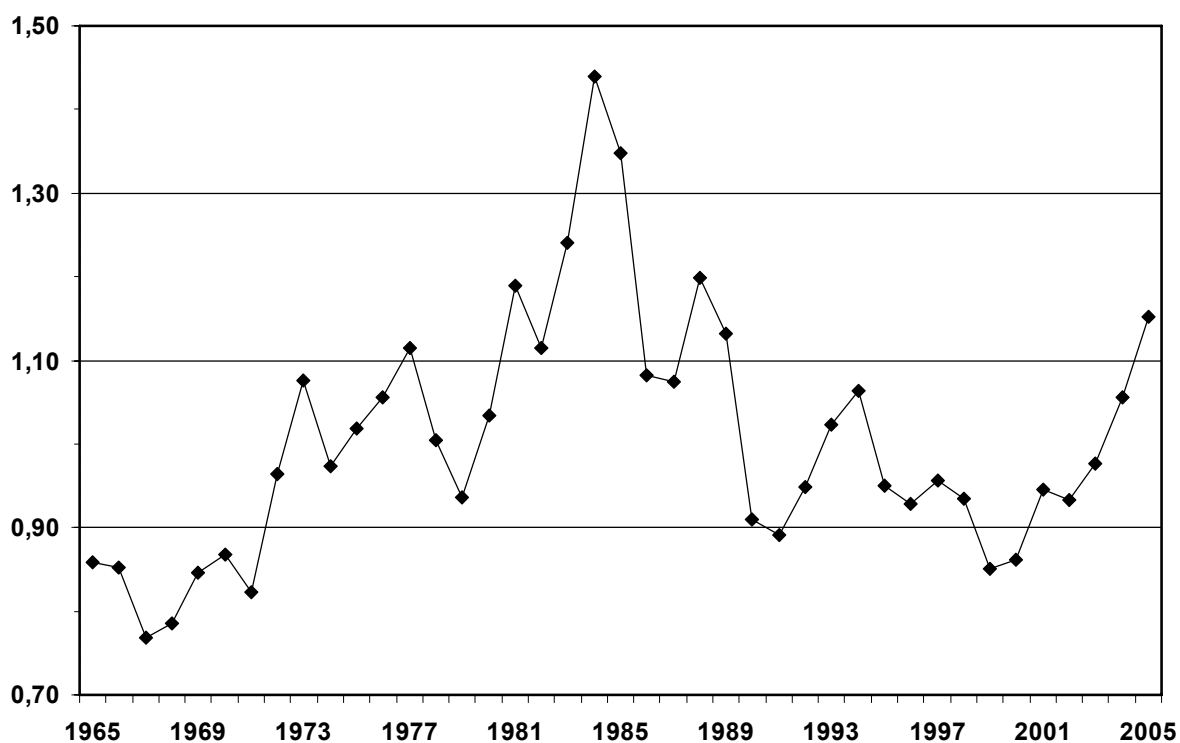
Market-share no comércio mundial

O excelente desempenho exportador do Brasil nos anos 60 e 70 permitiu que o país ganhasse *market-share* no comércio mundial, passando de 0,85% de participação em 1965 para 1,4% em 1984 (**Gráfico III.2**). Mas, como apontado acima, a década de oitenta foi de baixo crescimento exportador, o que levou a uma retração da participação brasileira, que voltou a ser de apenas 0,89% em 1991.

⁵ A expansão brasileira acumulada foi de 1355,6%, a segunda maior taxa da região. No mesmo período, a do Equador foi de 1431,2%.

Nos anos noventa, a despeito do crescimento bastante razoável das exportações, o aumento relativamente favorável das vendas brasileiras não foi suficiente para acompanhar o forte ritmo de crescimento do comércio mundial. Como consequência, a evolução do *market-share* foi bastante irregular, tendo oscilado entre 0,9% e 1,05% já nos quatro primeiros anos desta década. O pior momento foi em 1999, quando a participação chegou a um mínimo de 0,85%. Contudo, com a recuperação exportadora depois de 2002, o Brasil voltou a ganhar participação, registrando cerca de 1,15% em 2005.

Gráfico III.2
Brasil – Market-share nas exportações mundiais
 Em %

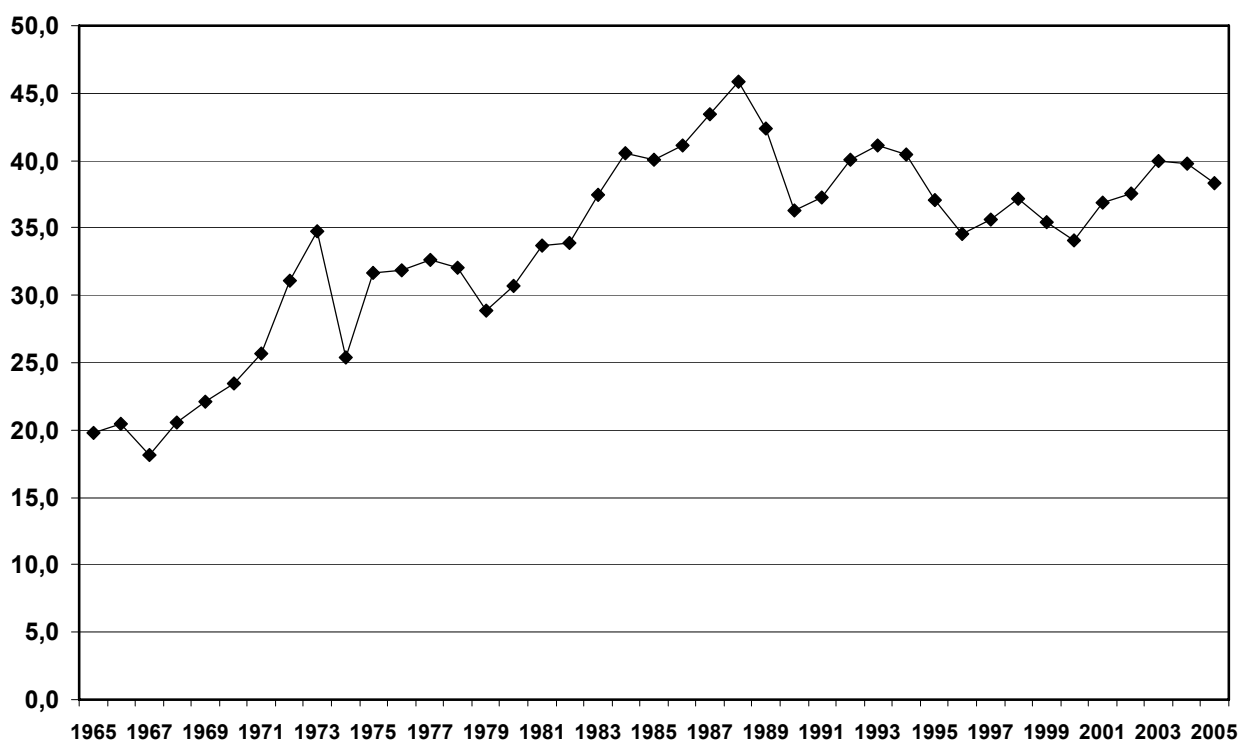


Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Evolução comparada com as exportações da América do Sul e de outros países selecionados

O Brasil teve um desempenho exportador bem superior à média dos países sul-americanos, principalmente entre 1965 e o final dos anos 1980. Com isso, sua participação nas exportações totais da região mais que duplicou no período, passando de 20% no final dos anos sessenta para cerca de 45% em 1988 (**Gráfico III.3**). Apesar da apreciação da taxa de câmbio real e a recessão entre os anos de 1989 e 1991 terem reduzido bastante a participação do país nas exportações totais, a forte expansão exportadora de 1992-1994 permitiu a recuperação do seu desempenho nos anos seguintes.

Gráfico III.3
Exportações do Brasil – Proporção das exportações sul-americanas
Em %

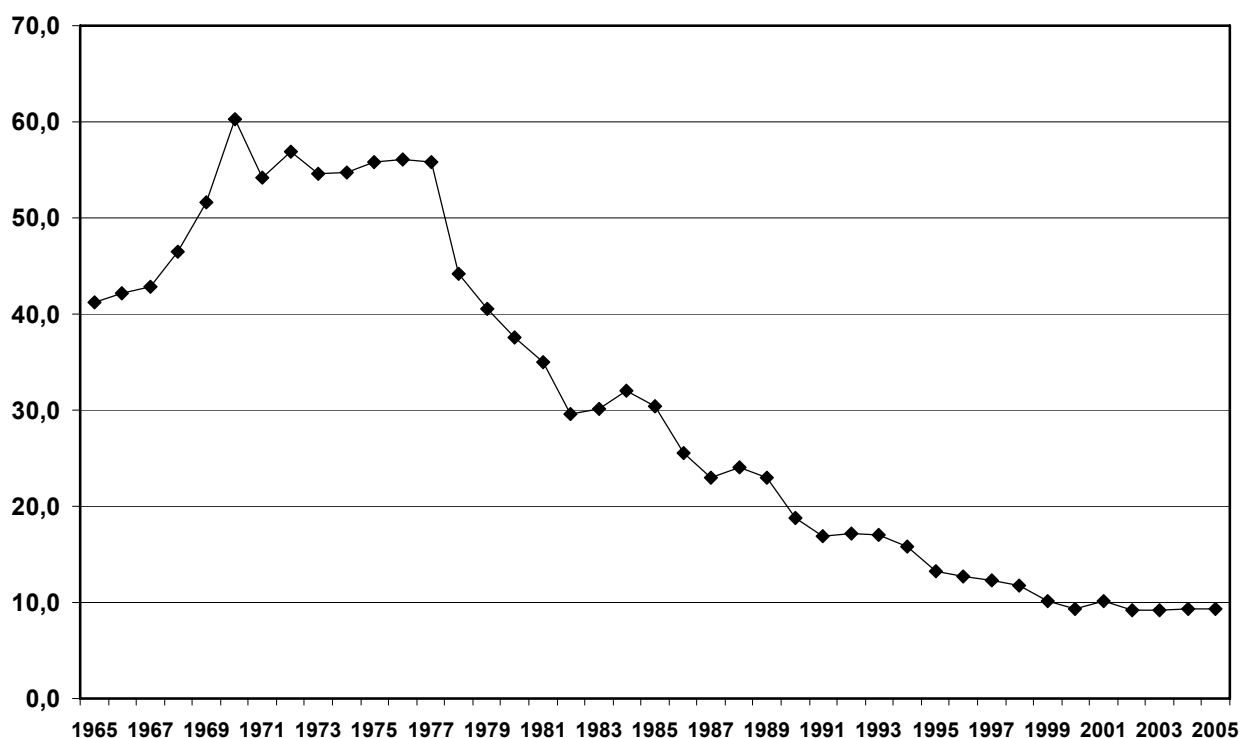


Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

O declínio posterior a 1994 esteve associado aos efeitos da estabilização, à apreciação real da taxa de câmbio e à queda dos preços internacionais no final da década. Entretanto, mesmo depois da desvalorização cambial de 1999, o Brasil continuou perdendo participação nas exportações da região. Nos últimos anos houve uma certa recuperação do seu desempenho e o país voltou a se aproximar de 40%, o ganho de participação não tem sido muito intenso visto que todos os países da região têm experimentado forte crescimento exportador.

Quando comparadas às exportações conjuntas de México, Coréia e China, observa-se que as vendas brasileiras correspondiam a cerca de 55% delas entre 1970 e 1977 (**Gráfico III.4**). Durante a década de oitenta e noventa, as exportações brasileiras cresceram bem menos que as desses países. Como no caso de outros países sul-americanos, as exportações brasileiras conseguiram, na década atual, se estabilizar como proporção das exportações desse trio de países. No caso brasileiro, a proporção vem se mantendo próxima de 10% do total exportado por China, Coréia e México.

Gráfico III.4
 Exportações do Brasil – Proporção das exportações de México, Coréia do Sul e China
 Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

III.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino

Entre 1965 e 1969, o Brasil destinava 73% de suas exportações para apenas dois mercados principais: os Estados Unidos e os 15 países da União Européia. Nas décadas de setenta e oitenta, porém, o Brasil experimentou um gradual processo de redução na concentração dos mercados de destino de suas exportações. Na década de setenta, os mercados de Oriente Médio, África e o Resto da Ásia (basicamente o Japão) assumiram grande importância e, na década de oitenta, os demais países da América do Sul (excluído o Mercosul) e os Demais da Europa aumentaram sua participação. A União Européia foi o bloco que registrou maior perda de participação nessas duas décadas (**Tabela III.1**).

Tabela III.1
Participação dos países e blocos selecionados no total das exportações brasileiras

(Em %)

Anos	EUA	Mercosul	Demais da América do Sul	América Central	México	União Européia (15 países)	Demais da Europa
1965-69	31,4	8,2	2,2	0,2	0,5	41,3	7,5
1970-74	22,0	6,2	3,6	1,0	0,9	41,7	7,2
1975-79	18,9	6,7	5,5	1,1	1,4	37,0	9,5
1980-84	21,8	6,2	5,9	0,8	1,7	30,2	7,0
1985-89	25,3	4,6	5,6	1,7	0,9	29,3	5,1
1990-94	21,1	10,5	6,2	1,3	2,4	29,6	2,8
1995-99	19,2	15,6	6,6	1,3	1,7	28,1	3,7
2000-02	24,7	10,1	6,6	1,9	3,4	25,8	4,3
2003-05	20,9	9,3	7,3	3,2	3,8	23,8	5,1

Anos	China	Oriente Médio	África	Ásia Pacífico*	Demais da Ásia	Demais países	Total
1965-69	0,0	0,9	1,8	1,2	3,4	1,4	100,0
1970-74	0,7	2,4	4,7	1,0	6,8	1,8	100,0
1975-79	0,8	3,0	5,8	1,3	7,0	1,9	100,0
1980-84	0,9	4,8	8,7	2,2	7,6	2,2	100,0
1985-89	1,9	3,8	6,9	3,6	7,5	3,7	100,0
1990-94	1,5	3,1	5,6	5,7	7,8	2,4	100,0
1995-99	2,0	2,8	5,3	4,9	6,6	2,2	100,0
2000-02	3,2	3,3	5,7	4,0	4,9	2,1	100,0
2003-05	6,0	3,8	5,5	4,7	4,4	2,3	100,0

Nota: (*) Os países que formam o bloco Ásia-Pacífico são: Cingapura, Coréia do Sul, Filipinas, Formosa, Hong Kong, Indonésia, Tailândia e Malásia.

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

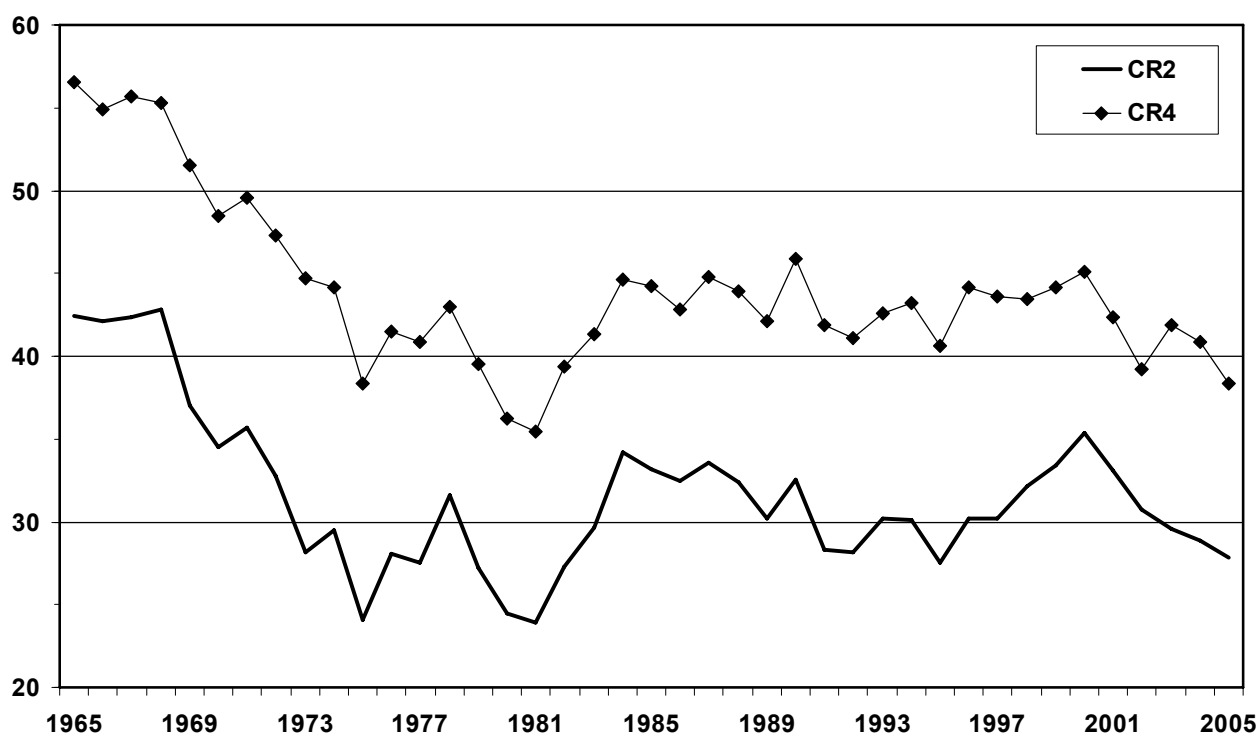
Os anos noventa foram caracterizados pelo crescimento de Mercosul, América Central e México como mercados de destino das exportações brasileiras, mantendo-se a gradual perda de participação da União Européia e dos Demais da Ásia.

Na década atual, a crise argentina e as dificuldades enfrentadas pelos membros do Mercosul fizeram com que a participação deste bloco no total exportado pelo Brasil fosse reduzida, ao passo que ganharam importância as exportações para os Demais da América do Sul, América Central, México e Estados Unidos. Deve-se destacar também o elevado crescimento da participação da China nas vendas externas brasileiras nos últimos anos.

O Brasil tem uma situação de baixa concentração das vendas nos dois principais países de destino, quando comparado com a maioria dos países da América do Sul. A participação dos dois principais mercados (CR2) caiu de mais de 40% na segunda metade dos anos sessenta para aproximadamente 30% desde meados dos anos setenta (**Gráfico III.5**). A maioria dos países sul-americanos tem uma concentração (CR2) maior, entre 40% e 50%. A redução da concentração nos dois ou quatro principais países de destino é importante para suavizar os ciclos de exportação que acontecem quando as vendas externas estão concentradas excessivamente em poucos mercados.

Em todos os períodos, os Estados Unidos foram o principal mercado das exportações brasileiras. Na presente década, os Estados Unidos se distanciaram muito do segundo principal mercado, passando a ter uma participação superior a 20%. No período 2003-2005, os quatro principais mercados foram, em ordem de importância: Estados Unidos, Argentina, China e Países Baixos.

Gráfico III.5
**Exportações do Brasil – Participação nas exportações totais
 de dois e dos quatro principais países de destino**
 Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

III.3. Distribuição das exportações segundo produtos

A **Tabela III.2** apresenta os 29 principais produtos exportados pelo Brasil em diversos períodos a dois dígitos da Classificação Uniforme do Comércio Internacional (CUCI). Diferentemente dos demais países do subcontinente, o Brasil experimentou um forte processo de diversificação das exportações, conseguindo se afastar do padrão baseado na dotação de recursos naturais.

Entre 1965 e 1969, três produtos – café, açúcar e minerais – representavam 60% do total exportado pelo país. Nos anos setenta, esses três produtos caíram para 40%-45% da pauta e, desde os anos oitenta, o café e o açúcar vêm perdendo participação de forma sistemática. No período 2003-2005, esses três produtos representaram apenas 12% do total exportado.

Um primeiro movimento de diversificação foi na direção de produtos industrializados. Desde os anos setenta, como resultado da diversificação da estrutura industrial brasileira, um conjunto de produtos industrializados vem ganhando participação na pauta exportadora do país. São eles: equipamentos de transporte, maquinaria elétrica e não elétrica, produtos derivados do aço, metais não ferrosos, produtos químicos e calçados.

O Brasil realizou igualmente um segundo movimento de diversificação na direção de outros recursos naturais que se incorporaram à pauta exportadora, reduzindo a concentração existente na segunda

metade dos anos sessenta. Esses produtos foram: carnes, produtos oleaginosos, frutas e vegetais, celulose e produtos da madeira. Em anos recentes, o Brasil também incorporou à sua pauta exportadora o petróleo e seus derivados.

Como resultado destes movimentos, a estrutura exportadora em 2003-2005 apresentava um considerável grau de diversificação. Os três principais produtos exportados – equipamentos de transporte (carros e aviões), maquinaria e produtos derivado do aço – representavam 28% do total exportado.

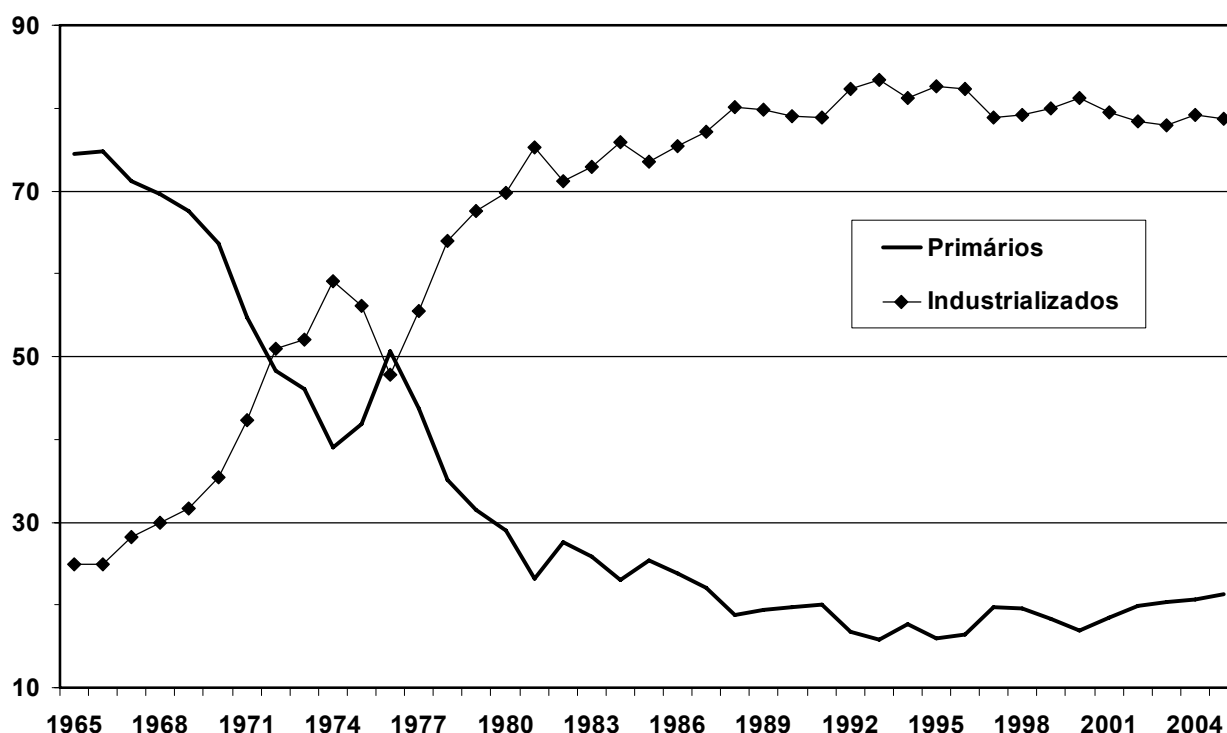
Tabela III.2
Participação nas exportações do Brasil, segundo classificação CUCI
Produtos selecionados ordenados pela média do triênio 2003/2005

Produtos	1965-69	1970-74	1975-79	1980-84	1985-89	1990-94	1995-99	2000-02	2003-05
Equipamentos de transporte	0,3	1,6	4,8	6,7	8,0	8,2	9,8	13,4	12,5
Máquinas, exc. Elétricas	1,6	2,8	5,7	6,4	7,2	8,2	8,7	7,4	8,4
Ferro e aço	2,1	2,1	3,2	6,0	10,2	11,1	7,9	6,2	7,5
Carnes e seus preparados	2,4	4,2	2,0	3,5	2,7	3,0	3,2	4,6	6,5
Minérios de metais e sucatas de metal	7,8	7,9	9,4	8,1	6,9	7,2	6,2	5,7	6,1
Petróleo e derivados	0,1	1,1	1,8	5,2	3,5	1,7	0,8	3,4	5,4
Grãos e sementes oleaginosas	1,2	5,7	4,5	1,6	2,5	2,5	3,3	4,6	5,4
Máquinas elétricas, instrumentos e dispositivos	0,4	1,5	2,4	2,4	3,2	3,5	3,6	5,5	4,6
Açúcar, seus preparados e mel	4,9	11,3	4,9	3,9	1,5	2,0	3,9	3,4	3,3
Alimentos para animais, exc. cereais não-moldos	2,0	5,1	8,5	8,2	6,1	5,1	4,6	3,6	3,2
Elementos e compostos químicos	0,7	0,9	0,8	2,5	2,9	2,8	3,1	2,9	3,2
Café, chá, cacau, condimentos e seus preparados	47,2	25,6	24,0	13,7	10,4	5,4	5,9	3,2	2,8
Metais não ferrosos	0,1	0,3	0,4	1,1	3,6	4,2	3,3	2,7	2,5
Frutas e vegetais	2,3	2,1	2,7	4,1	4,0	3,8	3,3	2,5	2,0
Papel e celulose	0,2	0,4	0,5	1,5	1,6	1,9	2,4	2,3	2,0
Calçados	0,0	1,3	1,9	2,8	3,8	3,9	2,9	2,7	1,9
Manufaturas de madeira e cortiça, exc. móveis	0,7	0,9	0,7	0,7	0,7	1,0	1,3	1,5	1,6
Couro, produtos de couro e peles depiladas	0,4	0,7	0,9	0,7	1,0	1,3	1,5	1,7	1,5
Manufaturas de minerais não-metálicos	0,4	0,9	0,8	0,8	1,0	1,4	1,5	1,5	1,5
Fumo e seus produtos	1,3	1,2	1,8	1,9	1,7	2,4	2,8	1,6	1,5
Óleos e gorduras vegetais	2,0	2,6	3,6	3,1	1,6	1,3	1,7	1,0	1,5
Materiais plásticos	0,0	0,1	0,2	0,9	1,5	1,5	1,3	1,3	1,5
Papel, papelão e seus produtos	0,0	0,3	0,6	1,0	1,6	2,3	2,2	1,7	1,4
Fios têxteis, tecidos e artigos confeccionados	0,8	3,1	3,3	3,0	2,6	2,5	1,9	1,5	1,3
Madeira, madeira serrada e cortiça	4,0	2,1	0,9	0,8	0,6	0,6	1,0	1,2	1,2
Manufaturas de metais	0,2	0,4	0,7	1,0	1,0	1,4	1,4	1,1	1,1
Cereais e seus preparados	2,9	1,6	1,1	0,3	0,0	0,1	0,1	0,6	0,6
Fibras têxteis, não manufaturadas, e desperdícios	9,3	5,1	1,2	0,9	0,7	0,4	0,2	0,3	0,5
Transações especiais	0,6	1,7	1,2	1,3	0,8	0,9	1,4	1,9	0,0
Subtotal	95,7	94,4	94,6	94,0	93,2	91,8	91,4	91,0	92,3
Demais produtos	4,3	5,6	5,4	6,0	6,8	8,2	8,6	9,0	7,7
Total das exportações	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Através da **Tabela III.3** é possível analisar o processo de diversificação das exportações brasileiras de acordo com a classificação de grandes grupos ou categorias de produtos por destino de consumo, realizada pela CEPAL. Três tendências podem ser observadas nesta tabela. A primeira é que a proporção de bens industrializados praticamente triplicou entre 1965-1969 e 2003-2005 e que, conseqüentemente, a proporção entre bens primários e industrializados se inverteu, passando estes últimos a representar quase 80% da pauta brasileira. Esta inversão das proporções na pauta entre primários e industrializados pode ser observada no **Gráfico III.6**.

Gráfico III.6
Brasil – Proporção de bens primários e industrializados nas exportações totais
 Em %



Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional. Elaboração: Funcex.

A segunda tendência é o declínio dos chamados produtos industrializados tradicionais – alimentos e bebidas e outros tradicionais, como produtos têxteis. O Brasil chegou a exportar quase 40% desses produtos na década de setenta, mas no triênio 2003-2005 a proporção reduziu-se para 28%.

A terceira tendência importante é a expansão dos bens industrializados intensivos em economias de escala e também os duráveis e difusores de progresso técnico. No último triênio disponível, esses grupos representaram 51% do total exportado.

Tabela III.3
Brasil – Participação das categorias de produtos nas exportações totais

Produtos	(Em %)								
	1965/ 1969	1970/ 1974	1975/ 1979	1980/ 1984	1985/ 1989	1990/ 1994	1995/ 1999	2000/ 2002	2003/ 2005
Bens primários	71,2	47,2	39,6	25,5	21,5	17,9	18,0	18,4	20,9
Bens industrializados	28,2	51,1	59,2	73,2	77,6	81,1	80,5	79,7	78,7
Tradicionais	21,9	38,5	35,1	34,2	29,1	30,0	30,7	28,5	27,6
Alimentos, bebidas e fumo	15,1	27,1	23,6	22,5	16,5	15,6	17,2	15,1	15,7
Outros tradicionais	6,8	11,4	11,5	11,7	12,6	14,4	13,5	13,4	11,9
Não tradicionais	6,3	12,6	24,1	39,0	48,5	51,2	49,8	51,2	51,1
(1)	3,8	6,4	10,7	22,7	29,0	29,9	26,2	23,3	24,6
(2) e (3)	2,5	6,2	13,4	16,4	19,4	21,3	23,6	27,9	26,4

Notas:

(1) Bens industrializados intensivos em economias de escala e recursos naturais.

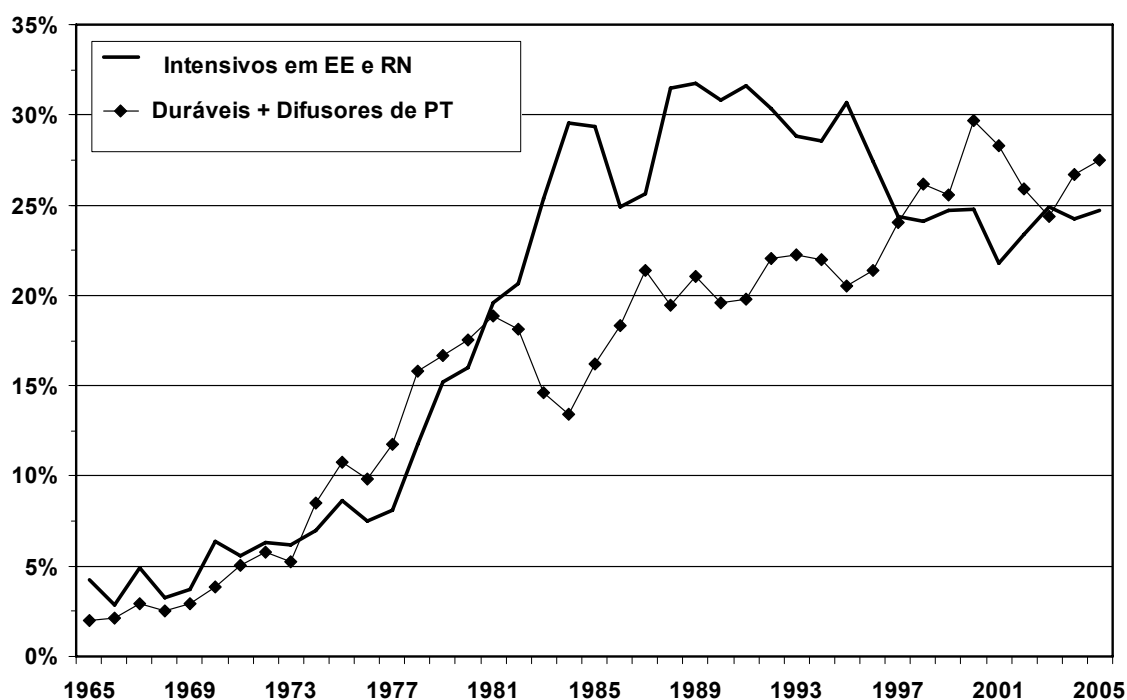
(2) e (3) Bens industrializados difusores do progresso técnico e bens duráveis.

Obs: Os percentuais não somam 100% devido à existência de um pequeno grupo de produtos não classificados.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional. Elaboração: Funcex.

A partir da década de noventa, os produtos industrializados não tradicionais atingiram aproximadamente 50% da pauta exportadora brasileira. No início do período, houve uma maior proporção dos produtos intensivos em economias de escala ou recursos naturais. Mas na presente década, como pode ser observado no **Gráfico III.7**, os bens duráveis e os equipamentos, que são classificados como difusores de progresso técnico, passaram a dominar o grupo dos não tradicionais, com percentuais acima de 25%.

Gráfico III.7
**Brasil – Participação de bens e industrializados não tradicionais,
 por subcategorias, nas exportações totais**



Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional. Elaboração: Funcex.

Tipos de produtos para os principais mercados⁶

A **Tabela III.4** apresenta as vendas externas brasileiras, classificadas por categorias, para grandes blocos econômicos de destino em anos selecionados. A exemplo do resto dos países da América do Sul, o Brasil exporta uma proporção maior de produtos industrializados para os países da região (América Latina e Caribe) e para os Estados Unidos.

A segunda característica que merece destaque na **Tabela III.4** é a relativa constância da distribuição entre primários e industrializados ao longo do tempo para cada grande bloco, com exceção da China e da Ásia-Pacífico. Observa-se, contudo, uma crescente participação de bens primários nos últimos anos, particularmente os produtos agrícolas e minerais.

⁶ O termo "Região" refere-se a 33 países da América Latina e o Caribe. O termo "Ásia Pacífico-10" inclui os seguintes países e territórios: Austrália, Filipinas, Hong Kong (Região Administrativa Especial da China), Indonésia, Malásia, Nova Zelândia, República de Coréia, Cingapura, Tailândia e outros da Ásia não especificados. China e Japão se apresentam separadamente.

Nas vendas para os países da região (América Latina e Caribe), a participação entre os bens intensivos em escala, duráveis e difusores do progresso técnico é semelhante e se manteve assim nos três anos selecionados. Os Estados Unidos são compradores de produtos intensivos em escala e difusores do progresso técnico, com baixa participação de bens duráveis.

Tabela III.4
Brasil - Composição das exportações de bens segundo destino, por categorias

(Em %)

Categorias	1990							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	8,2	10,8	27,7	20,5	19,3	38,9	15,6	19,7
Agrícolas	2,8	8,8	16,6	8,1	5,7	13,5	7,9	10,8
Minerais	5,4	2,0	11,1	12,4	13,5	25,4	7,7	8,9
Energéticos	0,0	0,0	---	0,0	---	---	0,0	0,0
Bens industrializados	91,7	89,2	72,3	79,5	80,7	60,9	76,3	79,1
Alimentos, bebidas e fumo	5,0	13,5	25,2	4,6	0,3	7,7	23,8	16,5
Outros tradicionais	11,9	20,4	12,3	6,8	3,9	3,1	8,3	12,4
Com elevadas EE e intensivos em RN	30,4	25,5	20,6	57,6	74,3	48,6	33,7	30,6
Duráveis	17,4	8,4	5,9	2,6	1,7	0,2	4,0	6,8
Difusores de progresso técnico	27,1	21,3	8,3	7,8	0,5	1,4	6,5	12,8
Outros bens	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,2	8,1	1,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	1994							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	4,1	10,7	32,3	13,5	16,3	36,5	16,1	17,7
Agrícolas	2,4	9,1	23,6	5,3	0,5	17,0	9,7	11,7
Minerais	1,7	1,5	8,7	8,2	15,9	19,6	6,4	6,0
Energéticos	0,0	0,0	---	0,0	---	---	0,0	0,0
Bens industrializados	95,6	89,0	67,4	86,4	83,7	62,8	77,7	81,2
Alimentos, bebidas e fumo	6,6	6,8	27,4	9,9	1,3	12,8	28,8	15,8
Outros tradicionais	16,0	26,6	13,6	9,6	1,6	4,4	8,7	15,1
Com elevadas EE e intensivos em RN	29,6	28,5	15,3	56,0	76,9	43,4	24,2	28,3
Duráveis	20,7	7,5	4,1	2,2	0,6	0,1	9,2	9,0
Difusores de progresso técnico	22,8	19,6	7,0	8,7	3,3	2,1	6,8	13,1
Outros bens	0,2	0,4	0,3	0,1	0,0	0,7	6,2	1,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	2004							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	9,1	9,5	34,7	27,3	67,3	37,0	15,2	21,3
Agrícolas	1,4	4,7	21,6	12,1	30,5	11,5	7,2	10,2
Minerais	2,0	1,6	10,4	13,2	28,6	25,5	6,0	7,5
Energéticos	5,7	3,2	2,7	2,1	8,2	---	1,9	3,6
Bens industrializados	90,9	90,5	65,3	72,7	32,7	63,0	84,8	78,7
Alimentos, bebidas e fumo	4,2	4,2	19,5	18,5	2,0	26,6	41,3	15,6
Outros tradicionais	10,0	20,6	10,8	8,5	6,7	5,6	4,7	10,8
Com elevadas EE e intensivos em RN	28,3	30,3	18,0	33,5	18,0	28,6	20,5	24,7
Duráveis	25,1	6,1	5,1	5,5	0,7	0,4	6,7	10,3
Difusores de progresso técnico	23,4	29,4	12,0	6,6	5,3	1,8	11,7	17,2
Outros bens	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Nota: AP10 – Ásia Pacífico 10 países.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional, sobre a base de cifras oficiais. Elaboração: Funcex.

A estrutura de exportação de bens industrializados para as outras regiões é completamente diferente do caso dos países do continente americano. As vendas para a União Européia estão concentradas em produtos tradicionais, enquanto que as destinadas à Ásia-Pacífico e à China concentram-se em produtos intensivos em recursos naturais, como foi o caso do Japão na década de noventa.

III.4. Conclusão e perspectivas

O Brasil foi um dos países da América do Sul que mais avançou na diversificação de produtos e mercados de suas exportações. Isso permite diminuir o risco de flutuações excessivas dos mercados internacionais dos produtos e reduz a dependência em relação aos ciclos de poucos compradores.

Desse ponto de vista, as exportações brasileiras hoje oferecem uma margem de segurança maior e têm maiores condições de desempenhar o papel de elemento dinâmico da demanda agregada do país e, portanto, do crescimento sustentável da economia brasileira.

A dependência do mercado chinês não é alta, sendo menor do que a de alguns dos países sul-americanos – ainda que seja muito concentrada em produtos primários, que podem sofrer alterações fortes de preços ou quedas bruscas de demanda. Mas pelo fato da estrutura de produtos e destinos ser diversificada, o Brasil tem possibilidades de compensar impactos negativos da desaceleração do mercado chinês ou de qualquer outro mercado em particular.

A incógnita para os próximos anos é, sem dúvida, o comportamento da economia mundial. O Brasil, a exemplo das demais economias da América do Sul, tende a sofrer com uma desaceleração do ritmo de crescimento da demanda mundial. A presente análise mostrou, contudo, que o Brasil está hoje muito melhor posicionado do que há quarenta anos atrás.

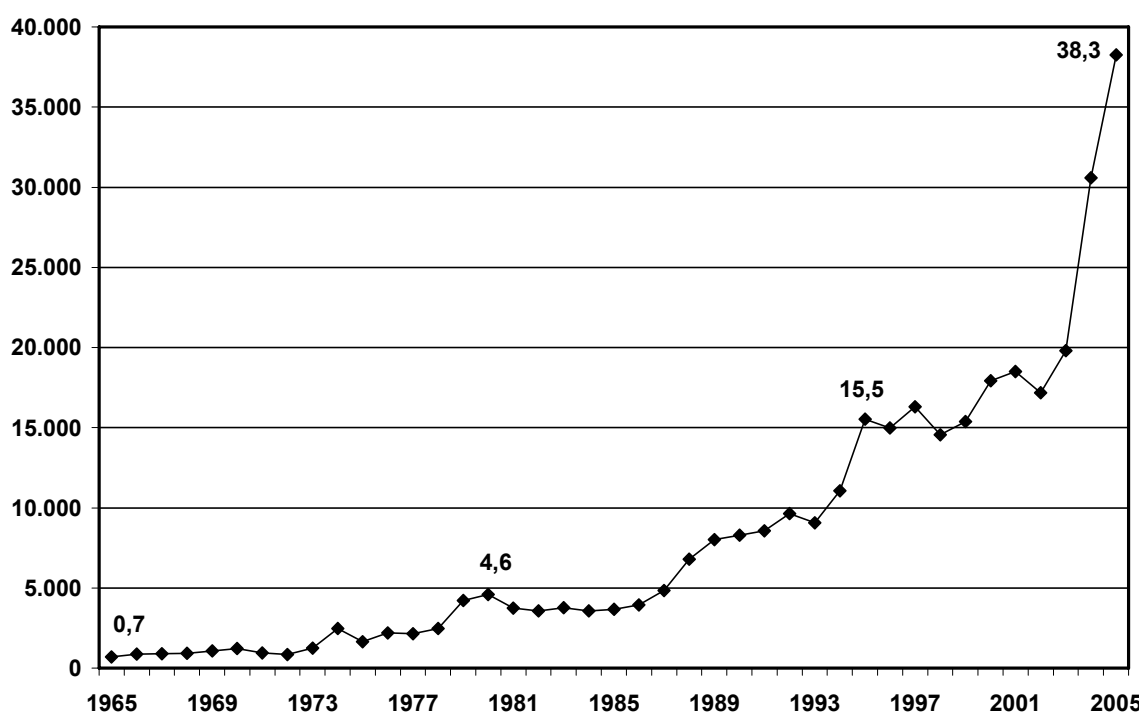
IV. CHILE

IV.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações

Evolução geral das exportações

De forma geral, a evolução das exportações chilenas nos últimos 40 anos foi bastante favorável, registrando-se entre 1965 e 2005 uma taxa de crescimento média anual de 10,6%. Neste último ano as vendas do país alcançaram o montante de US\$ 38,3 bilhões. Registrou-se, a exemplo dos demais países sul-americanos, períodos de forte crescimento entremeados por fases de relativa estagnação. Entre 1965 e 1974, por exemplo, houve um grande incremento das vendas externas, que cresceram a um ritmo de 15,3% a.a. (**Gráfico IV.1**). Após a desvalorização de 1974, as exportações ficaram estáveis em torno de US\$ 2,4 bilhões durante algum tempo, voltando a crescer a partir de 1979, com a melhora das exportações de cobre e a entrada das frutas e da pasta de celulose na exportação.

Gráfico IV.1
Chile – Exportações anuais
Em US\$ Milhões



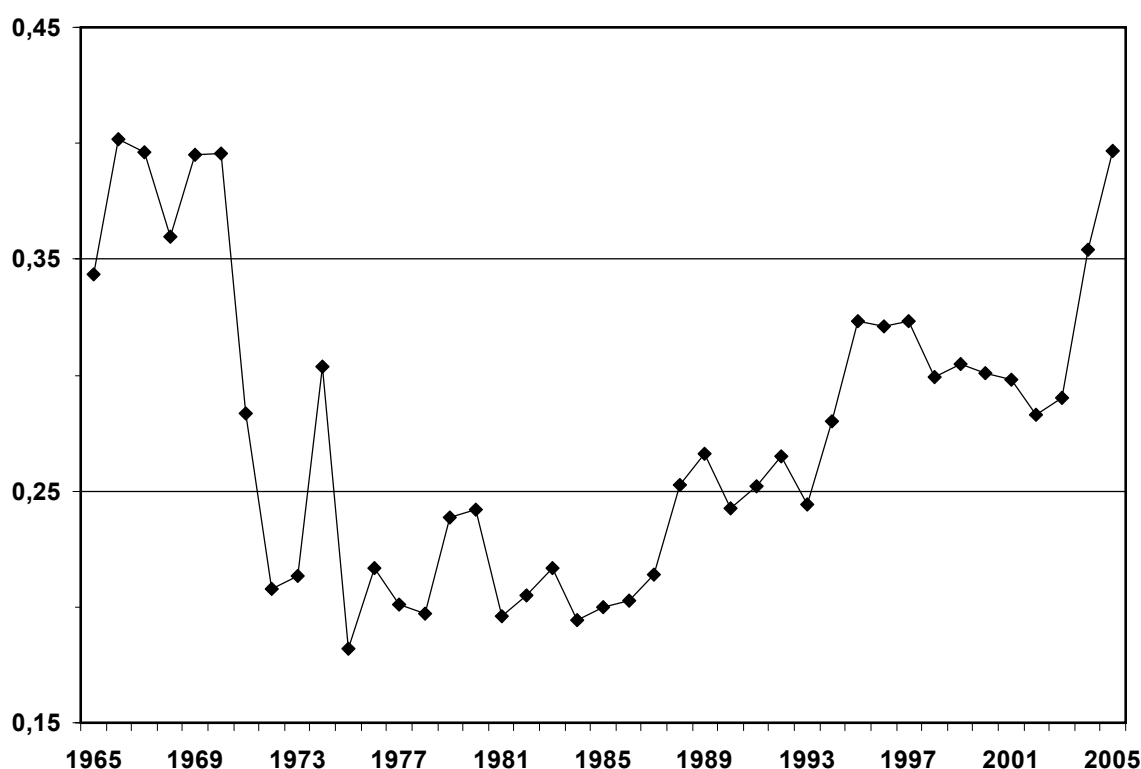
Fonte: FMI – Estatísticas Financeiras Internacionais (IFS). Elaboração: Funcex.

A desvalorização de 1982 não teve impacto imediato nas exportações do país, que ficaram girando na faixa de US\$ 3,5 bilhões a US\$ 4 bilhões até 1986. O dinamismo das exportações ressurgiu somente no fim dos anos oitenta, quando as exportações dobraram em cinco anos (entre 1987 e 1992). O comportamento voltou a ser irregular no período 1995-1999, quando as vendas estagnaram na faixa de US\$ 15 bilhões. O *boom* dos preços do cobre possibilitou uma forte expansão das exportações dos últimos anos, que registraram alta acumulada de nada menos que 123% no triênio 2003-2005.

Market-share no comércio mundial

Na segunda metade dos anos sessenta, o Chile tinha um *market-share* de 0,40% das exportações mundiais. Como outros países da América do Sul, o país perdeu participação nas exportações mundiais na primeira metade dos anos 70, reduzindo para apenas 0,18% em 1975. Isto ocorreu devido ao crescimento relativamente baixo das exportações do país (6% a.a.) em um momento em que o comércio mundial se expandia de forma acelerada. Entre 1975 e 1987, o *market-share* do país oscilou em torno de 0,20% (Gráfico IV.2).

Gráfico IV.2
Chile – *Market-share* nas exportações mundiais
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

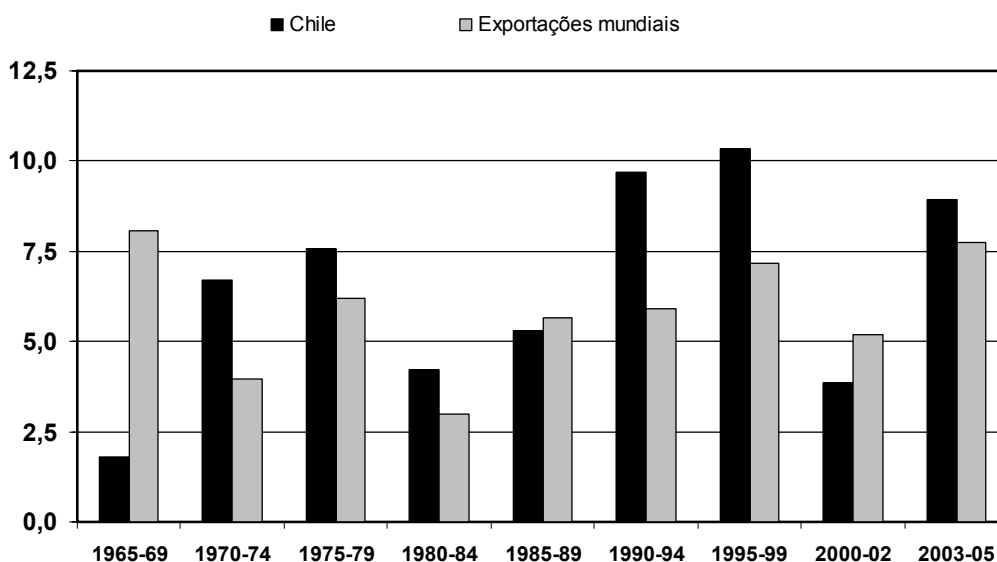
O aspecto mais notável da experiência exportadora chilena dos últimos vinte anos foi a gradual recuperação da sua participação nas exportações mundiais, quando comparada com outros exportadores de sucesso. Isto resultou da adoção de um bem-sucedido modelo de crescimento voltado para as exportações, fator que diferencia o Chile dos demais países da América do Sul. Após a forte desvalorização real de 1982, e com a manutenção de uma taxa de câmbio real desvalorizada durante vários anos, o Chile viu sua participação no comércio mundial aumentar lentamente ao longo do tempo, até atingir 0,32% em 1995.

O grande problema é que, como as exportações chilenas continuam ainda muito concentradas em minerais e produtos de cobre, o *market-share* do país é dependente da alta variabilidade dos preços desses metais. Assim, por exemplo, após a crise asiática de 1997 e a conseqüente queda dos preços das

commodities agrícolas e minerais, a participação chilena caiu de 0,32% em 1997 para 0,28% em 2002, muito embora este valor ainda fosse cerca de 40% superior ao ponto de partida de 1982. Já a forte recuperação dos preços no triênio 2003-2005 fez com que a participação retornasse aos mesmos 0,40% registrado nos anos 60.

O **Gráfico IV.3** apresenta a evolução do *quantum* exportado pelo Chile nos últimos 40 anos, comparativamente ao *quantum* das exportações mundiais. Observa-se que entre 1980 e 1984 as vendas do país cresceram a taxas anuais médias 40% superiores às mundiais, mas a participação chilena sofreu um declínio entre esses anos, devido à queda dos preços internacionais das *commodities*. Entre 1990-1994, mais uma vez as taxas anuais médias do Chile foram 64% superiores às do resto do mundo, mas a participação chilena no comércio mundial não se alterou. Somente em contextos de alta de preços internacionais, como em 1985-1989 ou em 2003-2005, o esforço de expansão do *quantum* permitiu uma expansão da participação nas exportações mundiais.

Gráfico IV.3
Chile e Mundo - Taxas anuais médias de crescimento do volumes exportado
Em % a.a.

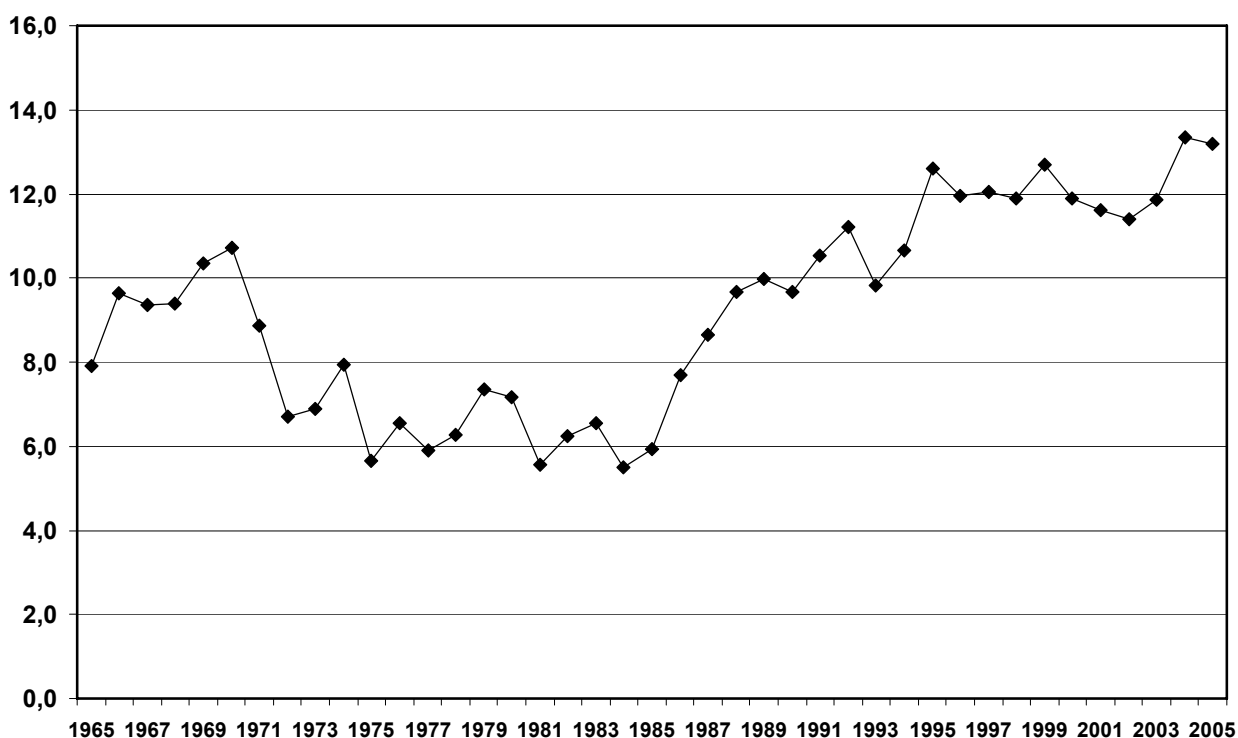


Fonte: CEPAL – Divisão de Desenvolvimento Econômico. Elaboração: Funcex.

Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados

O **Gráfico IV.4** mostra que a participação chilena nas exportações sul-americanas registrou queda entre 1965 e 1985, principalmente devido ao mau comportamento registrado no início dos anos 70 e na primeira metade dos anos 80. A partir de 1985, com a decolagem do modelo de crescimento exportador, o país voltou a ganhar espaço nas vendas externas da região até meados dos anos noventa. Entre 1995 e 2003 o ritmo de crescimento foi semelhante ao conjunto dos países sul-americanos, e sua participação no total manteve-se em torno de 12%. Somente nos últimos anos, com ajuda das fortes altas do preço internacional do cobre, a participação chilena voltou a crescer, atingindo 13,2% em 2005.

Gráfico IV.4
Exportações o Chile – Proporção das exportações sul-americanas
Em %

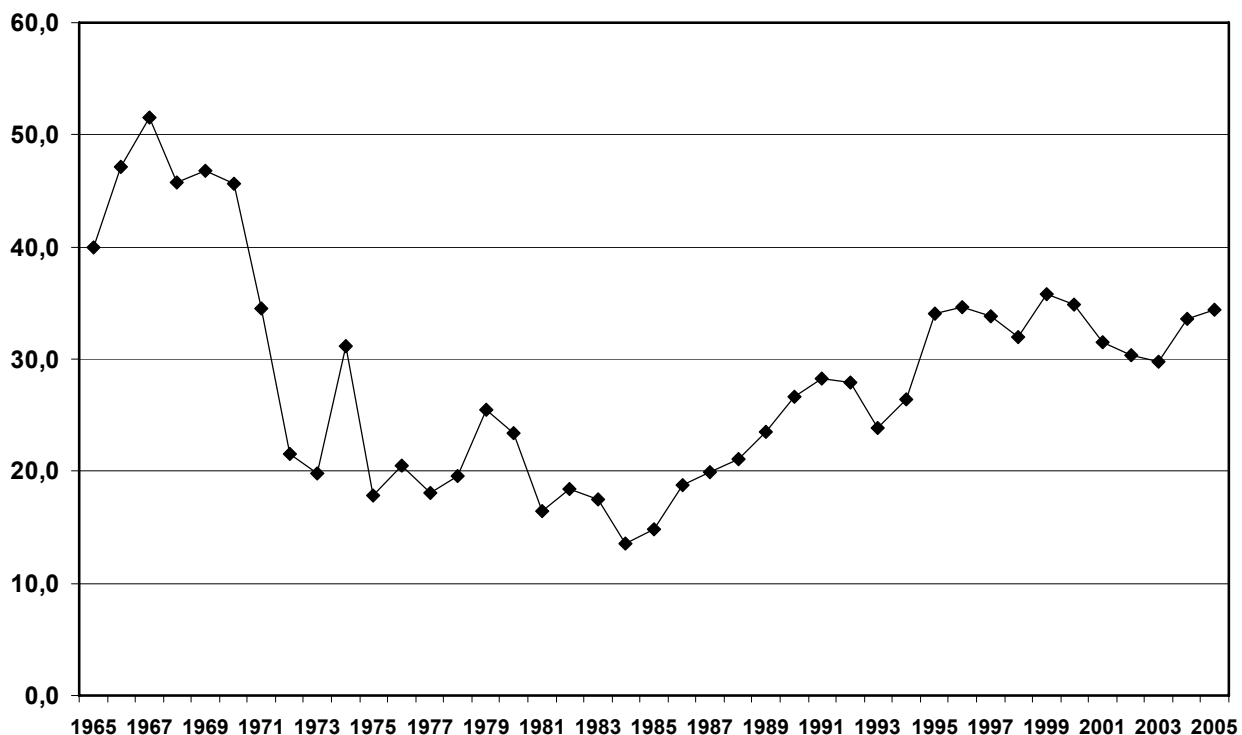


Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Comparativamente às exportações brasileiras, o desempenho do Chile foi bem menos favorável entre 1967 e 1984, de forma que suas vendas correspondiam a mais de 50% do total brasileiro no início do período e haviam caído para apenas 13,5% neste último ano (**Gráfico IV.5**). Entre 1985 e 1999, a combinação de rápido crescimento das exportações chilenas com a desaceleração do crescimento das vendas externas brasileiras permitiu a recuperação da proporção chilena, que, apesar de registrar participação significativa de 35,8% em 1999, ainda se mantinha abaixo das proporções registradas nos anos setenta.

O desempenho do Chile foi especialmente mais favorável entre os anos de 1986 e 1991, quando as vendas chilenas cresceram quase seis vezes mais rápido do que as brasileiras. Mesmo com a recuperação das exportações brasileiras após a desvalorização de 1999 as vendas chilenas ainda equivaliam a 34% do total brasileiro em 2005.

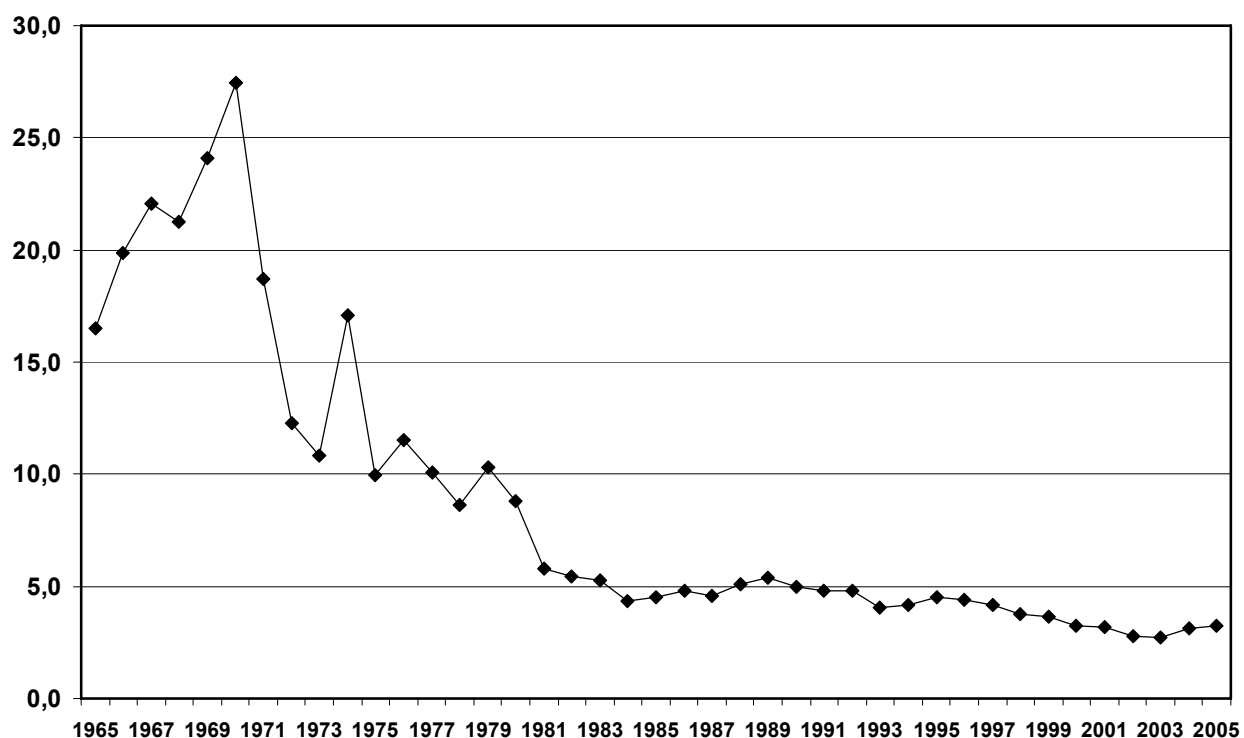
Gráfico IV.5
Exportações do Chile – Proporção das exportações do Brasil
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Quando se compara o Chile com três grandes exportadores como México, Coréia do Sul e China, observa-se que o desempenho do país foi mais favorável apenas entre 1965 e 1970, quando as vendas do país chegaram a equivaler a 27% do total vendido pelos três países. O **Gráfico IV.6** mostra que, a partir daí, o desempenho das exportações chilenas foi sistematicamente inferior ao destes países. É importante salientar que mesmo quando o Chile adotou um modelo de estímulo às exportações, seu desempenho foi inferior durante a maior parte do tempo. Em 2005, suas exportações correspondiam a apenas 3% do total vendido por México, Coréia do Sul e China.

Gráfico IV.6
Exportações do Chile – Proporção das exportações de México, Coréia do Sul e China
 Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

IV.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino

A estrutura de vendas externas chilenas por países e blocos de destino sofreu diversas modificações ao longo do período de análise (**Tabela IV.1**). Na segunda metade da década de sessenta a concentração por destino era alta: os Estados Unidos e a União Européia absorviam 78% das exportações chilenas. Na década seguinte, a participação americana caiu fortemente e as vendas foram direcionadas para o Mercosul, os Demais da América do Sul e os países asiáticos.

Nos anos oitenta, o mercado americano voltou a assumir grande importância e as exportações chilenas exibiram um maior grau de diversificação, com participações crescentes de África, Ásia-Pacífico e os Demais da Ásia. Nos anos noventa, os mercados asiáticos e africanos ganharam ainda maior importância, enquanto que os Estados Unidos e a União Européia tiveram suas participações reduzidas. Nessa década, a participação do Mercosul permaneceu estável, mas inferior aos níveis atingidos nos anos setenta. Na década atual, Estados Unidos, México e China ganharam participação como principais mercados de destino. Isto permitiu substituir a perda de importância de Mercosul e dos Demais da América do Sul.

Tabela IV.1
Participação de países e blocos selecionados no total das exportações chilenas

(Em %)

Anos	EUA	Mercosul	Demais da América do Sul	América Central	México	União Européia (15 países)	Demais da Europa
1965-69	22,3	6,8	1,6	0,1	0,7	55,8	0,3
1970-74	10,8	10,3	2,4	0,5	1,0	50,4	1,6
1975-79	11,1	18,1	6,0	0,6	0,7	41,9	2,1
1980-84	18,4	12,4	5,3	0,5	0,9	38,0	1,8
1985-89	18,6	9,3	4,5	0,6	0,5	38,4	1,8
1990-94	15,5	10,5	5,6	0,8	1,1	29,6	1,1
1995-99	15,1	11,3	7,1	1,0	2,3	25,0	1,7
2000-02	18,2	8,1	7,8	1,6	4,9	24,0	1,9
2003-05	15,8	6,4	5,5	2,0	4,3	23,9	2,0

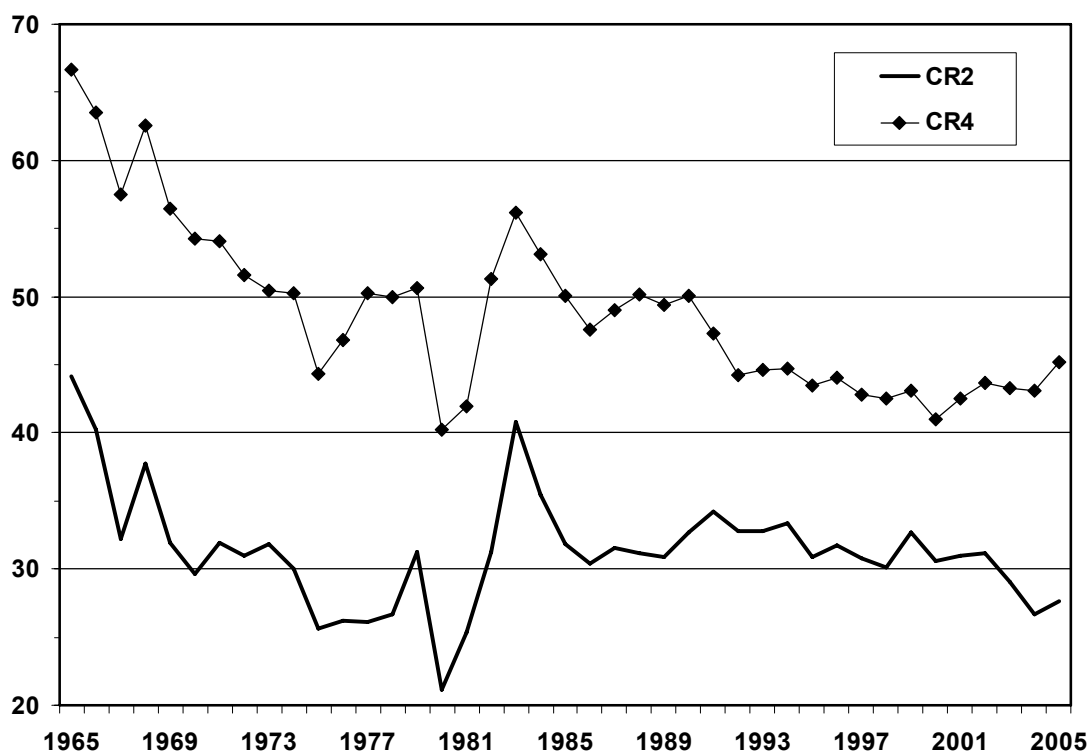
Anos	China	Oriente Médio	África	Ásia Pacífico*	Demais da Ásia	Demais países	Total
1965-69	0,2	0,0	0,0	0,0	12,0	0,2	100,0
1970-74	2,1	0,1	2,6	0,3	16,4	1,6	100,0
1975-79	1,2	1,1	2,9	1,6	12,0	0,9	100,0
1980-84	2,3	2,2	3,6	1,9	11,2	1,5	100,0
1985-89	1,8	1,6	5,2	3,5	12,6	1,5	100,0
1990-94	1,4	1,0	7,6	6,4	18,1	1,2	100,0
1995-99	2,5	0,9	6,1	8,7	16,9	1,4	100,0
2000-02	6,0	1,3	5,4	5,3	13,6	1,8	100,0
2003-05	10,6	0,9	5,4	7,1	13,4	2,8	100,0

Nota: (*) Os países que formam o bloco Ásia-Pacífico são: Cingapura, Coréia do Sul, Filipinas, Formosa, Hong Kong, Indonésia, Tailândia e Malásia.

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Desde os anos setenta o Chile não apresenta um alto grau de concentração de suas vendas nos dois principais países de destino (**Gráfico IV.7**). Essa proporção oscilou em torno de 30%, equivalente a países como Brasil e Argentina, e longe da forte concentração de alguns países andinos, como a Bolívia, por exemplo. Um outro indicador positivo de desconcentração de países de destino é que o indicador da concentração nos quatro principais países é inferior a 50%, indicando a existência de numerosos outros países que em conjunto absorvem mais de 50% das vendas chilenas.

Gráfico IV.7
**Exportações do Chile – Participação nas exportações totais
 de dois e dos quatro principais países de destino**
 Em %



Fonte: UN/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Como a maioria dos países da América do Sul, os Estados Unidos e algum país europeu foram os principais países de destino das exportações chilenas nos anos sessenta e setenta. Nas décadas seguintes os países europeus e os sul-americanos perderam importância principalmente para os asiáticos. Um elemento interessante do caso chileno refere-se à importância assumida pelo Japão como principal país em diversos períodos e até muito recentemente. O dinamismo econômico dos mercados, a geografia e os acordos comerciais são os fatores que explicam a composição dos quatro principais mercados de destino das exportações chilenas entre 2003 e 2005. Eles foram: Estados Unidos, Japão, China e Coreia do Sul, mostrando importante diferença em relação ao padrão dos demais países da região, que em geral têm como principais mercados os países da União Européia e outros da própria região, além dos Estados Unidos e também da China, em alguns casos.

IV.3. Distribuição das exportações segundo produtos

As exportações chilenas sempre foram muito concentradas em metais não ferrosos (cobre) e em minerais de cobre e seus concentrados. Em 1965-1969, em torno de 85% de suas exportações eram desses produtos. Quarenta anos depois, e após vinte anos de estratégias voltadas para diversificar exportações, o Chile ainda tem mais de 50% de suas exportações totais relacionadas aos mesmos dois produtos (Tabela IV.2).

Apesar desta concentração, houve avanços na participação de uma série de produtos ligados à dotação de recursos naturais do país. Assim, as exportações de frutas e pescados representavam apenas 2,4% da pauta na segunda metade dos anos sessenta, e passaram para cerca de 15% em 2003-2005. Os produtos do complexo da madeira são hoje também um importante componente das exportações: celulose, madeiras, papéis e manufaturas de madeira passaram de 3% das exportações em 1965-1969 para 10% no triênio 2003-2005.

Tabela IV.2
Participação nas exportações do Chile, segundo classificação CUCI
Produtos selecionados ordenados pela média do triênio 2003/2005

Produtos	(Em %)								
	1965-69	1970-74	1975-79	1980-84	1985-89	1990-94	1995-99	2000-02	2003-05
Metais não ferrosos	73,8	72,6	56,1	45,1	39,8	33,7	30,6	27,8	29,9
Minérios de metais e sucatas de metal	11,3	12,1	10,2	16,0	15,6	12,8	14,7	14,5	21,7
Frutas e vegetais	1,7	2,1	4,9	6,9	10,3	11,2	9,5	9,0	7,4
Peixes e seus preparados	0,7	0,7	1,6	2,6	4,4	7,0	7,7	8,8	7,2
Elementos e compostos químicos	0,7	1,3	1,7	1,7	2,2	2,8	3,1	4,1	4,0
Papel e celulose	1,4	2,2	4,2	4,7	4,5	5,1	5,5	5,6	3,7
Madeira, madeira serrada e cortiça	0,5	0,7	2,7	3,3	3,0	3,1	3,1	3,3	3,0
Bebidas	0,1	0,2	0,5	0,4	0,4	1,2	2,7	3,5	2,7
Transações especiais	0,1	0,0	0,3	0,4	0,8	1,6	1,7	2,5	2,2
Papel, papelão e seus produtos	1,1	1,2	1,7	1,3	1,3	1,4	1,6	2,2	2,0
Petróleo e derivados	0,0	0,3	0,6	1,5	0,2	0,3	0,3	1,2	1,8
Manufaturas de madeira e cortiça, exc. móveis	0,0	0,0	0,3	0,2	1,1	2,1	1,8	2,0	1,6
Alimentos para animais, exc. cereais não-móidos	2,0	1,6	3,9	6,9	7,4	4,9	3,3	1,7	1,4
Carnes e seus preparados	0,1	0,0	0,1	0,2	0,3	0,3	0,3	0,8	1,4
Produtos animais e vegetais em bruto	0,3	0,5	0,6	0,8	0,9	1,1	1,2	1,1	0,8
Equipamentos de transporte	0,3	0,3	0,4	1,2	0,6	1,2	1,4	1,5	0,7
Alimentos preparados diversos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,3	1,0	0,8	0,5
Artigos manufaturados diversos	0,2	0,1	0,2	0,2	0,4	1,2	1,3	0,9	0,4
Minerais e fertilizantes em bruto	2,7	1,5	1,2	1,1	0,8	0,6	0,5	0,4	0,3
Subtotal	97,0	97,4	91,3	94,5	94,4	92,2	91,4	91,6	92,8
Demais produtos	3,0	2,6	8,7	5,5	5,6	7,8	8,6	8,4	7,2
Total das exportações	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

O Chile conseguiu desenvolver exportações de produtos químicos, derivados do petróleo e fertilizantes, produtos surgidos muito provavelmente devido ao desenvolvimento de sua agricultura. Por último, além das frutas, o outro grande produto de sua agricultura são os vinhos, que já responderam por 2,7% no triênio 2003-2005.

Uma maneira alternativa de observar a mudança na estrutura de produtos exportados pelo Chile é através de uma classificação por categoria de produtos realizada pela CEPAL (**Tabela IV.3**). O Chile teve, desde os anos sessenta e até fim dos anos oitenta, entre 50% e quase 80% das suas exportações concentradas em produtos industrializados intensivos em recursos naturais, ou seja, em metais não ferrosos (cobre). Do restante, quase tudo se referia a bens primários.

Tabela IV.3
Chile – Proporção de tipos de produtos nas exportações totais

Produtos	(Em %)								
	1965/ 1969	1970/ 1974	1975/ 1979	1980/ 1984	1985/ 1989	1990/ 1994	1995/ 1999	2000/ 2002	2003/ 2005
Bens primários	17,5	15,9	19,6	26,2	28,6	30,8	31,4	31,3	34,6
Bens industrializados	82,4	84,1	80,1	73,5	70,5	67,6	66,8	66,1	63,9
Tradicionalis	3,5	4,0	11,1	13,4	17,1	20,0	20,4	18,9	17,3
Alimentos, bebidas e fumo	2,8	2,9	7,1	10,3	12,3	11,8	12,1	10,8	10,3
Outros tradicionalis	0,7	1,1	3,9	3,2	4,8	8,1	8,3	8,1	7,0
Não tradicionalis	78,8	80,1	69,1	60,0	53,4	47,6	46,4	47,1	46,7
(1)	78,2	79,6	67,9	58,2	52,3	45,1	43,2	43,7	44,3
(2) e (3)	0,7	0,6	1,2	1,8	1,1	2,5	3,2	3,4	2,3

Notas: (1) Bens industrializados intensivos em economias de escala e recursos naturais.

(2) e (3) Bens industrializados difusores do progresso técnico e bens duráveis.

Obs: Os percentuais não somam 100% devido à existência de um pequeno grupo de produtos não classificados.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional. Elaboração: Funcex.

A partir dos anos oitenta, duas tendências se destacam na estrutura das exportações: primeiro, um forte crescimento dos bens primários, como resultado das exportações de frutas e pescado; e segundo, um aumento da participação dos bens industrializados tradicionalis, como resultado das exportações de vinhos e de manufaturas associadas à base de recursos naturais.

Diferentemente de outros países da região, como o Brasil e a Argentina, o Chile não conseguiu elevar de forma significativa a participação dos bens duráveis e difusores do progresso técnico nas suas exportações.

Tipos de produtos para os principais mercados⁷

As vendas do Chile para os países da América Latina e Caribe constituem a estrutura mais diversificada de suas exportações (Tabela IV.4). Para estes, o Chile exporta aproximadamente 20% de bens primários (com proporções iguais de produtos agrícolas e minerais), entre 25% e 30% de produtos industriais tradicionalis (alimentos, bebidas e outros), entre 30 e 40% de cobre e entre 10% e 12% de bens duráveis e difusores de progresso técnico.

As vendas para outros destinos estão mais concentradas em uma ou duas categorias de produtos. Por exemplo, as vendas para os Estados Unidos concentram-se em produtos agrícolas (30% a 35%) e cobre (em torno de 36%). No caso de Japão, o Chile vende minerais (entre 30% e 55%) e cobre (entre 30% e 45%). Exemplos máximos de concentração são os mercados da União Européia, Ásia-Pacífico e China. Para esses blocos e países, o Chile exporta entre 60% e 70% de cobre.

Assim, apesar de ter conseguido diversificar parcialmente sua estrutura exportadora ao longo do tempo, esse processo mostra-se extremamente dependente dos mercados da região. Nos outros mercados de destino, as exportações chilenas continuam sendo altamente concentradas em poucos produtos.

⁷ O termo "Região" refere-se a 33 países da América Latina e o Caribe; o termo "Ásia Pacífico-10" engloba os seguintes países e territórios: Austrália, Filipinas, Hong Kong (Região Administrativa Especial de China), Indonésia, Malásia, Nova Zelândia, República de Coréia, Singapura, Tailândia e outros da Ásia não especificados. China e Japão se apresentam separadamente.

Tabela IV.4
Chile - Composição das exportações de bens segundo destino, por categorias

(Em %)

Categorias	1990							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	29,7	39,7	20,2	20,7	32,5	34,6	17,1	26,9
Agrícolas	10,6	36,5	12,1	9,7	1,3	11,8	15,5	15,8
Minerais	19,1	3,1	8,1	11,0	31,2	22,7	1,6	11,1
Energéticos	0,0	---	0,0	---	---	---	0,0	0,0
Bens industrializados	69,7	60,3	79,7	79,2	67,5	65,4	63,6	71,8
Alimentos, bebidas e fumo	13,3	8,4	8,5	13,9	2,9	8,7	20,0	10,4
Outros tradicionais	8,3	9,4	3,0	1,0	3,8	10,3	14,5	6,5
Com elevadas EE e intensivos em RN	42,2	39,6	68,0	64,1	60,0	46,5	28,6	53,5
Duráveis	2,8	0,1	0,1	0,1	---	0,0	0,2	0,5
Difusores de progresso técnico	3,0	2,7	0,1	0,1	0,8	0,0	0,3	0,9
Outros bens	0,7	0,1	0,0	0,1	0,0	0,0	19,2	1,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	1994							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	21,7	38,3	27,3	17,0	18,9	50,9	23,6	30,2
Agrícolas	10,7	32,4	14,7	9,7	0,8	19,7	13,1	16,5
Minerais	10,9	5,9	12,6	7,3	18,1	31,2	10,5	13,7
Energéticos	0,1	---	---	---	---	---	0,0	0,0
Bens industrializados	77,3	61,4	72,5	83,0	81,1	49,1	54,3	68,1
Alimentos, bebidas e fumo	17,0	10,0	9,8	14,1	3,5	8,1	26,4	12,7
Outros tradicionais	14,3	13,7	2,2	3,1	2,6	11,4	7,6	8,8
Com elevadas EE e intensivos em RN	32,9	36,0	60,0	65,5	75,0	29,6	18,6	43,2
Duráveis	8,1	0,3	0,4	0,0	---	0,0	1,0	2,0
Difusores de progresso técnico	5,1	1,5	0,2	0,3	0,0	0,0	0,7	1,5
Outros bens	1,0	0,2	0,2	0,0	0,0	0,1	22,1	1,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	2004							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	20,7	35,6	27,7	25,5	28,8	75,4	53,0	35,5
Agrícolas	8,3	32,2	10,8	5,5	1,4	19,8	8,4	12,7
Minerais	11,6	3,3	17,0	20,0	27,5	55,5	30,0	21,3
Energéticos	0,8	0,1	---	---	---	0,2	14,6	1,5
Bens industrializados	77,0	63,4	71,9	74,4	71,1	24,5	46,4	63,8
Alimentos, bebidas e fumo	14,4	8,3	10,2	6,8	4,4	9,5	9,0	9,5
Outros tradicionais	10,1	20,3	1,6	1,3	0,7	6,0	5,1	6,6
Com elevadas EE e intensivos em RN	43,6	32,7	59,8	65,5	66,0	8,9	31,8	45,6
Duráveis	3,5	0,3	0,1	0,6	---	0,0	0,1	0,8
Difusores de progresso técnico	5,4	1,7	0,3	0,1	0,0	0,0	0,5	1,4
Outros bens	2,3	1,0	0,3	0,1	0,1	0,1	0,6	0,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: CEPAL – Divisão de Comércio e Integração Internacional. Elaboração: Funcex.

IV.4. Conclusão e perspectivas

O Chile conseguiu diversificar os mercados de destino, avançou na diversificação da estrutura de produtos, ampliando a base de recursos naturais de sua especialização exportadora, e teve uma das maiores taxas de crescimento das exportações entre os países da região no período 1965-2005. Mas esta expansão exportadora apresenta duas debilidades. Em primeiro lugar, o país ainda é extremamente dependente das exportações de cobre e, conseqüentemente, da volatilidade de seus preços internacionais. Em segundo lugar, o país diversificou seus mercados, mas na maioria deles, com exceção

dos da América Latina, o Chile exporta uma ou duas categorias de produtos, sendo, portanto, muito dependente das variações do ciclo econômico dos seus compradores.

As debilidades apontadas, contudo, não significam que o Chile não poderá expandir suas exportações a taxas razoáveis nos próximos anos. Na realidade, o país está se beneficiando da expansão da demanda chinesa, que é hoje o terceiro mercado de destino das vendas chilenas. Portanto, na medida em que a demanda chinesa continue forte ou em patamares um pouco menores, seguirá sendo um forte estímulo às exportações do país.

Adicionalmente, não se deve esquecer que o país tem demonstrado capacidade para diversificar exportações a partir de sua dotação de recursos naturais: frutas, peixes, madeiras, vinhos. Assim, pode-se esperar que venham a surgir no futuro novos produtos que contribuam para uma maior diversificação da pauta exportadora chilena.

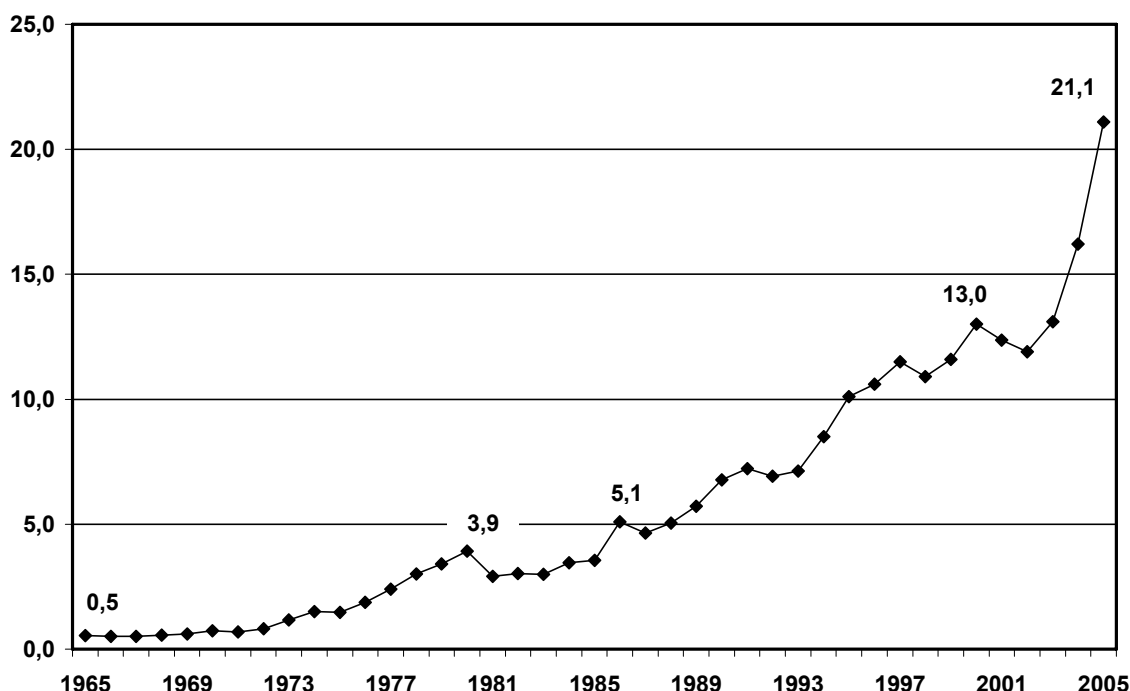
V. COLÔMBIA

V.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações

Evolução geral das exportações

A Colômbia teve uma trajetória exportadora semelhante à de outros países sul-americanos no período 1965-2005, com períodos sustentados de crescimento, seguidos de pequenas estagnações ou desacelerações. O país começou exportando US\$ 0,5 bilhão em 1965 e chegou a exportar US\$ 21,1 bilhões em 2005, o que representa um crescimento médio anual de 9,6%, similar à média dos países da região (**Gráfico V.1**).

Gráfico V.1
Colômbia – Exportações anuais
Em US\$ Bilhões



Fonte: FMI – Estatísticas Financeiras Internacionais (IFS). Elaboração: Funcex.

A expansão das exportações colombianas na década de setenta foi resultado das vendas de café que, na época, representavam entre 50% e 60% das exportações totais e cujos valores anuais médios triplicaram entre 1970-1974 e 1975-1979.

A segunda expansão, a partir de 1986, foi resultado de vendas de café e petróleo, mas a Colômbia já contava com uma estrutura exportadora mais diversificada, onde também se destacavam produtos como têxteis e vestuário, químicos, plásticos, manufaturas de minerais não metálicos e frutas.

O desempenho exportador colombiano entre 1986 e 2000 merece destaque. As exportações cresceram 156%, a uma taxa anual equivalente a 7%, o que resulta comparável com o desempenho chileno na

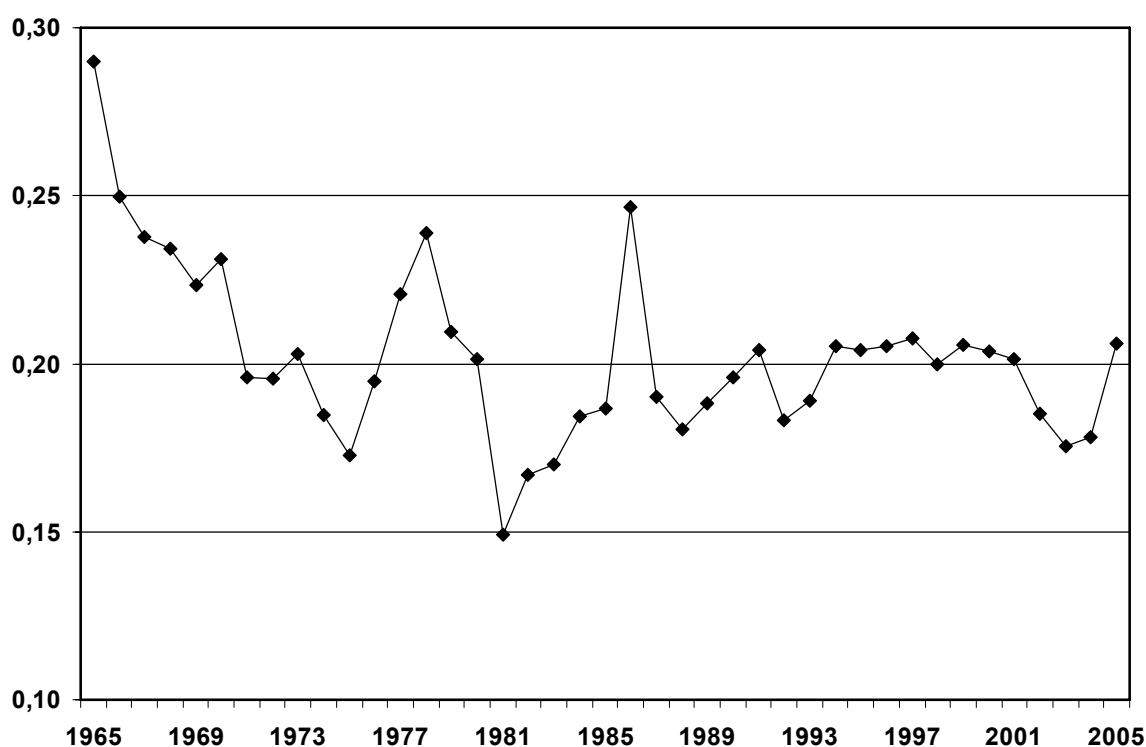
mesma época. Na presente década, as exportações vêm apresentando taxas muito elevadas de crescimento, motivadas pelos preços do petróleo. Mas se observa também um forte avanço das vendas daqueles produtos que entraram na pauta exportadora no final dos anos oitenta.

Market-share no comércio mundial

A Colômbia tinha uma participação em torno de 0,25% das exportações mundiais no final dos anos sessenta e, como outros países sul-americanos, perdeu participação na virada da década de sessenta e começo dos anos setenta. É notável, contudo, o fato de que o país conseguiu manter um *market-share* relativamente estável nas décadas seguintes, quase sempre entre 0,18% e 0,20%, não se verificando oscilações acentuadas nessa participação como as registradas por outros países sul-americanos (**Gráfico V.2**). Houve apenas alguns curtos episódios de queda mais expressiva (como em 1975 e 1981-1983), assim como alguns momentos de alta (1977-1978 e 1986).

A deterioração do *market-share* no início dos anos oitenta coincide com a estagnação das exportações colombianas, motivada pela queda dos valores exportados de café.

Gráfico V.2
Colômbia – *Market-share* nas exportações mundiais
Em %



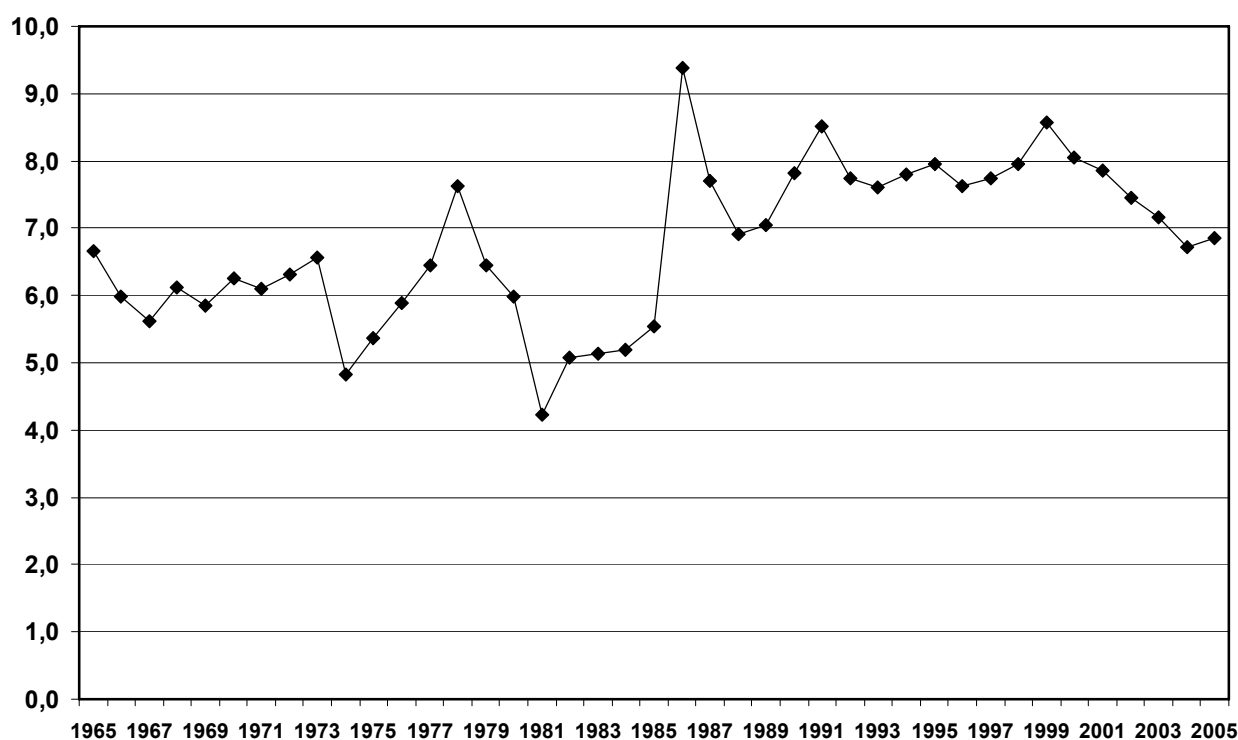
Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados

As exportações colombianas representavam em torno de 6% das exportações sul-americanas no fim dos anos sessenta. O crescimento das exportações do país na segunda metade dos anos setenta permitiu aumentar essa participação para mais de 7% em 1978 (**Gráfico V.3**).

Após a estagnação exportadora de início dos anos oitenta, a Colômbia recuperou participação nas exportações sul-americanas, que permaneceu durante um longo período oscilando em torno de 8% do total. Apesar do importante crescimento observado na presente década, as exportações colombianas não foram tão dinâmicas como as do resto da região, o que resultou na perda de participação do país nas exportações totais sul-americanas, que se reduziu para 6,9% em 2005.

Gráfico V.3
Exportações da Colômbia – Proporção das exportações sul-americanas
Em %



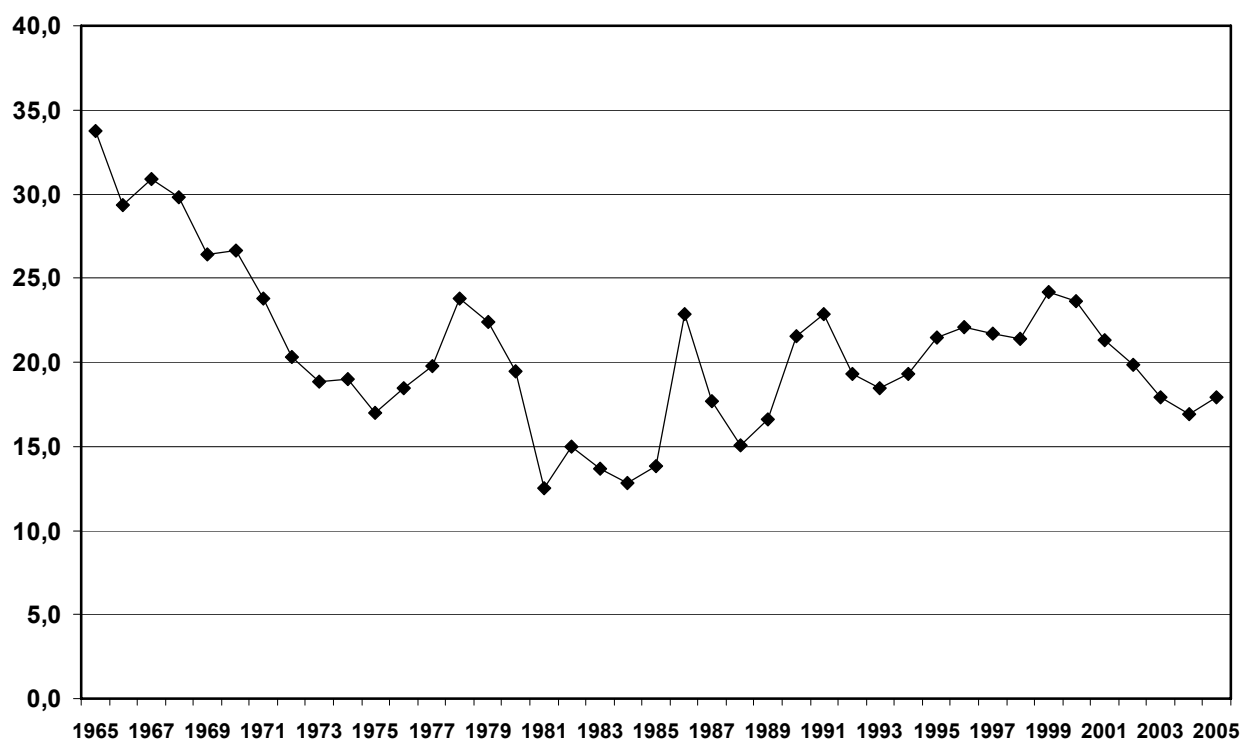
Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Com relação às exportações brasileiras, o desempenho das exportações colombianas foi bem menos dinâmico entre 1965 e 1981, de forma que elas correspondiam a 34% das vendas brasileiras no ano inicial e reduziram-se para 12,5% neste último ano (**Gráfico V.4**).

A situação se inverteu nas duas décadas seguintes. De fato, a forte expansão exportadora pós-1986 permitiu que as vendas da Colômbia recuperassem terreno e passassem a corresponder a 24% das brasileiras em 1999. Nos anos mais recentes, porém, as exportações colombianas não acompanharam o dinamismo dos fluxos de exportação do Brasil e essa proporção caiu para 18% em 2005.

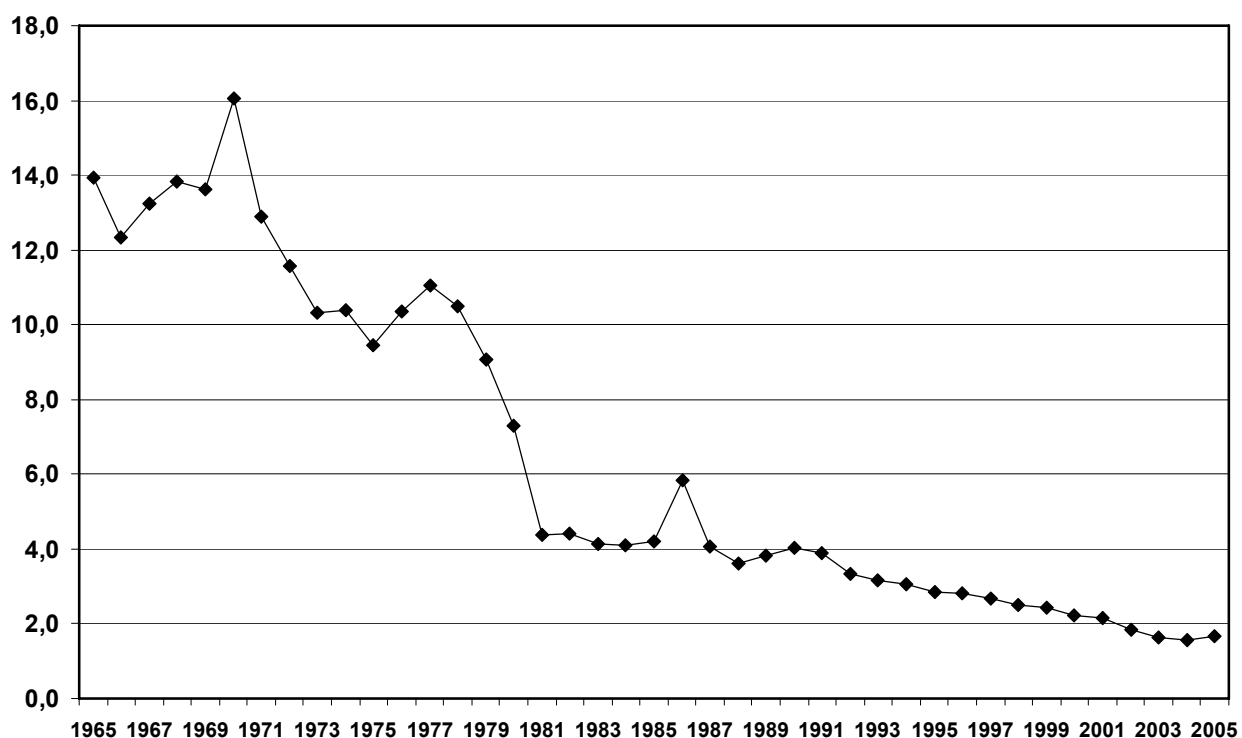
Em comparação com México, Coréia do Sul e China, as exportações colombianas correspondiam a pouco menos de 14% do total exportado por estes países entre 1965 e 1969 (**Gráfico V.5**). Este percentual reduziu-se de forma contínua a partir de 1971, atingindo 4% em 1981. Houve uma certa estabilização da proporção na segunda metade dos anos oitenta, quando as exportações colombianas mantiveram-se em expansão, mas na década de noventa a proporção voltou a cair e hoje se encontra abaixo de 2% do total exportado por México, Coréia do Sul e China.

Gráfico V.4
Exportações da Colômbia – Proporção das exportações do Brasil
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Gráfico V.5
Exportações da Colômbia – Proporção das exportações de México, Coréia do Sul e China
 Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

V.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino

A Colômbia tinha inicialmente uma alta concentração em termos do destino (países e blocos) de suas exportações: de fato, 82% das vendas externas da Colômbia destinavam-se aos mercados dos Estados Unidos e da União Européia na segunda metade dos anos sessenta (**Tabela V.1**).

A concentração geográfica das exportações começou a reduzir-se nos anos setenta. Os Estados Unidos perderam participação e os Demais de América do Sul (exceto Mercosul) ganharam peso, especialmente na segunda metade da década. Ainda assim, até o final dos anos oitenta Estados Unidos e a União Européia continuaram dominando a pauta das exportações colombianas, com mais de 70% das vendas.

A partir dos anos noventa, a União Européia perdeu importância como bloco de destino das exportações da Colômbia enquanto os Estados Unidos e os Demais da América do Sul ganharam participação.

Apesar da facilidade de conexão com Ásia, os países dessa região nunca chegaram a constituir importantes mercados para as vendas colombianas. América Central e, em menor medida, o México foram ganhando participação a partir dos anos noventa em diante. Vale destacar ainda a baixíssima participação dos países do Mercosul ao longo de todo o período analisado.

Tabela V.1
Participação de países e blocos selecionados no total das exportações colombianas

(Em %)

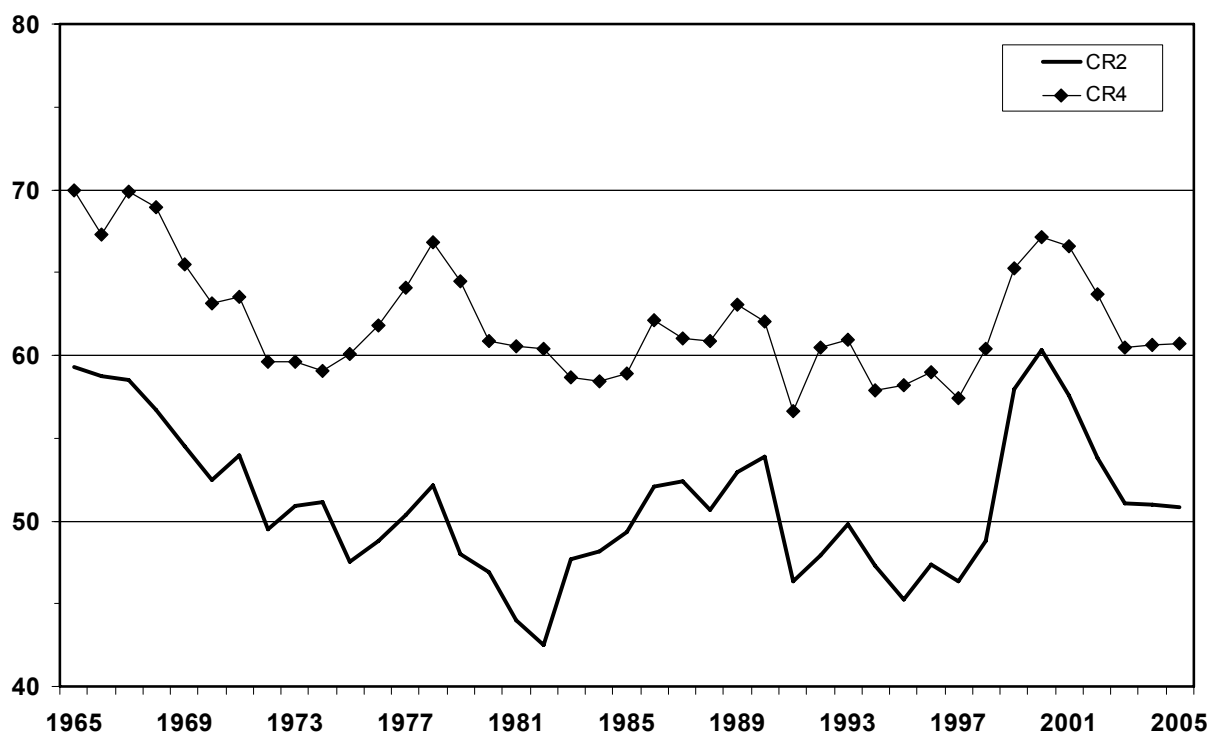
Anos	EUA	Mercosul	Demais da América do Sul	América Central	México	União Européia (15 países)	Demais da Europa
1965-69	43,0	1,6	4,3	4,5	0,1	39,0	3,5
1970-74	37,4	2,2	9,7	4,3	0,4	35,1	4,6
1975-79	30,0	1,6	12,2	3,1	0,3	43,0	3,7
1980-84	26,9	1,8	10,8	3,2	0,5	43,0	4,2
1985-89	37,4	1,2	8,1	4,5	0,3	35,2	3,4
1990-94	39,8	1,6	13,9	5,7	1,0	27,4	1,8
1995-99	40,5	1,9	19,5	5,2	1,1	21,7	1,6
2000-02	46,2	1,9	21,0	7,2	2,1	13,9	1,4
2003-05	42,0	1,0	20,5	8,8	3,0	14,5	1,4

Anos	China	Oriente Médio	África	Ásia Pacífico*	Demais da Ásia	Demais países	Total
1965-69	0,0	0,1	0,2	0,1	1,5	2,2	100,0
1970-74	0,0	0,1	0,3	0,4	2,9	2,7	100,0
1975-79	0,1	0,2	1,1	0,1	2,8	1,9	100,0
1980-84	0,1	0,2	1,8	0,3	4,2	2,9	100,0
1985-89	0,1	0,5	1,7	0,5	4,6	2,6	100,0
1990-94	0,1	0,8	1,0	0,9	3,6	2,5	100,0
1995-99	0,2	0,6	1,5	0,8	3,0	2,4	100,0
2000-02	0,2	0,7	1,5	0,7	1,7	1,7	100,0
2003-05	0,9	1,0	2,3	1,0	1,8	2,0	100,0

Nota: (*) Os países que formam o bloco Ásia-Pacífico são: Cingapura, Coréia do Sul, Filipinas, Formosa, Hong Kong, Indonésia, Tailândia e Malásia.

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Gráfico V.6
Exportações da Colômbia – Participação nas exportações totais de dois e dos quatro principais países de destino
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

O resultado dessa alta concentração geográfica no destino das vendas externas colombianas pode ser visto no **Gráfico V.6**. A participação dos dois principais mercados (CR2) foi de 60% na segunda metade da década de sessenta, caindo posteriormente para 50% e oscilando em torno desse valor desde então. Comparado com o Brasil, a Argentina ou o próprio Chile, a Colômbia apresenta uma concentração singularmente elevada de suas vendas nos dois principais países de destino.

Os Estados Unidos foram sempre, inquestionavelmente, o principal mercado de destinos das vendas externas colombianas. Alemanha, e depois Venezuela, ocuparam o posto de segundo principal mercado. Entre 2003-2005, os quatro principais mercados foram Estados Unidos, Venezuela, Equador e Peru, nessa ordem. Os três últimos mercados exemplificam a importância dos países da Comunidade Andina nas vendas colombianas.

V.3. Distribuição das exportações segundo produtos

Na segunda metade dos anos sessenta, o petróleo e o café constituíam 76% das exportações colombianas totais. Se a esses dois produtos forem adicionadas as frutas, o açúcar e as fibras têxteis, essa proporção chegava a quase 86% (**Tabela V.2**).

Até o final da década de oitenta, o petróleo e o café concentravam em torno de 60% das exportações, mas outros produtos já despontavam com alguma importância na pauta, como o carvão (entre 5,5% e 7,7%), o vestuário e os produtos têxteis (entre 6% e 7%), os produtos do aço (entre 0,7% e 2,3%), o material plástico, os produtos químicos e as máquinas e equipamentos.

Tabela V.2
Participação nas exportações da Colômbia, segundo classificação CUCI
Produtos selecionados ordenados pela média do triênio 2003/2005

	1965-69	1970-74	1975-79	1980-84	1985-89	1990-94	1995-99	2000-02	2003-05
Petróleo e derivados	14,0	7,8	4,1	7,7	19,1	20,3	25,6	30,3	26,7
Coque e carvão	0,0	0,1	0,3	0,5	5,5	7,7	7,6	8,2	11,9
Café, chá, cacau, condimentos e seus preparados	62,2	51,6	60,2	53,2	40,7	20,7	17,9	8,0	7,6
Vestuário	0,1	1,7	2,4	2,9	3,2	7,0	4,4	4,5	4,9
Ferro e aço	0,1	0,4	0,1	0,7	2,3	2,0	1,9	2,8	4,9
Produtos animais e vegetais em bruto	0,1	0,7	1,7	3,5	3,5	4,7	5,0	5,1	4,7
Materiais plásticos	0,1	0,3	0,3	0,5	1,4	2,1	2,7	2,6	3,8
Frutas e vegetais	4,1	2,4	3,1	4,7	4,8	6,5	4,9	4,1	3,3
Equipamentos de transporte	0,0	0,4	0,6	0,5	0,2	0,5	1,3	3,0	2,7
Artigos manufaturados diversos	0,3	1,1	1,9	2,0	2,2	2,9	2,4	2,6	2,5
Açúcar, seus preparados e mel	2,3	3,6	1,9	2,9	1,2	2,1	2,9	2,7	2,4
Manufaturas de minerais não-metálicos	1,3	4,6	2,1	2,9	2,2	4,8	3,2	2,6	2,3
Papel, papelão e seus produtos	1,2	0,3	0,7	1,0	0,6	0,8	1,3	1,8	1,9
Fios têxteis, tecidos e artigos confeccionados	1,8	4,3	3,8	2,8	2,0	2,4	2,4	1,8	1,8
Materiais e produtos químicos	0,2	0,8	0,7	0,9	0,9	1,4	1,9	1,9	1,6
Máquinas elétricas, instrumentos e dispositivos	0,1	0,3	0,4	0,5	0,3	0,8	1,1	1,6	1,5
Produtos medicinais e farmacêuticos	0,4	0,6	0,4	0,5	0,3	0,4	1,4	1,9	1,5
Materiais de perfum. e prep. de higiene e limpeza	0,0	0,1	0,2	0,1	0,1	0,2	0,7	1,0	1,2
Máquinas, exc. elétrica	0,5	1,0	1,3	1,1	0,7	1,0	0,8	0,9	1,1
Manufaturas de metais	0,3	0,8	1,1	1,1	0,5	0,8	0,9	1,2	1,1
Peixes e seus preparados	0,4	0,9	0,9	1,0	1,1	2,3	1,9	1,4	1,0
Fumo e seus produtos	1,1	1,3	0,9	0,7	0,4	0,5	0,2	0,3	0,4
Carnes e seus preparados	0,4	2,4	1,1	1,0	0,3	0,2	0,1	0,1	0,1
Fibras têxteis não manufaturadas e desperdícios	3,6	4,5	2,9	1,7	1,2	0,8	0,2	0,1	0,1
Subtotal	94,6	91,8	93,3	94,5	94,6	93,1	92,6	90,6	90,9
Demais produtos	5,4	8,2	6,7	5,5	5,4	6,9	7,4	9,4	9,1
Total das exportações	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Na década de noventa, o petróleo ganhou participação e transformou-se no principal produto da pauta exportadora. A proporção representada pelos dois principais produtos continuou caindo, agora para 40% do total, como resultado da diminuição da participação das vendas de café. O carvão se transformou no terceiro principal produto exportado pela Colômbia, mas outros complexos exportadores conseguiram manter sua presença na pauta. Assim, o complexo têxtil manteve participação entre 7% e 10%; frutas e vegetais aumentaram sua participação para mais de 5% e os plásticos e produtos químicos para 4% do total. Novos produtos apareceram, tais como pescados, produtos farmacêuticos, maquinaria elétrica e produtos metalúrgicos não ferrosos.

A presente década registra a consolidação do petróleo e do carvão como os dois principais produtos exportados. Juntos eles somam mais de 37% das vendas externas da Colômbia. O café tem sido, nos últimos anos, o terceiro principal produto, com uma participação em torno de 8%. A pauta é hoje muito menos concentrada que na década de sessenta – quatorze produtos totalizam 81%, contra cinco produtos na segunda metade dos anos sessenta –, mas a participação dos dois principais produtos (petróleo e carvão) ainda permanece bastante elevada.

Por causa da forte participação de café, petróleo e carvão, a Colômbia manteve uma alta proporção de produtos primários na sua pauta exportadora, desde os anos sessenta, quando ela superava 80%, até finais da década de noventa, quando a participação ainda era próxima de 60%. Ainda que a Colômbia não tenha experimentado uma expressiva inversão da proporção entre bens primários e industrializados nos seus fluxos de exportação, como no caso brasileiro ou argentino, a **Tabela V.3** mostra uma participação crescente dos produtos industrializados na pauta, mas com alta volatilidade. As oscilações decorrem de flutuações nos preços das três principais *commodities* exportadas pelo país.

A Tabela mostra ainda que houve avanços em três categorias de produtos industrializados: outros produtos tradicionais, bens industrializados intensivos em economias de escala e recursos naturais e bens duráveis e difusores do progresso técnico.

No caso dos outros tradicionais, a participação passou de 5,3% entre 1965-1969 para 15,5%, em 2003-2005. Esse avanço é resultado das vendas de vestuário e de outros produtos do complexo têxtil. No caso dos bens intensivos em economias de escala, a participação saltou de 5,9% para 22,9% no mesmo período como resultado do salto exportador registrado nas vendas ao exterior de derivados de aço, papel, produtos metalúrgicos não ferrosos e produtos químicos. Por último, ainda que com uma presença modesta, os bens duráveis e difusores do progresso técnico aumentaram seis vezes sua participação na pauta, passando de 1,2% para 7,3%, expansão que esteve relacionada às exportações de máquinas e equipamentos.

Tabela V.3
Colômbia – Proporção de tipos de produtos nas exportações totais da Colômbia

Produtos	(Em %)								
	1965/ 1969	1970/ 1974	1975/ 1979	1980/ 1984	1985/ 1989	1990/ 1994	1995/ 1999	2000/ 2002	2003/ 2005
Bens primários	84,0	66,1	70,3	64,5	67,4	57,9	58,3	50,8	47,1
Bens industrializados	15,9	33,8	28,9	34,4	31,3	41,8	41,6	49,2	52,4
Tradicionalis	8,9	21,9	18,3	19,2	15,6	25,6	20,7	20,8	22,1
Alimentos, bebidas e fumo	3,6	7,1	5,2	6,0	3,6	4,8	6,0	6,1	6,6
Outros tradicionalis	5,3	14,9	13,0	13,3	12,0	20,8	14,7	14,7	15,5
Não tradicionalis	7,0	11,9	10,7	15,1	15,8	16,2	20,9	28,4	30,3
(1)	5,9	9,4	7,8	12,3	13,9	13,1	15,6	20,0	22,9
(2) e (3)	1,2	2,4	2,9	2,8	1,8	3,1	5,3	8,3	7,3

Notas: (1) Bens industrializados intensivos em economias de escala e recursos naturais.

(2) e (3) Bens industrializados difusores do progresso técnico e bens duráveis.

Obs: Os percentuais não somam 100% devido à existência de um pequeno grupo de produtos não classificados.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional. Elaboração: Funcex.

Tipos de produtos para os principais mercados⁸

A Colômbia exporta altas proporções de bens industrializados para América Latina e o Caribe e também para outros países. Na região, o país exporta principalmente bens industrializados tradicionais e aqueles com elevadas economias de escala e intensivos em recursos naturais. Por exemplo, em 2004, 88% das exportações colombianas para a região foram de produtos industrializados. Destaca-se ainda, entre os industrializados, a participação de outros tradicionais, com 24%, e também a dos bens difusores do progresso técnico (12,3%).

No caso dos Estados Unidos e da União Européia, a Colômbia exporta majoritariamente bens primários. Para os Estados Unidos, a proporção mais alta é de produtos energéticos (petróleo e carvão); para a União Européia, as proporções de bens agrícolas e energéticos são semelhantes.

⁸ O termo "Região" refere-se a 33 países da América Latina e o Caribe; o termo "Ásia Pacífico-10" engloba os seguintes países e territórios: Austrália, Filipinas, Hong Kong (Região Administrativa Especial de China), Indonésia, Malásia, Nova Zelândia, República de Coréia, Singapura, Tailândia e outros da Ásia não especificados. China e Japão se apresentam separadamente.

Tabela V.4
Colômbia - Composição das exportações de bens segundo destino, por categorias

(Em %)

Categorias	1990							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	22,7	66,7	82,0	53,8	64,4	49,7	72,9	63,4
Agrícolas	7,1	21,6	58,6	36,1	64,4	46,6	51,1	32,5
Minerais	0,1	0,0	0,0	1,2	---	0,1	0,0	0,0
Energéticos	15,5	45,2	23,4	16,5	---	3,1	21,7	30,8
Bens industrializados	76,5	32,9	17,4	45,9	35,6	45,7	26,9	36,0
Alimentos, bebidas e fumo	6,2	5,2	2,2	5,0	7,7	5,8	3,8	4,5
Outros tradicionais	39,6	12,8	6,6	8,6	2,6	35,4	15,2	16,5
Com elevadas EE e intensivos em RN	23,7	14,1	8,4	31,8	0,0	4,4	7,3	13,4
Duráveis	1,0	0,1	0,0	0,1	---	0,0	0,1	0,2
Difusores de progresso técnico	6,0	0,7	0,2	0,3	25,3	0,2	0,4	1,4
Outros bens	0,8	0,4	0,7	0,3	0,0	4,6	0,3	0,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	1994							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	8,6	64,8	81,5	51,8	21,2	61,1	59,9	56,6
Agrícolas	3,4	31,7	67,7	46,3	21,2	59,7	44,0	38,1
Minerais	0,1	0,0	0,0	---	---	1,2	0,0	0,1
Energéticos	5,1	33,1	13,8	5,5	---	0,2	15,9	18,4
Bens industrializados	91,4	35,1	18,5	48,1	78,8	38,9	40,1	43,4
Alimentos, bebidas e fumo	10,0	2,8	4,3	3,1	---	6,6	13,1	5,5
Outros tradicionais	35,9	21,0	8,5	38,7	5,6	30,2	17,9	21,1
Com elevadas EE e intensivos em RN	32,4	9,8	5,6	6,0	69,8	1,9	8,4	13,2
Duráveis	3,6	0,3	0,0	0,1	---	0,0	0,1	0,9
Difusores de progresso técnico	9,5	1,2	0,1	0,4	3,5	0,1	0,6	2,6
Outros bens	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	2004							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	10,3	65,5	73,2	15,2	0,6	69,7	50,9	45,9
Agrícolas	1,1	18,6	36,3	15,0	0,5	68,4	22,5	15,5
Minerais	0,2	0,0	0,2	0,2	0,0	1,2	0,2	0,3
Energéticos	8,9	46,9	36,7	---	---	---	28,2	30,1
Bens industrializados	88,0	34,3	26,8	84,8	99,4	30,3	49,1	53,5
Alimentos, bebidas e fumo	12,0	2,9	5,4	3,0	1,1	5,0	12,3	6,5
Outros tradicionais	23,9	14,1	6,4	10,8	6,1	6,7	13,4	15,4
Com elevadas EE e intensivos em RN	35,1	15,4	14,3	70,5	91,2	18,5	16,6	23,5
Duráveis	4,7	0,2	0,2	0,1	0,1	0,0	1,2	3,3
Difusores de progresso técnico	12,3	1,8	0,5	0,4	1,0	0,2	5,5	4,8
Outros bens	1,7	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Nota: AP10 – Ásia Pacífico 10 países.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional, sobre a base de cifras oficiais.

Elaboração: Funcex.

As exportações para o Japão foram se concentrando em produtos primários ao longo dos anos noventa, basicamente nos produtos agrícolas. Atualmente, as exportações colombianas para o bloco Ásia-Pacífico e para a China se concentram em produtos intensivos em economias de escala e recursos naturais, apresentando o mesmo padrão exportador do Chile para estas regiões.

V.4. Conclusões e perspectivas

A Colômbia tem uma alta concentração de suas exportações nos seus dois principais parceiros, Estados Unidos e União Européia, e ainda que o país tenha reduzido a concentração da pauta em termos de produtos, quase 40% da suas exportações no período 2003-2005 correspondiam a apenas dois tipos de produtos – petróleo e derivados e carvão. Para os dois principais mercados, Estados Unidos e União Européia, a pauta exportadora concentra-se em produtos primários, enquanto os produtos industrializados são exportados principalmente para a América Latina e o Caribe.

Observa-se ainda uma tendência crescente na participação de produtos industrializados. A Colômbia é, depois do Brasil e da Argentina, o país sul-americano com participação mais significativa de bens duráveis e difusores do progresso técnico na pauta exportadora.

O país assinou um acordo de livre comércio com os Estados Unidos, que, como visto, é um mercado importante, mas apenas para produtos energéticos. Contudo, a possibilidade de diversificar suas exportações de produtos industrializados afigura-se maior nos mercados da região (América Latina e Caribe) ou nos países asiáticos.

Dada a baixíssima importância das exportações para o Mercosul, os países de Ásia-Pacífico e a China, uma alternativa para expandir as exportações colombianas de produtos industrializados (mesmo que restrita a bens intensivos em recursos naturais) seria centrar esforços na promoção das vendas externas para esses mercados. Isso poderia dinamizar a trajetória das exportações colombianas de bens industrializados.

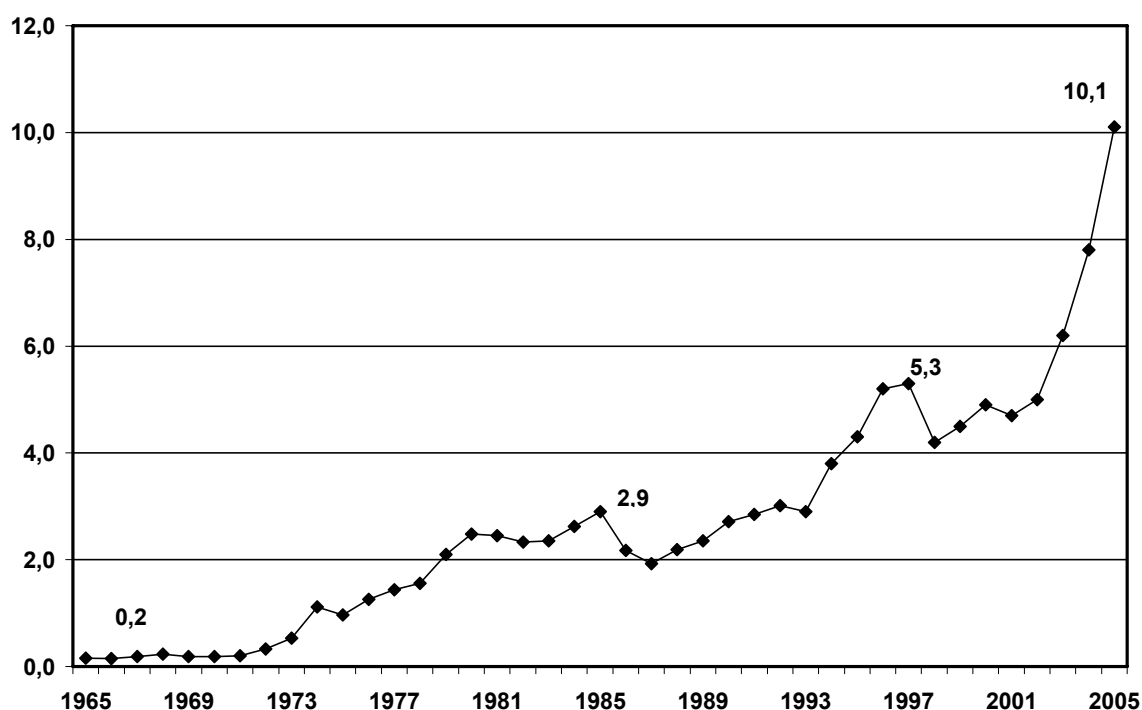
VI. EQUADOR

VI.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações

Evolução geral das exportações

O Equador exportava US\$ 0,2 bilhão entre 1965 e 1969, e suas exportações atingiram um valor médio anual de aproximadamente US\$ 7,2 bilhões no triênio 2003-2005 – um crescimento médio anual de 10,9% a.a., a terceira maior taxa entre os países da América do Sul, atrás do Brasil e do Chile. A exemplo dos demais países da região, contudo, a evolução ao longo deste período foi irregular, com períodos de forte crescimento e algumas fases de estagnação ou queda (**Gráfico VI.1**).

Gráfico VI.1
Equador – Exportações anuais
Em US\$ Bilhões



Fonte: FMI – Estatísticas Financeiras Internacionais (IFS). Elaboração: Funcex.

O Equador registrou três momentos de forte expansão exportadora. Os dois primeiros coincidiram com o desenvolvimento de novos produtos exportáveis. O crescimento de 1971-1980, por exemplo, correspondeu à expansão das exportações de petróleo, que elevou as vendas equatorianas de um nível médio de US\$ 0,2 bilhão, em 1971, para um pico US\$ 2,5 bilhões em 1980 – alta de 32,4% a.a.. Posteriormente, as exportações de petróleo regrediram, e só voltaram aos patamares registrados nos anos oitenta após 1996.

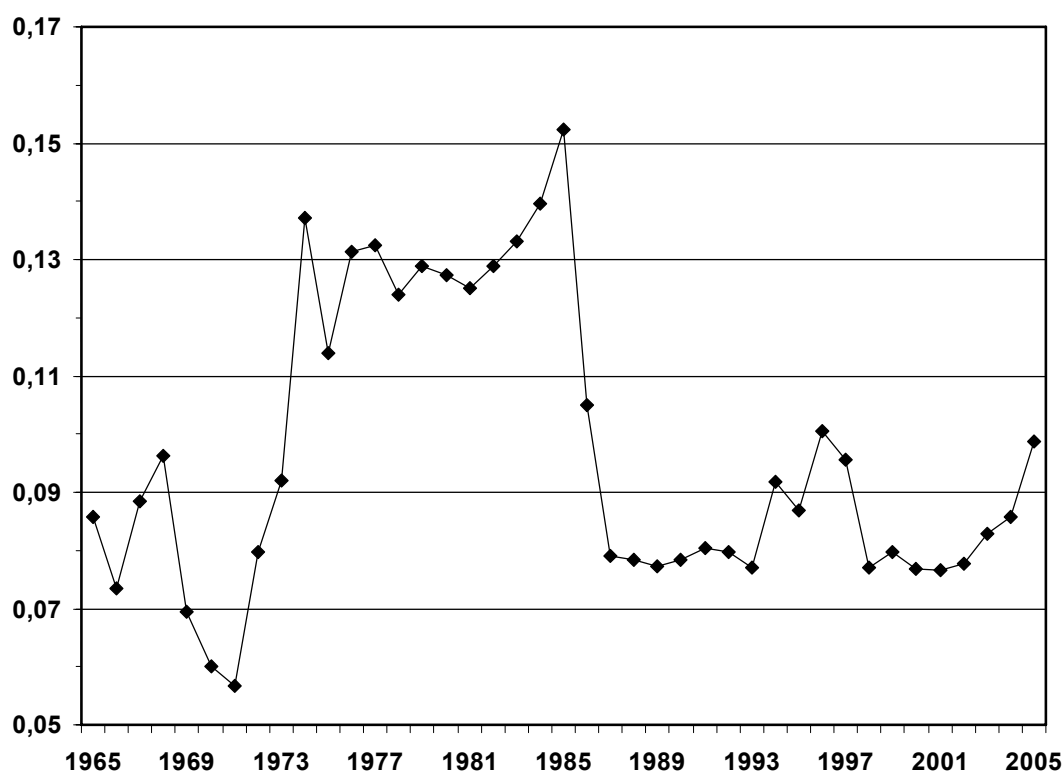
O segundo ciclo de crescimento se iniciou em 1988 e se estendeu, a rigor, até 1996. A expansão das exportações, nesse período, foi de 11,9% a.a.. Este ciclo esteve associado ao aumento das exportações de frutas (banana) e de pescado. Finalmente, registrou-se um forte crescimento no triênio 2003-2005,

associado principalmente à alta dos preços do petróleo e à recuperação das exportações de frutas e pescado. Nesse período, o crescimento médio anual foi de 26,4%.

Market-share no comércio mundial

A participação do Equador nas exportações mundiais flutuou em torno de um mínimo de 0,05% no início dos anos 70 até um máximo de 0,15% em 1985. Nos últimos anos, sua participação tem oscilado entre 0,08% e 0,1%.(Gráfico VI.2).

Gráfico VI.2
Equador – *Market-share* nas exportações mundiais
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

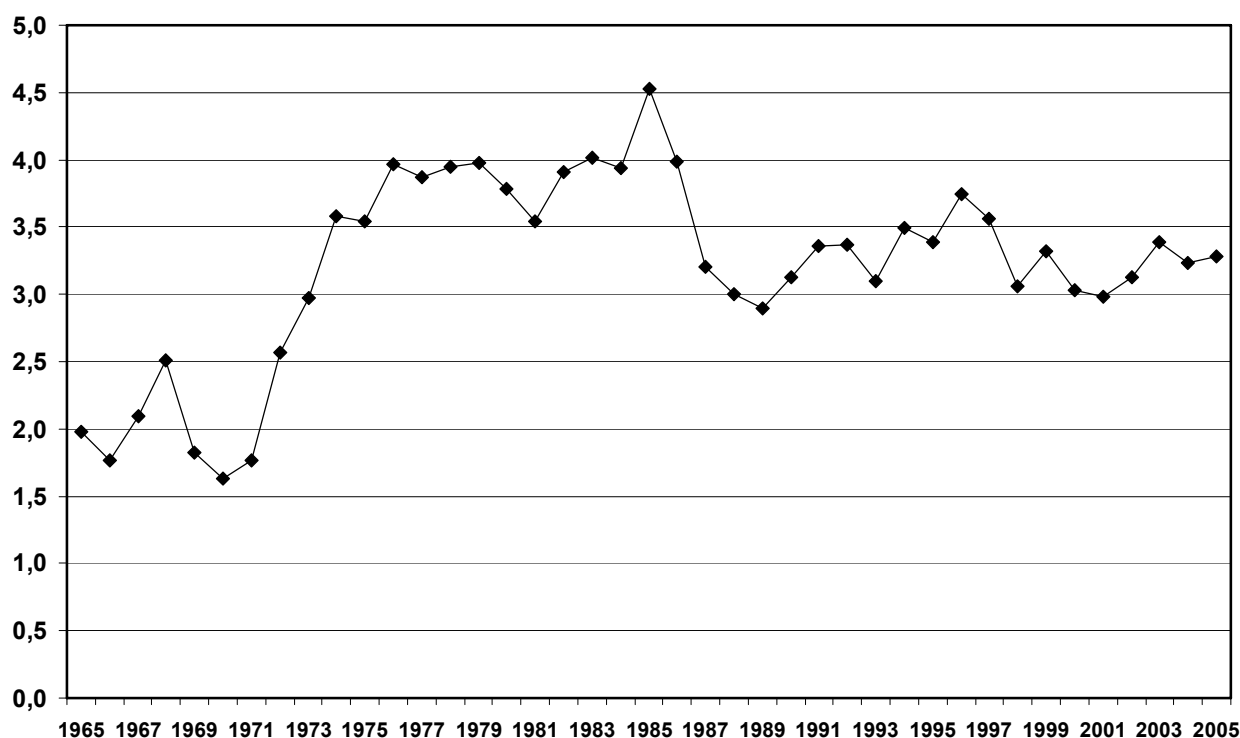
Os dois saltos na participação de Equador no comércio mundial estão associados aos processos de crescimento mencionados acima. No triênio 1972-1974, as exportações de Equador cresceram fortemente pelo aumento das quantidades exportadas de petróleo e pelo aumento dos seus preços (“choque do petróleo”). As elevadas cotações internacionais deste produto permitiram que o país mantivesse um *market-share* entre 0,12% e 0,15% até 1985.

A queda dos preços do petróleo reduziu a participação do país a apenas 0,08% em 1987, a qual manteve-se inalterada durante vários anos. A aceleração do crescimento das exportações em 1994-97 permitiu que esta participação se elevasse temporariamente para 0,10% em 1997, voltando para o nível de 0,08% nos anos seguintes. Mais recentemente, as fortes altas do preço do petróleo e a expansão das vendas de frutas elevaram a participação equatoriana no comércio mundial novamente para o patamar de 0,1%.

Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados

O **Gráfico VI.3** apresenta a participação das exportações equatorianas no total das exportações sul-americanas. O Equador representava pouco mais de 2% do total exportado pela região em 1965-1969, mas o *boom* do petróleo permitiu que o país atingisse uma participação em torno de 4% entre 1976 e 1986. O mau desempenho das exportações na segunda metade dos anos oitenta fizeram retroceder a participação do país nas exportações sul-americanas para valores próximos a 3%.

Gráfico VI.3
Exportações da Equador – Proporção das exportações sul-americanas
Em %



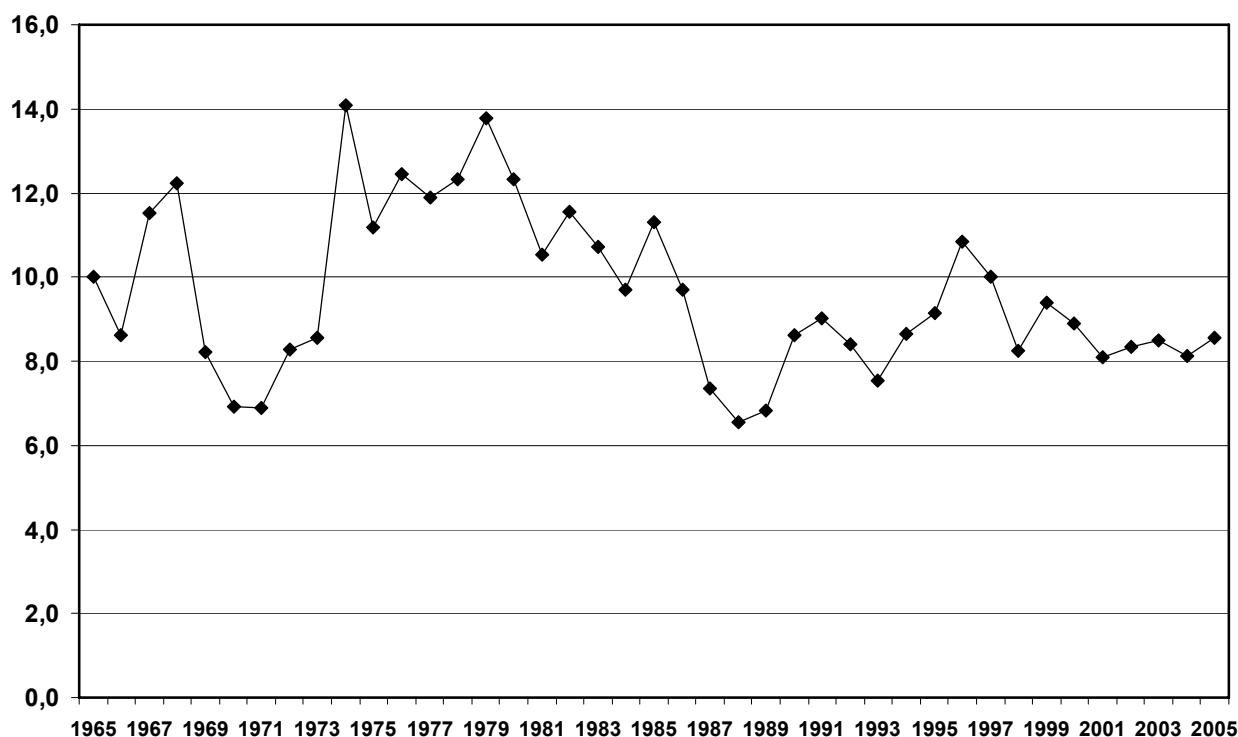
Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

A recuperação exportadora dos anos noventa permitiu que, novamente, o Equador aumentasse sua proporção nas vendas sul-americanas e chegasse a 3,7% em 1996, mas essa expansão revelou-se temporária. Apesar das exportações do país terem crescido fortemente nos últimos anos, isso aconteceu em um contexto de expansão generalizada das vendas externas de América do Sul. Portanto, as exportações equatorianas como proporção das vendas da região caíram nos dois últimos anos, permanecendo entre 3,2% e 3,3%.

Em comparação com as exportações brasileiras, o **Gráfico VI.4** mostra que as exportações do Equador correspondiam a cerca de 10% das exportações brasileiras em 1965, percentual que se elevou para 12% a 14% nos anos 70, durante o auge das vendas de petróleo. Nos anos 80 esta participação voltou a cair, até atingir um mínimo de 6,5% em 1988. Nos últimos anos, esta participação tem oscilado entre 8% e 9%.

Quando cotejadas com o desempenho de México, Coréia e China, observa-se que as exportações equatorianas saíram-se bem até meados dos anos 70. A alta de preços de petróleo e a expansão das suas quantidades exportadas permitiram que as vendas externas equatorianas atingissem uma proporção de 7,7% em 1974 (**Gráfico VI.5**).

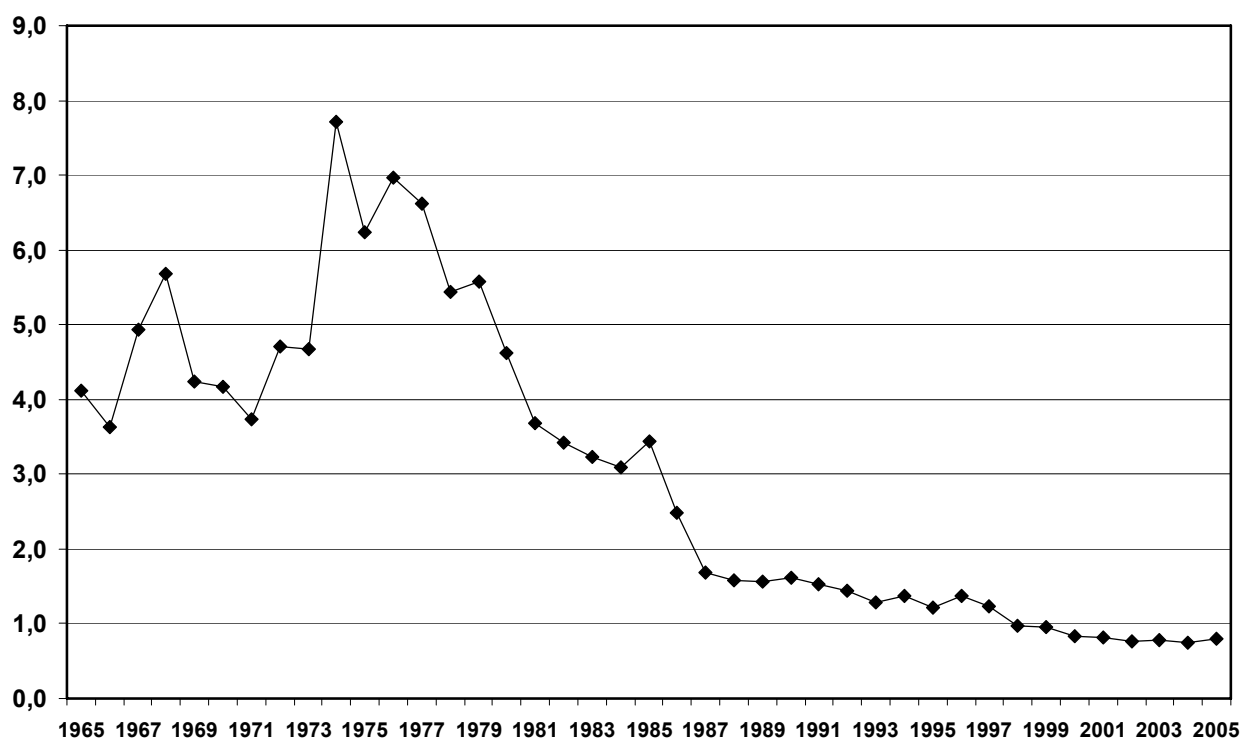
Gráfico VI.4
Exportações do Equador – Proporção das exportações do Brasil
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

Quando cotejadas com o desempenho de México, Coréia e China, observa-se que as exportações equatorianas saíram-se bem até meados dos anos 70. A alta de preços de petróleo e a expansão das suas quantidades exportadas permitiram que as vendas externas equatorianas atingissem uma proporção de 7,7% em 1974 (**Gráfico VI.5**). Nas três décadas seguintes, contudo, o Equador mostrou uma proporção declinante em relação às exportações dos três países exportadores selecionados, a exemplo do que ocorreu com os demais países sul-americanos. Em 2005, as exportações equatorianas equivalem a apenas 0,8% das exportações de México, Coréia e China.

Gráfico VI.5
Exportações do Equador – Proporção das exportações de México, Coréia do Sul e China
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

VI.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino

O mercado dos Estados Unidos é, historicamente, o grande destino das exportações do Equador. De fato, a participação desse mercado flutuou entre um mínimo de 39% da pauta na primeira parte dos anos setenta e um máximo de 56%, na segunda metade da década de oitenta. (**Tabela VI.1**). O segundo principal mercado era, até os anos noventa, a União Européia, mas nos anos recentes esse destino perdeu espaço principalmente para os Demais Países da América do Sul (exceto Mercosul). Estes últimos responderam, em 2003-2005, por 17,2% das vendas do país, contra 13,9% da União Européia. Esta mudança relaciona-se, em grande medida, aos acordos comerciais preferenciais que o país assinou com outros países andinos, no âmbito da Comunidade Andina.

O quarto bloco em importância é a América Central, cuja participação tornou-se significativa a partir dos anos setenta. É verdade que houve uma queda nos anos oitenta e noventa, mas a recuperação nos anos recentes elevou novamente a participação dos países deste bloco na pauta equatoriana, atingindo 12,5% em 2003-2005. Outros blocos econômicos, como o de Ásia Pacífico e o do Resto da Ásia tiveram importância em diversos momentos, mas, no período 2003-2005, a participação desses blocos foi bastante reduzida.

Um fato importante a destacar é a baixíssima importância dos países do Mercosul, a qual atingiu um máximo de 4,4% no início dos anos 80, mas em 2003-2005 era de apenas 1,3%.

Tabela VI.1
Participação dos países e blocos selecionados no total das exportações do Equador

(Em %)

Anos	EUA	Mercosul	Demais da América do Sul	América Central	México	União Européia (15 países)	Demais da Europa
1965-69	46,2	1,8	7,4	0,3	0,4	28,2	5,4
1970-74	38,7	1,8	13,2	15,7	0,4	15,2	2,9
1975-79	40,1	1,7	16,6	12,0	0,8	11,8	4,1
1980-84	46,9	4,4	8,7	5,1	0,3	4,9	1,4
1985-89	56,4	1,2	7,5	3,5	0,5	7,7	1,2
1990-94	47,1	1,6	12,1	4,7	1,2	16,0	1,9
1995-99	39,5	2,9	15,1	6,4	1,1	18,5	3,5
2000-02	39,1	1,7	18,6	9,3	0,9	14,1	4,1
2003-05	45,4	1,3	17,2	12,5	0,6	13,9	4,1

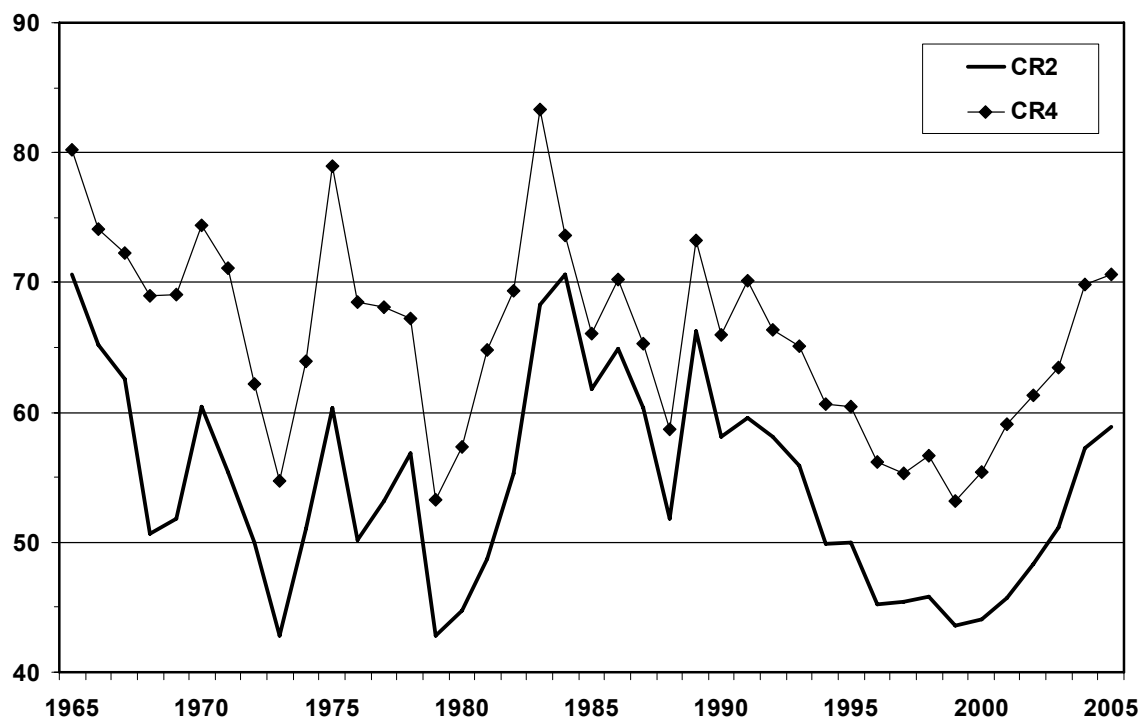
Anos	China	Oriente Médio	África	Ásia Pacífico*	Demais da Ásia	Demais países	Total
1965-69	0,0	1,4	1,2	0,1	7,2	0,4	100,0
1970-74	0,0	0,3	0,3	0,1	6,4	5,1	100,0
1975-79	0,0	0,8	0,3	0,1	1,3	10,3	100,0
1980-84	0,5	1,5	7,4	6,1	5,6	7,4	100,0
1985-89	0,0	0,6	15,8	0,1	2,4	3,1	100,0
1990-94	0,1	0,4	2,0	8,2	2,0	2,8	100,0
1995-99	1,7	0,7	1,5	4,9	3,0	1,5	100,0
2000-02	0,6	0,5	1,9	6,0	2,5	0,9	100,0
2003-05	0,3	0,4	0,5	1,8	1,4	0,8	100,0

Nota: (*) Os países que formam o bloco Ásia-Pacífico são: Cingapura, Coréia do Sul, Filipinas, Formosa, Hong Kong, Indonésia, Tailândia e Malásia.

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Como consequência da forte concentração das vendas equatorianas no mercado americano, a participação dos dois principais países de destino (CR2) se manteve acima de 50% durante a maior parte do período analisado (**Gráfico VI.6**). Diferentemente de países como o Brasil ou a Argentina, a concentração nos dois principais países de destino voltou a crescer entre 1998 e 2005. O terceiro e o quarto mercados mais importantes absorvem uma proporção pequena das exportações.

Gráfico VI.6
Exportações do Equador – Participação nas exportações totais
de dois e dos quatro principais países de destino
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

VI.3. Distribuição das exportações segundo produtos

Entre 1965 e 1969, as exportações equatorianas eram fortemente concentradas em apenas quatro produtos a dois dígitos da Classificação Uniforme de Comércio Internacional (CUCI), que representavam 90,3% das exportações totais do país. Esses produtos eram: frutas (43,7%), café (38,3%), açúcar (5,3%) e pescado e preparados (3%) (Tabela VI.2).

Tabela VI.2
Participação nas exportações do Equador segundo a classificação CUCI
Produtos selecionados ordenados pela média do triênio 2003/2005

	1965-69	1970-74	1975-79	1980-84	1985-89	1990-94	1995-99	2000-02	2003-05
Petróleo e derivados	0,8	43,9	53,7	66,5	48,3	42,0	31,3	43,0	52,9
Frutas e vegetais	43,7	21,6	9,7	7,9	12,4	21,2	24,4	20,5	16,0
Peixes e seus preparados	3,0	3,6	3,6	7,3	15,7	19,3	22,2	13,1	10,5
Produtos animais e vegetais em bruto	1,4	0,6	0,3	0,1	0,3	1,1	2,9	4,7	4,4
Café, chá, cacau, condimentos e seus preparados	38,3	21,8	26,5	12,3	15,5	8,7	5,6	3,0	3,1
Produtos químicos básicos derivados do carvão, do petróleo	-	-	-	-	-	0,0	0,7	1,1	1,3
Equipamentos de transporte	0,1	0,0	0,1	0,0	0,1	0,9	1,3	1,5	1,2
Açúcar, seus preparados e mel	5,3	3,1	0,9	0,8	0,3	0,3	0,6	0,8	0,6
Fios têxteis, tecidos e artigos confeccionados	0,2	0,6	0,6	0,3	0,1	0,4	0,8	0,9	0,6
Manufaturas de madeira e cortiça, exc. móveis	0,4	0,1	0,3	0,6	0,3	0,7	0,9	0,6	0,6
Produtos medicinais e farmacêuticos	1,1	0,5	0,1	0,1	0,1	0,2	0,6	0,7	0,5
Madeira, madeira serrada e cortiça	2,0	1,0	0,7	0,4	0,5	0,4	0,7	0,5	0,5
Alimentos para animais, exc. cereais não-moídos	0,1	0,2	1,1	1,3	1,7	0,4	0,5	0,4	0,3
Subtotal	96,3	97,1	97,5	97,7	95,3	95,6	92,5	90,7	92,4
Demais produtos	3,7	2,9	2,5	2,3	4,7	4,4	7,5	9,3	7,6
Total das exportações	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

As duas grandes mudanças na pauta exportadora equatoriana ao longo dos últimos 40 anos foram o crescimento da importância do petróleo – que passou a ser o principal produto exportado a partir da década de setenta – e a perda de importância do café que, de segundo produto em importância na década de sessenta, passou a ser o quinto produto no período 2003-2005, com uma participação muito reduzida (3,1%).

O item frutas e vegetais, constituído basicamente pela exportação de bananas, perdeu importância desde os anos setenta até meados dos anos oitenta, mas se recuperou nos anos noventa, sendo hoje o segundo principal produto da pauta exportadora.

Embora tenha havido uma certa diversificação na gama de produtos exportados, haja vista que atualmente são oito os produtos a dois dígitos que somam 90% das exportações, os dois principais produtos (petróleo e frutas) ainda representam mais de 68% das exportações, o que permite qualificar a pauta exportadora equatoriana como muito concentrada.

O Equador não conseguiu mudar significativamente a participação de bens primários e industrializados na sua estrutura exportadora, conforme se vê na **Tabela VI.3**. Em 1965-1969, o Equador exportava quase 90% do total em produtos primários e, em 2003-2004 a percentagem só declinou para 77%. A proporção de produtos industrializados saiu de 10%, em 1965-1969, para 23,2%, em 2003-2004.

Os principais produtos industrializados são os tradicionais, que passaram de 9% do total nos anos sessenta para 15%, em 2003-2004. Até 1985-1989, quase 90% dos produtos industrializados eram alimentos, bebidas e fumo. Mas a partir da segunda metade dos anos noventa, a participação dos produtos intensivos em economias de escala e em recursos naturais cresceu, como resultado das exportações de produtos da madeira e de químicos, chegando a representar 36% dos produtos industrializados.

Os bens duráveis e difusores do progresso técnico nunca tiveram participação relevante nas exportações totais, nem dentro do grupo de produtos industrializados. Nos primeiros quatro anos da década atual, esses bens chegaram a representar 2,9% do total.

Tabela VI. 3
Equador – Proporção de tipos de produtos nas exportações totais

Produtos	(Em %)								
	1965/ 1969	1970/ 1974	1975/ 1979	1980/ 1984	1985/ 1989	1990/ 1994	1995/ 1999	2000/ 2002	2003/ 2005
Bens primários	89,5	90,5	79,6	83,6	79,8	84,9	77,4	73,7	76,8
Bens industrializados	9,2	8,4	16,0	10,2	16,8	8,9	14,4	16,0	15,0
Tradicionais	8,1	6,8	13,9	8,4	15,3	6,0	9,9	11,2	10,8
Alimentos, bebidas e fumo	1,1	1,7	2,1	1,8	1,5	2,9	4,5	4,8	4,3
Outros tradicionais	1,3	1,1	4,4	6,2	3,3	6,1	8,3	10,3	8,2
Não tradicionais									
(1)	0,2	0,3	3,6	5,6	2,9	4,6	5,8	7,4	5,3
(2) e (3)	1,1	0,7	0,8	0,6	0,3	1,5	2,5	2,9	2,9

Notas: (1) Bens industrializados intensivos em economias de escala e recursos naturais.

(2) e (3) Bens industrializados difusores do progresso técnico e bens duráveis.

Obs: Os percentuais não somam 100% devido à existência de um pequeno grupo de produtos não classificados.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional. Elaboração: Funcex.

Tipos de produtos para os principais mercados⁹

O Equador sempre exportou uma maior proporção de bens industrializados para a América Latina e o Caribe do que para o resto do mundo. Em 2004, as exportações de produtos industrializados para estes países foram 31% do total, enquanto que para o mundo representaram somente 22% (Tabela VI.4).

Tabela VI.4
Equador - Composição das exportações de bens segundo destino, por categorias

Categorias	1990							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	80,2	84,8	91,7	95,1	100,0	80,2	97,2	86,7
Agrícolas	7,1	47,7	91,7	15,2	100,0	80,2	16,6	40,2
Minerais	0,3	0,1	---	---	---	---	0,0	0,1
Energéticos	72,8	37,0	---	80,0	---	---	80,6	46,4
Bens industrializados	19,8	15,2	7,9	4,9	---	19,8	2,8	13,3
Alimentos, bebidas e fumo	8,3	4,5	4,6	3,5	---	14,5	1,4	4,9
Outros tradicionais	4,0	1,6	3,0	1,1	---	5,2	0,2	2,0
Com elevadas EE e intensivos em RN	5,5	9,0	0,2	0,2	---	0,1	1,2	6,0
Duráveis	0,2	0,0	0,0	---	---	---	0,0	0,0
Difusores de progresso técnico	1,6	0,0	0,0	0,0	---	---	0,0	0,3
Outros bens	0,0	0,0	0,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	1994							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	48,9	92,4	86,7	98,5	70,7	82,7	83,3	81,2
Agrícolas	13,4	55,9	86,7	7,9	70,7	82,7	83,3	49,8
Minerais	0,0	0,0	---	0,0	---	---	0,0	0,0
Energéticos	35,5	36,4	---	90,6	---	---	0,0	31,4
Bens industrializados	51,1	7,6	13,3	1,5	29,3	17,3	16,7	18,8
Alimentos, bebidas e fumo	12,8	3,0	10,2	1,0	28,7	11,7	13,6	7,2
Outros tradicionais	9,8	2,4	2,8	0,4	0,0	5,3	2,9	4,1
Com elevadas EE e intensivos em RN	16,7	2,0	0,1	0,0	---	0,3	0,1	4,7
Duráveis	8,5	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	1,9
Difusores de progresso técnico	3,3	0,2	0,2	0,0	0,5	0,0	0,2	0,9
Outros bens	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	2004							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	68,9	85,7	70,8	91,8	82,9	79,1	87,7	78,2
Agrícolas	4,7	24,1	70,8	9,7	7,0	79,1	78,0	26,8
Minerais	0,0	0,0	---	0,0	---	---	0,0	0,0
Energéticos	64,2	61,6	---	82,1	75,9	---	9,6	51,3
Bens industrializados	31,1	14,3	29,2	8,2	17,1	20,9	12,3	21,8
Alimentos, bebidas e fumo	9,0	4,8	26,0	5,4	0,6	18,1	8,9	9,4
Outros tradicionais	6,4	3,5	2,0	2,5	2,8	0,8	1,5	4,1
Com elevadas EE e intensivos em RN	11,8	5,2	0,1	0,1	13,5	2,0	1,0	6,4
Duráveis	1,3	0,1	0,7	0,0	---	0,0	0,0	0,6
Difusores de progresso técnico	2,6	0,7	0,3	0,2	0,1	0,0	0,8	1,3
Outros bens	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Nota: AP10 – Ásia Pacífico 10 países.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional, sobre a base de cifras oficiais. Elaboração: Funcex.

⁹ O termo "Região" refere-se a 33 países da América Latina e o Caribe; o termo "Ásia Pacífico-10" engloba os seguintes países e territórios: Austrália, Filipinas, Hong Kong (Região Administrativa Especial de China), Indonésia, Malásia, Nova Zelândia, República de Coréia, Singapura, Tailândia e outros da Ásia não especificados. China e Japão se apresentam separadamente.

Os Estados Unidos e a União Europeia sempre foram consumidores de produtos primários do Equador. Os Estados Unidos passaram gradativamente da compra de bens agrícolas para bens energéticos (petróleo) enquanto a União Europeia permaneceu como compradora de bens agrícolas.

A China, que não tem importância como mercado importador de produtos equatorianos, foi alterando parcialmente a estrutura de suas compras, passando de comprador exclusivo de produtos agrícolas para uma distribuição mais equilibrada entre produtos primários e industrializados. Em 2004, quase 14% das compras chinesas foram de produtos industrializados intensivos em recursos naturais e economias de escala.

O bloco Ásia-Pacífico, que teve momentos de importância na década de noventa e começos da década atual, é grande comprador de combustíveis. Japão, o outro grande comprador asiático, absorve principalmente produtos agrícolas.

VI.4. Conclusão e perspectivas

As exportações do Equador mostram-se altamente concentradas em termos geográficos, visto que os dois principais países de destino, Estados Unidos e Peru, absorveram mais de 60% de suas vendas. Além disso, sua estrutura exportadora está muito concentrada nas vendas de petróleo e frutas, que representaram cerca de 68% das vendas em 2003-2005.

Apesar da proporção de produtos industrializados ter crescido, o Equador não conseguiu superar a predominância dos bens primários na sua pauta, os quais atingiram 77% em 2003-2004.

A despeito da elevada concentração em poucos produtos exportados, o país teve uma rápida expansão de suas exportações nos anos recentes, ajudada pela alta dos preços do petróleo (a exemplo do que ocorrera nos anos setenta) e da elevação das cotações internacionais de outros produtos primários com peso na pauta.

Deve-se destacar que, ao contrário de outros países da América do Sul, as exportações equatorianas não estão associadas diretamente ao ciclo expansivo da economia chinesa, pois suas exportações para aquele país são insignificantes. O efeito é apenas indireto, visto que a demanda chinesa é uma das grandes forças que vêm pressionando para cima os preços do petróleo. De forma direta, o desempenho exportador equatoriano depende mais das vendas de petróleo para os Estados Unidos e para a América Latina e de produtos agrícolas para a União Europeia.

As perspectivas futuras das exportações do país estão diretamente relacionadas ao comportamento da economia americana e ao ciclo de preços de petróleo, que por sua vez estão influenciados pela expansão global liderada pela China. Ainda que pareça improvável que a receita de exportação continue a crescer às taxas experimentadas entre 2003 e 2005, é razoável supor a manutenção de elevadas taxas de crescimento das exportações do país nos próximos anos, pois a expansão da demanda mundial deverá se sustentar e os preços de petróleo deverão permanecer em patamares elevados no futuro próximo.

VII. GUIANA

VII.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações

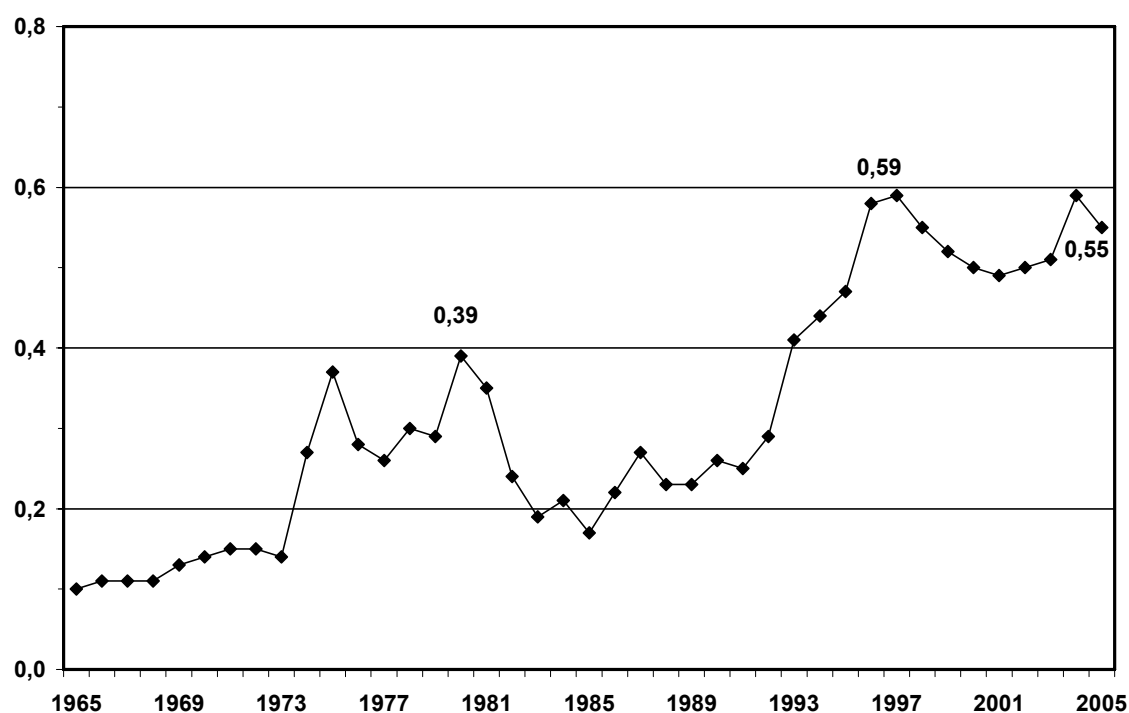
Evolução geral das exportações

A Guiana exportava US\$ 100 milhões em 1965 e elevou o valor exportado para US\$ 550 milhões em 2005. A expansão no período foi de 4,1%, uma das mais baixas de América do Sul (**Gráfico VII.1**). A evolução foi bastante irregular ao longo dos anos, com alguns períodos de rápido crescimento e outros de estagnação ou queda.

O padrão de desempenho, embora menos dinâmico do que a média sul-americana, não deixa de guardar semelhanças. A Guiana teve melhor desempenho nos anos setenta e noventa e enfrentou um longo período de estagnação nos anos oitenta. O período de pior desempenho foi entre os anos de 1981 e 1991, quando as vendas reduziram-se de quase US\$ 400 milhões para US\$ 250 milhões.

Os dois períodos mais favoráveis – o biênio 1974-1975, quando houve um crescimento de 62,6% a.a., e o período 1992-1997, quando o crescimento anual foi de 15,4% – estiveram associados a um forte aumento dos valores exportados dos principais produtos da pauta da Guiana: açúcar, minerais básicos e cereais. Na década de noventa, o impulso exportador foi também ajudado por pescados, madeira e produtos da madeira.

Gráfico VII.1
Guiana – Exportações anuais
 Em US\$ Bilhões

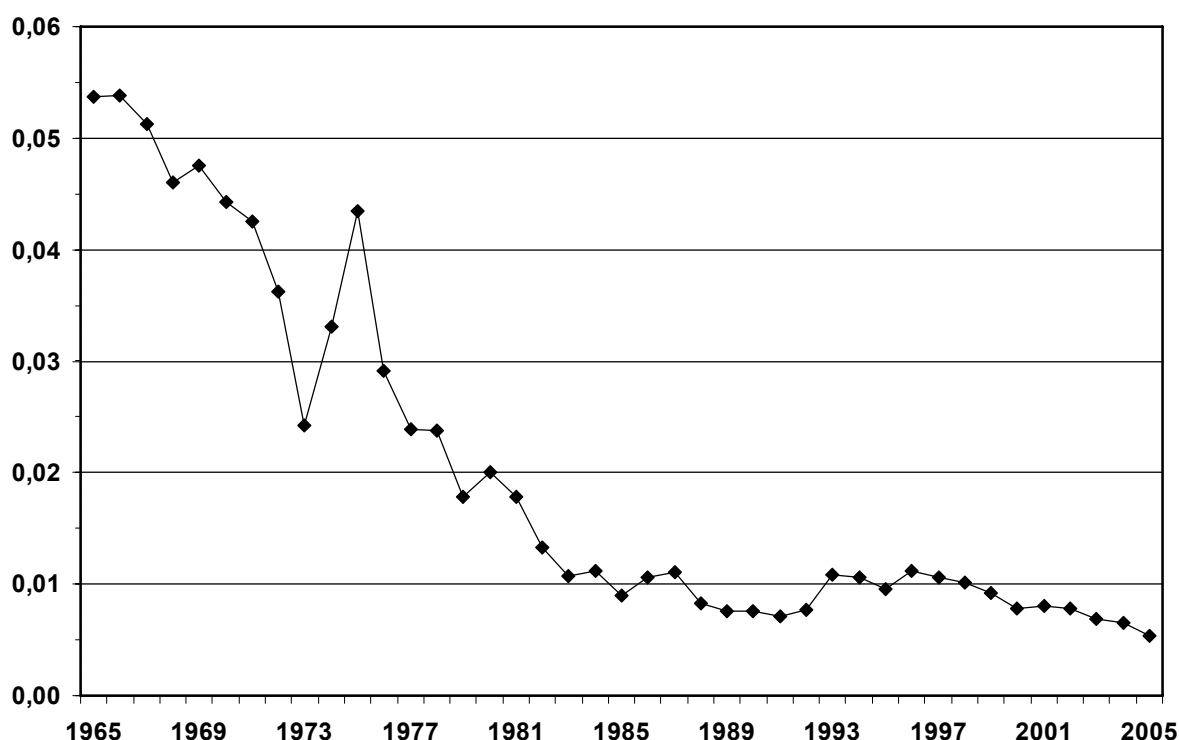


Fonte: FMI – Estatísticas Financeiras Internacionais (IFS). Elaboração: Funcex.

Market-share no comércio mundial

O baixo crescimento das exportações da Guiana teve como resultado uma perda sistemática de participação no comércio mundial (**Gráfico VII.2**). Esta recuou de cerca de 0,05% nos anos sessenta para um décimo disso em 2005. A queda foi mais rápida entre 1965 e 1985, seguindo-se uma fase de relativa estabilidade até 1996 (em torno de 0,01%) e um novo ciclo de queda nos anos seguintes.

Gráfico VII.2
Guiana – Market-share nas exportações mundiais
 Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

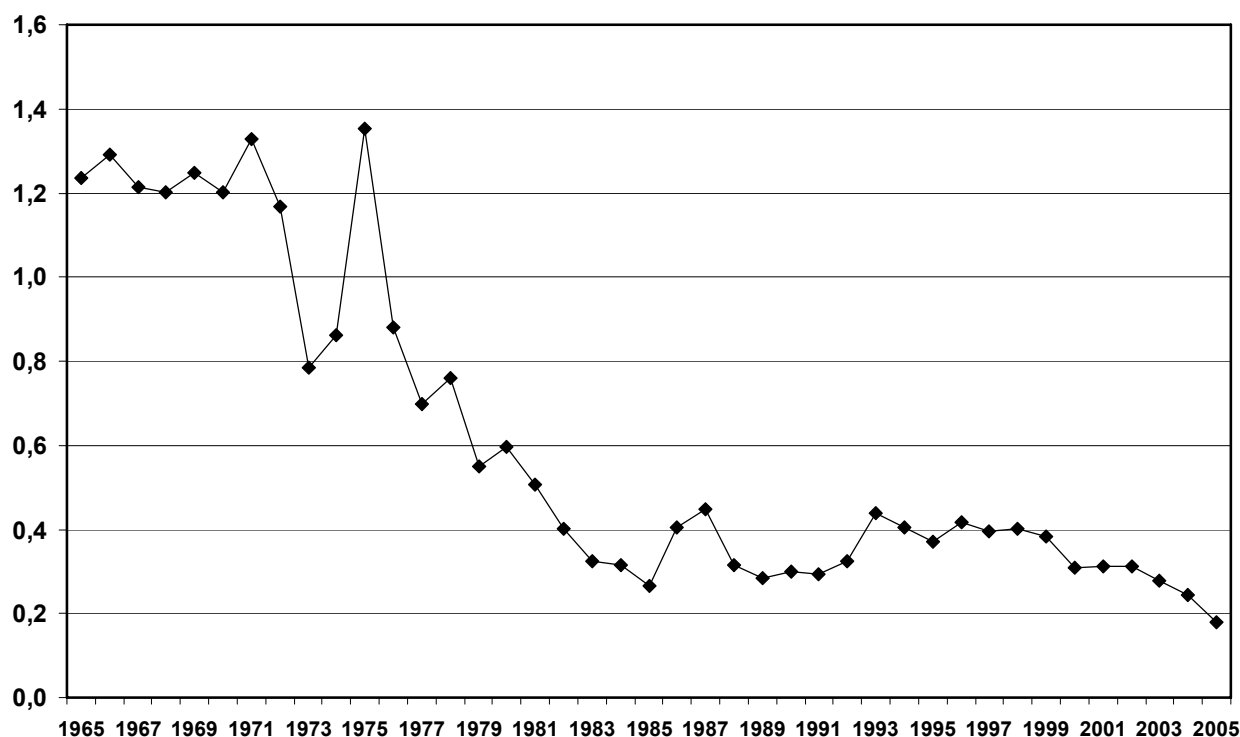
Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados

O **Gráfico VII.3** apresenta a proporção das exportações da Guiana nas exportações sul-americanas. A trajetória não difere muito da verificada no *market-share* no comércio mundial. Houve um processo mais intenso de perda de participação entre a segunda metade dos anos sessenta e meados dos anos oitenta, quando a participação do país reduziu-se de cerca de 1,2% para apenas 0,4%. Nos últimos anos, o excepcional desempenho das exportações da região e o crescimento fraco das vendas da Guiana contribuíram para reduzir novamente a participação do país no total exportado pela América do Sul, registrando valores próximos de 0,2%.

O padrão é similar quando se compara a evolução das exportações do país com as do Brasil e também com as de México, Coréia do Sul e China. No caso do Brasil, as vendas da Guiana correspondiam a mais de 6% nos anos sessenta, mas atualmente correspondem a apenas 0,5%. Em comparação com as

exportações conjuntas dos outros três países, as exportações da Guiana equivaliam a algo entre 2,5% e 3% entre 1965 e 1970. O salto exportador de 1974-1975 permitiu recuperar temporariamente estas proporções, mas, daí para frente, a tendência da relação entre os valores exportados foi declinante, chegando a representar apenas 0,04% em 2005.

Gráfico VII.3
Exportações da Guiana – Proporção das exportações sul-americanas
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

VII.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino

A **Tabela VII.1** apresenta a participação dos principais países e blocos no total exportado pela Guiana. De acordo com os dados disponíveis, a União Européia foi, em quase todos os períodos, o principal bloco de destino das exportações do país. O segundo grande mercado foi os Estados Unidos, que teve a liderança no período 2000-2002.

Por razões geográficas e logísticas, a América Central é o terceiro bloco comprador de produtos da Guiana. O fato mais notável, porém, é a baixíssima participação dos países da América do Sul, que em 2003-2005 respondiam por menos de 2% das vendas do país. Este fato é surpreendente e intrigante, tendo em vista sua proximidade geográfica, em especial com o Brasil e com os países andinos.

A África e os Demais da Europa (exceto União Européia) tiveram razoável importância na pauta do país nos anos setenta, mas na atualidade sua participação é muito pequena. A China teve certa importância no

passado, mas hoje em dia tem participação insignificante nas vendas da Guiana, assim como o restante da Ásia, inclusive os países da Ásia-Pacífico.

Estes números indicam um elevado grau de concentração das exportações da Guiana em poucos mercados. Ao longo dos últimos 40 anos, os dois principais mercados – Estados Unidos e União Européia – respondiam por mais de 60% do total da pauta, sendo que neste bloco havia grande predominância das vendas para o Reino Unido. Se a estes for somada a América Central, chega-se a percentuais entre 75 % (nos anos setenta) a quase 90% do total da pauta nos anos recentes.

Tabela VII.1
Participação dos países e blocos selecionados no total das exportações

(Em %)

Anos	EUA	Mercosul	Demais da América do Sul	América Central	México	União Européia (15 países)	Demais da Europa
1965-69	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
1970-74	26,9	0,6	1,6	13,7	0,7	33,3	6,1
1975-79	20,4	1,0	2,1	16,6	1,5	39,8	5,9
1980-84	20,0	0,9	2,1	19,0	2,1	47,5	0,1
1985-89	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
1990-94	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
1995-99	28,7	0,0	2,3	13,1	0,1	40,8	0,9
2000-02	36,4	0,1	2,3	20,5	0,1	33,7	1,6
2003-05	20,4	0,1	1,7	24,7	0,3	42,9	1,2

Anos	China	Oriente Médio	África	Ásia Pacífico*	Demais da Ásia	Demais países	Total
1965-69	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
1970-74	1,5	0,1	3,4	0,0	2,9	9,2	100,0
1975-79	0,5	0,2	2,8	0,1	2,9	6,0	100,0
1980-84	0,0	0,2	2,1	0,0	3,2	2,8	100,0
1985-89	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
1990-94	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
1995-99	0,2	0,2	1,4	0,7	1,2	10,6	100,0
2000-02	0,4	0,2	0,3	0,7	0,9	2,9	100,0
2003-05	0,5	1,2	1,5	0,9	1,5	3,1	100,0

Nota: (*) Os países que formam o bloco Ásia-Pacífico são: Cingapura, Coréia do Sul, Filipinas, Formosa, Hong Kong, Indonésia, Tailândia e Malásia.
Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

VII.3. Distribuição das exportações segundo produtos

A Tabela VII.2 apresenta os produtos exportados pela Guiana classificados a dois dígitos da Classificação Uniforme do Comércio Internacional (CUCI). Observa-se que, nos anos setenta, a Guiana exportava basicamente açúcar e minerais básicos. Cerca de 70% a 80% das exportações do país estavam constituídas por esses dois produtos. Em terceiro lugar vinham as exportações de cereais e derivados. Havia também vendas minimamente significativas de pescados e bebidas.

Nos anos mais recentes, a pauta exportadora da Guiana mostrava-se bem menos concentrada em termos de produtos. O açúcar continuava sendo o principal produto de exportação, e os minerais, mesmo perdendo importância no período 2003-2005, ainda se mantêm como um dos principais produtos da pauta exportadora. Mas alguns outros itens assumiram grande importância na sua cesta de exportação. Em primeiro lugar, os pescados e seus preparados que, no período 2003-2005, foi o segundo tipo de produto mais exportado (14% do total). Em segundo lugar, as manufaturas de minerais não ferrosos que passaram

a ser o terceiro produto de exportação, com uma participação de 12% no total exportado. Em terceiro lugar, as madeiras e as manufaturas da madeira que, de uma participação insignificante nos anos setenta, passaram a representar 10% das exportações em 2003-2005.

A **Tabela VII.3** apresenta a proporção das exportações por tipos de produtos de acordo com a classificação elaborada pela CEPAL. As informações disponíveis mostram que houve uma mudança na distribuição das exportações entre bens primários e bens industrializados. Em 1970-1974, mais de 50% das exportações foram de produtos primários. A participação desses produtos foi caindo e, no período 2003-2004, os bens primários representaram 33% das exportações.

Os produtos industrializados aumentaram sua participação no período de análise passando de mais 40%, em 1970-1974, para mais de 66%, em 2003-2004. A Guiana é hoje basicamente um exportador de bens industrializados tradicionais, com uma distribuição equitativa entre alimentos e bebidas e outros produtos tradicionais.

A participação dos bens duráveis e difusores de progresso técnico nas exportações, apesar de pequena (em torno de 3% do total) não deve ser desconsiderada, especialmente porque se revela igual ou superior aos percentuais de alguns países da América do Sul.

Tabela VII.2
Participação dos principais produtos nas exportações da Guiana
Produtos selecionados ordenados pela média do triênio 2003/2005

	1965-69	1970-74	1975-79	1980-84	1985-89	1990-94	1995-99	2000-02	2003-05
Açúcar, seus preparados e mel	n.d.	36,6	35,2	41,7	n.d.	n.d.	27,2	27,8	31,3
Peixes e seus preparados	n.d.	3,2	1,5	1,0	n.d.	n.d.	5,6	15,2	14,0
Manufaturas de minerais não-metálicos	n.d.	0,9	0,3	0,1	n.d.	n.d.	0,5	3,4	12,3
Cereais e seus preparados	n.d.	8,0	12,1	13,5	n.d.	n.d.	14,1	11,4	10,3
Minérios de metais e sucatas de metal	n.d.	42,5	36,1	31,7	n.d.	n.d.	15,7	16,7	6,6
Madeira, madeira serrada e cortiça	n.d.	1,2	1,3	1,8	n.d.	n.d.	2,6	4,7	6,1
Manufaturas de madeira e cortiça, exc. móveis	n.d.	0,1	0,1	0,1	n.d.	n.d.	4,5	5,6	3,9
Bebidas	n.d.	2,3	1,8	3,0	n.d.	n.d.	0,1	2,3	2,7
Vestuário	n.d.	0,8	1,0	0,8	n.d.	n.d.	3,1	4,5	2,4
Máquinas, exc. Elétricas	n.d.	0,4	0,4	0,5	n.d.	n.d.	0,3	1,0	1,4
Transações especiais	n.d.	0,4	0,3	0,2	n.d.	n.d.	22,3	0,1	0,7
Subtotal	n.d.	96,4	90,1	94,4	n.d.	n.d.	95,9	92,7	91,7
Demais produtos	n.d.	3,6	9,9	5,6	n.d.	n.d.	4,1	7,3	8,3
Total das exportações	n.d.	100,0	100,0	100,0	n.d.	n.d.	100,0	100,0	100,0

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Tabela VII.3
Guiana – Proporção de tipos de produtos nas exportações totais

Produtos	1965/ 1969	1970/ 1974	1975/ 1979	1980/ 1984	1985/ 1989	1990/ 1994	1995/ 1999	2000/ 2002	2003/ 2005
Bens primários	n.d.	57,0	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	30,9	43,0	33,0
Bens industrializados	n.d.	42,5	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	56,2	56,6	66,4
Tradicionais	n.d.	40,2	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	54,5	52,8	62,6
Alimentos, bebidas e fumo	n.d.	37,0	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	41,4	33,7	34,0
Outros tradicionais	n.d.	3,2	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	13,1	19,1	28,7
Não tradicionais	n.d.	2,3	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	1,4	3,8	3,8
(1)	n.d.	0,3	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	0,4	0,6	1,0
(2) e (3)	n.d.	2,0	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	1,0	3,2	2,8

Notas: (1) Bens industrializados intensivos em economias de escala e recursos naturais.

(2) e (3) Bens industrializados difusores do progresso técnico e bens duráveis.

Obs: Os percentuais não somam 100% devido à existência de um pequeno grupo de produtos não classificados.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional. Elaboração: Funcex.

Tipos de produtos para os principais mercados¹⁰

A Tabela VII.4 apresenta a composição do comércio de bens por tipo e destino em três anos selecionados. Em 1997, a Guiana exportava uma proporção maior de bens industrializados, sendo que a União Européia absorvia uma proporção destes bens maior do que a média do país. Estes produtos também predominavam nas vendas para a China e a Ásia-Pacífico. A América do Sul e os Estados Unidos absorviam uma proporção maior de bens primários.

Tabela VII.4
Guiana - Composição das exportações de bens segundo destino, por categorias

Categorias	1997							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	51,2	59,0	19,0	36,5	---	50,3	16,5	35,3
Agrícolas	48,2	17,6	1,6	24,5	---	1,8	10,6	14,4
Minerais	3,0	41,4	17,5	12,0	---	48,5	5,9	20,9
Energéticos	---	0,0	---	---	---	---	0,0	0,0
Bens industrializados	48,7	40,9	80,8	63,5	100,0	49,5	83,4	64,6
Alimentos, bebidas e fumo	22,8	10,0	74,2	7,5	---	---	68,4	46,2
Outros tradicionais	18,6	27,5	5,3	56,0	50,0	48,0	13,9	15,6
Com elevadas EE e intensivos em RN	2,4	0,6	0,2	---	50,0	0,0	0,3	0,7
Duráveis	2,3	0,2	0,1	---	---	1,5	0,0	0,5
Difusores de progresso técnico	2,7	2,6	0,9	---	---	---	0,8	1,6
Outros bens	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0	0,2	0,1	0,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	2000							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	36,9	69,6	5,7	63,1	62,8	79,7	72,7	39,4
Agrícolas	31,6	31,0	0,8	17,1	62,8	79,7	10,4	18,8
Minerais	5,3	38,5	5,0	46,0	---	---	62,3	20,6
Energéticos	---	---	---	---	---	---	---	---
Bens industrializados	63,1	30,3	94,1	36,6	33,7	18,3	27,1	60,5
Alimentos, bebidas e fumo	23,3	8,1	87,7	1,2	---	---	14,6	40,9
Outros tradicionais	26,4	20,9	5,7	35,3	25,4	15,1	11,2	15,9
Com elevadas EE e intensivos em RN	2,2	0,1	0,1	0,1	0,4	0,1	0,2	0,6
Duráveis	9,2	0,1	0,0	---	1,7	1,4	0,0	2,0
Difusores de progresso técnico	2,0	1,1	0,5	0,1	6,1	1,7	1,1	1,1
Outros bens	0,1	0,1	0,2	0,3	3,6	2,0	0,2	0,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	2004							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	42,5	63,9	13,6	61,3	27,9	75,5	38,6	34,4
Agrícolas	40,0	46,0	10,1	41,2	27,9	22,6	34,9	28,1
Minerais	2,4	17,9	3,4	20,1	---	52,9	3,6	6,3
Energéticos	0,0	0,0	---	---	---	---	0,0	0,0
Bens industrializados	57,2	35,6	86,0	37,6	68,5	0,8	60,0	65,1
Alimentos, bebidas e fumo	37,4	5,3	40,3	0,0	4,0	---	25,4	30,5
Outros tradicionais	17,3	28,4	45,2	35,0	64,1	---	33,3	33,1
Com elevadas EE e intensivos em RN	0,7	1,1	0,4	2,5	---	---	0,5	0,7
Duráveis	0,1	0,0	0,0	---	---	---	0,0	0,0
Difusores de progresso técnico	1,7	0,8	0,1	0,1	0,4	0,8	0,8	0,7
Outros bens	0,3	0,5	0,5	1,1	3,6	23,6	1,4	0,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Nota: AP10 – Ásia Pacífico 10 países

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional, sobre a base de cifras oficiais. Elaboração: Funcex

¹⁰ O termo "Região" refere-se a 33 países da América Latina e o Caribe; o termo "Ásia Pacífico-10" engloba os seguintes países e territórios: Austrália, Filipinas, Hong Kong (Região Administrativa Especial da China), Indonésia, Malásia, Nova Zelândia, Coreia do Sul, Cingapura, Tailândia e outros da Ásia não especificados. China e Japão são apresentados separadamente.

No ano de 2000, a União Européia e a América Latina e Caribe se transformaram nos dois grandes mercados de produtos industrializados, enquanto os Estados Unidos e os países asiáticos focavam suas compras em produtos primários.

Em 2004, as características nas compras dos três principais mercados de destino não se alteraram substancialmente. A Região e a União Européia concentraram suas compras em bens industrializados e os Estados Unidos importaram basicamente produtos primários, assim como os asiáticos (exceto a China).

VII.4. Conclusão e perspectivas

A Guiana teve uma das menores taxas de expansão das exportações no período de análise. Sua exportação total foi de US\$ 550 milhões em 2005, representando 0,005% das exportações mundiais e 0,2% das exportações sul-americanas.

As exportações da Guiana são concentradas nos mercados de Reino Unido, os Estados Unidos e América Central, sendo que esses dois mercados absorveram valores superiores a 80% das exportações nos anos recentes.

Apesar da alta participação dos dois principais produtos no total exportado – 45,3% em 2003-2005 – a Guiana conseguiu diversificar sua pauta exportadora nos últimos anos, com uma cesta de produtos cuja produção baseia-se na dotação de recursos naturais: agrícolas, minerais, alimentos e madeira. Há ainda uma participação baixa, mas não insignificante, de bens difusores de progresso técnico (máquinas).

Os principais países de destino das vendas da Guiana são mercados importantes e que experimentaram taxas de crescimento de suas importações muito fortes nos últimos anos, ou seja, a União Européia e os países da América Latina e do Caribe (destacadamente a América Central). As perspectivas desses dois mercados no médio prazo são promissoras. Sem dúvida, as boas relações comerciais com esses sócios (principalmente o Reino Unido, antigo colonizador) são um grande ativo da estrutura de comércio exterior de Guiana. Por outro lado, a evolução das exportações do país é extremamente dependente do ciclo econômico dos seus mercados de destino. Na verdade, faria sentido que o país investisse em um processo de diversificação regional de suas exportações, focado especialmente para os países da América do Sul, aproveitando-se da proximidade geográfica.

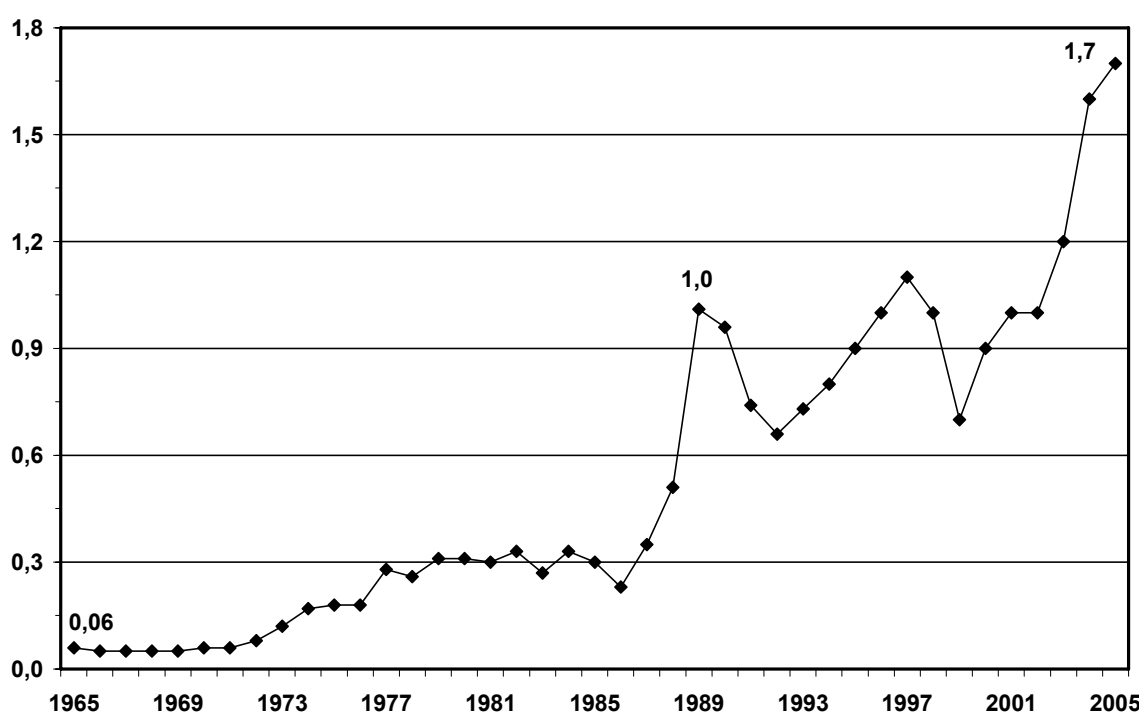
VIII. PARAGUAI

VIII.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações

Evolução geral das exportações

O desempenho exportador do Paraguai mostrou-se bastante irregular ao longo dos últimos 40 anos. O país exportava apenas US\$ 60 milhões, em 1965 e conseguiu atingir US\$ 1,7 bilhão em 2005, que corresponde a um crescimento médio anual de 8,7%, inferior ao dos demais países sul-americanos, mas acima de países como Argentina, Bolívia e Uruguai (**Gráfico VIII.1**).

Gráfico VIII.1
Paraguai – Exportações anuais
Em US\$ Bilhões



Fonte: FMI – Estatísticas Financeiras Internacionais. Elaboração: Funcex.

Destacam-se quatro períodos de forte expansão das vendas externas. O primeiro foi de 1972 a 1977, quando se registrou um crescimento médio anual de 29%, reflexo do bom desempenho das vendas de soja e fibras têxteis. A segunda grande expansão ocorreu entre 1987 e 1990 (mais de 60% a.a.), respondendo a um novo *boom* das exportações destes mesmos produtos. Depois de um breve período de contração, o Paraguai reiniciou um período de expansão, a partir de 1994, baseado nos mesmos dois produtos, mas com o surgimento de novos itens, tais como azeites, preparados para alimentação animal e produtos de couro.

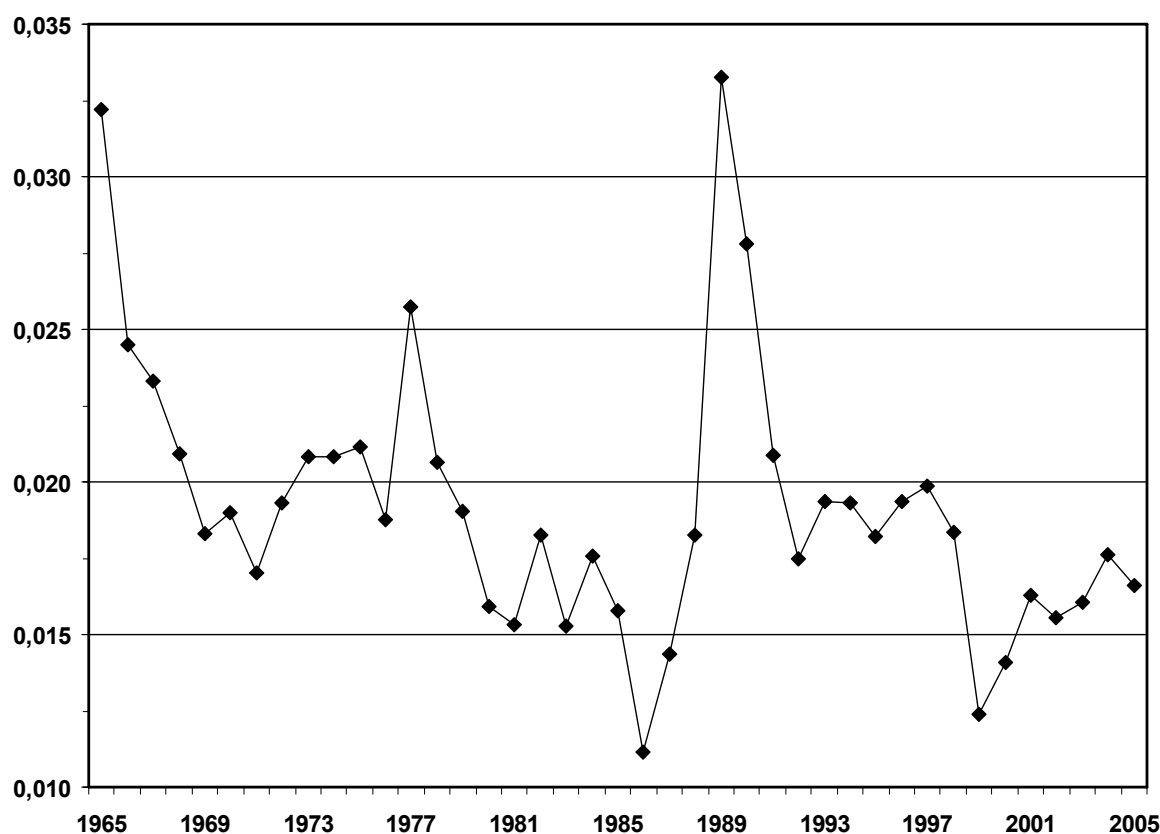
Após uma nova contração em 1998 e 1999, provocada basicamente pela queda dos preços dos produtos exportados pelo país, o Paraguai voltou a expandir suas exportações baseado no complexo da soja, nos artigos de couro e nos produtos têxteis e de vestuário. Entre 2000 e 2005 a alta foi de 19,4% a.a.

Market-share no comércio mundial

O mau desempenho das exportações paraguaias na segunda metade dos anos sessenta e durante os anos oitenta resultou em expressiva perda de participação no comércio mundial (**Gráfico VIII.2**). No período 1965-1967, a participação paraguaia oscilava em torno de 0,025%, enquanto que em 1986 essa participação havia se reduzido a 0,01%.

O crescimento das exportações até 1997, mesmo que volátil, permitiu ao Paraguai atingir níveis recordes de participação na sua história recente (0,033% em 1989) e manter uma participação em torno de 0,02% entre 1993 e 1998. Após uma forte queda em 1999 (ano em que as vendas do país tiveram queda de cerca de 30%), a participação paraguaia vem se recuperando nos últimos anos, mas ainda é baixa para os padrões históricos do país: 0,016% em 2005.

Gráfico VIII.2
Paraguai – Market-share nas exportações mundiais
Em %



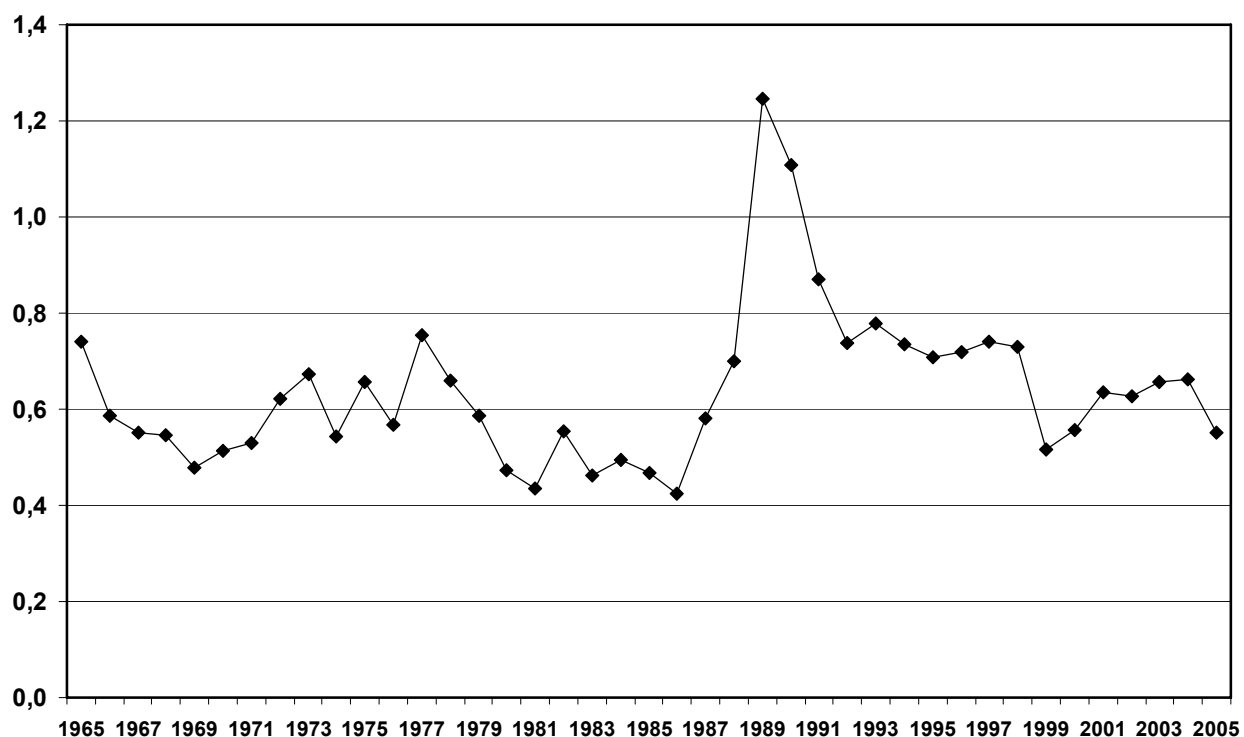
Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados

A participação paraguaia no total de exportações sul-americanas oscilou entre 0,4% e 0,6%, entre 1965 e 1986 (**Gráfico VIII.3**). A expansão das exportações a partir de metade da década de oitenta permitiu aumentar a participação paraguaia nas exportações sul-americanas, para valores próximos de 0,8%.

Da mesma maneira que no caso da participação nas exportações mundiais, a participação paraguaia nas exportações da América do Sul atingiu um pico em 1989 (1,25%) seguido por uma forte queda em 1999 (0,52%). Nos últimos anos até 2005, a participação paraguaia oscilou em torno de 0,6%, patamar similar ao registrado pelo país entre os anos sessenta e oitenta.

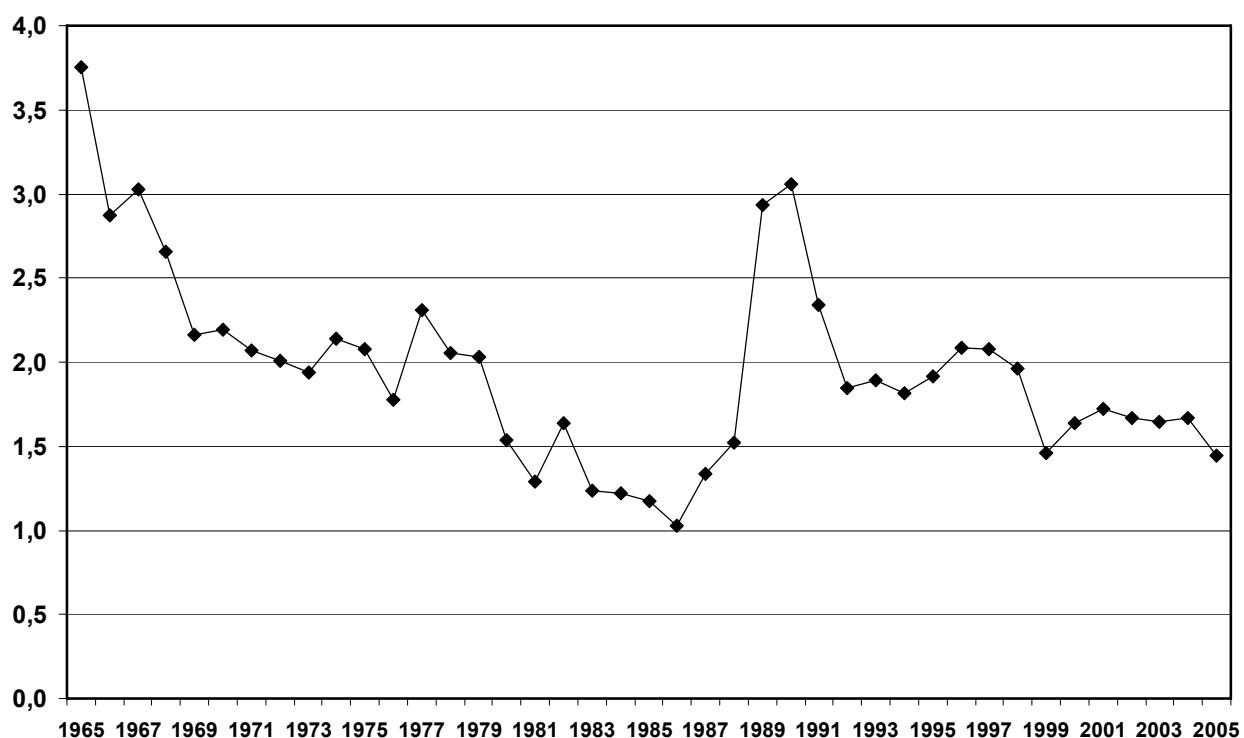
Gráfico VIII.3
Exportações do Paraguai – Proporção das exportações sul-americanas
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

Em comparação com o Brasil, as exportações paraguaias tiveram um desempenho mais fraco durante a maior parte dos últimos 40 anos, excluindo-se alguns breves períodos, como é o caso dos anos compreendidos entre 1987 e 1990. As vendas do Paraguai equivaliam a 3,75% das exportações brasileiras em 1965, percentual que se reduziu para apenas 1,44% em 2005 (**Gráfico VIII.4**).

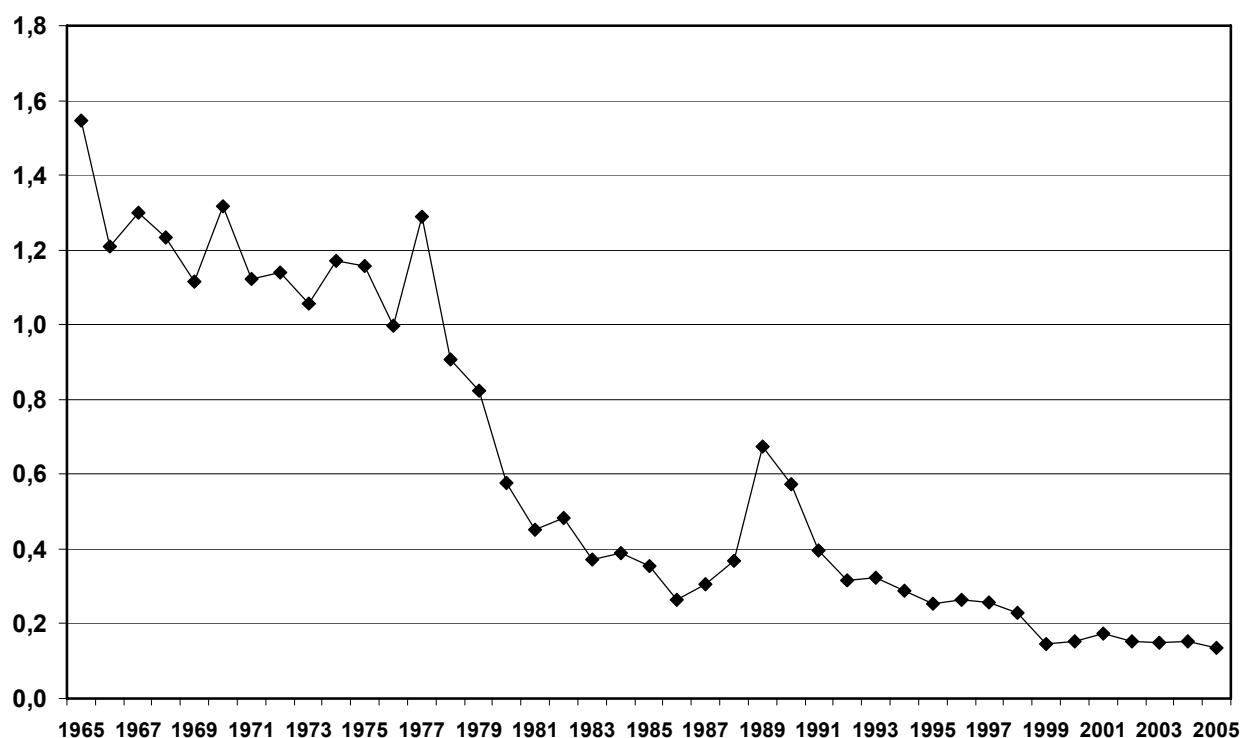
Gráfico VIII.4
Exportações do Paraguai – Proporção das exportações do Brasil
 Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

Quando comparadas com o desempenho de Coréia do Sul, China e México, as exportações paraguaias também tiveram uma evolução menos favorável no período. Em 1965, elas correspondiam a 1,5% das exportações conjuntas destes três países. Após se manter em torno de 1,2% até 1977-1978, o percentual das vendas paraguaias em relação ao total dos três países passou a cair rapidamente. Somente no final dos anos oitenta pôde ser verificada uma breve recuperação, seguida de posterior redução, que se estendeu até o ano de 2005, quando as exportações do Paraguai representaram o equivalente a apenas 0,13% das exportações desses três grandes exportadores (**Gráfico VIII.5**).

Gráfico VIII.5
Exportações do Paraguai – Proporção das exportações de México, Coréia do Sul e China
 Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

VIII.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino

Nos anos sessenta, o Paraguai exportava para três grandes blocos ou países de destino: o Mercosul, a União Européia e os Estados Unidos, que respondiam por quase 90% do total (**Tabela VIII.1**). Na década seguinte, as participações dos Estados Unidos e dos países do Mercosul caíram quase 10 pontos percentuais cada uma, sendo compensadas pelo aumento do peso nas participações da União Européia, dos Demais da Europa e dos Demais da Ásia.

A partir da década de oitenta o Mercosul se torna o principal mercado de destino das exportações paraguaias, com cerca de 40% do total das vendas. Na mesma época, dois outros fenômenos se destacam: o crescimento dos Demais da América do Sul e o declínio dos países europeus, tanto da União Européia quanto dos Demais da Europa. Os Estados Unidos, por sua vez passam a responder permanentemente por um percentual não superior a 6% da pauta.

A partir da presente década a posição dominante do Mercosul se consolida, passando a responder por cerca de 55% do total as vendas paraguaias entre 2003 e 2005. O fato mais notável, contudo, é a grande queda de importância da União Européia, cuja participação se reduz em 20 pontos percentuais entre 1995-1999 e 2003-2005. Em 2003-2005 observa-se uma recuperação da participação dos Demais da Europa e uma forte expansão da participação da China.

Tabela VIII.1
Participação dos países e blocos selecionados no total das exportações paraguaias

(Em %)

Anos	EUA	Mercosul	Demais da América do Sul	América Central	México	União Européia (15 países)	Demais da Europa
1965-69	23,8	32,4	2,2	0,0	0,2	31,8	0,6
1970-74	14,0	24,5	3,1	0,3	0,9	42,6	4,9
1975-79	9,7	25,5	3,5	0,3	0,7	43,7	9,1
1980-84	5,5	38,8	5,4	1,3	0,5	32,6	6,3
1985-89	3,7	36,8	5,8	5,3	0,1	33,9	7,2
1990-94	5,7	41,0	6,9	3,2	0,3	31,9	3,6
1995-99	5,8	53,7	6,0	0,4	0,3	26,5	0,5
2000-02	3,6	57,8	11,2	0,3	0,1	11,1	3,1
2003-05	3,3	55,2	6,1	0,3	0,3	6,3	7,5

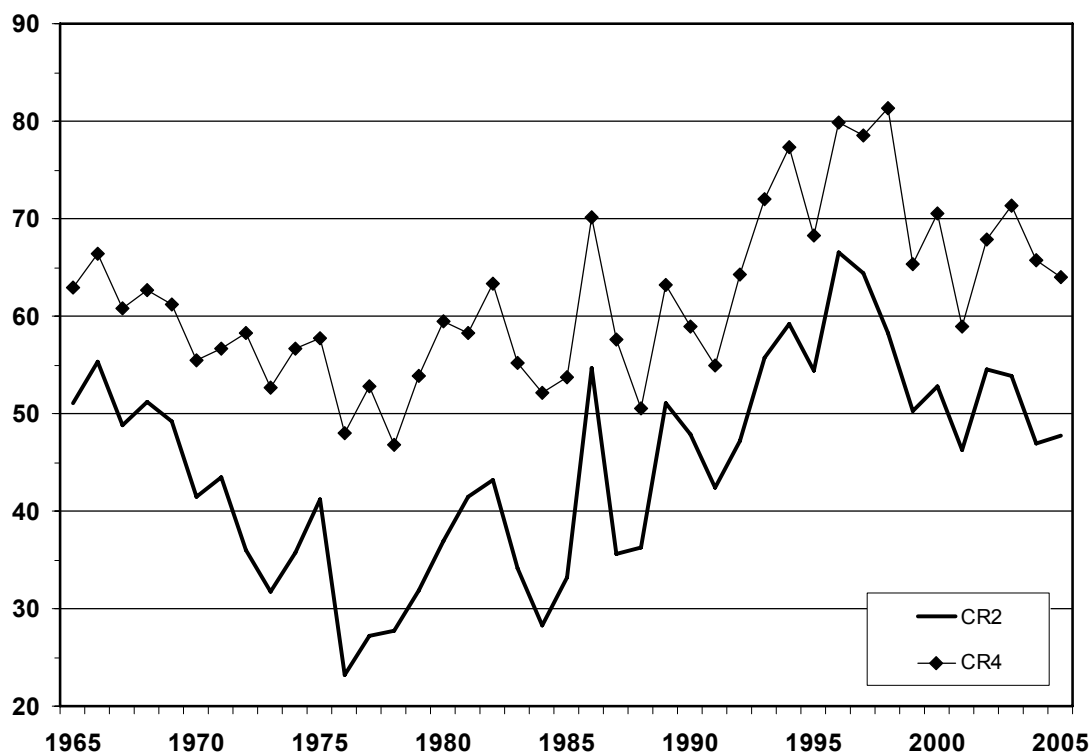
Anos	China	Oriente Médio	África	Ásia Pacífico*	Demais da Ásia	Demais países	Total
1965-69	0,0	0,1	7,4	0,1	0,8	0,6	100,0
1970-74	0,0	0,1	7,7	0,2	1,1	0,8	100,0
1975-79	0,0	0,0	1,1	0,5	5,7	0,2	100,0
1980-84	0,0	0,3	3,0	1,1	5,1	0,2	100,0
1985-89	0,0	0,6	2,2	1,6	0,7	2,2	100,0
1990-94	0,1	0,6	2,4	1,2	0,3	2,7	100,0
1995-99	0,0	0,3	3,0	0,9	0,4	2,4	100,0
2000-02	0,9	0,1	1,6	1,9	2,1	6,3	100,0
2003-05	2,9	1,9	1,5	1,8	1,3	11,7	100,0

Nota: (*) Os países que formam o bloco Ásia-Pacífico são: Cingapura, Coréia do Sul, Filipinas, Formosa, Hong Kong, Indonésia, Tailândia e Malásia.
Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

O Paraguai apresentou, ao longo de todo o período analisado, uma alta concentração de suas exportações nos dois principais países de destino (CR2). No **Gráfico VIII.6** pode-se observar que a concentração se reduziu bastante nos anos setenta, quando os Estados Unidos e os países do Mercosul perderam importância frente aos países europeus. Mas a concentração voltou a aumentar para cerca de 50% a partir de meados dos anos oitenta, processo que coincide com o aumento da importância dos países do Mercosul. Na verdade, pode-se dizer que o processo de integração do Mercosul teve como efeito colateral o aumento da concentração geográfica das vendas paraguaias.

De qualquer forma, o Mercosul sempre foi o destino preferencial das exportações paraguaias. Dos anos sessenta até a primeira metade dos anos oitenta as vendas direcionaram-se predominantemente para a Argentina. A partir daí até 2003 a primeira posição foi ocupada pelo Brasil e, em 2004 e 2005, o Uruguai assumiu o posto de principal destino exportador paraguaio.

Gráfico VIII.6
**Exportações do Paraguai – Participação nas exportações totais
 de dois e dos quatro principais países de destino**
 Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

VIII.3. Distribuição das exportações segundo produtos

A **Tabela VIII.2** mostra as exportações paraguaias classificadas segundo os principais produtos a dois dígitos da Classificação Uniforme de Comércio Internacional (CUCI). Entre 1965-1969 e 2003-2005 a pauta de exportação paraguaia sofreu importantes mudanças, mas o peso dos dois principais produtos manteve-se próximo de 40% em ambos os períodos. O mesmo se verifica quando se consideram os quatro principais produtos em cada período – participação de quase 65% nos dois períodos extremos – e os nove principais produtos – 90% na segunda metade dos anos sessenta e de 87% em 2003-2005.

No meio do caminho, porém, o grau de concentração da pauta variou bastante. Em 1980-1984, por exemplo, os dois principais produtos – grãos e sementes oleaginosas e fibras têxteis – alcançou 62%, e a dos quatro principais foi de 77%. A concentração cresceu ainda mais em 1985-1990, mas voltou a cair nos períodos seguintes.

As alterações mais significativas na estrutura de produtos foram ocasionadas pelo esgotamento de alguns recursos naturais, como a madeira e as carnes, e o aparecimento de novos recursos, basicamente do setor agrícola. Entre os produtos que ganharam participação na pauta pode-se destacar:

- Grãos e semente oleaginosas, especialmente soja, item que se tornou o principal produto da pauta de exportação (37,4%) em 2003-2005;

- Produtos para alimentação animal, também à base de soja, que se transformaram no terceiro item da pauta em 2003-2005;
- Cereais, que tinham uma participação insignificante na década de sessenta e se transformaram no quinto item da pauta exportadora no período recente.

Já entre os produtos que reduziram sua participação na pauta, os casos mais significativos são:

Carne e derivados, produtos que passaram de 30% do total em 1965-1969 para 10,3% em 2003-2005;

- Madeira e produtos da madeira, itens cuja participação passou de 18,8% do total em 1965-1969 para 4,6% em 2003-2005.
- Fumo e seus produtos, conjunto que representava 8% do total exportado e caiu sistematicamente até atingir apenas 1,1% em 2003-2005.
- Chás e ervas, couros e substâncias para curtimento, substâncias que formavam um conjunto exportador que representava 15% das exportações em 1965-1969. O esgotamento dessas matérias primas ou a substituição dessas atividades reduziu a representatividade desse conjunto para mero 0,1% das exportações em 2003-2005.

Tabela VIII.2
Participação nas exportações do Paraguai, segundo classificação CUCI
Produtos selecionados ordenados pela média do triênio 2003/2005

	1965-69	1970-74	1975-79	1980-84	1985-89	1990-94	1995-99	2000-02	2003-05
	(Em %)								
Grãos e sementes oleaginosas	2,0	8,1	19,6	24,2	34,1	26,3	36,3	35,8	37,4
Carnes e seus preparados	30,0	26,0	8,4	0,8	7,3	8,7	5,3	8,0	10,3
Alimentos para animais, exc. cereais não-móidos	2,0	4,9	4,0	4,9	3,3	5,2	7,6	8,1	9,8
Óleos e gorduras vegetais	8,4	7,7	7,8	6,3	2,5	4,7	6,5	5,8	7,1
Cereais e seus preparados	0,3	0,6	0,2	0,3	0,3	1,2	3,2	4,4	6,3
Fibras têxteis, não manufaturadas, e desperdícios	5,7	7,6	28,5	37,8	34,6	29,8	14,0	7,2	5,8
Transações especiais	-	-	-	-	-	-	-	0,0	3,6
Madeira, madeira serrada e cortiça	18,4	10,6	7,0	9,1	3,5	5,0	5,7	5,1	3,5
Couro, produtos de couro e peles finas	0,0	0,7	1,8	2,1	2,8	5,4	4,3	6,1	2,9
Fios têxteis, tecidos e artigos confeccionados	0,0	0,1	0,2	0,1	0,1	1,1	2,4	1,3	1,2
Vestuário	0,3	0,1	0,1	0,0	1,1	1,0	1,1	1,9	1,1
Fumo e seus produtos	7,9	7,4	4,9	3,1	1,2	0,9	1,1	4,9	1,1
Manufaturas de madeira e cortiça, exc. móveis	0,4	2,7	3,3	3,3	0,8	2,1	2,7	1,8	1,1
Materiais de perfumaria e preparações de higiene e limpeza	2,9	4,5	4,4	1,6	1,5	1,5	0,9	1,0	0,7
Alimentos preparados diversos	4,0	4,1	1,1	0,6	0,6	0,4	0,4	0,3	0,4
Café, chá, cacau, condimentos e seus preparados	5,9	2,4	2,9	0,5	2,5	1,2	0,2	0,1	0,1
Couros e peles não depiladas	4,2	2,6	0,6	0,1	0,0	0,1	0,0	0,1	0,0
Materiais para tingir, curtir e colorir	4,9	1,9	1,6	1,7	1,0	0,6	0,1	0,0	0,0
Subtotal	97,1	92,0	96,5	96,6	97,2	95,1	91,8	92,1	92,2
Demais produtos	2,9	8,0	3,5	3,4	2,8	4,9	8,2	7,9	7,8
Total das exportações	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

O Paraguai não alterou significativamente sua estrutura exportadora por tipos de produtos, como fica claro na **Tabela VIII.3**. Em 1965-1969, o país exportava 59% do total em produtos industrializados e 41% em bens primários. Na presente década, os produtos primários tiveram uma participação maior, em torno de 53%, e os produtos industrializados declinaram em aproximadamente 10 pontos percentuais, chegando a 47%.

A participação dos bens primários cresceu a partir da segunda metade da década de setenta, como resultado da expansão das oleaginosas e seus derivados. Isto teve como contrapartida o declínio dos

produtos manufaturados derivados de carne, madeira, chá-mate e fumo, bem como as substâncias para curtimento. Na segunda metade da década de oitenta a participação de bens primários atingiu um máximo de 73,7%, voltando a cair desde então.

Dentre os bens industrializados, duas mudanças são perceptíveis no período de análise. Em primeiro lugar, houve uma perda de participação de alimentos, bebidas e fumo, como resultado da queda do complexo da carne e do fumo. No período recente, porém, sua participação voltou a crescer, já atingindo mais de 20% do total da pauta. Em segundo lugar, registrou-se um aumento da participação dos bens industrializados intensivos em economias de escala, que no período mais recente já respondiam por mais de 10% da pauta.

Tabela VIII.3
Paraguai – Proporção de tipos de produtos nas exportações totais

Produtos	(Em %)								
	1965/	1970/	1975/	1980/	1985/	1990/	1995/	2000/	2003/
Bens primários	40,8	33,0	58,0	67,6	73,7	60,0	55,8	52,2	53,4
Bens industrializados	59,2	66,7	41,3	32,4	26,3	40,0	44,2	47,8	46,6
Tradicionalis	54,1	63,6	38,8	24,3	23,2	33,0	34,3	38,5	34,8
Alimentos, bebidas e fumo	45,3	46,8	21,9	7,6	13,3	16,1	15,8	20,0	22,2
Outros tradicionais	8,8	16,8	17,0	16,7	9,9	16,8	18,4	18,5	12,6
Não tradicionais	5,1	3,1	2,5	8,1	3,1	7,0	9,9	9,3	11,8
(1)	5,1	3,0	2,4	8,1	3,0	6,4	8,7	8,0	10,7
(2) e (3)	0,0	0,1	0,1	0,0	0,0	0,6	1,2	1,3	1,2

Notas: (1) Bens industrializados intensivos em economias de escala e recursos naturais.

(2) e (3) Bens industrializados difusores do progresso técnico e bens duráveis.

Obs: Os percentuais não somam 100% devido à existência de um pequeno grupo de produtos não classificados.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional. Elaboração: Funcex.

Tipos de produtos para os principais mercados¹¹

Em 1990, as compras dos Estados Unidos e do Japão tinham uma maior participação de produtos industrializados, mas a América Latina e Caribe, a União Européia e os outros blocos de destino eram basicamente compradores de produtos agrícolas (**Tabela VIII.4**).

Em 1994, a situação se alterou um pouco. Os Estados Unidos continuaram como compradores de produtos industrializados do Paraguai, mas Japão focou suas compras em produtos agrícolas, a exemplo do que já acontecia com os outros blocos de destino.

Finalmente, em 2004, a América Latina e Caribe, os Estados Unidos, a União Européia e os países da Ásia-Pacífico concentraram suas compras em produtos industrializados do Paraguai, enquanto China e Japão foram demandantes de produtos agrícolas.

¹¹ O termo "Região" refere-se a 33 países da América Latina e o Caribe; o termo "Ásia Pacífico-10" engloba os seguintes países e territórios: Austrália, Filipinas, Hong Kong (Região Administrativa Especial da China), Indonésia, Malásia, Nova Zelândia, Coreia do Sul, Cingapura, Tailândia e outros da Ásia não especificados. China e Japão são apresentados separadamente.

Tabela VIII.4
Paraguai - Composição das exportações de bens segundo destino, por categorias

(Em %)

Categorias	1990							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	59,0	13,9	83,7	87,6	100,0	22,2	88,5	68,1
Agrícolas	59,0	13,9	83,7	87,6	100,0	22,2	88,5	68,1
Minerais	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Energéticos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Bens industrializados	41,0	86,1	16,3	12,4	---	77,8	11,5	31,9
Alimentos, bebidas e fumo	28,6	18,0	5,2	---	---	58,5	6,5	18,1
Outros tradicionais	10,3	49,3	10,0	12,3	---	14,7	2,4	11,3
Com elevadas EE e intensivos em RN	1,7	18,8	1,0	0,1	---	4,6	2,6	2,3
Duráveis	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
Difusores de progresso técnico	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
Outros bens	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	1994							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	53,7	34,0	54,6	0,4	0,0	63,2	71,3	52,8
Agrícolas	53,4	34,0	54,6	0,4	0,0	63,2	71,3	52,7
Minerais	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
Energéticos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Bens industrializados	46,3	66,0	45,4	99,6	0,0	36,8	28,7	47,2
Alimentos, bebidas e fumo	10,2	7,1	18,0	1,9	0,0	0,0	18,4	12,5
Outros tradicionais	19,1	56,3	19,6	96,8	0,0	29,5	8,2	22,4
Com elevadas EE e intensivos em RN	14,6	2,4	7,8	0,7	0,0	7,3	2,0	10,9
Duráveis	1,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,8
Difusores de progresso técnico	1,0	0,2	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,6
Outros bens	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	2004							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	44,4	6,0	42,4	43,4	79,0	96,5	71,8	51,3
Agrícolas	44,3	6,0	42,4	43,4	79,0	96,5	71,8	51,2
Minerais	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Energéticos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Bens industrializados	55,6	94,0	57,6	56,6	21,0	3,5	28,2	48,7
Alimentos, bebidas e fumo	26,8	43,6	13,5	2,5	---	2,8	25,3	24,5
Outros tradicionais	9,9	40,3	38,5	52,8	20,1	0,6	2,1	12,1
Com elevadas EE e intensivos em RN	17,5	7,6	5,2	0,8	0,8	0,0	0,2	11,1
Duráveis	0,0	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Difusores de progresso técnico	1,3	2,4	0,3	0,5	0,1	0,0	0,6	1,0
Outros bens	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Nota: AP10 – Ásia Pacífico 10 países.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional, sobre a base de cifras oficiais. Elaboração: Funcex.

VIII.4. Conclusão e perspectivas

O Paraguai teve um desempenho intermediário em termos de crescimento de suas exportações nos últimos 40 anos, quando comparado com os demais países sul-americanos. Apresenta uma alta concentração de suas vendas nos dois principais mercados, Uruguai e Brasil, e parece ter esgotado várias de suas fontes de recursos naturais e se concentrado na soja e seus derivados (preparados para alimentação animal e óleos), carnes e cereais. Se adicionarmos a Argentina, vemos que o Mercosul absorveu 54% das vendas externas paraguaias no período 2003-2005.

O país também apresenta uma elevada concentração da pauta em termos de produtos, sendo que os dois principais foram responsáveis por quase metade das exportações em 2003-2005. A concentração de produtos e de destinos não fornece boas perspectivas para a economia do país. Como consequência da demanda chinesa, as perspectivas da soja são boas no médio prazo, mas a China ainda representa um percentual bastante reduzido das vendas do país. Outro problema é que as carnes, segundo principal produto de exportação do país, enfrenta barreiras sanitárias no exterior, e o controle sanitário de doenças no Paraguai enfrenta diversos problemas. Portanto, esse é um produto sujeito a enfrentar grandes obstáculos no futuro, a exemplo do que já tem acontecido no passado recente.

Por último, o país sofre com dificuldades de controle tributário de sua produção e alfandegário de suas exportações. Parte dos recursos exportados sai por vias informais, não entrando no circuito formal tributário nem financeiro, o que diminui sensivelmente a capacidade de poupança do país.

Outro problema é que o Paraguai está fortemente sujeito ao ciclo econômico dos três sócios do Mercosul e apresenta reduzidas possibilidades de diversificação de sua cesta de produtos exportados. A perspectiva futura das exportações do país está intimamente associada à expansão dos sócios e à manutenção do atual momento de forte expansão da demanda por produtos para a alimentação humana e animal.

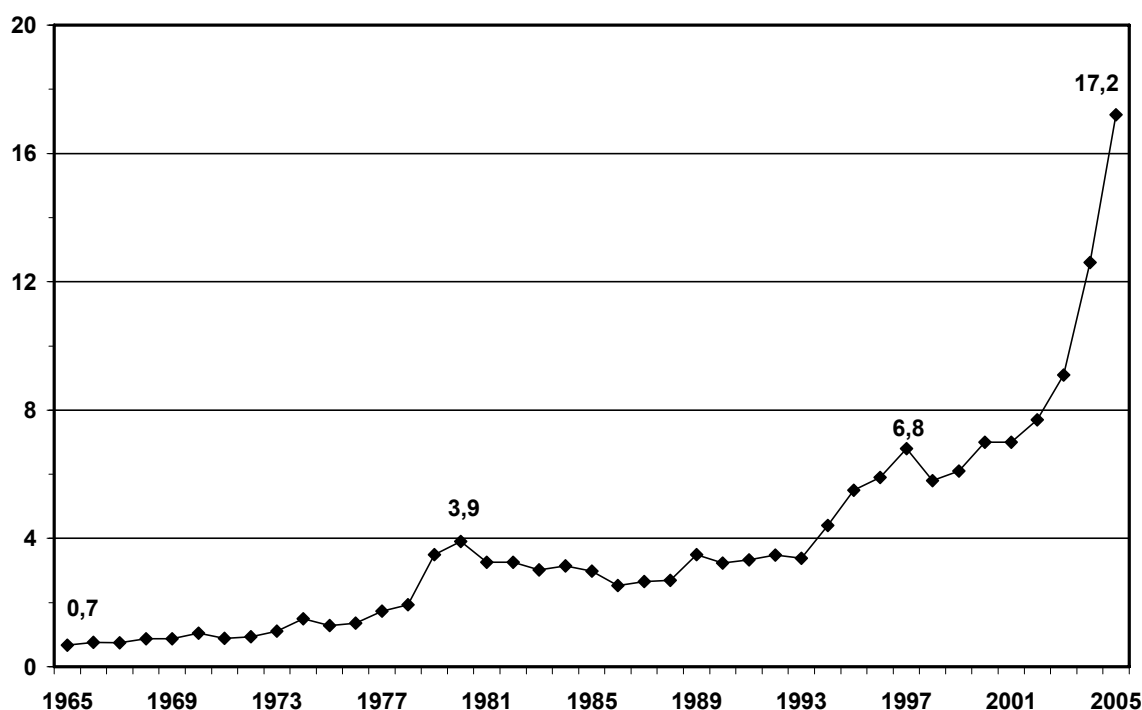
IX. PERU

IX.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações

Evolução geral das exportações

O desempenho exportador do Peru nos últimos 40 anos pode ser dividido em três momentos: Um crescimento firme e contínuo entre 1965 e 1980; uma virtual estagnação entre 1980 e 1993; e uma nova fase de crescimento a partir daí, movimento que se acelerou a partir de 2002. Ao longo destes 40 anos, as exportações do país passaram de US\$ 0,7 bilhões para US\$ 17,2 bilhões, uma alta de 8,5% a.a. (**Gráfico IX.1**).

Gráfico IX.1
Peru – Exportações anuais
Em US\$ Bilhões



Fonte: FMI – Estatísticas Financeiras Internacionais (IFS). Elaboração: Funcex.

Entre 1965 e 1980 houve um crescimento médio anual de 12,5%, baseado principalmente nas vendas crescentes de metais não ferrosos e petróleo (e beneficiado também pela alta dos preços deste produto, o que explica os “saltos” registrados em 1974 e 1979).

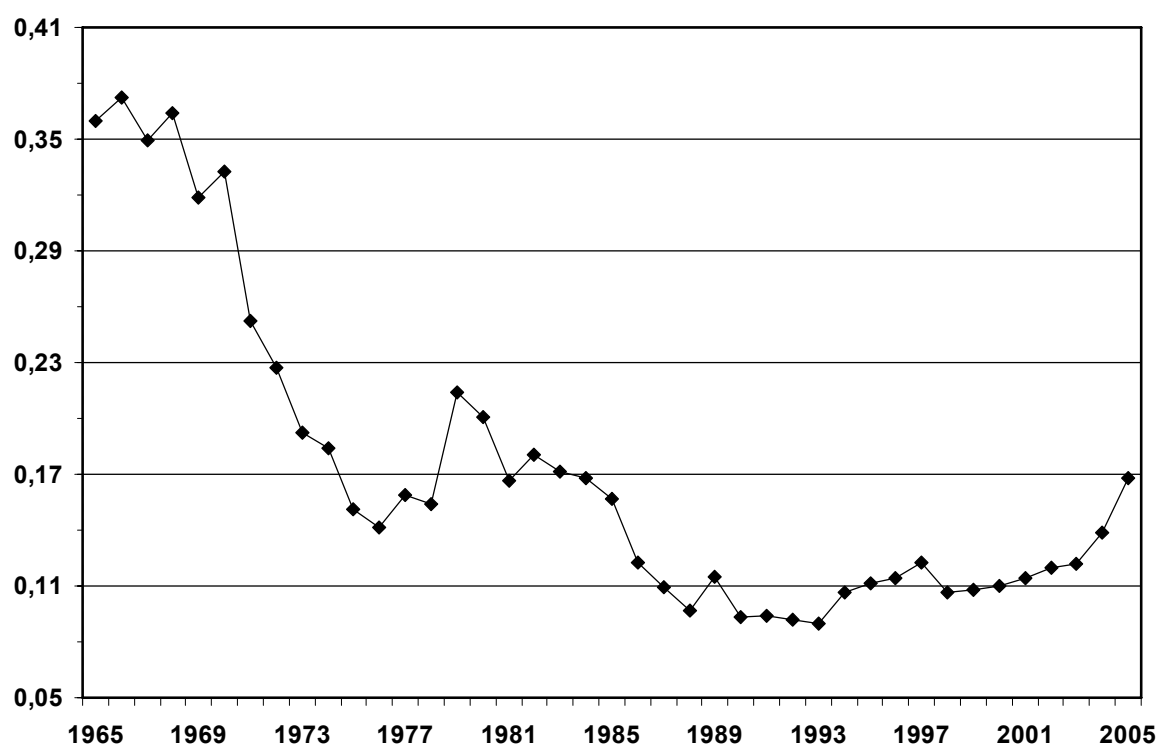
De 1981 a 1993, as exportações oscilaram entre US\$ 3,5 bilhões e US\$ 4 bilhões, acumulando no período uma queda de 13,3%. A partir daí, elas entraram em uma nova fase de crescimento, registrando um crescimento médio anual de 14,5% no período 1994-2005. O desempenho foi especialmente notável entre 2002 e 2005, quando as vendas mais do que dobraram. Os minerais, os metais não ferrosos e o petróleo explicaram 50% do valor exportado neste período, mas houve um importante crescimento também em vestuário, pescados e especiarias.

Market-share no comércio mundial

A participação das exportações peruanas nas exportações mundiais oscilava em torno de 0,35% no final dos anos sessenta. O baixo crescimento das exportações no começo da década de setenta fez com que o país perdesse participação, até chegar a 0,14% em 1976. Após uma breve recuperação até 1979, a participação entrou em nova trajetória de queda que durou até o início dos anos noventa, fruto da estagnação das exportações do país no período. Em 1993, o *market-share* do país era de apenas 0,09%. (Gráfico IX.2).

Nos últimos anos, como resultado da aceleração das exportações, a participação do Peru no comércio mundial mostrou uma tendência crescente, chegando a 0,17% em 2005.

Gráfico IX.2
Peru – *Market-share* nas exportações mundiais
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

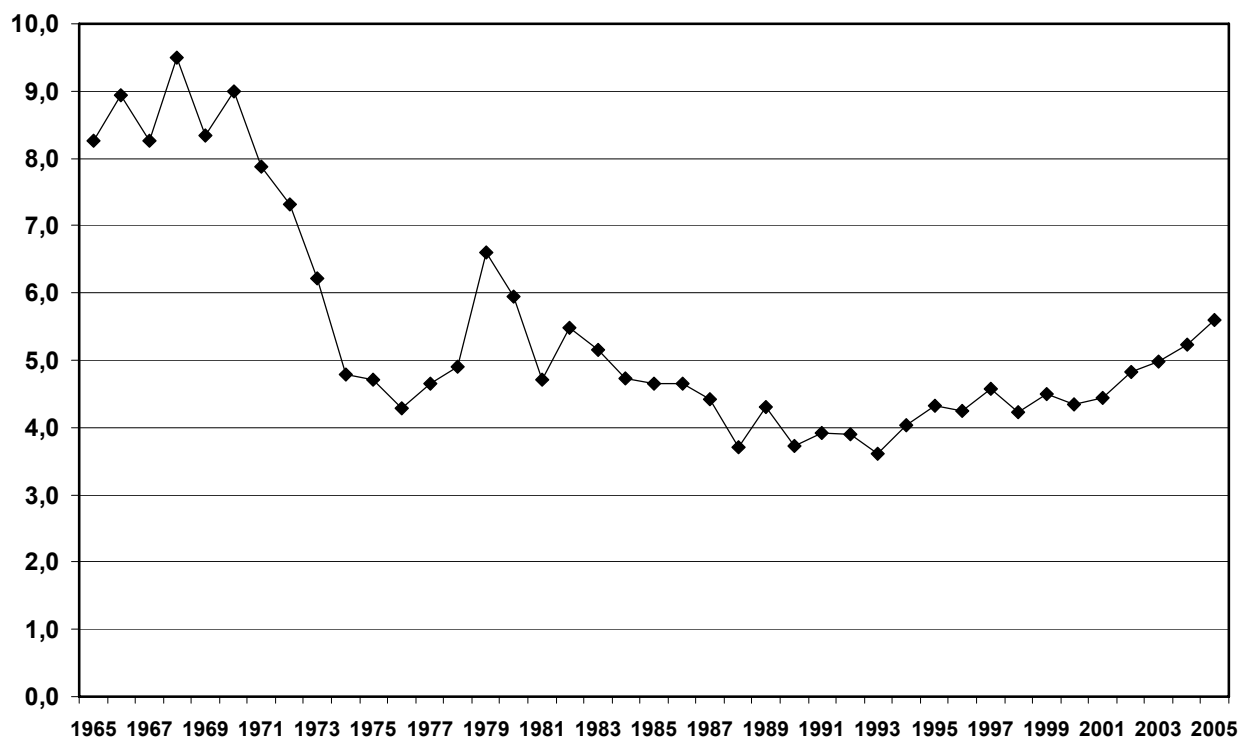
Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados

O desempenho das exportações peruanas nos últimos 40 anos foi, quase sempre, inferior ao dos demais países da América do Sul, fazendo com que a participação do país nas exportações da região se reduzisse quase à metade ao longo do período (Gráfico IX.3).

O país respondia por algo entre 8% e 9% das exportações sul-americanas entre 1965 e 1970. A desaceleração do crescimento na primeira metade dos anos setenta levou essa participação para níveis abaixo de 5%. Entre 1979-1980 houve uma recuperação temporária da participação peruana, seguida por

uma nova fase descendente que chegou a atingir 4% na primeira metade dos anos noventa. Nos últimos anos, e em consonância com o dinamismo exportador do Peru, sua participação no total nas exportações sul-americanas esteve em alta, chegando a 5,6% em 2005.

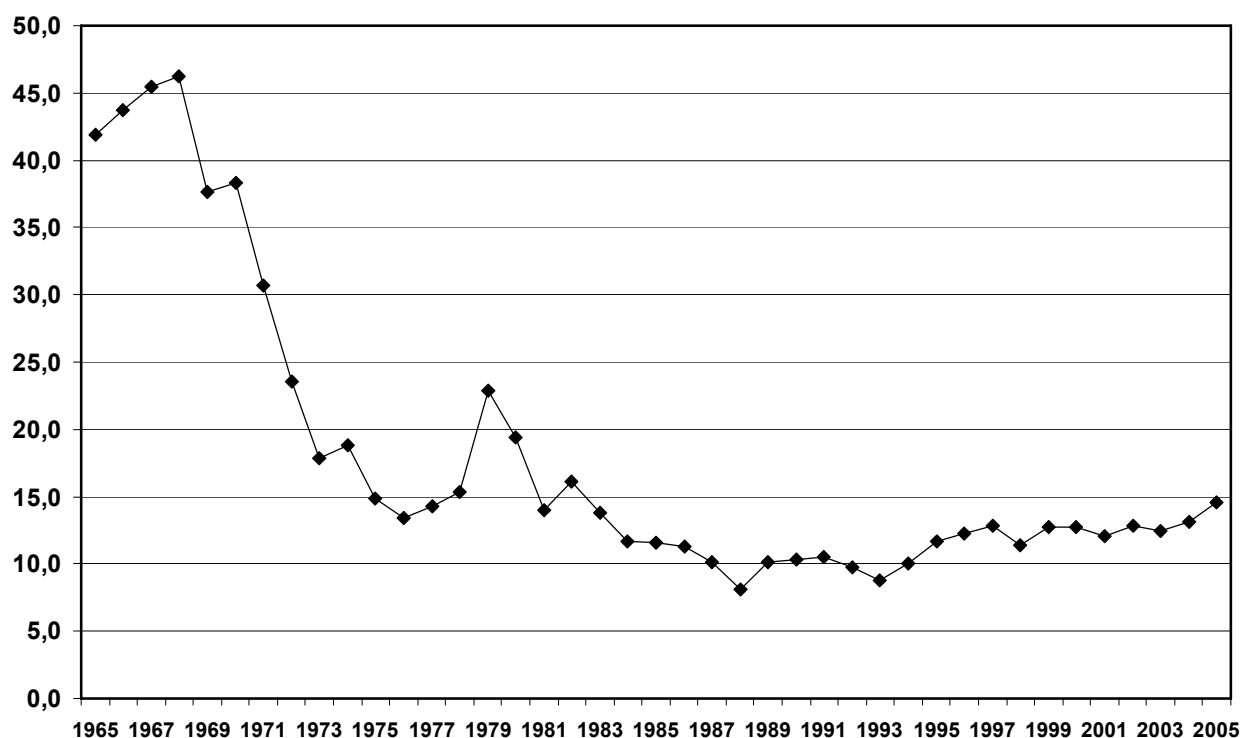
Gráfico IX.3
Exportações do Peru – Proporção das exportações sul-americanas
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

O Peru chegou a ter um valor exportado equivalente a mais de 40% das exportações brasileiras em 1965 (Gráfico IX.4). O processo de desaceleração das exportações peruanas no início dos anos setenta coincidiu com uma forte expansão das vendas externas brasileiras. O resultado desses fatores foi uma forte queda da relação entre as exportações peruanas e brasileiras, que passou para aproximadamente 15% em 1975-1977.

Gráfico IX.4
Exportações do Peru – Proporção das exportações do Brasil
Em %

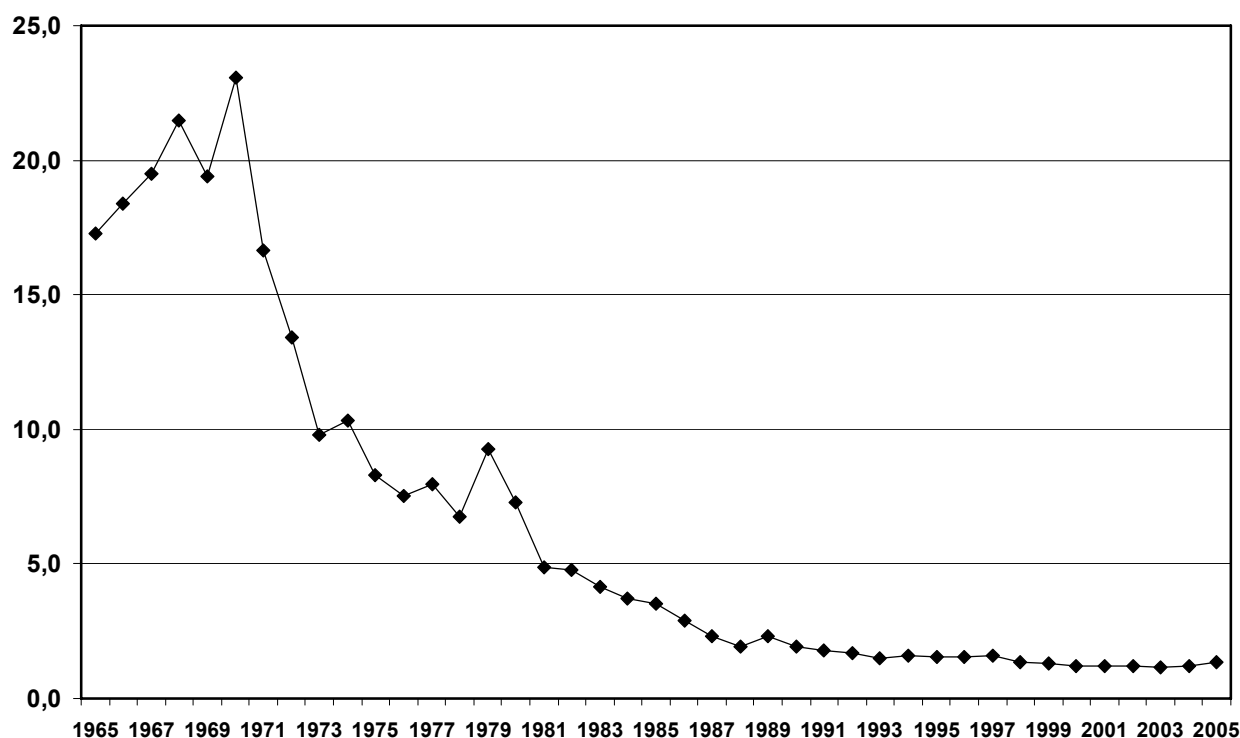


Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

Após uma breve recuperação em 1979-1980, o maior crescimento relativo das vendas externas brasileiras na década reduziu novamente a relação entre as exportações peruanas e as vendas brasileiras, agora para níveis que oscilaram em torno de 10%. A expansão das exportações peruanas nos últimos anos foi superior à brasileira e permitiu que as vendas peruanas recuperassem algum espaço, passando a corresponder a 14,5% das exportações brasileiras em 2005.

Quando comparadas com o desempenho de México, Coréia do Sul e China, as exportações peruanas também evoluíram de forma desapontadora. Em 1970, elas equivaliam a mais de 20% do valor exportado total destes três países (**Gráfico IX.5**). Esta relação declinou de forma contínua até fim dos anos noventa. Nos últimos anos, o bom desempenho exportador peruano permitiu que a relação se estabilizasse em torno de 1,4% em 2005.

Gráfico IX.5
Exportações do Peru – Proporção das exportações de México, Coréia do Sul e China
 Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

IX.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino

O mercado americano é o mais tradicional comprador de produtos peruanos, a exemplo de outros países andinos, como Colômbia e Equador. Diferentemente destes dois países, a União Européia não perdeu tanta participação como mercado de destino das vendas peruanas ao longo do período analisado. No final dos anos sessenta, os Estados Unidos e os 15 países originários da União Européia absorviam mais de 75% das exportações do Peru. Apesar do declínio da participação destes dois destinos, eles ainda respondiam por 46% da pauta em 2003-2005 (**Tabela IX.1**).

Dois outros grupos de países são grandes importadores de produtos peruanos: os Demais da América do Sul, excluindo o Mercosul, e os Demais da Ásia, com destaque para o Japão. Estes últimos são importantes destinos das vendas peruanas desde os anos sessenta, mas seu peso na pauta vem se reduzindo continuamente. De certa forma, o fraco desempenho das importações japonesas contribuiu para diminuir a significância do bloco, cuja participação reduziu-se para apenas 6% no período 2003-2005.

O contrário aconteceu com os Demais da América do Sul. Com pouca importância nos anos sessenta, a participação do bloco foi crescendo gradualmente e, em 2003-2005, já absorviam 15% dos produtos peruanos. Este desempenho reflete a integração comercial com os demais países andinos, no âmbito dos acordos comerciais da Comunidade Andina.

Um fenômeno importante – semelhante ao que se verifica com o Chile – é a crescente importância que o mercado chinês assumiu a partir dos anos noventa, chegando a representar 12% do total exportado em 2003-2005.

Por último, o Mercosul, a África e os 10 países da Ásia-Pacífico tiveram importância nos anos noventa, mas sua participação caiu bastante nos anos recentes. Hoje, cada um desses blocos absorve entre 3% e 4% das exportações peruanas.

Tabela IX.1
Participação dos países e blocos selecionados no total das exportações peruanas

(Em %)

Anos	EUA	Mercosul	Demais da América do Sul	América Central	México	União Européia (15 países)	Demais da Europa
1965-69	38,7	2,6	3,4	0,2	0,9	36,5	2,8
1970-74	33,6	3,6	3,7	0,8	1,1	32,0	5,8
1975-79	32,2	5,2	9,2	2,1	1,4	22,4	9,2
1980-84	38,1	3,8	8,9	2,7	1,2	21,0	3,8
1985-89	30,0	4,5	8,1	1,6	1,1	26,7	6,8
1990-94	20,6	4,9	10,1	1,2	2,8	28,7	2,7
1995-99	24,9	4,9	11,1	1,4	2,4	25,2	2,1
2000-02	29,4	4,1	12,9	2,8	2,3	18,8	2,3
2003-05	26,3	3,8	15,0	3,5	2,2	19,9	2,0

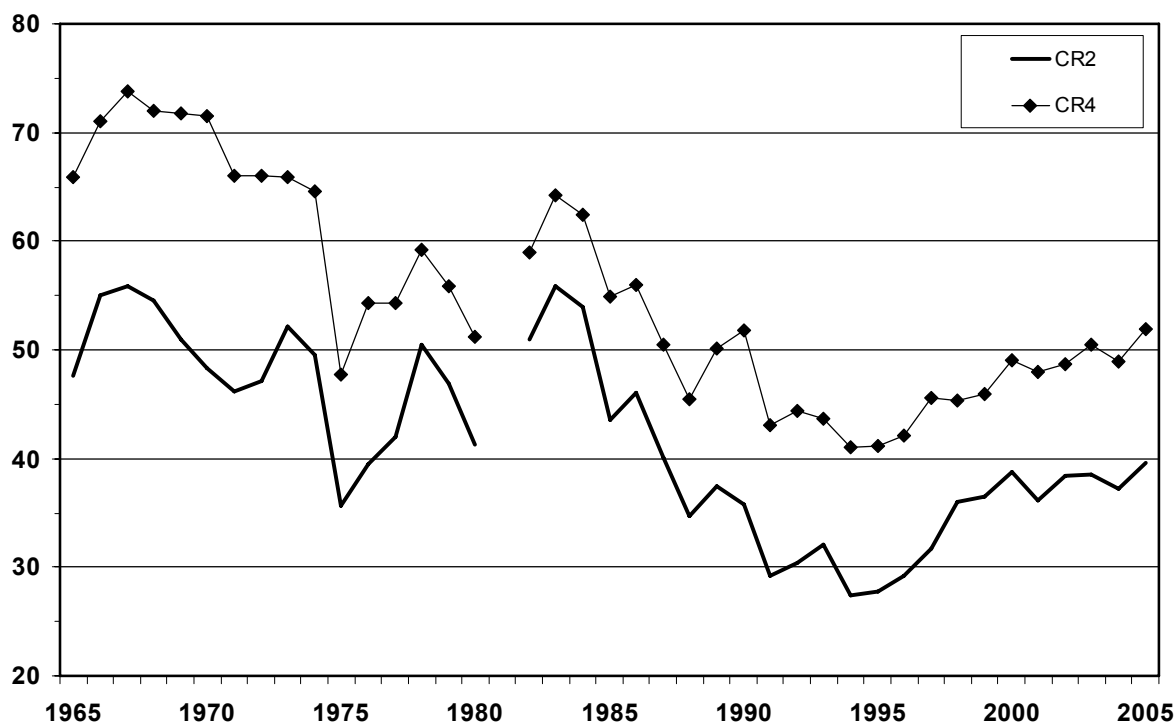
Anos	China	Oriente Médio	África	Ásia Pacífico*	Demais da Ásia	Demais países	Total
1965-69	0,0	0,3	0,3	0,4	13,2	0,7	100,0
1970-74	3,1	0,3	0,7	0,3	14,4	0,5	100,0
1975-79	2,1	0,4	1,8	1,0	12,2	0,7	100,0
1980-84	0,7	0,4	4,6	1,9	11,8	1,1	100,0
1985-89	2,3	0,7	3,9	2,3	10,8	1,3	100,0
1990-94	5,7	0,9	4,7	4,8	10,5	2,4	100,0
1995-99	6,6	0,9	4,4	5,5	7,5	3,1	100,0
2000-02	8,4	0,7	2,8	5,2	7,0	3,3	100,0
2003-05	12,2	0,2	3,2	3,1	5,7	2,8	100,0

Nota: (*) Os países que formam o bloco Ásia-Pacífico são: Cingapura, Coreia do Sul, Filipinas, Formosa, Hong Kong, Indonésia, Tailândia e Malásia.

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Sem chegar aos níveis de concentração do Equador, o Peru também destina uma alta proporção de suas exportações para os dois principais países de destino (CR2), chegando próximo de 40% do total na presente década (**Gráfico IX.6**). Na primeira metade dos anos noventa, as exportações peruanas experimentaram uma redução da concentração, devido principalmente à queda de importância do seu segundo principal mercado, o Japão. O novo aumento da concentração deve-se à rápida ascensão da China, que se tornou o segundo principal país de destino das exportações peruanas. Vale destacar que os Estados Unidos nunca perderam seu papel de principal mercado. Em 2003-2005, os quatro principais mercados de destino foram, pela ordem: Estados Unidos, China, Chile e Japão.

Gráfico IX.6
**Exportações do Peru – Participação nas exportações totais
 de dois e dos quatro principais países de destino**
 Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

IX.3. Distribuição das exportações segundo produtos

A pauta exportadora do Peru era altamente concentrada no final dos anos sessenta, quando analisada a dois dígitos da Classificação Uniforme de Comércio Internacional (CUCI). Os dois principais produtos exportados, minérios e metais não ferrosos, representavam 50% da pauta total. Os quatro principais produtos – somando preparados para alimentação animal e fibras têxteis – chegaram a representar mais de 83% das suas exportações (**Tabela IX.2**).

Os dois principais produtos permaneceram os mesmos dos anos setenta até hoje, respondendo sempre por mais de 40% da pauta (exceto em 2000-2002, quando este percentual foi de 38%) Em 2003-2005, sua participação atingia 45,7%.

Três dos cinco principais produtos dos anos sessenta – preparados para alimentação animal, fibras têxteis e açúcar – perderam importância durante o período analisado, e só os preparados para alimentação animal (farinha de pescado) permaneceram com alguma significação. Houve, em compensação, expansão de novos produtos, dentre os quais se destacam os seguintes:

- **Petróleo e derivados** – chegaram a representar 24% das exportações na primeira metade da década de oitenta. Em 2003-2005, foram o quarto principal produto exportado, respondendo por 9% do total.

- **Vestuário e tecidos** – cresceram a partir da década de oitenta, chegando a representar em torno de 11% das exportações na primeira metade da presente década.
- **Frutas e vegetais** – tinham uma participação mínima na segunda metade dos anos sessenta e cresceram nos anos noventa, atingindo nos últimos anos uma participação próxima de 5%.

Ainda que os dois principais produtos continuem representando aproximadamente a mesma proporção do total exportado, a diversificação observada desde os anos setenta permitiu ao Peru atingir uma pauta com menor concentração. Os cinco primeiros produtos, a dois dígitos da CUCI, representavam quase 90% do total exportado na segunda metade dos anos sessenta. Em 2003-2005, os cinco primeiros representavam 73%.

Tabela IX.2
Participação nas exportações do Peru, segundo classificação CUCI
Produtos selecionados ordenados pela média do triênio 2003/2005

Produtos	1965-69	1970-74	1975-79	1980-84	1985-89	1990-94	1995-99	2000-02	2003-05
Minérios de metais e sucatas de metal	18,3	20,6	17,7	18,6	23,7	17,2	15,6	15,7	24,3
Metais não ferrosos	31,7	30,2	30,3	23,9	19,0	27,9	26,0	22,3	21,4
Alimentos para animais, exc. cereais não-moídos	23,4	21,0	9,6	3,9	10,1	15,7	14,1	15,0	9,6
Petróleo e derivados	1,1	0,9	8,5	24,1	12,9	6,4	6,0	7,4	9,1
Vestuário	0,0	0,1	0,7	1,9	2,0	4,1	6,0	8,9	8,4
Frutas e vegetais	0,3	0,4	0,5	0,8	1,5	3,1	4,0	5,2	5,0
Café, chá, cacau, condimentos e seus preparados	3,9	4,2	8,4	5,4	7,7	3,7	6,2	3,9	3,4
Peixes e seus preparados	0,8	1,1	2,5	3,3	2,8	3,3	4,3	3,2	2,6
Artigos manufaturados diversos	0,0	0,1	0,9	2,0	2,2	2,1	2,7	2,3	2,2
Fios têxteis, tecidos e artigos confeccionados	0,0	0,4	2,7	4,6	6,5	5,4	3,1	2,0	1,4
Óleos e gorduras animais	2,5	3,1	0,8	0,5	0,4	0,8	1,3	1,4	1,3
Madeira, madeira serrada e cortiça	0,0	0,0	0,1	0,1	0,1	0,2	0,6	1,2	1,0
Elementos e compostos químicos	0,1	0,2	0,5	0,6	0,9	0,9	1,0	0,9	0,9
Fibras têxteis, não manufaturadas, e desperdícios	10,0	6,3	4,7	3,8	3,7	2,3	1,4	1,1	0,7
Açúcar, seus preparados e mel	6,1	8,4	6,2	0,6	0,8	0,9	0,6	0,3	0,2
Subtotal	98,4	97,1	94,0	93,9	94,2	93,9	92,8	90,7	91,3
Demais produtos	1,6	2,9	6,0	6,1	5,8	6,1	7,2	9,3	8,7
Total das exportações	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

De acordo com a **Tabela IX.3**, o Peru não conseguiu mudar a distribuição de sua pauta exportadora entre bens primários e industrializados nas últimas décadas. De acordo com a classificação realizada pela CEPAL, metais não ferrosos são considerados como produtos industrializados, o que explica a alta proporção deste tipo de bens na pauta peruana.

Embora a estrutura tenha permanecido inalterada, houve mudanças dentro da estrutura dos produtos industrializados tradicionais. Até 1974 o Peru exportava alimentos e bebidas; posteriormente, cresceu a importância de outros produtos tradicionais, como vestuário e tecidos. Assim, os alimentos, que representavam quase 100% dos produtos industrializados tradicionais na segunda metade dos anos sessenta, passaram a responder por 50% em 2003-2004.

Os bens industrializados intensivos em economias de escala e recursos naturais mantiveram uma participação nas exportações totais superior a 32%. Já a participação dos bens duráveis e difusores do progresso técnico, embora tenha crescido muito entre o começo e o fim do período analisado, não chegou a 2% do total em 2003-2004.

Tabela IX.3
Peru – Participação dos tipos de produtos nas exportações totais

Produtos	(Em %)								
	1965/ 1969	1970/ 1974	1975/ 1979	1980/ 1984	1985/ 1989	1990/ 1994	1995/ 1999	2000/ 2002	2003/ 2005
Bens primários	34,2	32,6	38,4	42,1	38,4	26,1	31,5	28,4	34,0
Bens industrializados	65,6	67,2	61,2	57,8	61,6	73,9	68,5	71,5	66,0
Tradicionalis	33,1	34,8	24,6	18,9	27,3	34,5	33,8	37,1	32,1
Alimentos, bebidas e fumo	32,7	33,4	18,2	7,9	14,2	20,8	19,9	20,7	16,1
Outros tradicionais	0,5	1,3	6,4	11,0	13,1	13,7	13,9	16,4	16,0
Não tradicionais	32,5	32,4	36,7	38,9	34,3	39,4	34,7	34,5	33,8
(1)	32,4	32,0	34,9	37,2	32,8	38,1	32,8	32,1	31,9
(2) e (3)	0,1	0,4	1,8	1,7	1,5	1,3	1,9	2,4	1,9

Notas: (1) Bens industrializados intensivos em economias de escala e recursos naturais.

(2) e (3) Bens industrializados difusores do progresso técnico e bens duráveis.

Obs: Os percentuais não somam 100% devido à existência de um pequeno grupo de produtos não classificados.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional. Elaboração: Funcex.

Tipos de produtos para os principais mercados¹²

Em 1990, não havia grandes diferenças na composição de produtos exportados para os diferentes blocos ou países de destino das exportações peruanas. As únicas exceções eram o Japão, que focava suas compras em minerais, e a China, que se concentrava em alimentos, bebidas e fumo.

Em meados da década de noventa, a América Latina e Caribe e os Estados Unidos aumentaram a participação das compras de produtos industrializados no total, especialmente alimentos e outros produtos industrializados tradicionais. Na mesma época, o mercado chinês se orientou na direção dos produtos minerais, reduzindo suas compras de alimentos. Por último, o mercado japonês passou comprar uma proporção maior de produtos agrícolas e de alimentos do Peru.

Em 2004, a China consolidou ainda mais sua posição de importadora de minerais peruanos (com 52% do total), reduzindo suas compras de alimentos industrializados, enquanto o Japão também se concentrou na compra de minerais e alimentos.

A América Latina e Caribe e os Estados Unidos continuaram a ter uma participação maior de produtos industrializados nas suas compras de produtos peruanos. Os outros produtos tradicionais e os intensivos em economias de escala e recursos naturais foram as principais categorias compradas pelos latino-americanos e pelos Estados Unidos.

Na comparação de três momentos em um período de quatorze anos (**Tabela IX.4**), pode-se observar um crescimento da participação dos produtos primários na estrutura exportadora do Peru (pela venda de produtos minerais) e também uma queda de participação de alimentos industrializados.

¹² O termo "Região" refere-se a 33 países da América Latina e o Caribe; o termo "Ásia Pacífico-10" engloba os seguintes países e territórios: Austrália, Filipinas, Hong Kong (Região Administrativa Especial de China), Indonésia, Malásia, Nova Zelândia, República de Coreia, Singapura, Tailândia e outros da Ásia não especificados. China e Japão se apresentam separadamente.

Tabela IX.4
Peru - Composição das exportações de bens segundo destino, por categorias

(Em %)

Categorias	1990							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	20,6	26,6	29,2	28,2	0,5	50,9	21,9	28,8
Agrícolas	3,3	10,0	8,7	6,2	0,5	8,6	4,0	7,5
Minerais	17,3	14,1	20,4	22,1	---	42,2	17,8	20,7
Energéticos	0,0	2,4	---	---	---	---	0,0	0,6
Bens industrializados	79,4	73,4	70,8	71,8	99,5	49,1	78,1	71,2
Alimentos, bebidas e fumo	10,6	11,2	15,5	45,0	96,9	1,9	22,4	15,5
Outros tradicionais	13,0	23,3	14,1	3,6	0,0	2,2	22,9	14,7
Com elevadas EE e intensivos em RN	52,2	37,0	41,0	23,1	2,6	44,9	31,8	39,8
Duráveis	0,8	0,3	0,0	0,0	---	0,0	0,0	0,2
Difusores de progresso técnico	2,8	1,5	0,2	0,0	---	0,0	1,0	0,9
Outros bens	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	1994							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	17,9	17,0	31,6	23,5	27,2	42,0	46,9	27,2
Agrícolas	2,2	16,3	15,5	4,8	0,6	20,3	7,1	10,6
Minerais	15,8	0,7	16,1	18,7	26,6	21,6	39,8	16,6
Energéticos	0,0	---	---	---	---	---	0,0	0,0
Bens industrializados	82,0	83,0	68,4	76,5	72,8	58,0	53,1	72,7
Alimentos, bebidas e fumo	14,2	15,5	25,4	39,0	71,2	10,5	33,1	25,1
Outros tradicionais	11,3	30,6	11,0	2,7	0,1	5,6	7,7	12,2
Com elevadas EE e intensivos em RN	52,6	35,3	31,7	34,7	1,5	41,8	11,5	34,2
Duráveis	0,8	0,1	0,0	0,0	---	0,0	0,0	0,2
Difusores de progresso técnico	3,1	1,5	0,2	0,0	0,0	0,0	0,7	1,0
Outros bens	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	2004							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	27,8	16,7	45,0	36,3	53,8	50,9	49,9	35,0
Agrícolas	2,5	13,5	21,2	6,0	1,4	5,5	5,5	9,6
Minerais	20,3	2,7	23,8	30,3	52,5	45,4	44,4	24,2
Energéticos	4,9	0,5	0,0	---	---	---	0,0	1,3
Bens industrializados	72,2	83,3	54,9	63,7	46,2	49,1	50,0	64,9
Alimentos, bebidas e fumo	9,5	4,0	16,5	19,5	35,8	22,3	27,5	15,3
Outros tradicionais	16,1	35,9	6,9	4,6	1,6	2,2	3,8	15,1
Com elevadas EE e intensivos em RN	42,9	40,0	31,3	39,3	8,8	24,5	16,8	32,6
Duráveis	0,3	0,1	0,0	0,1	0,0	0,0	0,1	0,1
Difusores de progresso técnico	3,3	3,2	0,2	0,2	0,0	0,0	1,8	1,8
Outros bens	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Nota: AP10 – Ásia Pacífico 10 países.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional, sobre a base de cifras oficiais. Elaboração: Funcex.

IX.4. Conclusão e perspectivas

As exportações peruanas lograram crescer muito rapidamente nos últimos anos. De fato, as vendas externas do Chile e do Peru tiveram as maiores taxas anuais médias (30,7%) no período 2003-2005. Na verdade, a expansão acima da média da região vem acontecendo desde meados da década de noventa. Essa expansão esteve muito associada ao alto dinamismo de seus dois principais mercados. Nos anos

noventa, o mercado americano impulsionou as vendas peruanas e, desde meados dos anos noventa, o mercado chinês vem favorecendo o crescimento exportador peruano.

Mas existem algumas debilidades na estrutura exportadora peruana. Em primeiro lugar, a concentração nos dois principais países de destino ainda é alta, próxima de 40%. Em segundo lugar, a participação no total exportado dos dois principais produtos é de 46%, uma magnitude muito próxima à de 40 anos atrás, e, para reforçar o quadro de imobilismo, trata-se dos mesmos dois produtos. Ainda que tenha conseguido diversificar e incorporar novos produtos à pauta, a estrutura exportadora do Peru ainda tem uma alta concentração em poucos produtos.

A alta concentração geográfica e em termos de produtos de suas exportações torna as exportações peruanas sensíveis aos ciclos dos mercados de destino e dos dois principais produtos de exportação. No presente, a expansão chinesa e americana está permitindo manter altas taxas de crescimento e é pouco provável que no curto prazo esse quadro se reverta drasticamente, mas no médio prazo o Peru pode sofrer seriamente com uma eventual desaceleração forte da economia chinesa e americana ou com uma queda da demanda mundial por *commodities* minerais.

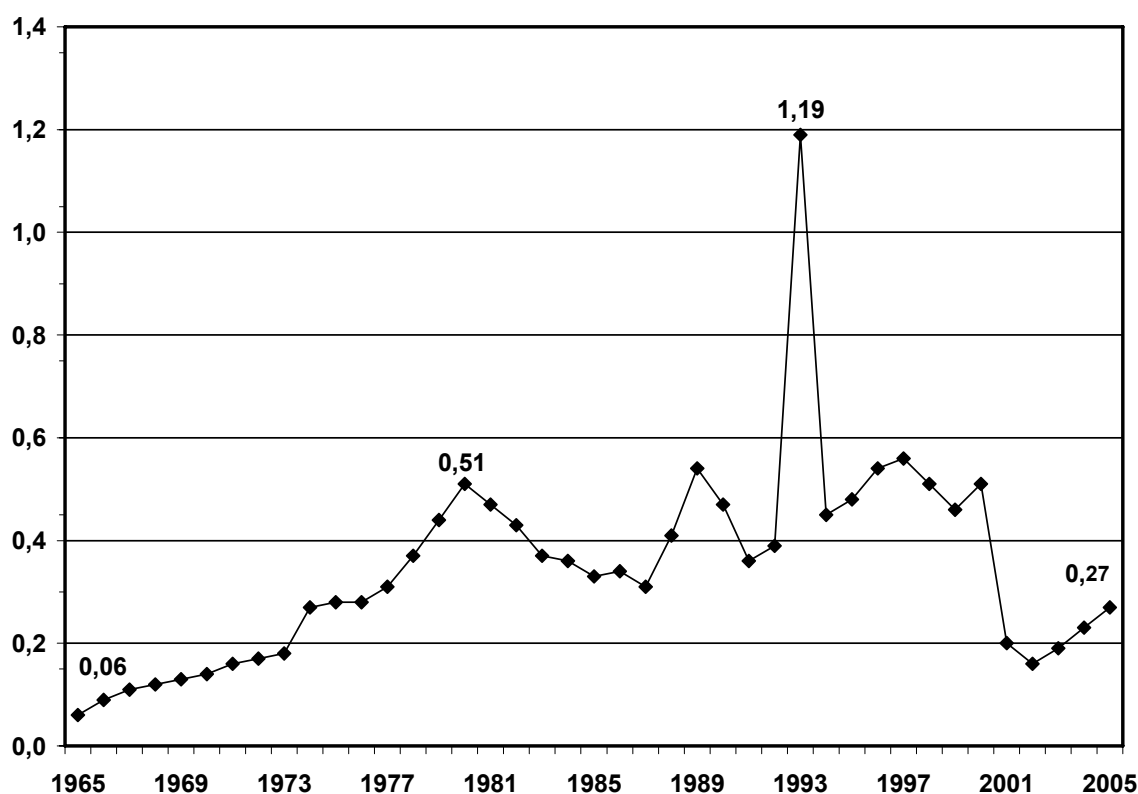
X. SURINAME

X.I. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações

Evolução geral das exportações

As exportações de Suriname apresentam uma trajetória sui generis ao longo dos últimos 40 anos. O crescimento acumulado entre 1965 e 2005 não foi dos mais elevados, equivalendo a apenas 3,8% a.a. (a menor taxa registrada entre os países da América do Sul no período). Mas o fato mais impressionante é que o montante exportado em 2005 (US\$ 270 milhões) foi igual ao registrado 30 anos antes, em 1974 (Gráfico X.1).

Gráfico X.1
Suriname – Exportações anuais
Em US\$ Bilhões



Fonte: FMI – Estatísticas Financeiras Internacionais (IFS). Elaboração: Funcex.

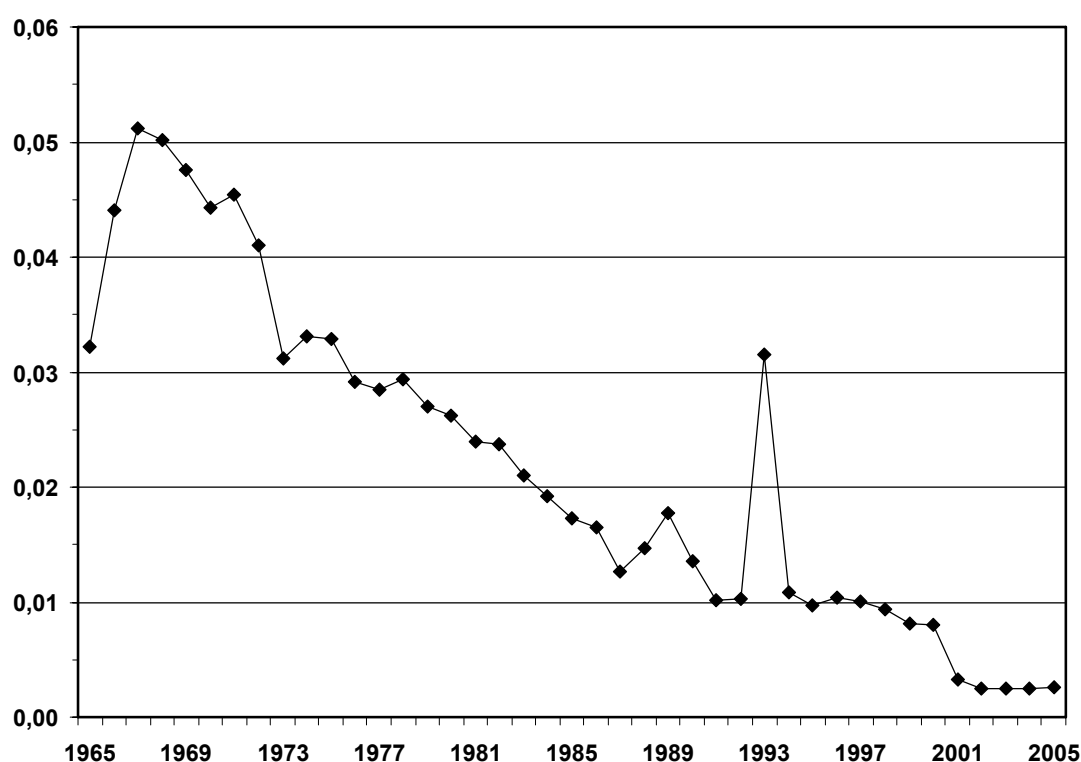
Na verdade, o desempenho exportador do país foi bastante positivo entre 1965 e 1980, quando houve um aumento médio anual de 15,3%, tendo os minerais como principal produto de exportação. Entre 1980 e 2000 as exportações de Suriname permaneceram virtualmente estagnadas entre US\$ 400 milhões e US\$ 500 milhões, tendo como grande exceção o ano de 1993, quando as vendas saltaram para

US\$ 1,19 bilhões.¹³ Nos últimos anos as exportações vêm experimentando uma recuperação após a forte queda experimentada em 2001-2002.

Market-share no comércio mundial

Depois de ter atingido um pouco mais de 0,05% das exportações mundiais em 1967, a participação de Suriname declinou de forma contínua nas décadas seguintes (**Gráfico X.2**). Em 2003-2005 esta participação atingiu seu menor valor histórico, de apenas 0,002%.

Gráfico X.2
Suriname – Market-share nas exportações mundiais
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados

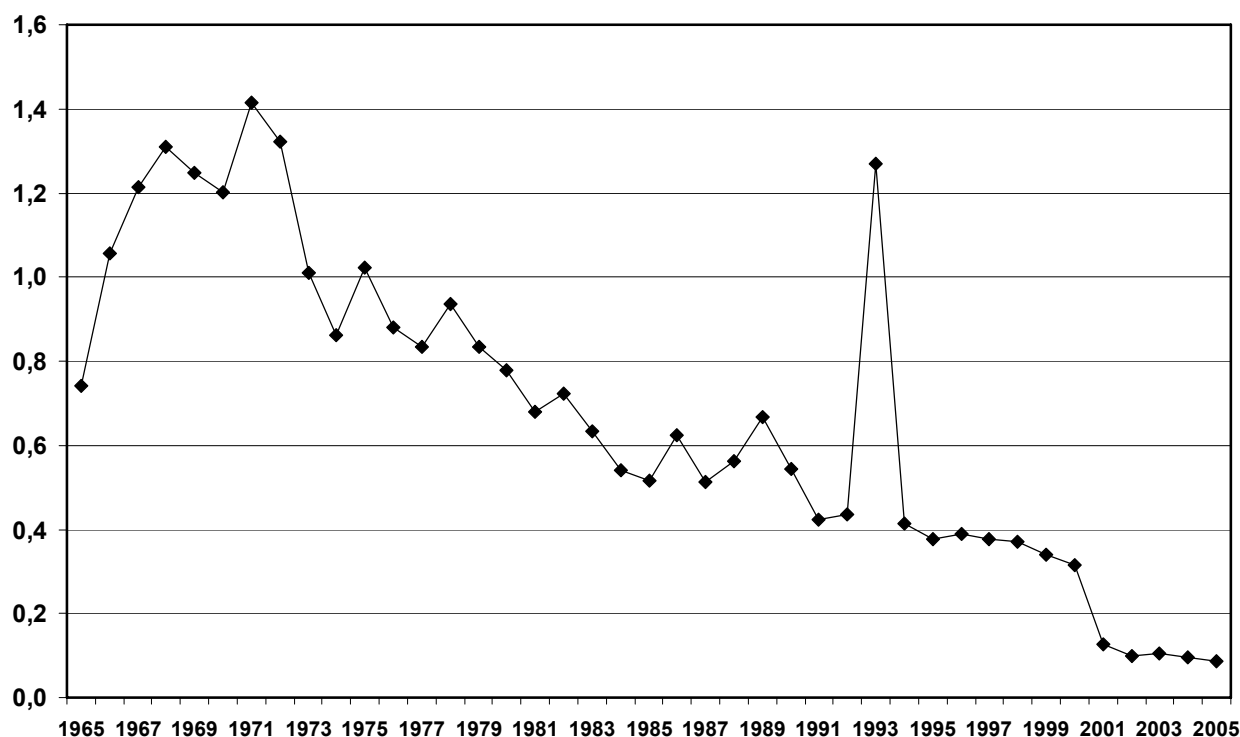
A trajetória de participação das exportações do Suriname nas exportações sul-americanas é semelhante à de sua participação no comércio mundial. Há, obviamente, uma diferença de escala (**Gráfico X.3**). As exportações de Suriname representavam entre 1,2% e 1,4 % entre 1967 e 1971. A participação caiu até 0,4% do valor exportado pela América do Sul entre 1991 e 1998 e, nos últimos anos, reduziu-se ainda mais, para menos de 0,1%.

Em comparação com as exportações brasileiras, as vendas externas do Suriname também tiveram um desempenho bem inferior ao longo do período analisado. No final dos anos 60 elas chegaram a

¹³ Não existem dados disponíveis para determinar os motivos do salto exportador em 1993.

corresponder a quase 7% do valor exportado pelo Brasil, mas em 2003-2005 este percentual havia se reduzido para apenas 0,23%. A situação é ainda pior quando se comparam as exportações do Suriname com o desempenho de Coréia, México e China. As vendas do país eram equivalentes a 3% das exportações destes três países, mas atualmente correspondem a um percentual desprezível, de 0,02%.

Gráfico X.3
Exportações da Suriname – Proporção das exportações sul-americanas
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

X.2. Exportações segundo principais países de destino

Entre 1965 e 1969, o mercado americano absorveu quase 73% das vendas do Suriname. Essa participação americana caiu em períodos posteriores, e os mercados da União Européia e do Resto da Europa (com destaque para a Noruega) tomaram a liderança como blocos de destino das exportações do país (**Tabela X.1**).

Tabela X.1
Participação de países e blocos selecionados no total das exportações do Suriname

(Em %)

Anos	EUA	Mercosul	Demais da América do Sul	América Central	México	União Européia (15 países)	Demais da Europa
1965-69	72,6	0,0	0,8	0,8	0,0	11,1	0,1
1970-74	39,9	2,3	0,3	1,1	0,1	32,6	14,1
1975-79	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
1980-84	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
1985-89	16,0	6,3	0,0	4,4	0,0	36,5	28,9
1990-94	13,7	7,1	0,1	1,8	0,0	38,5	31,1
1995-99	21,1	1,4	0,6	3,5	0,0	32,6	25,2
2000-02	22,0	0,9	1,7	4,2	2,2	30,0	29,9
2003-05	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.

Anos	China	Oriente Médio	África	Ásia Pacífico*	Demais da Ásia	Demais países	Total
1965-69	0,0	0,0	3,0	0,0	0,9	10,8	100,0
1970-74	0,6	0,2	1,8	0,2	1,7	5,4	100,0
1975-79	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
1980-84	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
1985-89	0,0	0,2	1,0	0,0	5,6	1,2	100,0
1990-94	0,0	0,0	0,0	0,0	6,7	1,1	100,0
1995-99	0,3	0,0	1,4	0,2	6,2	7,6	100,0
2000-02	0,6	0,0	1,6	0,1	5,3	1,6	100,0
2003-05	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.

Nota: (*) Os países que formam o bloco Ásia-Pacífico são: Cingapura, Coreia do Sul, Filipinas, Formosa, Hong Kong, Indonésia, Tailândia e Malásia.
Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Entre 1985 e 2002, entre 57% e 70% das exportações de Suriname se dirigiram para países da União Européia e para os Demais da Europa. O Mercosul teve uma participação importante entre 1985 e 1994, mas sua significação declinou posteriormente. Finalmente, o mercado japonês absorveu entre 5% e 6% das exportações do Suriname entre 1985 e 2002.

X.3. Distribuição das exportações segundo produtos

A Tabela X.2 mostra as exportações de Suriname classificadas a dois dígitos da Classificação Uniforme do Comércio Internacional (CUCI). As exportações a esse nível de agregação apresentam um alto grau de concentração.

Entre 1965 e 1974, cerca de 70%-78% das exportações eram de minerais. Na década de setenta, o país começou a exportar metais não ferrosos e cereais. A partir da segunda metade da década de oitenta, o Suriname passou a exportar elementos químicos, majoritariamente. Mas houve uma certa diversificação de produtos, com a entrada de itens como pescados e preparados e petróleo. O mais notável da experiência do Suriname foi a quase extinção na pauta dos produtos tradicionais dos anos sessenta e setenta, ou seja, os minerais e os metais não ferrosos.

Tabela X.2
Participação nas exportações do Suriname, segundo classificação CUCI
Produtos selecionados ordenados pela média do triênio 2000/2002

Produtos	(Em %)								
	1965-69	1970-74	1975-79	1980-84	1985-89	1990-94	1995-99	2000-02	2003-05
Elementos e compostos químicos	0,1	0,0	n.d.	n.d.	72,7	69,3	52,5	70,4	n.d.
Peixes e seus preparados	2,2	2,4	n.d.	n.d.	6,8	8,4	8,8	10,2	n.d.
Petróleo e derivados	0,0	0,0	n.d.	n.d.	0,0	1,1	3,9	8,6	n.d.
Cereais e seus preparados	4,4	7,1	n.d.	n.d.	7,4	6,0	5,4	2,8	n.d.
Frutas e vegetais	1,7	1,4	n.d.	n.d.	3,9	2,7	1,7	1,6	n.d.
Manufaturas de madeira e cortiça, exc. móveis	3,4	2,1	n.d.	n.d.	0,3	0,2	0,4	0,1	n.d.
Metais não ferrosos	0,8	15,1	n.d.	n.d.	7,0	9,2	14,4	0,1	n.d.
Minérios de metais e sucatas de metal	78,5	69,9	n.d.	n.d.	0,1	0,2	9,8	0,0	n.d.
Subtotal	91,1	98,1	n.d.	n.d.	98,2	97	96,9	93,8	n.d.
Demais produtos	8,9	1,9	n.d.	n.d.	1,8	3,0	3,1	6,2	n.d.
Total das exportações	100,0	100	n.d.	n.d.	100,0	100,0	100,0	100,0	n.d.

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

A **Tabela X.3** mostra, para os poucos anos disponíveis, uma estrutura de exportações concentrada em bens industrializados intensivos em economias de escala e recursos naturais, refletindo a característica de produção dos produtos químicos.

Tabela X.3
Suriname – Proporção de tipos de produtos
nas exportações totais

Produtos	(Em %)		
	1990/ 1994	1995/ 1999	2000/ 2001
Bens primários	16,7	28,5	18,2
Bens industrializados	83,0	70,8	81,1
Tradicionais	2,7	2,6	2,9
Alimentos, bebidas e fumo	2,2	1,8	1,5
Outros tradicionais	0,5	0,8	1,4
Não tradicionais	80,3	68,2	78,2
(1)	79,5	67,0	75,7
(2) e (3)	0,9	1,2	2,5

Notas: (1) Bens industrializados intensivos em economias de escala e recursos naturais.

(2) e (3) Bens industrializados difusores do progresso técnico e bens duráveis.

Obs: Os percentuais não somam 100% devido à existência de um pequeno grupo de produtos não classificados.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional. Elaboração: Funcex.

Tipos de produtos para os principais mercados¹⁴

No ano de 1990, o Suriname concentrava suas exportações de produtos primários para os mercados de Japão e de Ásia-Pacífico. Para os restantes países ou blocos a estrutura exportadora estava concentrada em produtos industrializados intensivos em escala e recursos naturais (**Tabela X.4**).

¹⁴ O termo "Região" refere-se a 33 países da América Latina e o Caribe; o termo "Ásia Pacífico-10" engloba os seguintes países e territórios: Austrália, Filipinas, Hong Kong (Região Administrativa Especial da China), Indonésia, Malásia, Nova Zelândia, Coreia do Sul, Cingapura, Tailândia e outros da Ásia não especificados. China e Japão são apresentados separadamente.

Tabela X.4
Suriname - Composição das exportações de bens segundo destino, por categorias

(Em %)

Categorias	1990							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	23,6	2,6	22,5	96,3	---	99,9	0,2	16,9
Agrícolas	0,0	2,6	22,5	96,3	---	99,9	0,2	15,4
Minerais	---	---	0,0	---	---	---	0,0	0,0
Energéticos	23,6	---	---	---	---	---	0,0	1,5
Bens industrializados	76,3	97,1	77,3	3,7	100,0	0,1	99,8	83,0
Alimentos, bebidas e fumo	0,0	---	0,7	---	---	---	0,7	0,5
Outros tradicionais	0,6	0,3	0,1	3,7	---	---	0,3	0,2
Com elevadas EE e intensivos em RN	75,2	95,3	75,9	---	---	---	98,7	81,8
Duráveis	0,3	0,1	0,2	---	---	0,0	0,0	0,1
Difusores de progresso técnico	0,3	1,5	0,4	---	100,0	0,1	0,0	0,3
Outros bens	0,0	0,3	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	1994							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	21,9	2,1	10,8	0,7	100,0	100,0	2,2	13,7
Agrícolas	0,1	2,1	10,8	0,7	100,0	100,0	2,2	11,9
Minerais	---	0,0	0,0	---	---	---	0,0	0,0
Energéticos	21,8	---	---	---	---	---	0,0	1,8
Bens industrializados	78,1	97,3	88,2	---	---	0,0	97,5	85,8
Alimentos, bebidas e fumo	0,1	0,0	15,0	---	---	---	0,1	5,6
Outros tradicionais	0,9	1,9	0,2	---	---	---	1,1	0,8
Com elevadas EE e intensivos em RN	75,5	91,5	72,4	---	---	---	96,0	78,2
Duráveis	1,1	0,4	0,1	---	---	---	0,0	0,2
Difusores de progresso técnico	0,4	3,5	0,5	---	---	0,0	0,3	0,9
Outros bens	0,0	0,6	1,0	99,3	0,0	0,0	0,3	0,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	2000							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	17,0	8,9	22,1	33,9	52,7	100,0	2,9	17,2
Agrícolas	16,2	8,9	22,1	33,9	52,7	100,0	2,9	17,1
Minerais	0,8	---	---	---	---	---	0,0	0,1
Energéticos	---	---	---	---	---	---	---	---
Bens industrializados	80,6	90,6	76,8	42,5	46,2	---	96,8	82,1
Alimentos, bebidas e fumo	3,6	0,0	1,5	11,5	---	---	0,2	0,7
Outros tradicionais	3,9	0,4	1,5	29,0	46,2	---	0,2	1,4
Com elevadas EE e intensivos em RN	68,0	87,7	72,3	---	---	---	96,4	78,6
Duráveis	1,3	0,1	0,6	2,0	---	---	0,1	0,3
Difusores de progresso técnico	3,8	2,3	0,9	---	---	---	0,0	1,0
Outros bens	2,4	0,6	1,1	23,7	1,1	0,0	0,3	0,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Nota: AP10 – Ásia Pacífico 10 países.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional, sobre a base de cifras oficiais. Elaboração: Funcex.

Em 1994, a China se incorporou como comprador de alimentos, mas sua participação no total foi e continua sendo insignificante.

Em 2000, o Japão continuava como forte comprador de bens agrícolas, assim como a China, mas os demais blocos tinham uma estrutura semelhante à média: fortes compras de bens com elevadas economias de escala e uma proporção menor de bens agrícolas.

X.4. Conclusão e perspectivas

Com os limitados dados disponíveis, é difícil obter um quadro acurado das tendências recentes das exportações do Suriname. Entretanto, fica evidente a debilidade da estrutura exportadora do país.

Destaca-se, em primeiro lugar, o baixo crescimento no período de análise. A taxa do Suriname foi a menor da América do Sul nos últimos 40 anos. Em segundo lugar, ainda que não tenha uma concentração excessiva dos destinos de suas exportações, como acontece com alguns países andinos, a concentração das exportações nos dois principais países é alta. Isto torna o país vulnerável aos ciclos econômicos destes dois principais países: os Estados Unidos e a Noruega.

Em terceiro lugar, a alta concentração de sua pauta em poucos produtos e a mudança de composição em um curto período indica tratar-se de uma economia instável.

Quais podem ser as perspectivas das exportações de uma economia como a do Suriname? É uma economia com petróleo e derivados, minerais e metais, produtos da pesca, frutas, cereais e produtos químicos. Não é uma cesta pequena, e dispõe de um mercado internacional bastante relevante. As possibilidades de expansão dependerão da manutenção de políticas domésticas adequadas que estimulem investimentos na exploração das potencialidades existentes na economia do país.

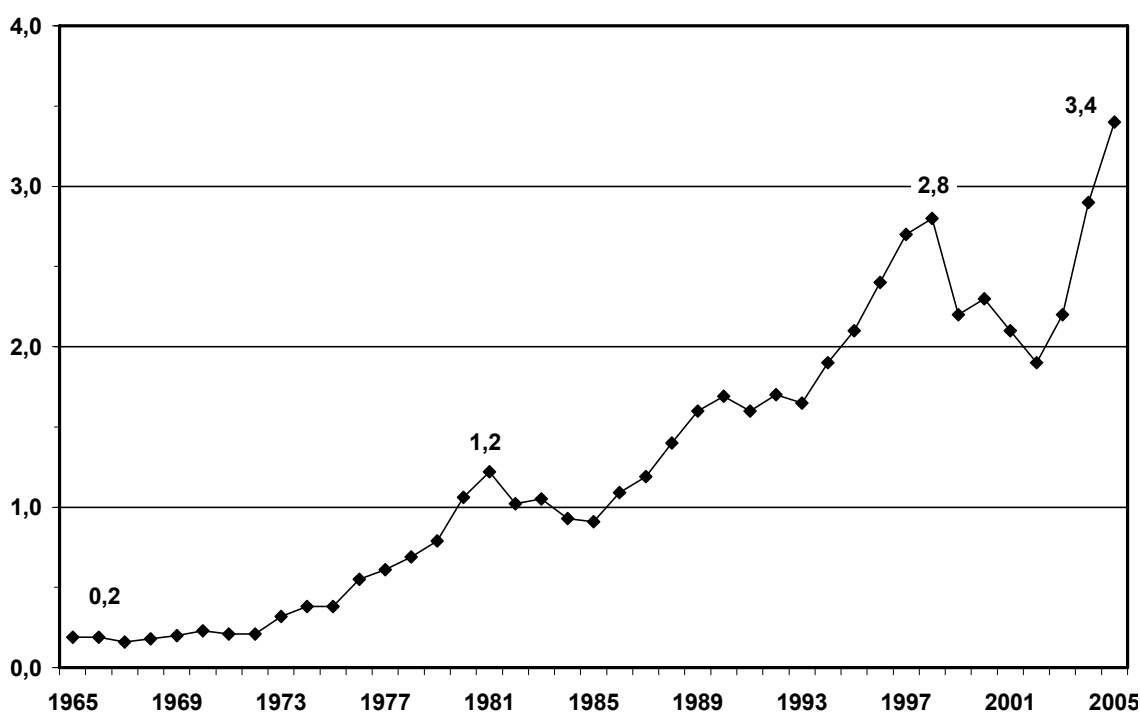
XI. URUGUAI

XI.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações

Evolução geral das exportações

As exportações do Uruguai tiveram um desempenho não muito diferente do observado na maioria dos países sul-americanos. Houve uma fase de forte crescimento nos anos 70, uma certa estagnação nos anos 80 e uma forte recuperação a partir dos anos noventa, com maior intensidade no triênio 2003-2005. As vendas passaram de US\$ 190 milhões em 1965 para US\$ 3,4 bilhões em 2005, com um crescimento médio anual de 7,5% a.a. – inferior à taxa de 9,5% referente ao total das exportações sul-americanas (Gráfico XI.1).

Gráfico XI.1
Uruguai – Exportações anuais
Em US\$ Bilhões



Fonte: FMI – Estatísticas Financeiras Internacionais. Elaboração: Funcex.

Na segunda metade dos anos sessenta as exportações do país mantiveram-se estagnadas em torno de US\$ 200 milhões, mas a partir de 1973 elas passaram a crescer rapidamente, registrando uma alta de 21,6% a.a. até 1981. Este crescimento resultou da expansão de produtos que já conformavam a pauta exportadora uruguaia, tais como artigos de couro, carne, cereais, fibras têxteis e vestuário.

Após a queda de início dos anos oitenta, uma nova trajetória de expansão iniciou-se em 1986 e se sustentou até 1998. Nesses treze anos as exportações triplicaram (alta de 9% a.a.), com a adição de novos produtos à pauta de exportação, como pescados, laticínios, frutas e vegetais e equipamentos de transporte.

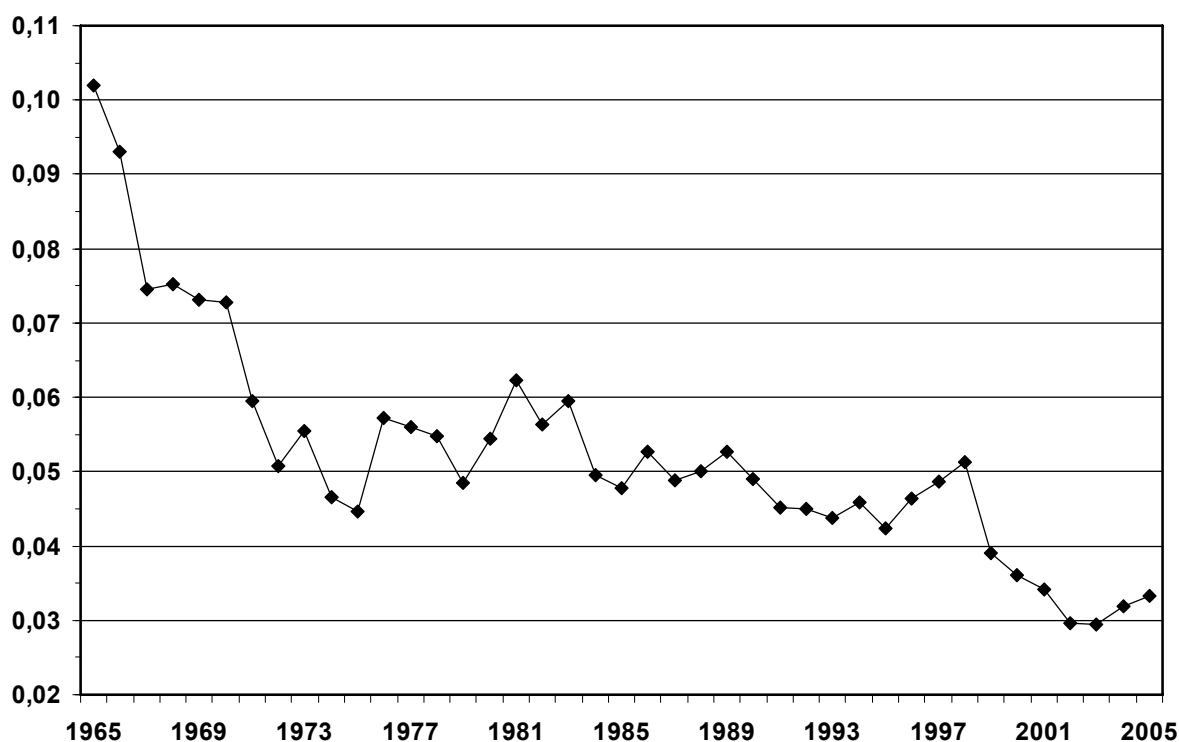
Entre 1999 e 2002 o país atravessou sua fase de retrocesso nas exportações, acumulando-se uma queda de 32%. Isto resultou das crises econômicas vividas por seus dois principais parceiros comerciais, Brasil e Argentina. No triênio 2003-2005, a exemplo do restante da América do Sul, as exportações se expandiram a taxas muito fortes, de mais de 21% ao ano.

Market-share no comércio mundial

O Uruguai apresentou, ao longo dos últimos 40 anos, uma tendência de perda de seu *market-share* no comércio mundial, como se vê no **Gráfico XI.2**. Em 1965 o país tinha uma participação em torno de 0,1%. Esse *market-share* foi declinante durante vários anos, chegando próximo de 0,04% em 1975. A partir desse ano, o país conseguiu manter uma participação relativamente estável até o final da década de oitenta, entre 0,05% e 0,06%.

O lento crescimento do início dos anos noventa se refletiu em uma nova perda de participação nas exportações mundiais, chegando a 0,04% em 1995. Depois de uma curta recuperação das exportações no final dos anos noventa, a participação do Uruguai voltou a declinar, oscilando em torno de 0,03% nos últimos anos.

Gráfico XI.2
Uruguai – Market-share nas exportações mundiais
Em %

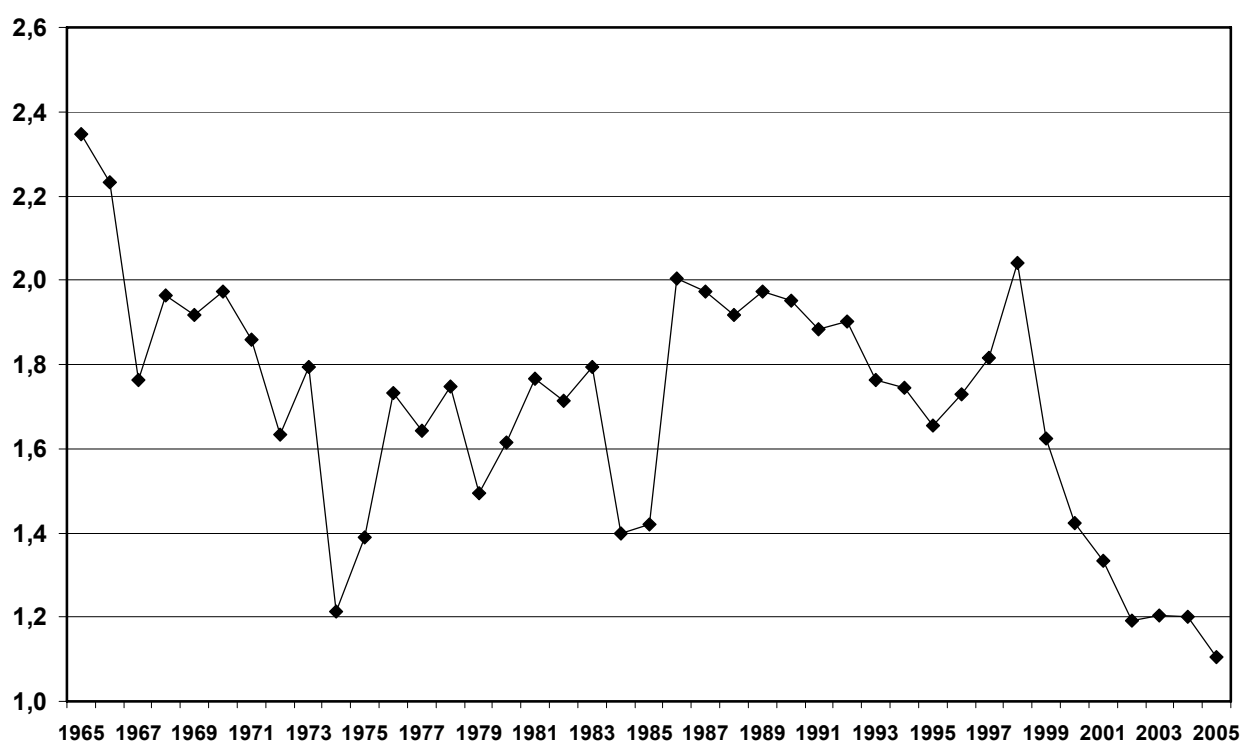


Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados

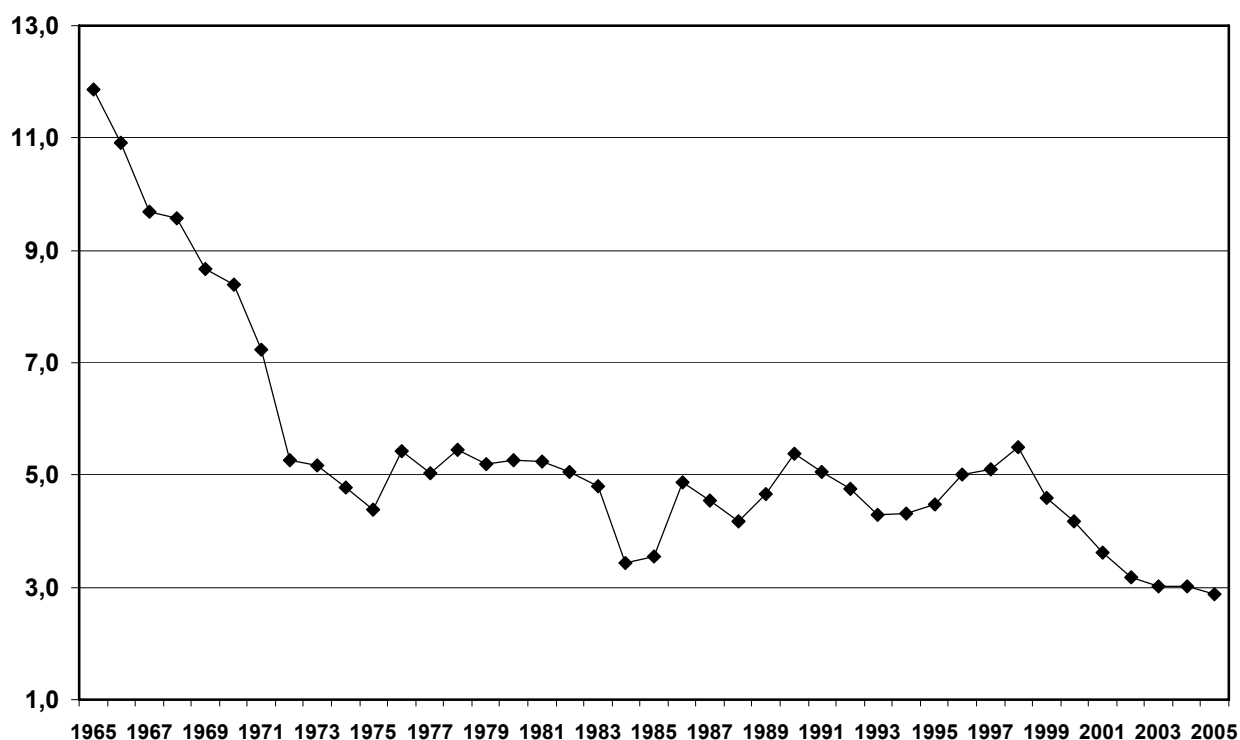
As exportações uruguaias tiveram uma participação instável nas exportações sul-americanas durante os últimos quarenta anos (**Gráfico XI.3**). Entre 1967 e 1998, a participação uruguaia variou entre um mínimo de 1,2% (em meados dos anos setenta) até um máximo de 2% (em 1998). A partir de 2000, porém, o país entrou em uma trajetória contínua de perda de participação, chegando em 2005 a representar apenas 1,1% do total exportado pela região – percentual mais baixo dos últimos 40 anos. Esta perda esteve relacionada ao período de queda das exportações, entre 1999 e 2002, mas também ao fato de que o crescimento das vendas do país no triênio 2003-2005 foi inferior à média da região.

Gráfico XI.3
Exportações do Uruguai – Proporção das exportações sul-americanas
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Gráfico XI.4
Exportações do Uruguai – Proporção das exportações do Brasil
 Em %

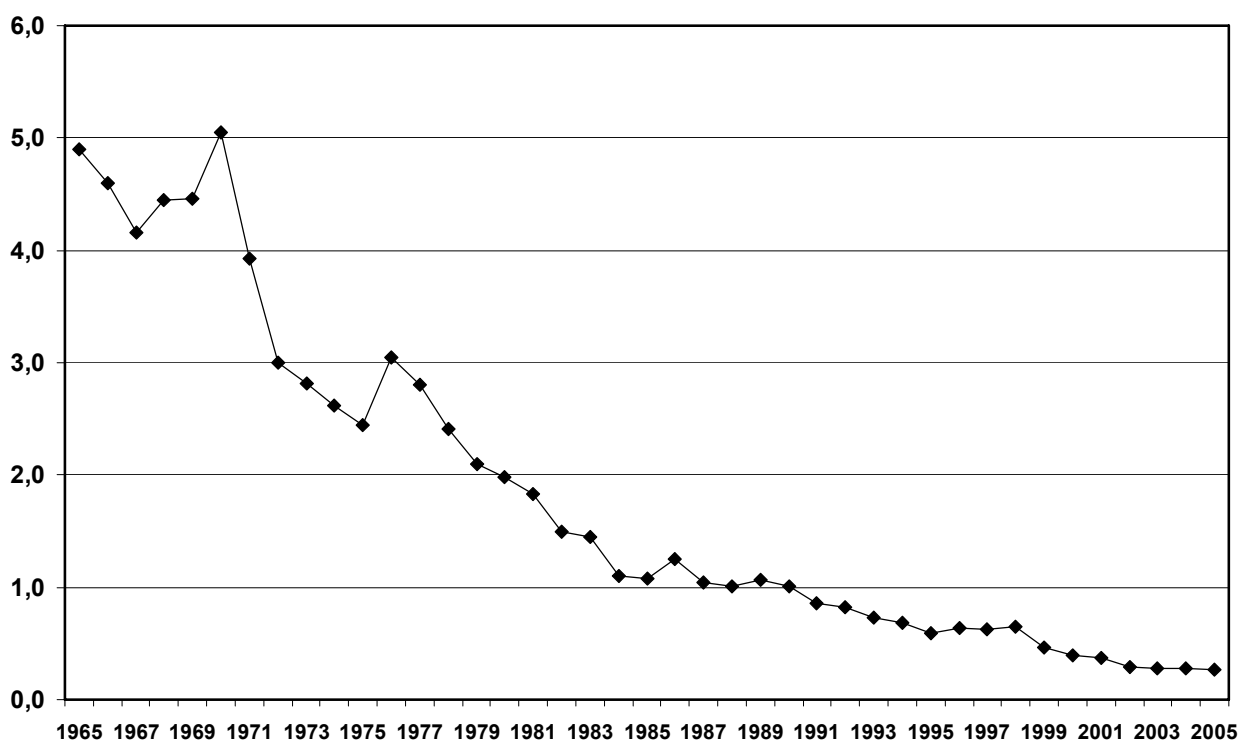


Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

Em comparação com o Brasil, o desempenho das exportações uruguaias foi especialmente inferior no período compreendido entre 1965 e 1975. No início deste período elas representavam um valor equivalente a 12% das vendas brasileiras e, no final, correspondiam a apenas pouco mais de 4% (**Gráfico XI.4**). Daí até o final dos anos noventa as vendas uruguaias evoluíram a um ritmo similar ao das exportações brasileiras, correspondendo a percentuais entre 3,5% e 5,5% destas. O percentual voltou a cair de forma contínua a partir daí, sendo que em 2005 as exportações uruguaias equivaliam a apenas 2,9% das vendas externas brasileiras.

Ao se comparar as exportações uruguaias com as exportações conjuntas de três grandes países emergentes (México, Coréia do Sul e China), verifica-se que o desempenho exportador uruaio manteve-se inferior durante todo o período analisado. Entre 1965 e 1970 as vendas uruguaias correspondiam a mais de 4% das exportações destes três países para, nos anos setenta, iniciar um período de declínio constante, que perdura até os dias de hoje, visto as exportações uruguaias corresponderem a apenas 0,27% do total dos três países em 2005.

Gráfico XI.5
Exportações do Uruguai – Proporção das exportações de México, Coréia do Sul e China
 Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração Funcex.

XI.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino

No início dos anos setenta, o Uruguai tinha suas exportações concentradas na União Européia e no Mercosul. Juntos, estes blocos absorviam mais de 72% das exportações uruguaias. A partir da segunda metade da década de setenta iniciou-se um movimento de diversificação dos mercados de destino das exportações uruguaias. Assim, entre 1975 e 1979 a participação conjunta dos dois blocos principais reduziu-se para 67% e cresceu a importância dos Estados Unidos e da África entre os principais mercados.

A partir dos anos oitenta, a perda de participação da União Européia se acentua, caindo de 40% para 27% do total, e crescem em importância como mercados o Oriente Médio, os Estados Unidos e a África. Desde a segunda metade dos anos oitenta, a China começa a ser um mercado relativamente importante para o Uruguai, sendo destino de quase 6% do total exportado pelo país. A importância do mercado chinês já na década de oitenta é uma característica que diferencia o Uruguai do resto da América do Sul, pois aquele mercado só veio a ter importância para os outros países em meados dos anos noventa ou posteriormente.

Nos anos noventa, a importância dos países do Mercosul aumenta e atinge seu ápice, com o Brasil e a Argentina absorvendo quase 50% das vendas externas uruguaias na segunda metade da década – refletindo o sucesso inicial do processo de integração do Cone Sul. Em contrapartida, os Estados Unidos, a União Européia e o Resto da Europa reduzem ainda mais sua importância como mercados

compradores. Como resultado da concentração no Mercosul, outros mercados também perdem relevância, como o mercado chinês, o do Oriente Médio e o africano.

Na presente década, as dificuldades econômicas vividas pelos principais sócios do Mercosul tiveram grande impacto na distribuição geográfica das exportações uruguaias. Em 2003-2005, somente 26% do total exportado foram destinados ao Mercosul, praticamente a metade da proporção vendida na segunda metade dos anos noventa. O espaço deixado por estes países foi ocupado principalmente pelos Estados Unidos, cuja participação cresceu para quase 20% (+13 pontos percentuais em relação à participação no período 1995-1999). Outras regiões que ganharam importância na pauta, embora com menor intensidade, foram a América Central, o México, a União Européia, os Demais da Europa e a África.

Paradoxalmente, a China reduziu sua participação nas vendas uruguaias nos anos recentes, ao contrário do que ocorreu com a maioria dos países da América do Sul. Fenômeno semelhante ocorreu com os Demais da América do Sul, cuja participação na pauta uruguaia em 2003-2005 foi de apenas 5% – inferior, por exemplo, ao peso dos países africanos.

Tabela XI.1
Participação dos países e blocos selecionados no total das exportações do Uruguai

(Em %)

Anos	EUA	Mercosul	Demais da América do Sul	América Central	México	União Européia (15 países)	Demais da Europa
1965-69	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
1970-74	5,0	18,7	4,1	0,1	0,3	53,8	8,9
1975-79	12,6	26,5	3,0	0,4	0,3	40,7	5,7
1980-84	9,2	25,9	3,1	0,2	0,4	27,5	9,0
1985-89	12,6	29,1	2,1	0,7	1,1	26,6	7,4
1990-94	9,2	38,8	4,4	0,7	2,3	23,8	3,5
1995-99	6,1	50,2	5,6	0,6	1,2	18,0	1,9
2000-02	8,3	40,1	5,0	1,2	3,8	18,5	2,0
2003-05	19,4	26,3	5,0	1,8	4,1	19,2	2,8

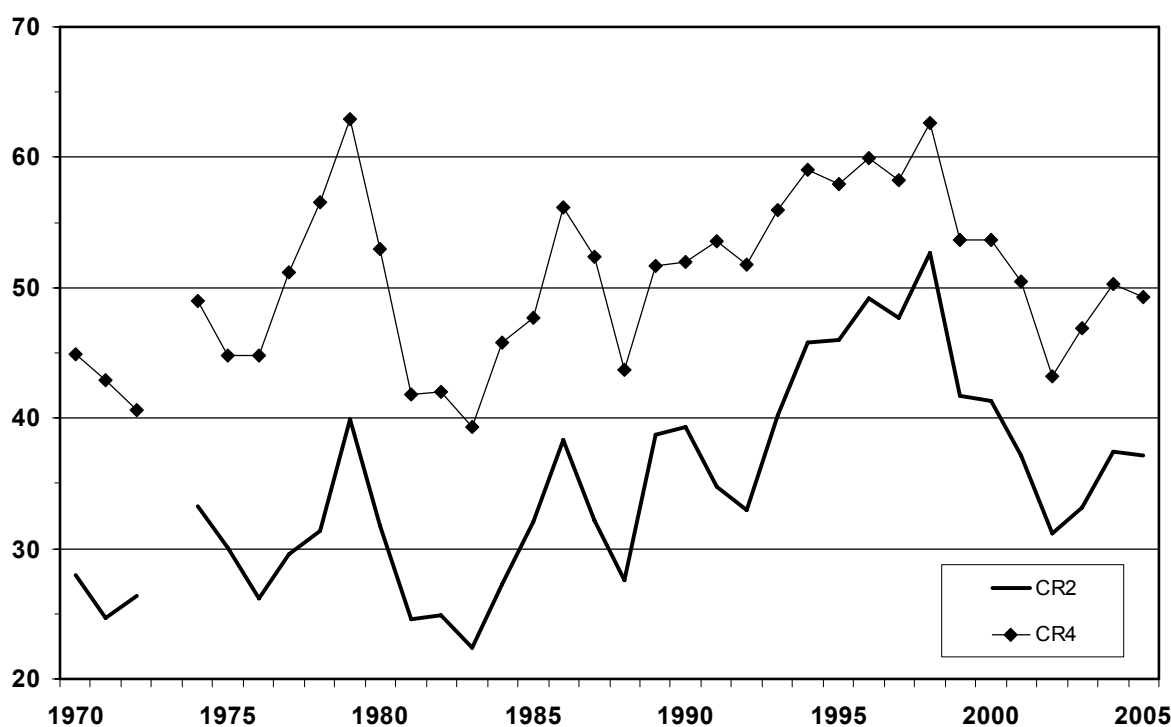
Anos	China	Oriente Médio	África	Ásia Pacífico*	Demais da Ásia	Demais países	Total
1965-69	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
1970-74	0,0	3,7	2,1	1,9	1,1	0,2	100,0
1975-79	0,0	3,2	4,7	0,7	1,4	0,8	100,0
1980-84	1,2	10,0	10,0	1,0	1,7	0,9	100,0
1985-89	5,9	6,6	3,1	2,2	1,5	1,1	100,0
1990-94	5,5	4,5	2,2	2,9	1,3	1,0	100,0
1995-99	4,1	3,7	2,3	3,8	1,2	1,3	100,0
2000-02	4,8	4,7	3,8	3,9	1,3	2,7	100,0
2003-05	3,9	3,8	6,0	3,2	1,3	3,2	100,0

Nota: (*) Os países que formam o bloco Ásia-Pacífico são: Cingapura, Coréia do Sul, Filipinas, Formosa, Hong Kong, Indonésia, Tailândia e Malásia.
Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

O **Gráfico XI.6** mostra a participação dos dois e dos quatro principais países de destino das exportações uruguaias. Até os anos oitenta, a participação dos dois principais países (CR2) nas exportações uruguaias oscilava em torno de 30%, percentual semelhante aos de Argentina e Brasil – o que significa um bom grau de diversificação geográfica. Nos anos noventa, contudo, o forte crescimento das vendas aos mercados brasileiro e argentino no âmbito do processo de integração do Mercosul elevou o CR2 para mais de 50% em 1998. Com as dificuldades do Mercosul, o CR2 do Uruguai voltou a cair, oscilando, nos últimos anos, em torno de 35%.

Desde os anos 70 o Brasil é o principal mercado para as exportações uruguaias, sendo superado em breves momentos pelos Estados Unidos. Em 2003-2005, os quatro principais mercados das exportações uruguaias foram Estados Unidos, Brasil, Argentina e Alemanha. É notável a perda de participação do mercado argentino nos últimos anos, passando de 19%, em 1998, para 7,9%, em 2005.

Gráfico XI.6
Exportações da Uruguai – Participação nas exportações totais
de dois e dos quatro principais países de destino
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

XI.3. Distribuição das exportações segundo produtos

A Tabela XI.2 apresenta a participação na pauta exportadora uruguiaia dos principais produtos a dois dígitos da Classificação Uniforme do Comércio Internacional (CUCI). As exportações uruguaias eram altamente concentradas no período 1970-1974, pois os dois principais produtos – carne e fibras têxteis – representavam quase 60% das exportações totais do país. Mas a concentração reduziu-se sobremaneira no período de análise. Já na segunda metade da década de setenta os dois principais produtos respondiam por menos de 40% da pauta.

Na segunda metade da década de noventa, os cereais assumem a segunda posição na pauta e, juntamente com as carnes, representavam 29% da pauta. Houve um pequeno aumento da concentração nos anos recentes, mas os dois principais produtos responderam por apenas 33% das vendas em 2003-2005, percentual muito inferior ao encontrado, por exemplo, nos países andinos da América do Sul.

Na verdade, o Uruguai parece ser um caso de sucesso não só em termos de redução da concentração de suas exportações, mas também, e principalmente, em termos de diversificação da cesta de produtos exportados. Essa diversificação ocorreu em quatro direções. Em primeiro lugar, diversificou os produtos primários e alimentos originados na sua base agrícola. Além de exportar carnes e cereais, passou a vender mais laticínios, sementes oleaginosas, produtos para alimentação animal, frutas e vegetais, pescado e diversos tipos de animais.

Em segundo lugar, o Uruguai conseguiu diversificar as vendas dentro do seu complexo têxtil: além de fibras têxteis, aumentou também o peso de material de vestuário. Em terceiro lugar, o país conseguiu diversificar o conjunto de bens industrializados tradicionais que exportava nos anos setenta. Assim, incorporou novos alimentos, móveis, manufaturas de madeira, produtos de tabaco, calçados e produtos do couro.

Por último, o Uruguai incorporou bens intensivos em escala e recursos naturais e difusores do progresso técnico, tais como: equipamentos de transporte, manufaturas de papel, produtos farmacêuticos, produtos da borracha, produtos de material plástico, aço, manufaturas de não ferrosos, elementos e componentes químicos.

Tabela XI.2
Participação nas exportações do Uruguai, segundo classificação CUCI
Produtos selecionados ordenados pela média do triênio 2003/2005

	1965-69	1970-74	1975-79	1980-84	1985-89	1990-94	1995-99	2000-02	2003-05
Carnes e seus preparados	-	40,3	18,1	20,4	14,2	14,2	16	16,6	23,0
Cereais e seus preparados	-	6,5	9,2	12,0	8,9	10,4	13,7	10,9	10,1
Couro, produtos de couro e peles depiladas	-	1,4	5,8	6,9	8,6	7,6	8,2	11,2	8,7
Laticínios e ovos	-	0,2	0,8	2,0	2,9	4,2	5,9	6,2	6,6
Fibras têxteis, não manufaturadas, e desperdícios	-	18,5	19,2	19,7	21,5	15,9	9,4	7,2	4,9
Peixes e seus preparados	-	0,3	2,6	4,6	5,3	5,0	4,3	5,1	4,5
Grãos e sementes oleaginosas	-	0,1	0,4	0,4	0,6	0,2	0,7	0,8	4,0
Petróleo e derivados	-	0,2	0,1	0,4	0,1	0,0	0,7	1,1	3,7
Artigos manufaturados diversos	-	0,2	0,4	0,4	0,5	0,8	1,0	2,0	2,7
Madeira, madeira serrada e cortiça	-	-	0,0	0,0	0,1	0,4	1,6	2,4	2,5
Vestuário	-	1,2	13,2	9,8	10,9	9,1	5,6	3,8	2,3
Frutas e vegetais	-	1,0	1,6	1,1	2,0	2,6	2,7	2,3	2,3
Fios têxteis, tecidos e artigos confeccionados	-	11,4	3,8	4,2	4,3	4,7	3,4	2,6	2,2
Equipamentos de transporte	-	0,6	1,6	1,0	1,5	4,8	4,6	5,5	1,9
Papel, papelão e seus produtos	-	0,2	0,6	0,9	1,0	1,1	1,8	2,6	1,7
Produtos medicinais e farmacêuticos	-	0,2	0,3	0,3	0,3	0,7	1,0	1,4	1,5
Manufaturas de borracha	-	0,8	1,2	0,8	0,8	1,4	1,6	1,7	1,4
Materiais plásticos	-	0,0	0,6	0,8	1,3	1,4	1,5	1,5	1,3
Móveis	-	0,0	0,1	0,1	0,0	0,1	0,6	0,9	1,3
Manufaturas de madeira e cortiça, exc. móveis	-	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	1,3
Produtos animais e vegetais em bruto	-	0,0	0,7	0,8	1,0	1,0	0,9	1,0	1,0
Fumo e seus produtos	-	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1	1,3	2,4	0,9
Ferro e aço	-	0,2	0,6	0,5	0,5	0,4	0,7	0,7	0,9
Manufaturas de minerais não-metálicos	-	1,6	3,1	1,4	1,0	1,5	1,3	1,1	0,8
Animais vivos	-	0,0	1,4	1,4	0,8	1,3	2,0	0,5	0,7
Elementos e compostos químicos	-	0,3	0,6	0,6	1,0	0,9	0,7	1,1	0,7
Alimentos para animais, exc. cereais não-moídos	-	0,8	1,9	1,3	0,7	0,4	0,3	0,2	0,4
Couros e peles não depiladas	-	8,9	0,4	0,5	0,8	0,5	0,2	0,2	0,2
Calçados	-	0,6	3,3	0,9	0,7	1,2	0,7	0,3	0,1
Subtotal	-	95,5	91,6	93,1	91,5	92,2	92,4	93,4	93,6
Demais produtos	-	4,5	8,4	6,9	8,5	7,8	7,6	6,6	6,4
Total das exportações	-	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

A **Tabela XI.3** apresenta a proporção de tipos de produtos nas exportações totais do Uruguai, segundo a classificação da CEPAL. De acordo com essa classificação, o Uruguai tem sido, ao longo das últimas décadas, um exportador de bens industrializados. A proporção entre bens primários e bens industrializados se manteve relativamente constante entre 1975 e 1989. Na década de noventa, a participação de bens primários diminuiu, ficando entre 15% e 18%.

Entre 1975 e 2004, o Uruguai exportou majoritariamente produtos industrializados tradicionais. Na primeira parte do período, entre 1975 e 1994, a proporção maior dentre os bens tradicionais correspondeu a outros bens tradicionais (produtos têxteis, móveis, produtos da madeira, calçados e couros). Nos últimos anos, os alimentos, bebidas e fumo passaram a ter uma proporção maior, devido principalmente ao crescimento das exportações de carnes.

Duas outras tendências notáveis das exportações de bens industrializados foram: o crescimento dos bens intensivos em economias de escala e recursos naturais, que aumentou em 40% sua participação no total exportado; e o significativo crescimento dos bens duráveis e difusores do progresso técnico, que passaram de 3,4% do total exportado, em 1975-1979 para 8,3%, em 2000-2002.

Tabela XI.3
Uruguai – Proporção de tipos de produtos nas exportações totais

Produtos	(Em %)								
	1965/ 1969	1970/ 1974	1975/ 1979	1980/ 1984	1985/ 1989	1990/ 1994	1995/ 1999	2000/ 2002	2003/ 2005
Bens primários	n.d	n.d	23,3	24,8	22,2	17,2	16,8	14,9	18,4
Bens industrializados	n.d	n.d	76,6	74,8	77,5	82,4	82,9	84,7	81,5
Tradicionais	n.d	n.d	65,8	65,4	64,8	67,1	66,4	67,2	66,7
Alimentos, bebidas e fumo	n.d	n.d	27,3	32,6	25,3	29,2	35,5	36,1	39,6
Outros tradicionais	n.d	n.d	38,5	32,8	39,5	37,9	30,9	31,1	27,1
Não tradicionais	n.d	n.d	10,9	9,4	12,7	15,3	16,5	17,6	14,8
(1)	n.d	n.d	7,4	6,9	9,7	8,6	8,9	9,3	10,4
(2) e (3)	n.d	n.d	3,4	2,5	3,0	6,7	7,6	8,3	4,4

Notas: (1) Bens industrializados intensivos em economias de escala e recursos naturais.

(2) e (3) Bens industrializados difusores do progresso técnico e bens duráveis.

Obs: Os percentuais não somam 100% devido à existência de um pequeno grupo de produtos não classificados.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional. Elaboração: Funcex.

Tipos de produtos para os principais mercados¹⁵

Em 1990, a estrutura de produtos uruguaios comprados pela América Latina e Caribe se diferenciava dos demais blocos e países de destino. A Região tinha uma alta proporção de bens intensivos em economias de escala e recursos naturais e de bens duráveis e difusores de progresso técnico. Os demais blocos e países concentravam suas compras nos outros produtos industrializados tradicionais.

Em 1995 e 2004, a Região continuou concentrando suas compras em bens com elevadas economias de escala e duráveis e difusores do progresso técnico, mas mudou a composição de suas compras de

¹⁵ O termo "Região" refere-se a 33 países da América Latina e o Caribe; o termo "Ásia Pacífico-10" engloba os seguintes países e territórios: Austrália, Filipinas, Hong Kong (Região Administrativa Especial da China), Indonésia, Malásia, Nova Zelândia, Coreia do Sul, Cingapura, Tailândia e outros da Ásia não especificados. China e Japão são apresentados separadamente.

produtos tradicionais, aumentando a participação de alimentos e bebidas, o que certamente é resultado dos avanços na integração do Mercosul.

Uma outra mudança recente na distribuição de tipos de produtos entre blocos e países de destino foi a maior concentração das compras americanas em alimentos (basicamente carnes), e a maior participação dos bens com elevadas economias de escala e recursos naturais nas importações oriundas do Uruguai.

Diferentemente do que ocorre com a América Latina e os Estados Unidos, as compras dos demais países e blocos têm uma participação relativamente elevada de produtos primários (agrícolas), além de alimentos, bebidas e fumo e outros tradicionais.

Tabela XI.4
Uruguai - Composição das exportações de bens segundo destino, por categorias

(Em %)

Categorias	1990							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	9,0	10,1	25,9	16,4	11,3	29,6	32,7	18,0
Agrícolas	8,8	10,1	25,8	16,4	11,3	21,4	32,6	17,8
Minerais	0,1	---	0,1	0,1	---	8,3	0,1	0,2
Energéticos	---	---	---	---	---	---	---	---
Bens industrializados	90,8	88,7	73,9	83,6	88,7	70,4	67,3	81,8
Alimentos, bebidas e fumo	40,1	15,0	23,2	22,2	0,1	23,1	35,9	30,6
Outros tradicionais	20,9	72,5	49,2	60,4	88,6	39,4	29,5	38,2
Com elevadas EE e intensivos em RN	24,6	0,4	0,5	---	---	6,2	1,2	10,4
Duráveis	2,9	0,3	0,5	---	---	0,2	0,1	1,4
Difusores de progresso técnico	2,3	0,5	0,5	0,9	---	1,4	0,6	1,2
Outros bens	0,3	1,2	0,2	0,0	0,0	0,0	0,0	0,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	1995							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	16,2	17,5	25,6	5,5	15,8	43,4	27,5	18,8
Agrícolas	16,0	17,5	25,5	5,5	15,8	32,5	27,5	18,6
Minerais	0,2	---	0,0	---	0,0	10,9	0,1	0,2
Energéticos	---	---	---	---	---	---	---	---
Bens industrializados	83,3	82,2	74,4	93,3	84,2	56,5	71,5	80,7
Alimentos, bebidas e fumo	32,3	12,9	36,7	7,6	0,1	17,9	46,4	30,0
Outros tradicionais	23,3	66,7	36,0	81,9	83,8	28,8	21,2	34,8
Com elevadas EE e intensivos em RN	15,5	0,1	0,6	1,8	0,1	3,7	0,8	8,6
Duráveis	8,5	1,5	0,3	0,9	---	1,9	1,0	4,8
Difusores de progresso técnico	3,7	1,0	0,8	1,2	0,1	4,3	2,1	2,5
Outros bens	0,5	0,3	0,1	1,2	0,0	0,0	1,0	0,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	2004							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	9,1	2,4	31,6	12,8	28,3	21,8	39,8	17,8
Agrícolas	9,0	2,4	31,5	12,6	28,2	21,7	39,7	17,8
Minerais	0,1	0,0	0,0	0,2	0,2	0,1	0,0	0,1
Energéticos	0,0	---	0,1	---	---	---	0,0	0,0
Bens industrializados	90,9	97,6	68,3	87,2	71,6	78,2	60,2	82,1
Alimentos, bebidas e fumo	36,7	67,1	32,0	13,9	2,2	12,4	41,9	40,7
Outros tradicionais	22,8	12,7	34,5	71,4	66,2	65,4	14,5	25,1
Com elevadas EE e intensivos em RN	21,5	16,6	0,6	1,6	2,8	0,4	0,8	11,7
Duráveis	4,6	0,3	0,3	0,2	---	---	1,0	2,0
Difusores de progresso técnico	5,3	0,8	0,9	0,0	0,4	---	2,1	2,6
Outros bens	0,0	0,1	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Nota: AP10 – Ásia Pacífico 10 países.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional, sobre a base de cifras oficiais. Elaboração: Funcex.

XI.4. Conclusão e perspectivas

No período 1965-2005, as exportações uruguaias cresceram abaixo da média da América do Sul. Mas a análise da estrutura de produtos e de destinos das exportações uruguaias não evidencia sinais de preocupante debilidade.

Em primeiro lugar, o Uruguai tem uma concentração relativamente baixa de suas exportações nos dois principais mercados, em torno de 30%, e uma carteira bastante diversificada de sócios comerciais. Quando os sócios do Mercosul reduziram suas compras de produtos uruguaios, rapidamente o mercado americano ocupou parte do espaço, assim como o mercado africano. O país tem uma longa relação comercial com a China, mesmo antes de outros países da região. A participação chinesa nas vendas externas uruguaias está em um nível intermediário para os patamares da região, inferior à do Chile, Brasil e Argentina, por exemplo, mas de magnitude ainda importante.

Em segundo lugar, o Uruguai conseguiu constituir uma cesta relativamente diversificada de produtos industrializados tradicionais, como alimentos e outros tradicionais e não tradicionais, os bens intensivos em escala e recursos naturais e os bens duráveis e difusores do progresso técnico – estes últimos destinados basicamente aos sócios do Mercosul. No terreno dos bens duráveis e difusores do progresso técnico, o Uruguai conseguiu uma participação desses produtos na pauta que é superior a de países sul-americanos de alto crescimento exportador, como o Chile e o Equador.

XII. VENEZUELA

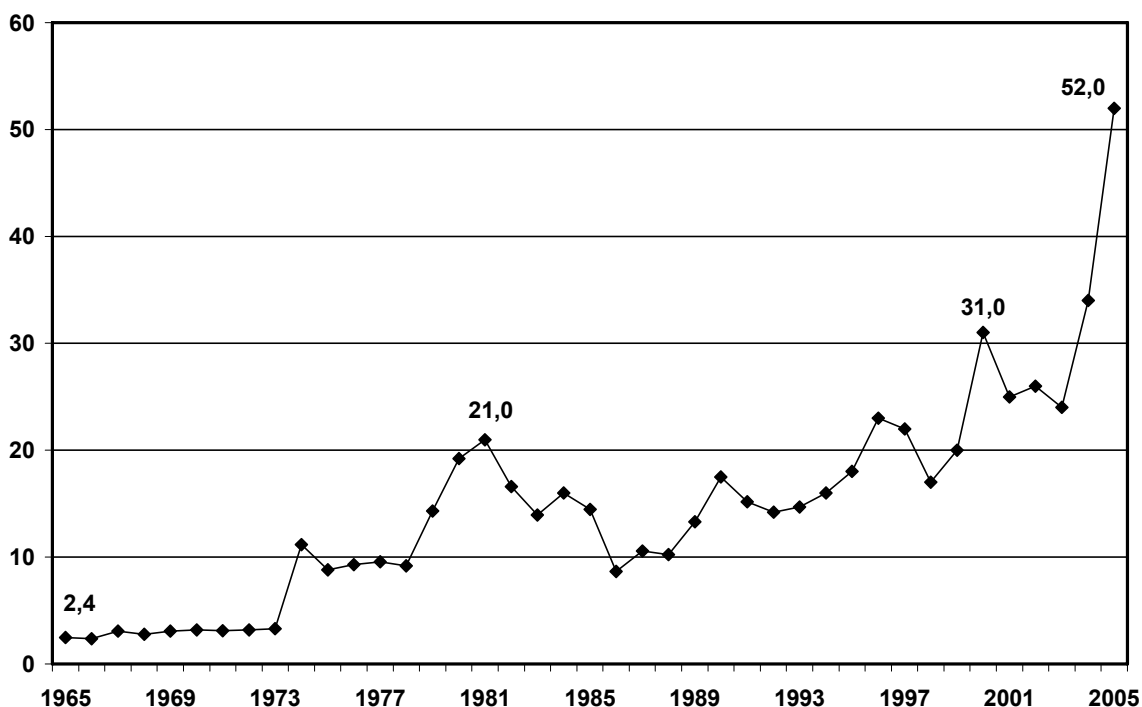
XII.1. Evolução geral e comparada do desempenho das exportações

Evolução geral das exportações

As exportações da Venezuela apresentam uma evolução bastante irregular ao longo do tempo, marcada por curtos períodos de forte crescimento seguidos por períodos mais longos de estagnação ou queda, em relação aos demais países da América do Sul. O **Gráfico XII.1** mostra uma evolução bastante irregular ao longo do tempo. Na verdade, estes ciclos estão diretamente relacionados ao comportamento dos preços internacionais do petróleo, produto que domina amplamente a pauta exportadora do país.

No período 1965-2005 as vendas externas do país passaram de US\$ 2,46 bilhões para US\$ 52 bilhões, o que corresponde a um crescimento médio anual de 7,9% – inferior à média da América do Sul. Entre 1965 e 1973 as vendas cresceram muito lentamente, mas o choque do petróleo fez com que elas registrassem uma alta de 238% somente em 1974. O valor exportado se expande bruscamente mais uma vez em 1979-1980, de novo influenciado pelo preço do petróleo, e alcança US\$ 21 bilhões em 1981. Daí em diante registra-se um período de instabilidade, sendo que as vendas só voltam a superar a casa de US\$ 20 bilhões em 1996. A alta dos preços do petróleo a partir de 2003 provocam um novo *boom* exportador, sendo que no biênio 2004-2005 o crescimento foi de 47% a.a.

Gráfico XII.1
Venezuela - Exportações anuais
 Em US\$ Bilhões

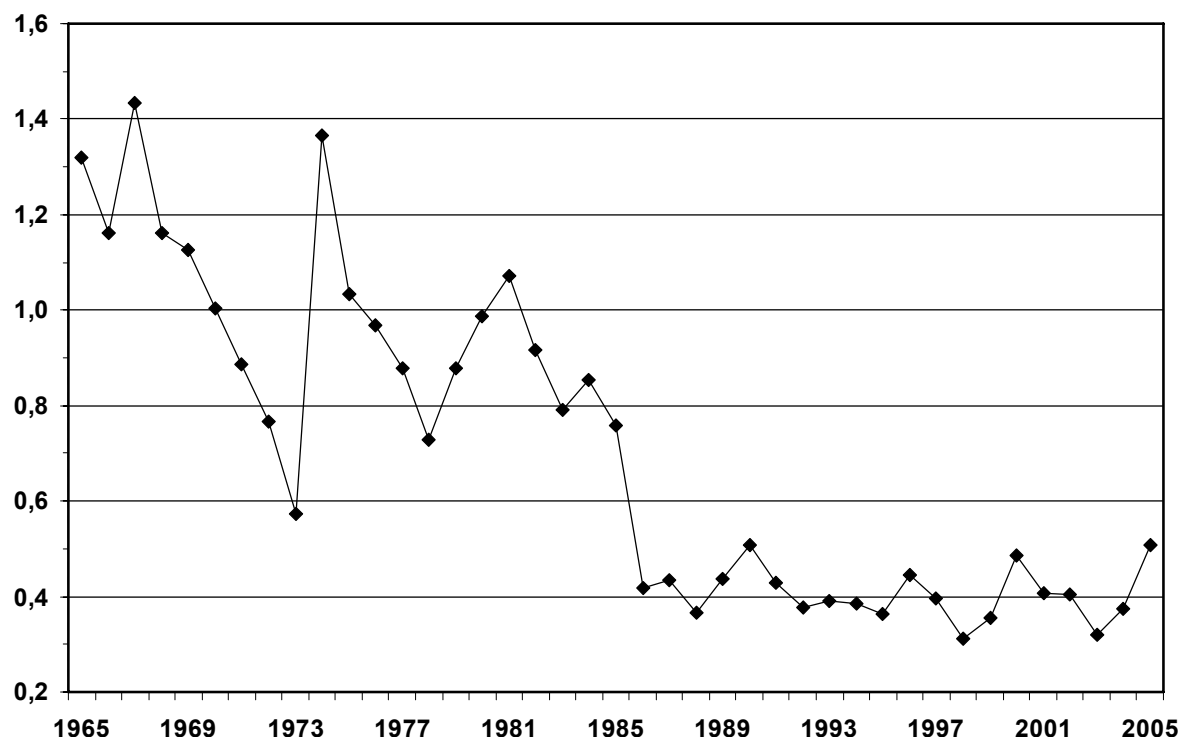


Fonte: FMI – Estatísticas Financeiras Internacionais. Elaboração: Funcex.

Market-share no comércio mundial

A Venezuela reduziu sua participação no comércio mundial de forma quase contínua entre 1965 e 1986, salvo nos anos de 1974 e 1979-1981, como consequência dos aumentos do preço do petróleo. A partir de meados da década de 80, contudo, o *market-share* venezuelano nas exportações mundiais tem se mantido razoavelmente constante em torno dos 0,4% (**Gráfico XII.2**).

Gráfico XII.2
Venezuela – *Market-share* nas exportações mundiais
Em %



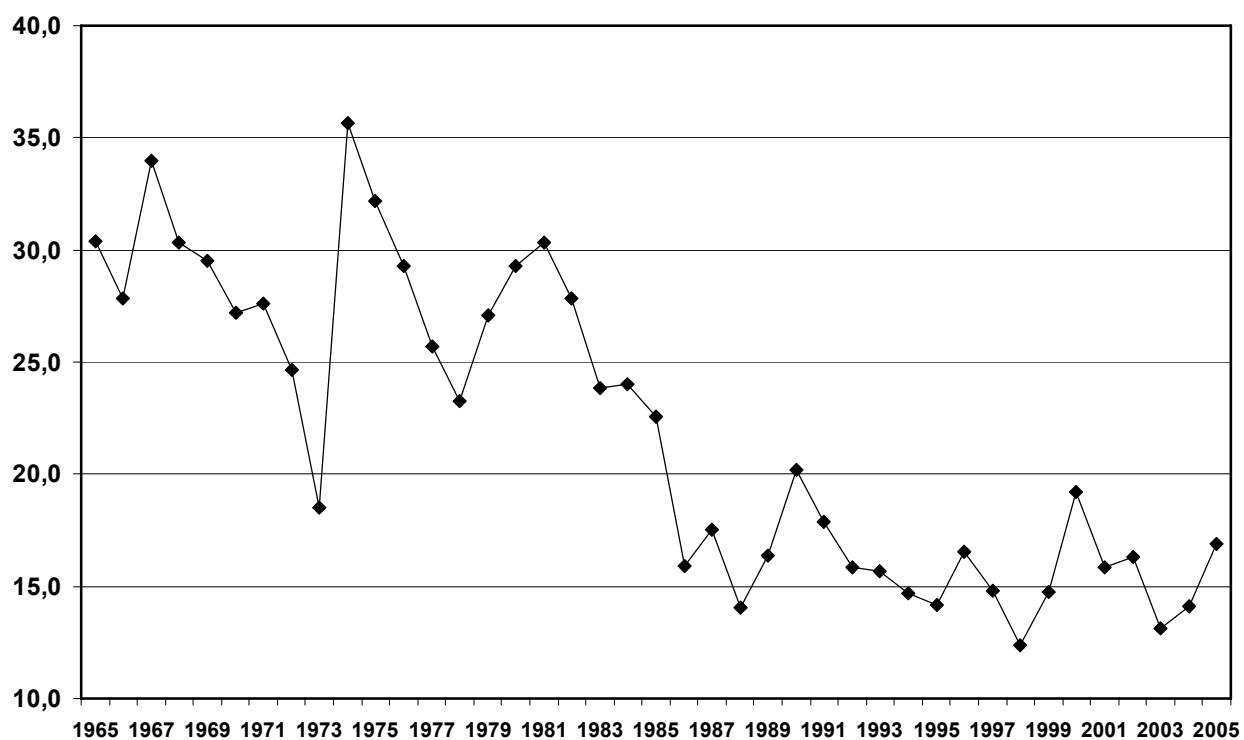
Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Evolução comparada com as exportações da América do Sul, do Brasil e de outros países selecionados

A Venezuela era o maior exportador da América do Sul em 1965, respondendo por 31% das exportações da região neste ano. Contudo, a virtual estagnação verificada até o início dos anos setenta fez com que esta participação se reduzisse para cerca de 20% em 1973. No ano seguinte esta participação deu um salto atingiu o pico de 35,6%, mas desde então se assistiu a um gradual declínio até fins da década de 80, quando a participação havia se reduzido para cerca de 15%. A partir daí, a proporção das exportações de Venezuela nas exportações sul-americanas tem se mantido relativamente estável em torno dos 15% (**Gráfico XII.3**).

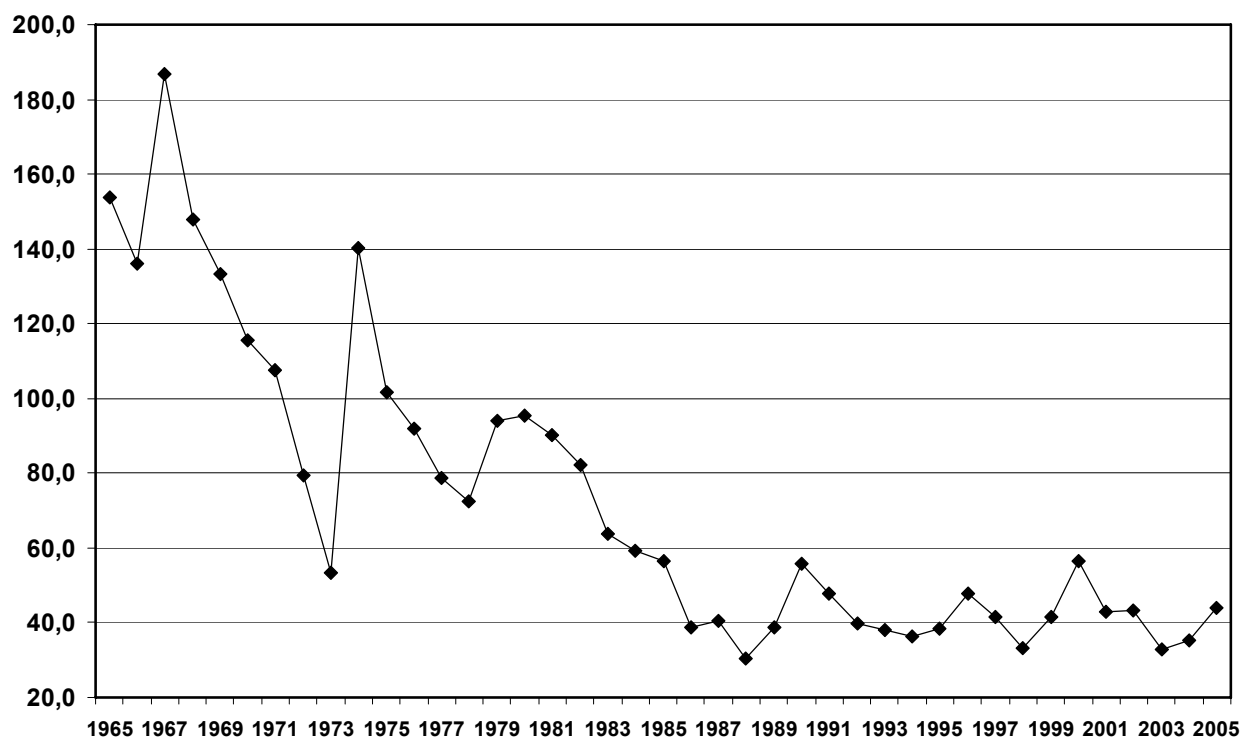
O valor exportado pela Venezuela nos anos sessenta ultrapassava em muito o valor exportado pelo Brasil, chegando a ser quase o dobro (186%) em 1967. A não ser pelas reversões durante os anos de alta nos preços do petróleo, a tendência que se observou nas décadas seguintes foi declinante, até estabilizar-se em torno de 40% do total exportado pelo Brasil, percentual que vem se mantendo até hoje (**Gráfico XII.4**).

Gráfico XII.3
Exportações da Venezuela – Proporção das exportações sul-americanas
 Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

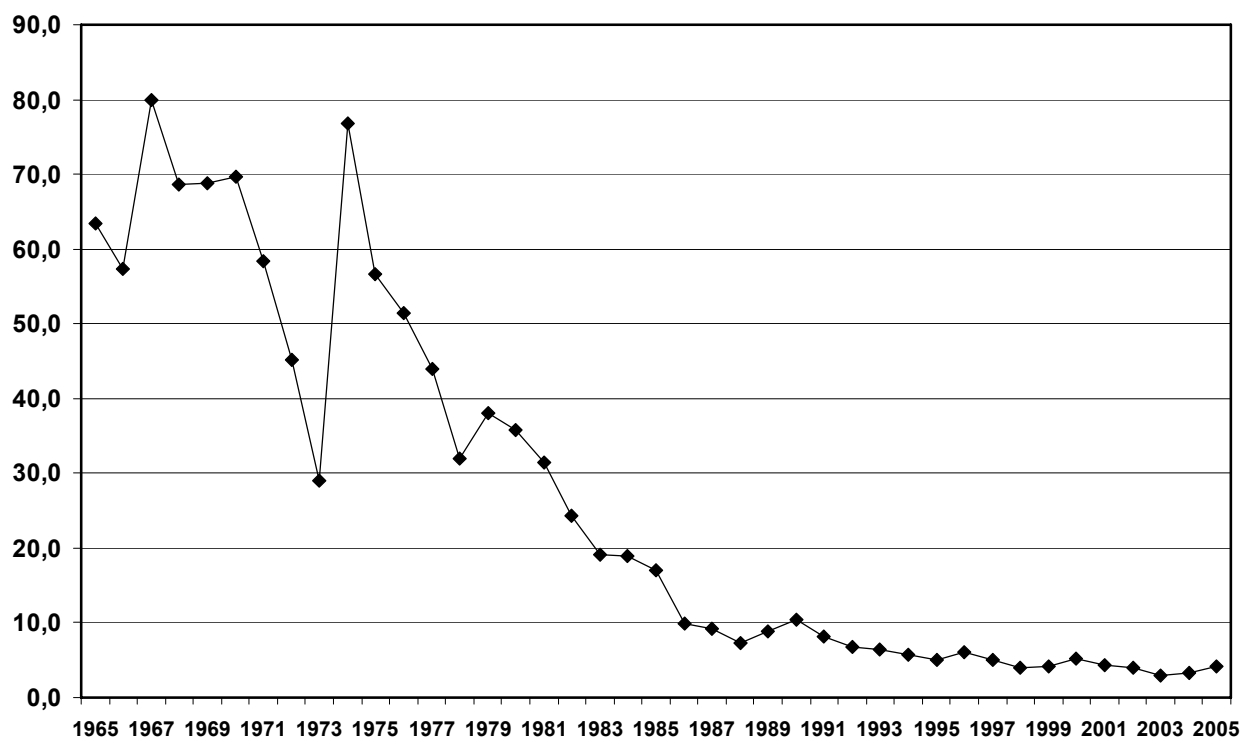
Gráfico XII.4
Exportações da Venezuela – Proporção das exportações do Brasil



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Quando se compara com México, Coréia do Sul e China, observa-se que o valor exportado pela Venezuela chegou a equivaler a 80% do valor conjunto das exportações destes três países em 1967. O desempenho relativamente mais fraco das vendas venezuelanas desde então fez com que tal proporção ficasse reduzida a 4% em 2005.

Gráfico XII.5
Exportações da Venezuela – Proporção das exportações de México, Coréia do Sul e China
Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

XII.2. Exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino

A **Tabela XII.1** apresenta a participação dos principais países e blocos no total das exportações venezuelanas. O fato mais marcante é a grande importância dos Estados Unidos como principal país de destino das exportações da Venezuela. Nos anos setenta, em torno de 40% das exportações eram dirigidas a esse país. A crise recessiva americana no início dos anos oitenta reduziu o percentual destinado a esse mercado, mas a partir de meados dos anos oitenta, a participação foi crescendo até atingir 58% do total em 2000-2002. Em 2003-2005, a participação americana se reduziu drasticamente, para 32%, o menor valor no período analisado.

América Central e a União Européia eram os outros dois principais blocos de destino das exportações venezuelanas até os anos noventa, com a África assumindo grande importância em determinados períodos. Nos últimos 10 anos três fatos merecem destaque. Primeiro, a importância crescente dos Demais da América do Sul (exceto Mercosul), que chegaram a representar mais de 10% das vendas em 1995-1999. Segundo, a perda de importância da União Européia, cuja participação reduziu-se em cerca

de 20 pontos percentuais desde a primeira metade dos anos oitenta. E terceiro, a grande importância assumida pelos países da África, que em 2003-2005 foram o destino de quase metade das exportações da Venezuela, superando inclusive os Estados Unidos.

A China e a Ásia nunca tiveram importância como mercados de destino da Venezuela. A participação do Mercosul também foi sempre pequena, atingindo um máximo de 5% em 1995-1999. Em 2003-2005 esta participação foi insignificante, de apenas 0,5%.

Tabela XII.1
Participação dos países e blocos selecionados no total das exportações

(Em %)

Anos	EUA	Mercosul	Demais da América do Sul	América Central	México	União Européia (15 países)	Demais da Europa
1965-69	35,1	3,3	1,9	9,6	0,1	16,3	1,0
1970-74	42,9	2,1	1,7	8,3	1,0	10,5	0,4
1975-79	39,5	2,1	2,7	7,7	0,3	11,7	0,5
1980-84	28,8	4,6	3,5	5,6	0,1	20,2	0,2
1985-89	42,2	1,7	3,4	5,2	0,2	14,0	0,6
1990-94	53,3	2,7	7,8	7,5	1,2	10,5	0,3
1995-99	55,7	5,3	10,1	6,7	1,1	7,1	0,3
2000-02	57,8	3,6	5,7	9,0	1,2	7,0	0,3
2003-05	32,0	0,5	3,5	2,5	1,1	5,4	0,2

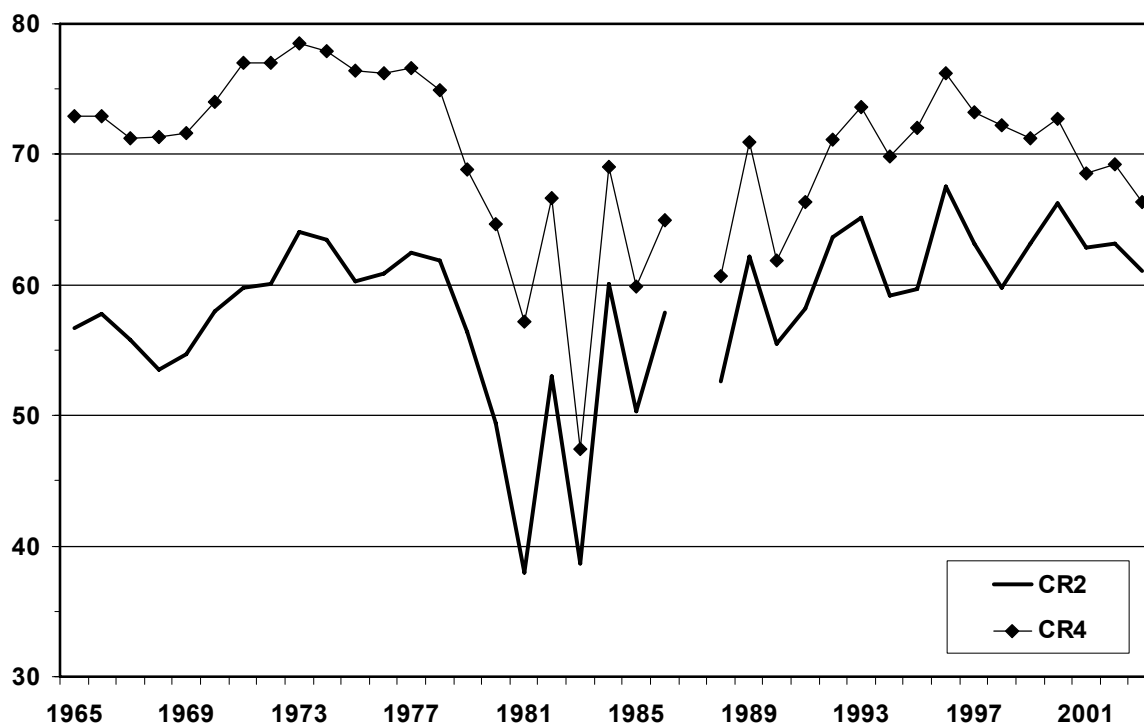
Anos	China	Oriente Médio	África	Ásia Pacífico*	Demais da Ásia	Demais países	Total
1965-69	0,0	0,0	0,5	0,3	1,0	31,0	100,0
1970-74	0,0	0,0	1,4	0,0	0,5	31,3	100,0
1975-79	0,0	0,0	2,5	0,1	0,6	32,5	100,0
1980-84	0,0	0,0	6,8	0,3	3,8	26,1	100,0
1985-89	0,2	0,0	23,1	0,3	4,0	5,2	100,0
1990-94	0,0	0,1	5,3	0,6	2,4	8,1	100,0
1995-99	0,0	0,1	3,5	0,2	1,1	8,8	100,0
2000-02	0,3	0,1	4,8	0,4	1,8	8,0	100,0
2003-05	0,5	0,1	48,3	0,3	0,5	5,2	100,0

Nota: (*) Os países que formam o bloco Ásia-Pacífico são: Cingapura, Coréia do Sul, Filipinas, Formosa, Hong Kong, Indonésia, Tailândia e Malásia.

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

O **Gráfico XII.6** apresenta os dois e os quatro principais países de destino das exportações. A Venezuela teve sempre uma altíssima concentração de suas vendas nos dois principais mercados de destino, em torno de 60% de suas vendas.

Gráfico XII.6
**Exportações da Venezuela – Participação nas exportações totais
 de dois e dos quatro principais países de destino**
 Em %



Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

XII.3. Distribuição das exportações segundo produtos

A Venezuela tem uma estrutura de exportação extremamente concentrada em termos de produtos (**Tabela XII.2**), com o petróleo e seus derivados respondendo sempre por mais de $\frac{3}{4}$ das vendas do país. Em 1965-1969, estes produtos chegavam a responder por 90% do total, percentual que se reduziu a um mínimo de 77,7% no período 1995-1999 e voltou a crescer posteriormente, ficando em 86% no triênio 2003-2005.

É verdade que a Venezuela conseguiu incorporar outros produtos à sua pauta de exportação, como produtos do aço, metais não ferrosos, elementos e componentes químicos e equipamentos de transporte. Mas todos eles representaram proporções muito pequenas das exportações, inclusive em 2003-2005.

A **Tabela XII.3** apresenta a proporção por tipo de produtos exportados nas exportações totais da Venezuela. O petróleo é classificado como bem primário e os derivados do petróleo constituem a maior parte do conjunto de bens industrializados intensivos em economias de escala e recursos naturais. Portanto, as exportações venezuelanas são distribuídas majoritariamente entre estas duas categorias.

Merece destaque a queda gradual das exportações de petróleo cru e o aumento dos derivados nas décadas de oitenta e noventa. Mas na presente década, as exportações voltaram a se concentrar em cru e, portanto, a participação dos bens primários cresceu no total exportado, chegando até 84,1% em 2003-2005.

Tabela XII.2
Participação nas exportações da Venezuela, segundo classificação CUCI
Produtos selecionados ordenados pela média do triênio 2003/2005

	(Em %)								
	1965-69	1970-74	1975-79	1980-84	1985-89	1990-94	1995-99	2000-02	2003-05
Petróleo e derivados	92,1	91,2	91,7	93,0	81,0	78,7	77,7	82,6	85,5
Ferro e aço	0,4	0,3	0,2	0,8	3,7	3,5	3,5	3,3	4,5
Metais não ferrosos	0,1	0,2	0,4	2,2	6,4	4,6	3,8	2,9	2,3
Elementos e compostos químicos	0,0	0,2	0,2	0,4	1,1	1,4	2,2	2,2	1,7
Equipamentos de transporte	0,0	0,1	0,1	0,2	0,3	1,3	1,8	1,0	1,2
Manufaturas de minerais não-metálicos	0,1	0,2	0,3	0,1	0,7	0,9	1,1	0,7	0,4
Minérios de metais e sucatas de metal	4,5	3,8	3,4	0,8	0,8	1,7	1,1	0,5	0,3
Gás natural e industrial	0,5	1,9	1,7	1,1	-	0,0	0,0	0,0	0,0
Subtotal	97,8	97,8	98,1	98,5	94,1	92,1	91,0	93,2	95,9
Demais produtos	2,2	2,2	1,9	1,5	5,9	7,9	9,0	6,8	4,1
Total das exportações	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Tabela XII.3
Venezuela – Proporção de tipos de produtos nas exportações totais

	(Em %)								
Produtos	1965/ 1969	1970/ 1974	1975/ 1979	1980/ 1984	1985/ 1989	1990/ 1994	1995/ 1999	2000/ 2002	2003/ 2005
Bens primários	71,6	66,5	66,2	67,0	50,4	59,8	53,6	66,1	84,1
Bens industrializados	28,4	33,5	33,8	33,0	49,5	40,2	46,4	33,8	15,9
Tradicionais	0,3	0,7	0,6	0,3	2,0	3,6	3,8	2,3	1,7
Alimentos, bebidas e fumo	0,2	0,4	0,2	0,1	0,5	1,3	1,8	0,9	0,5
Outros tradicionais	0,2	0,4	0,4	0,2	1,5	2,2	2,1	1,4	1,2
Não tradicionais	28,0	32,7	33,2	32,6	47,5	36,6	42,5	31,5	14,2
(1)	27,8	32,5	33,0	32,3	46,6	34,3	39,8	29,6	11,7
(2) e (3)	0,2	0,2	0,2	0,4	0,9	2,3	2,7	1,9	2,5

Notas: (1) Bens industrializados intensivos em economias de escala e recursos naturais.

(2) e (3) Bens industrializados difusores do progresso técnico e bens duráveis.

Obs: Os percentuais não somam 100% devido à existência de um pequeno grupo de produtos não classificados.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional. Elaboração: Funcex.

Tipos de produtos para os principais mercados¹⁶

Em 1990, as exportações da Venezuela para a América Latina e Caribe, a União Européia e os Estados Unidos eram concentradas em petróleo cru, enquanto para China e Japão predominavam as vendas de derivados. Entre 1990 e 1994, houve uma grande mudança nas vendas para os três primeiros mercados, com redução das vendas de petróleo cru, e portanto de bens primários, e um aumento dos derivados (bens com elevadas economias de escala e intensivos em recursos naturais).

¹⁶ O termo "Região" refere-se a 33 países da América Latina e o Caribe; o termo "Ásia Pacífico-10" engloba os seguintes países e territórios: Austrália, Filipinas, Hong Kong (Região Administrativa Especial da China), Indonésia, Malásia, Nova Zelândia, Coreia do Sul, Cingapura, Tailândia e outros da Ásia não especificados. China e Japão são apresentados separadamente.

Tabela XII.4
Venezuela - Composição das exportações de bens segundo destino, por categorias

(Em %)

Categorias	1990							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	66,4	90,2	79,4	50,3	30,5	22,9	93,2	83,2
Agrícolas	1,1	0,8	3,3	0,4	0,0	1,6	1,0	1,3
Minerais	0,1	0,9	7,0	2,2	30,5	8,2	0,7	1,8
Energéticos	65,1	88,5	69,1	47,7	---	13,1	91,5	80,1
Bens industrializados	33,6	9,8	20,6	49,7	69,5	77,1	6,7	16,8
Alimentos, bebidas e fumo	2,4	0,5	0,6	0,1	0,0	0,5	1,9	1,0
Outros tradicionais	4,2	2,1	3,3	0,6	0,0	0,5	1,6	2,4
Com elevadas EE e intensivos em RN	22,9	4,9	16,1	47,5	69,4	76,0	2,7	11,4
Duráveis	0,8	0,8	0,2	0,5	0,0	0,0	0,3	0,6
Difusores de progresso técnico	3,3	1,5	0,4	1,1	0,1	0,0	0,3	1,4
Outros bens	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	1995							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	14,7	63,3	50,8	3,4	0,0	0,7	66,1	47,7
Agrícolas	1,7	0,5	1,4	3,4	0,0	0,7	0,3	0,9
Minerais	0,1	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	9,1	1,0
Energéticos	12,9	62,8	49,3	0,0	0,0	0,0	56,8	45,8
Bens industrializados	85,3	36,7	49,2	96,6	0,0	99,3	33,9	52,3
Alimentos, bebidas e fumo	4,7	0,3	0,8	0,1	0,0	0,2	4,1	2,0
Outros tradicionais	5,1	0,8	3,2	1,7	0,0	0,2	0,9	2,2
Com elevadas EE e intensivos em RN	66,9	34,4	45,1	93,0	-	98,8	28,5	45,1
Duráveis	6,7	0,9	0,0	0,0	0,0	0,1	0,1	2,4
Difusores de progresso técnico	1,9	0,3	0,1	1,8	0,0	0,0	0,3	0,7
Outros bens	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0	100,0

Categorias	2000							
	Região	EUA	U.E.	AP10	China	Japão	Outros	Mundo
Bens primários	2,3	30,2	12,1	1,0	1,0	4,1	99,0	84,9
Agrícolas	1,1	2,3	5,2	1,0	1,0	4,1	0,0	0,4
Minerais	0,3	0,4	0,4	0,0	0,0	0,0	0,0	0,1
Energéticos	0,9	27,5	6,6	0,0	0,0	0,0	98,9	84,4
Bens industrializados	97,1	69,8	87,8	99,0	99,0	95,9	1,0	15,1
Alimentos, bebidas e fumo	2,9	1,0	5,5	0,1	---	0,4	0,0	0,4
Outros tradicionais	9,9	4,3	4,3	3,1	1,0	0,3	0,1	1,1
Com elevadas EE e intensivos em RN	66,2	54,8	73,4	92,3	97,4	94,3	0,7	11,4
Duráveis	11,0	6,0	0,8	0,7	0,5	0,5	0,1	1,2
Difusores de progresso técnico	7,0	3,6	3,9	2,8	0,1	0,4	0,1	0,9
Outros bens	0,6	0,0	0,0	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Nota: AP10 – Ásia Pacífico 10 países.

Fonte: CEPAL - Divisão de Comércio e Integração Internacional, sobre a base de cifras oficiais. Elaboração: Funcex.

Por exemplo, em 1990 a Venezuela exportava para a Região 65% de petróleo cru e quase 23% de derivados do petróleo. Em 2004, as vendas do petróleo cru foram de apenas 0,9%, enquanto que os derivados responderam por 66,2%. Movimento semelhante aconteceu nos casos dos EUA e da UE (Tabela XII.4). Adicionalmente, as exportações para a América Latina e para os Estados Unidos tiveram em 2004 uma proporção elevada de bens duráveis e difusores do progresso técnico.

Para os demais blocos de destino, que não possuem um grande significado econômico para a Venezuela, o processo de mudança também aconteceu, com exceção dos países classificados em

“Outros”, onde está incluída a África. Nesses mercados, houve sempre uma elevada proporção de petróleo cru, que foi de mais de 80% em 2004.

XII.4. Conclusão e perspectivas

Entre 1965 e 2005, a taxa de crescimento média anual do valor exportado da Venezuela foi de 7,9%, inferior à media da América do Sul e a oitava em ordem de importância na região. Nesse período, o país se beneficiou com diversas altas de preços do petróleo, mas a grande flutuação dos preços deste produto se refletiu em uma trajetória bastante irregular dos valores exportados. Por exemplo, em 2003-2005, com altos preços de petróleo, a taxa média anual das exportações venezuelanas foi de 26%, um pouco superior à brasileira, mas inferior à do Chile. Já nos anos 80 o crescimento foi negativo.

Do ponto de vista da concentração geográfica das exportações e da concentração de produtos, a Venezuela apresenta claras debilidades. O país teve, até 2003, 66% das exportações concentradas nos dois principais países de destino. Do ponto de vista da concentração de produtos, 90% das exportações estão concentradas em dois produtos: petróleo e derivados e produtos de ferro e aço.

Apesar de seu principal produto de exportação ser estratégico no comércio mundial, a Venezuela não conseguiu ter um bom desempenho exportador nas últimas décadas devido justamente à grande dependência da evolução dos preços internacionais do petróleo. Portanto, suas perspectivas futuras estão associadas diretamente à manutenção de um bom ciclo de preços do petróleo, visto que o país não mostrou, até agora, capacidade de incorporar novos produtos à pauta exportadora com intensidade e rapidez suficiente para reduzir a dependência das vendas deste produto.

XIII. O LUGAR DO BRASIL COMO DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DOS PAÍSES SUL-AMERICANOS

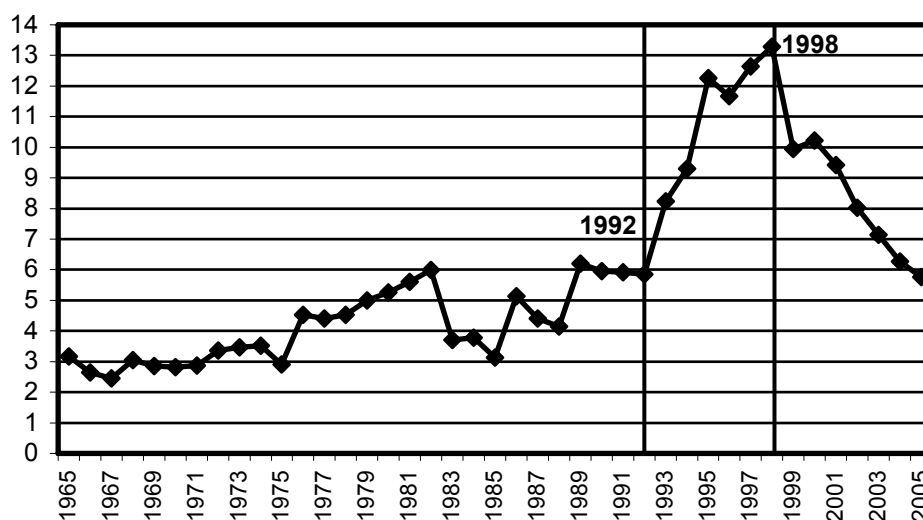
Os capítulos anteriores mostraram uma posição bastante variável do Brasil como parceiro comercial dos países sul-americanos. Em alguns países ele tem um papel predominante como destino das exportações, em outros sua posição é menos importante, e há também um grupo nos quais ela é quase insignificante. Na verdade, devido simplesmente à proximidade geográfica, seria de se esperar que os fluxos de comércio exterior do país revelassem uma importância razoável dos países sul-americanos, especialmente em virtude de sua condição de maior país da região, seja em termos de território, de PIB ou de fluxos comerciais. Caberia esperar, ainda, que a diversificação de sua estrutura produtiva propiciasse um importante mercado para as exportações sul-americanas.

A efetiva importância do Brasil para os países sul-americanos pode ser avaliada por dois indicadores: a participação do país na pauta exportadora dos 11 países vizinhos e a participação deles na pauta importadora brasileira. O objetivo deste capítulo é analisar a evolução destes dois indicadores ao longo dos últimos 40 anos.

XIII.1. Participação nas exportações sul-americanas

Até o início dos anos noventa, o Brasil foi destino de uma parte surpreendentemente baixa das exportações dos países sul-americanos, especialmente quando se tem em conta que o país respondeu, durante este período, por uma parcela crescente do PIB da região, hoje representando mais de 50% do total. O **Gráfico XIII.1** ilustra que a participação do Brasil nas exportações agregadas dos 11 vizinhos sul-americanos oscilou entre um mínimo de 2,5% (em 1967) até um máximo de 6,2% em 1989.

Gráfico XIII.1
Participação do Brasil como destino das exportações dos países sul-americanos
Em %



Fonte: ONU/Comtrade. Elaboração: Funcex.

Esta baixa participação esteve relacionada a três aspectos básicos:

- i) As elevadas barreiras à importação adotadas pelo país até 1990, no âmbito de um modelo de desenvolvimento baseado na substituição de importações;
- ii) A grande concentração das exportações dos vizinhos em algumas poucas *commodities*, muitas delas com pouca demanda no Brasil (como os produtos agrícolas e alguns minerais que o país também produz);
- iii) Um baixo grau de integração comercial com os países da região, devido a problemas de barreiras comerciais, logística, infra-estrutura etc.

A **Tabela XIII.1** mostra que, entre os anos sessenta e oitenta, a importância do país na pauta de exportação era bastante diferenciada em cada um dos 11 países. De fato, a Tabela mostra:

- Percentuais elevados nos casos de Paraguai e Uruguai (acima de 20% na segunda metade da década de oitenta);
- Percentuais significativos nos casos de Argentina e Chile (entre 6% e 9% nos anos oitenta);
- Percentuais baixos nos casos de Bolívia, Peru e Venezuela (entre 1 e 4%);
- Percentuais insignificantes para Colômbia, Equador, Guiana e Suriname.

A despeito dessas diferenças, observou-se uma tendência geral de aumento da participação do país entre a segunda metade dos anos sessenta e a segunda metade dos anos oitenta. Com efeito, a participação agregada aumentou em quase dois pontos percentuais nesse período, com aumentos mais significativos nos casos de Paraguai (+ 27 p.p.), Chile (+ 4,4 p.p.), Bolívia (+ 2,6 p.p.) e Peru (+ 2,4 p.p.). O único país onde a participação do Brasil na pauta exportadora caiu foi a Venezuela (- 0,6 p.p.).

Tabela XIII.1
Participação do Brasil como destino das exportações de cada um
dos países sul-americanos
Em %

Anos	Argentina	Bolívia	Chile	Colômbia	Equador	Guiana	Paraguai	Peru	Suriname	Uruguai	Venezuela
1965-69	7,5	0,7	1,9	0,2	0,2	n.d.	0,3	0,7	-	n.d.	2,1
1970-74	8,6	3,0	3,7	0,7	0,5	0,2	2,3	1,3	0,2	13,6	1,5
1975-79	9,6	3,8	10,4	0,3	0,5	0,5	6,8	3,4	n.d.	18,0	1,3
1980-84	6,8	2,5	7,5	0,2	3,1	0,9	18,5	2,5	n.d.	14,5	4,1
1985-89	8,6	3,3	6,3	0,3	0,5	n.d.	27,4	3,1	-	21,3	1,5
1990-94	16,9	4,4	5,3	0,7	0,4	n.d.	31,5	4,0	-	24,2	2,4
1995-99	28,0	2,9	5,9	1,1	0,8	0,0	40,6	4,1	0,0	33,2	4,8
2000-02	23,0	20,0	4,8	1,5	0,3	0,0	34,4	3,7	0,1	22,8	3,0
2003-05	15,7	34,2	4,5	0,8	0,8	0,1	23,3	3,4	n.d.	16,7	0,5

Fonte: ONU/Comtrade. Elaboração: Funcex.

O quadro mudou bastante a partir de 1993, quando a participação do país nas exportações dos demais países sul-americanos aumentou rapidamente, alcançando um máximo de 13,3% em 1998. Na comparação entre a segunda metade dos anos oitenta e a segunda metade dos noventa o aumento da participação do Brasil nas exportações agregadas dos 11 vizinhos sul-americanos alcançou mais de sete pontos percentuais.

É certo que esta mudança de comportamento esteve atrelada, em parte, à liberalização comercial unilateral implementada no país a partir de 1990. Entretanto, a liberalização sub-regional (criação do Mercosul) desempenhou um papel ainda mais fundamental. Basta notar que, entre 1985-1989 e 1995-1999, o aumento da participação do Brasil nas exportações dos parceiros sul-americanos foi muito mais acentuada no caso dos sócios regionais (**Tabela XII.1**): 19,4 pontos percentuais no caso da Argentina, 13,2 p.p. no caso do Paraguai e 11,9 p.p. no caso do Uruguai. Já entre os demais países, o maior aumento de participação deu-se na Venezuela (3,3 p.p.), seguida da Colômbia e do Peru (0,9 p.p.). De fato, na comparação entre estes dois biênios as exportações dos sócios do Mercosul para o Brasil registrou crescimento de 22% a.a., contra 13,5% a.a. referentes às vendas dos demais países do subcontinente. Os únicos países fora do bloco que lograram aumentar suas vendas ao Brasil numa ordem de grandeza semelhante à dos membros do Mercosul foram Colômbia (25%) e Venezuela (18,6%).

Os anos de 1999 a 2005 mostraram uma nova e expressiva mudança no nível e na composição das exportações sul-americanas destinadas ao Brasil. Em termos agregados, a participação do Brasil reduziu-se para 5,8% neste último ano, retornando aos percentuais do início dos anos noventa (ver Gráfico XIII.1 acima). A rigor, as vendas sul-americanas para o Brasil reduziram-se mesmo em termos absolutos, caindo de US\$ 10,3 bilhões na média do período 1995-1999 para US\$ 9,1 bilhões no triênio 2003-2005. Quanto à desagregação por países, mais uma vez o Mercosul teve papel preponderante, agora em sentido contrário: entre o período 1995-1999 e o período 2003-05 as vendas dos sócios do Mercosul para o país tiveram queda de 3,3% a.a., contra um crescimento de 3% a.a. das vendas dos demais países. O crescimento das exportações dos demais países relacionou-se, em grande parte, à Bolívia, cujas vendas tiveram alta de 56% devido ao gás natural, embora o Chile, o Equador, a Guiana e o Peru também tenham registrado crescimento significativo nas suas vendas ao Brasil no período.

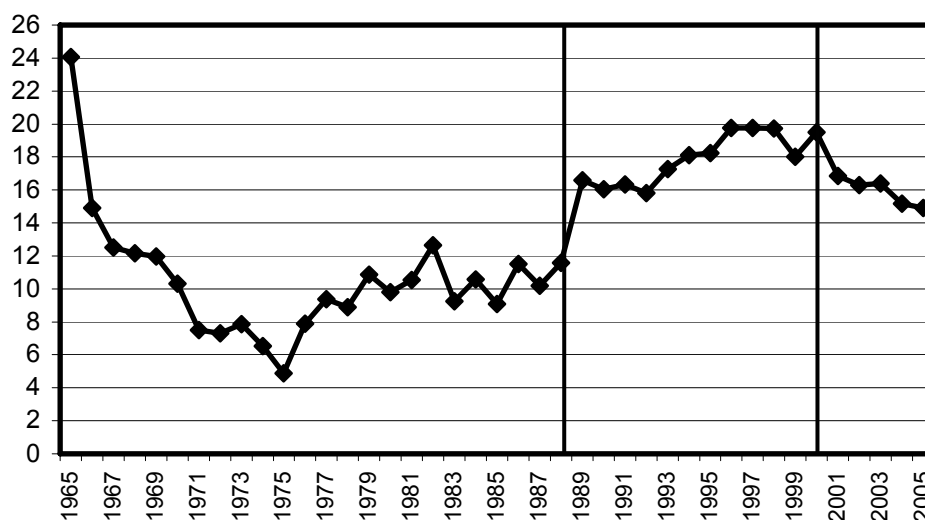
XIII.2. *Market-share* dos países sul-americanos nas importações brasileiras

Os países sul-americanos respondiam por quase $\frac{1}{4}$ das importações brasileiras em 1965. Nos dez anos seguintes, contudo, o *market-share* desses países reduziu-se de forma bastante rápida, encolhendo para apenas 4,9% em 1975. Este foi um período de crescimento acelerado das importações do país (28,6% a.a.), por conta do grande aumento dos investimentos e do PIB domésticos, mas este processo contou com baixa contribuição dos países sul-americanos: de fato, as importações provenientes destes países cresceram apenas 9,6% a.a. (**Gráfico XIII.2**).

A explicação para este fenômeno está na composição das importações brasileiras do período, que se concentraram fortemente em bens de capital e bens intermediários relacionados à indústria pesada, produtos que não correspondiam ao perfil da oferta exportadora sul-americana. Até mesmo no caso da

Venezuela, grande exportador de petróleo para o país, o crescimento das vendas foi relativamente fraco, visto que o Brasil passou a importar mais intensamente dos países do Oriente Médio.

Gráfico XIII.2
Market-share dos países sul-americanos nas importações brasileiras
Em %



Fonte: ONU/Comtrade. Elaboração: Funcex.

Nos anos seguintes os países da região recuperaram espaço na pauta importadora brasileira, respondendo por algo entre 10 e 12% do total entre 1979 e 1988. A **Tabela XIII.2** mostra que esta participação concentrava-se, até então, em três países: Argentina, Chile e Venezuela. Na segunda metade dos anos oitenta surgem dois novos países com participação relevante: Paraguai e Uruguai.

Tabela XIII.2
Market-share dos países sul-americanos nas importações brasileiras,
Em períodos selecionados
Em %

Anos	Argentina	Bolívia	Chile	Colômbia	Equador	Guiana	Paraguai	Peru	Suriname	Uruguai	Venezuela
1965-69	7,9	0,0	1,3	0,1	0,0	0,0	0,0	0,5	0,0	0,5	3,9
1970-74	3,8	0,2	0,8	0,1	0,0	0,0	0,2	0,3	0,0	0,5	1,3
1975-79	3,7	0,2	1,9	0,1	0,1	0,0	0,3	0,5	0,1	0,8	1,0
1980-84	2,9	0,1	1,5	0,0	0,4	0,0	0,5	0,4	0,0	0,8	3,9
1985-89	4,8	0,1	2,2	0,1	0,1	0,0	0,9	0,6	0,2	1,9	1,2
1990-94	9,0	0,1	2,0	0,2	0,1	0,0	1,1	0,6	0,1	1,9	1,7
1995-99	12,5	0,1	1,7	0,2	0,1	0,0	0,8	0,4	0,0	1,6	1,7
2000-02	11,2	0,6	1,6	0,5	0,0	0,0	0,6	0,4	0,0	1,0	1,7
2003-05	9,1	1,4	2,1	0,2	0,1	0,0	0,6	0,6	0,0	0,8	0,4

Fonte: ONU/Comtrade. Elaboração: Funcex.

A partir de 1989, o *market-share* dos países sul-americanos nas importações brasileiras muda de patamar: ela aumenta para cerca de 16% em 1989 e alcança 20% em 1996-98 (ver Gráfico XIII.2). Este salto é explicado, mais uma vez, pelo Mercosul: entre a segunda metade dos anos oitenta e a segunda dos noventa

o *market-share* dos três sócios do Mercosul passa de 7,6% para 14,9%, enquanto o dos demais oito países mantém-se praticamente inalterado (em cerca de 4,3%). Neste intervalo, as vendas dos sócios do Mercosul para o Brasil tiveram alta de 21,2% a.a., contra 12,8% a.a. dos demais países da região. Vale registrar que Argentina, Paraguai e Uruguai responderam, durante quase todos os últimos quarenta anos, por uma parte majoritária das importações brasileiras oriundas da América do Sul (em geral, mais de 60%).

Analogamente, a queda do *market-share* dos sul-americanos a partir de 2001 deveu-se basicamente à redução das compras oriundas do Mercosul. A participação conjunta de Argentina, Paraguai e Uruguai nas importações brasileiras reduziu-se de 14,9% em 1995-99 para 10,5% em 2003-05 (- 4,4 p.p.). Em contrapartida, o *market-share* conjunto dos demais oito países aumentou 0,6 p.p., com destaque para os ganhos de Bolívia (+ 1,4 p.p.) e Chile (+ 0,4 p.p.) e para a queda da Venezuela (-1,3 p.p.).

XIII.3. Produtos exportados para o Brasil

As exportações dos países sul-americanos destinadas ao Brasil mostraram-se sempre bastante concentradas em termos de produtos, mas essa não parece ser uma característica específica do comércio desses países com o Brasil, constituindo mais um reflexo da escassa diversificação de sua pauta exportadora. A **Tabela XIII.3** mostra que apenas a Argentina possui uma pauta razoavelmente diversificada de vendas ao Brasil, de modo que 17 produtos (de acordo com a classificação a seis dígitos do Sistema Harmonizado) respondiam, no biênio 2004-2005, por pouco mais de 50% das exportações, com destaque para automóveis e autopeças, trigo, malte, óleos de petróleo e produtos químicos.

Tabela XIII.3
Produtos que representam 50% ou mais das importações brasileiras provenientes de cada um dos países sul-americanos

País	Número de produtos SH-6	Produtos
Argentina (1)	17	Veículos automotores, motores de pistão, autopeças, trigo, malte, polímeros de etileno, óleos de petróleo, propano, butanos, uréia, herbicidas
Bolívia (2)	1	Gás natural
Chile (1)	3	Catodos de cobre, minérios de cobre, minérios de molibdênio
Colômbia (2)	10	Plásticos (PVC, copolímeros de propileno), pneus, óleos de petróleo, coques, hulhas, carbono, óleo de dendê
Equador (2)	1	Óleos brutos de petróleo
Guiana (1)	1	Minérios de alumínio
Paraguai (1)	4	Soja, milho, carne de bovino, resíduos da extração de óleo de soja
Peru (2)	3	Minérios de zinco, catodos de cobre, prata em formas brutas
Suriname (1)	1	Arroz
Uruguai (1)	7	Malte, arroz, leite em pó, garrafas plásticas, borracha não vulcanizada, óleos de petróleo
Venezuela (2)	2	Óleos de petróleo e uréia

(1) Média do biênio 2004-2005.

(2) Média do biênio 2003-2004.

Fonte: ONU/Comtrade. Elaboração: Funcex.

Nos demais países, as exportações para o Brasil mostram-se extremamente concentradas: apenas um produto nos casos de Bolívia, Equador, Guiana e Suriname, dois produtos na Venezuela, três no Peru e no Chile e quatro no Paraguai respondem por 50% ou mais das vendas para o Brasil.

A Tabela acima deixa evidente, também, a grande concentração das vendas ao Brasil em produtos de origem mineral com baixa agregação de valor (petróleo, gás natural, cobre) e também em produtos agrícolas nos quais o Brasil não é muito competitivo (arroz, trigo, malte). Só há uma participação mais relevante de produtos manufaturados nos casos de Argentina e Colômbia.

Esta concentração em termos de produtos explica em grande parte o porquê dos países sul-americanos terem uma participação relativamente pequena – e instável – nas importações brasileiras. Ela resulta de uma combinação da especialização produtiva destes países com a demanda de importações do Brasil. Neste sentido, a maior integração comercial destes países com o Brasil passa necessariamente por uma diversificação de sua estrutura produtiva, gerando capacidade exportadora em produtos manufaturados de maior valor agregado, que vêm ocupando um lugar cada vez mais importante nas importações brasileiras e tendem a continuar a fazê-lo nos próximos anos ou décadas.

Entretanto, não há dúvida de que os produtos sul-americanos enfrentam dificuldades de acesso ao mercado brasileiro, por conta de barreiras não-tarifárias. Um primeiro estudo realizado pela Funcex identificou um conjunto razoável de produtos dos países andinos – Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela – com potencial de exportação para o Brasil e que, portanto, poderiam ser alvo de iniciativas de promoção comercial no país. Uma das conclusões mais importantes do estudo realizado é que os exportadores destes países encontram muitas dificuldades para ter acesso ao mercado brasileiro, seja pela existência de diversas barreiras não-tarifárias (a maior parte das barreiras tarifárias já foi removida no acordo Mercosul – Comunidade Andina), seja pela falta de informações sobre o mercado brasileiro, que possui uma escala tal que muitas vezes é incompatível com a capacidade gerencial e produtiva das firmas dos países sul-americanos.

Recentemente, o governo brasileiro lançou uma iniciativa para aumentar a participação dos vizinhos sul-americanos nas importações do país. O Programa de Substituição Competitiva de Importações (PSCI) tem como objetivo identificar produtos que o Brasil importa e que podem ser fornecidos pelos vizinhos, mas que hoje são importados de países de fora do subcontinente. Objetiva também identificar e remover as barreiras existentes no Brasil à aquisição dos produtos sul-americanos. Como contribuição a este Programa, a Funcex vem desenvolvendo um estudo similar ao realizado para os países andinos, mas agora voltado aos demais países do subcontinente.

Outros dois projetos já foram desenvolvidos pela Funcex, a pedido do Ministério das Relações Exteriores, para apoiar o Programa: Um documento chamado “Como Exportar para o Brasil”, com informações relativas à legislação e às exigências brasileiras nas importações, aos órgãos intervenientes, às feiras e exposições onde as firmas podem apresentar seus produtos aos compradores brasileiros, bem como diversas outras destinadas a facilitar a vida dos exportadores; e um “Catálogo de Importadores Brasileiros”, onde o empresário sul-americano pode encontrar dados cadastrais sobre as empresas brasileiras que importam os produtos que ele pretende vender. Estes projetos têm como objetivo suprir os exportadores sul-americanos de informações relevantes para facilitar seu acesso ao mercado brasileiro.

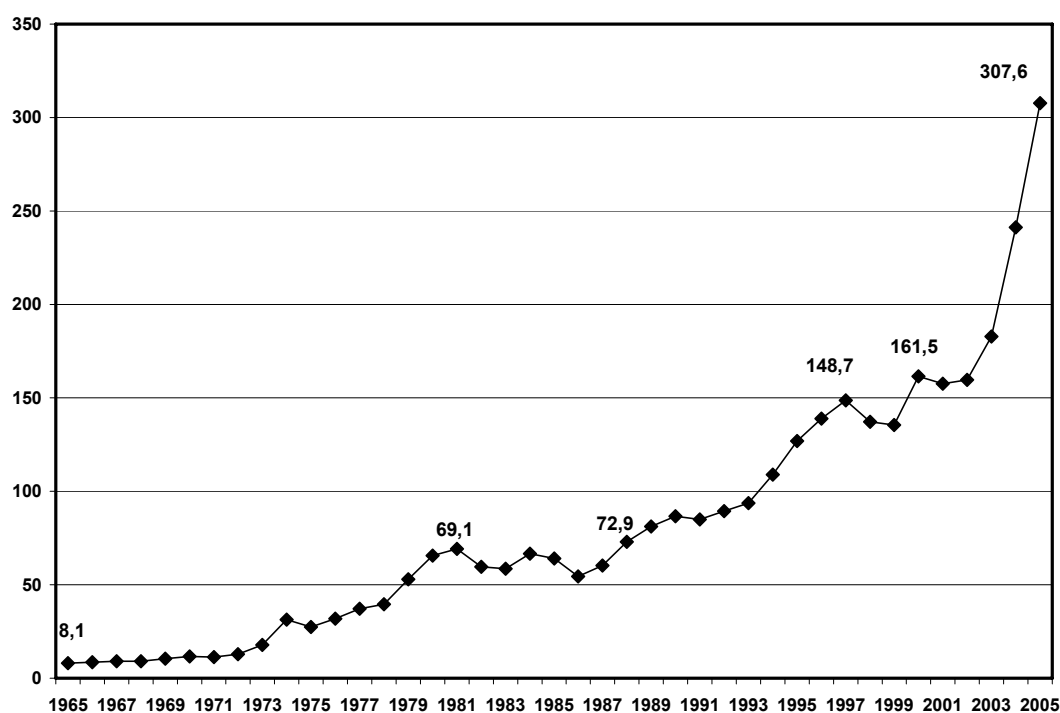
XIV. TENDÊNCIAS E FATOS ESTILIZADOS DAS EXPORTAÇÕES DA AMÉRICA DO SUL NO PERÍODO 1965-2005

O presente capítulo discute algumas tendências e fatos estilizados das exportações dos países da América do Sul no período 1965-2005. Em primeiro lugar, compara-se o crescimento das exportações sul-americanas com o total mundial e procura-se identificar os fatores que ajudam a explicar o menor desempenho relativo da região até 2000 e o maior crescimento relativo na presente década. Em segundo lugar, o capítulo analisa a associação entre o comportamento da taxa de câmbio real e a expansão das quantidades exportadas entre 1970 e 2005. Em terceiro, analisam-se as mudanças na distribuição das exportações por países e blocos de destino. Em quarto lugar, os países são classificados em duas grandes categorias – países de base agrícola e países de base mineral – em função da natureza de seus recursos naturais disponíveis nos anos setenta. A partir dessa classificação, procura-se encontrar diferenças entre as duas categorias de países em termos de concentração de mercados de destino, de concentração de exportações e de grau de diversificação da pauta exportadora. Os países de base agrícola parecem ter tido maiores possibilidades de reduzir a concentração de sua pauta exportadora, diversificar por tipo de produtos e reduzir a concentração dos mercados de destino.

XIV.1. O crescimento das exportações sul-americanas

As exportações da América do Sul somavam US\$ 8,1 bilhões em 1965 e atingiram US\$ 307,6 bilhões em 2005 (Gráfico XIV.1). O crescimento acumulado no período foi de 3.698%, equivalente a uma taxa média de crescimento de 9,5% ao ano. No mesmo período, a taxa de crescimento média anual das exportações mundiais foi de 10,5%.

Gráfico XIV.1
Evolução das exportações Sul-americanas
Em US\$ bilhões



Fonte: FMI – Estatísticas Financeiras Internacionais. Elaboração: Funcex.

O desempenho do mundo como um todo foi, portanto, superior ao da América do Sul (**Tabela XIV.1**). Igualmente, alguns dos países considerados como grandes exportadores mundiais, como China (15,3%), Coréia do Sul (20,4%) e México (14%) também tiveram taxas anuais médias de expansão das exportações muito superiores à taxa sul-americana no período.

Tabela XIV.1
**Taxa de crescimento média anual das exportações
 dos países sul-americanos – 1965-2005**
 Em %

País	Valor
Brasil	11,4
Chile	10,9
Equador	10,9
Colômbia	9,6
Paraguai	8,7
Argentina	8,6
Peru	8,5
Venezuela	7,9
Bolívia	7,9
Uruguai	7,5
Guiana	4,4
Suriname	3,8
Total América do Sul	9,5
Mundo	10,5
Coréia do Sul	20,4
China	15,3
México	14,0

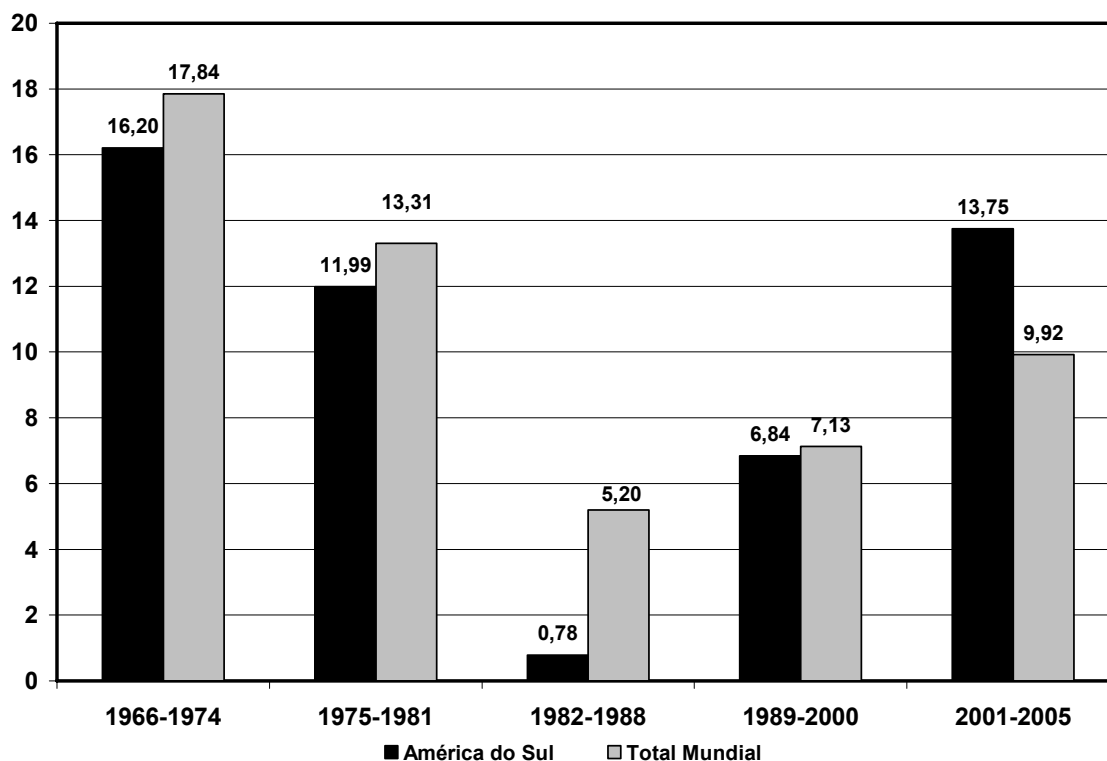
Fonte: FMI – Estatísticas Financeiras Internacionais.

Elaboração: Funcex.

Uma primeira conclusão da análise é que os países da América do Sul não souberam aproveitar as oportunidades apresentadas pela expansão do comércio mundial nos últimos 40 anos, ao contrário de Coréia do Sul, China e México. É possível observar ainda que a América do Sul não cresceu de forma sustentada, alternando períodos de rápida expansão com outros de quase estagnação ou de baixo crescimento.

Em função deste comportamento errático, e para analisar com um pouco mais de detalhe o crescimento das exportações sul-americanas entre 1965 e 2005, é conveniente dividir a comparação com as exportações mundiais em cinco sub períodos: 1966-1974, 1975-1981, 1982-1988, 1989-2000 e 2001-2005. O **Gráfico XIV.2** apresenta as taxas de crescimento médias anuais das exportações da América do Sul e do mundo para cada um desses subperíodos. O fato mais evidente é que as exportações sul-americanas cresceram sistematicamente abaixo do ritmo das exportações mundiais durante todo o período analisado, com exceção do subperíodo 2001-2005.

Gráfico XIV.2
**Taxas de crescimento médias anuais das exportações
da América do Sul e do Mundo**
Em %



Fonte: FMI – Estatísticas Financeiras Internacionais. Elaboração: Funcex.

Entre 1966 e 1981, as taxas anuais de expansão das exportações da região foram relativamente elevadas, mas ainda assim ficaram entre 1,3 e 1,6 pontos percentuais abaixo da média de crescimento do total mundial. Naturalmente, deve-se levar em consideração o alto crescimento dos preços do petróleo verificado no período, o que aumentou as taxas de expansão das exportações dos países petrolíferos e, portanto, da média mundial. De qualquer forma, pode-se dizer que a região perdeu a oportunidade de dar um salto exportador ainda mais significativo.

O desempenho mais decepcionante das exportações regionais aconteceu entre 1982 e 1988. O ritmo do crescimento do comércio mundial diminuiu a menos da metade do verificado nos anos anteriores, mas a desaceleração das exportações sul-americanas foi ainda mais dramática, haja vista que elas ficaram virtualmente estagnadas. Uma possível explicação para este desempenho refere-se aos fortes desequilíbrios macroeconômicos observados na maioria dos países da região durante os anos oitenta, com alta inflação (e mesmo hiperinflação), crises cambiais e problemas nas contas públicas. Após a crise da dívida externa, iniciada em 1982, a maioria das economias da América do Sul promoveu fortes desvalorizações das taxas de câmbio reais, mas isto não foi suficiente para compensar as dificuldades provenientes dos desequilíbrios macroeconômicos e permitir uma retomada do crescimento das exportações.

A década de noventa foi a década das reformas econômicas e da estabilização na região. Ainda que o desempenho econômico da região não tenha sido, nesse período, tão bom quanto o do resto do mundo, a verdade é que, no que tange às exportações, foi a primeira vez em décadas que o crescimento desses países foi praticamente igual ao do comércio mundial. É certo que, nessa década, o crescimento das exportações mundiais foi moderado e esteve muito longe das taxas de expansão da década de setenta, ainda que tenha sido superior ao dos anos oitenta. Entretanto, os países sul-americanos conseguiram aproveitar as oportunidades existentes de uma forma mais eficiente do que nas décadas anteriores.

Finalmente, nos últimos anos – de 2001 a 2005 – houve uma reversão da tendência: a taxa média anual de expansão das exportações de América do Sul conseguiu superar em quase quatro pontos percentuais a taxa referente às exportações mundiais.

A primeira questão que interessa responder é o que explica o desempenho relativamente fraco até 2000. A linha de argumentação mais interessante refere-se aos desempenhos bastante diferenciados dos diversos países da região. Neste sentido, é importante identificar quais são os países que, pela sua importância e seu desempenho, explicam a maior parte do fraco desempenho.

A segunda questão é: por que as exportações sul-americanas cresceram muito mais em valor do que o comércio mundial na presente década? Uma explicação é que hoje há mais exportadores líquidos de petróleo na região do que nos anos setenta e os valores exportados desses países foram beneficiados com os altos preços do petróleo, contribuindo para o bom desempenho. A outra linha de argumentação está relacionada com o “efeito China”. A demanda chinesa por *commodities* agrícolas e minerais teria aumentado a taxa de expansão do valor exportado desses produtos muito acima da taxa média das exportações mundiais. Portanto, os países sul-americanos que exportam esses produtos e que têm a China como importante parceiro comercial teriam sido os grandes beneficiados.

Com relação à primeira questão, a **Tabela XIV.2** apresenta os principais países exportadores da América do Sul e sua participação média nos períodos escolhidos, para efeito de comparação com as exportações mundiais.

Tabela XIV.2
Principais países exportadores da América do Sul em períodos selecionados
Participação média no período
 Em %

Períodos	Argentina	Brasil	Chile	Colômbia	Peru	Venezuela	Demais da América do Sul
1966-1974	15,3	25,7	8,5	5,8	7,2	28,8	8,7
1975-1981	13,6	31,6	6,4	5,9	5,2	28,3	9,0
1982-1988	12,4	40,5	7,2	6,4	4,7	20,7	8,1
1989-2000	15,9	37,2	11,4	7,9	4,2	15,9	7,5
2001-2005	15,1	38,6	12,5	7,1	5,1	15,4	6,2

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Observa-se, primeiramente, que a Argentina e a Venezuela tiveram um fraco desempenho até fim dos anos oitenta, e por isso reduziram sua participação no total exportado pelo subcontinente. Certamente, o caso da Venezuela foi o mais dramático, porque sua participação foi reduzida quase à metade enquanto que a Argentina, depois de perder participação até 1988, recuperou espaço e voltou ao nível do período 1966-1974.

Brasil, Chile e Colômbia, por sua vez, tiveram um aumento de participação quando se compara o início e o final do período de análise. O Brasil, que chegou a representar mais de 50% do total, perdeu peso na década de noventa, quando suas exportações tiveram um desempenho relativo inferior à média da região.

A **Tabela XIV.3** apresenta o desempenho anual médio dos principais países exportadores da América do Sul e do total mundial. A Argentina, por exemplo, teve um desempenho inferior à média mundial em quatro dos cinco períodos escolhidos. O Brasil, pelo contrário, teve um desempenho superior à média mundial, com exceção do período 1989-2000, quando foi o único exportador importante sul-americano a crescer menos que a média mundial.

Tabela XIV.3
Taxas anuais médias de crescimento do valor exportado em períodos selecionados –
Principais exportadores da América do Sul e Total Mundial

(Em %)

Períodos	Argentina	Brasil	Chile	Colômbia	Peru	Venezuela	Total Mundial
1966-1974	11,4	19,5	16,2	12,1	9,4	18,3	17,8
1975-1981	12,8	16,6	6,4	9,9	11,7	9,5	13,3
1982-1988	-0,02	5,3	9,1	8,1	-2,7	-9,7	5,2
1989-2000	9,1	4,2	8,7	8,2	8,3	9,7	7,1
2001-2005	9,0	16,5	16,2	10,2	19,7	10,9	9,9

Nota: Os valores assinalados em negrito referem-se a períodos em que os países cresceram menos que a média mundial.

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Na década de oitenta, a Venezuela e a Argentina, dois países que somavam 33% das exportações totais, tiveram contração de suas exportações, contribuindo fortemente para explicar o baixo crescimento do subcontinente.

A **Tabela XIV.4** organiza as informações até aqui apresentadas – o peso dos países na exportação total sul-americana e suas taxas anuais médias de crescimento – para determinar a contribuição percentual dos seis principais países exportadores (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Peru e Venezuela) ao menor crescimento das vendas externas da América do Sul *vis-à-vis* a média do crescimento das exportações mundiais. A análise se restringe a estes seis países visto que eles foram responsáveis, em todo o período analisado, por mais de 90% das exportações totais da América do Sul.

Tomando-se como exemplo o período 1966-74, a diferença anual de crescimento entre o mundo e a América do Sul foi de 1,64 pontos percentuais. Para determinar a contribuição dos países de baixo

crescimento exportador, dentre os seis selecionados, calculou-se a diferença em pontos percentuais entre as taxas de crescimento desses países e a taxa de crescimento do mundo. Considerando somente aqueles, dentre os seis países, que cresceram abaixo da média mundial, a soma ponderada¹⁷ das diferenças de crescimento foi de 2,1 pontos percentuais. Note-se que houve, nesse período, dois países (Brasil e Venezuela), entre os seis selecionados, cujas exportações cresceram a um ritmo superior ao das exportações mundiais. Posteriormente, calculou-se a participação percentual de cada um dos quatro países de baixo crescimento (Argentina, Chile, Colômbia e Peru) no diferencial de crescimento com as exportações mundiais (no caso, de 2,1 pontos percentuais). Cálculo semelhante foi feito para os demais subperíodos.

Quais as conclusões desse exercício de desagregação? No período 1966-74 o baixo crescimento das exportações da região é explicado fundamentalmente pelo fraco desempenho da Argentina e, em menor medida, do Peru e da Colômbia. De 1975 a 1981 a Venezuela teve papel preponderante, respondendo por 57,5% da diferença de crescimento, com Chile e Colômbia também tendo contribuição relevante. De 1982 a 1988, a Colômbia foi a principal responsável pelo desempenho mais fraco da América do Sul, contando ainda com pequenas contribuições de Argentina e Chile. Já no período 1989-2000 todo o menor crescimento sul-americano deveu-se ao Brasil.

Tabela XIV.4

Diferença entre o crescimento das exportações mundiais e sul-americanas e participação percentual dos principais países exportadores na diferença de desempenho

	1966-74	1975-81	1982-88	1989-2000	2001-2005*
Crescimento anual Mundo (%)	17,8	13,3	5,2	7,1	9,9
Crescimento anual Am. do Sul (%)	16,2	12,0	0,8	6,8	13,8
Diferença de crescimento Mundo-América do Sul (pp)	1,6	1,3	4,4	0,3	(3,8)
Soma ponderada dos países importantes que cresceram abaixo da média mundial (pp)	2,1	1,9	4,1	0,7	(4,0)
Participação dos países na diferença de crescimento entre América do Sul e o Mundo (%)					
Argentina	47,8	3,6	15,7		
Brasil				100,0	63,5
Chile	6,6	23,6	9,1		19,6
Colômbia	16,1	10,7			0,5
Peru	29,5	4,5			12,5
Venezuela		57,5	75,2		3,8

* Neste período consideram-se os países que cresceram acima da média mundial.

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Já no período 2001-2005, o desempenho da América do Sul foi superior ao do mundo. O valor das exportações da região cresceu quase 14% ao ano, quatro pontos percentuais acima da média mundial, desempenho que foi superior ao de outros importantes países emergentes, como Coréia do Sul (10,6% a.a.) e México (5,2% a.a.).

¹⁷Ponderação dada pela participação do país no total exportado da América do Sul.

O Brasil explica quase 64% do crescimento superior da América do Sul vis-à-vis o total mundial neste período – devido à sua importância no total exportado pela região e à sua elevada taxa anual de crescimento (16,5%). Também deram contribuição relevante o Chile e o Peru. É importante notar que os três principais responsáveis pelo melhor desempenho da América do Sul neste período não são importantes exportadores de petróleo e derivados, o que mostra que a alta dos preços deste produto não foi tão importante para alavancar as vendas da região. Mas Brasil, Chile e Peru são exportadores de outras *commodities* (agrícolas e minerais) que se beneficiaram com altas de seus preços de exportação.

Em síntese, Argentina, Brasil e Venezuela são os países que explicam a maior parte do desvio de crescimento das exportações da América do Sul em relação ao total mundial. É difícil estabelecer, com a informação disponível para a elaboração deste relatório, linhas comuns entre estes três países. Mas alguns fatos devem ser destacados.

A Argentina teve fortes quedas do *quantum* exportado em 1967 e 1968 que foram, por sua vez, reforçadas pela redução dos índices de preços, contribuindo para uma significativa queda do valor exportado naqueles anos. A política de forte taxa de produtos primários exportados, implementada a partir de 1966, pode ter contribuído para essa queda do *quantum* exportado. Adicionalmente, o país teve baixas taxas de crescimento do *quantum* exportado nos anos seguintes e o resultado no período só não foi pior porque, em 1973 e 1974, ele foi beneficiado pela alta de seus preços de exportação (basicamente do petróleo).

O mau desempenho da Venezuela no período 1982-1988 é primordialmente explicado pela volatilidade dos preços do petróleo, mas não exclusivamente, porque o *quantum* exportado cresceu a taxas anuais médias muito baixas (0,62%)¹⁸ no período. Entre 1975 e 1981, o crescimento dos preços do petróleo compensou a queda do *quantum* exportado, que teve redução média de 3,9% a.a.. Ou seja, os preços do petróleo não podem ser responsabilizados pelo desempenho relativamente inferior da Venezuela entre 1975 e 1988. A instabilidade política e o baixo crescimento econômico devem ter contribuído para esse desempenho. Além disso, a falta de maiores investimentos na expansão da produção de petróleo parece ser um fator importante para explicar o fraco desempenho do país durante todo o período 1965-2005, inclusive nos anos recentes, quando o crescimento das exportações se deu primordialmente pelo aumento dos preços do produto.

No caso do Brasil, o *quantum* exportado entre 1989 e 2000 cresceu a taxas anuais médias de 6,2%, mas o valor exportado cresceu, em média, somente a 4,2% a.a. Nesse período, o valor exportado pelo Brasil foi afetado por um comportamento volátil dos preços. No início da década de noventa, os preços das exportações caíram; em meados da década, o país foi beneficiado por uma alta das principais *commodities* exportadas; e, finalmente, depois da crise asiática de 1997, os preços das *commodities* caíram novamente, queda esta de grande magnitude. Mas há um outro fator muito importante: a expansão do consumo doméstico nos primeiros anos do plano Real e a valorização da taxa de câmbio real entre 1993 e 1998 levaram a um fraco desempenho das quantidades exportadas. Em 1995, por exemplo, o *quantum* caiu aproximadamente 7%.

¹⁸ Dados da Divisão de Desenvolvimento Econômico da CEPAL.

A **Tabela XIV.5** apresenta as taxas de crescimentos anuais médias das quantidades, dos preços e do valor exportado para Brasil e Venezuela no período 2001-2005, assim como a contribuição dos preços de exportação ao crescimento do valor. A Tabela mostra situações bem diferenciadas entre os dois países. No Brasil, o crescimento dos preços teve menor importância para explicar o valor exportado - somente 22% da expansão total em 2001-2005 foi explicada pelos preços. No outro extremo, o *quantum* exportado pela Venezuela caiu sistematicamente, a 1% a.a. Portanto, o crescimento dos preços explica mais do que 100% do valor exportado pelo Venezuela.

Tabela XIV.5
**Taxas anuais médias de crescimento das exportações no período 2001-2005 e
 contribuição dos preços para o crescimento total**
 Em %

Países	Quantidades	Preços	Valor	Contribuição dos preços ao crescimento do valor
Brasil	12,3	3,7	16,5	22,4
Venezuela	(1,0)	12,0	10,9	110,1

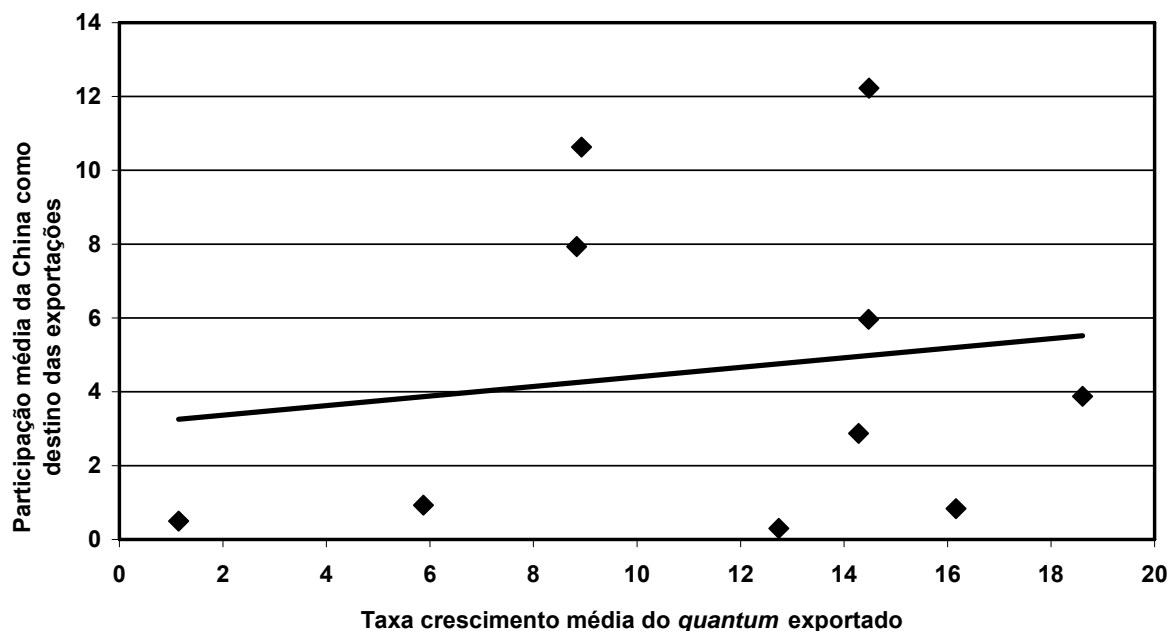
Fonte: CEPAL. Elaboração: Funcex.

Uma possível explicação para o forte crescimento do *quantum* brasileiro pode ser a importância da China como mercado consumidor de seus produtos. A China começou a ganhar importância como consumidora das *commodities* produzidas na América do Sul a partir de meados dos anos noventa. No caso do Brasil, o mercado chinês só começou a ter importância depois de 2001.

A hipótese de que a China poderia ser um dos principais fatores a explicar o bom desempenho exportador sul-americano nos anos recentes, contudo, não é corroborada pelos dados apresentados no **Gráfico XIV.3**, que mostram a correlação simples entre participação média da China como destino das exportações e o crescimento do *quantum* exportado, em 2003-2005.

Gráfico XIV.3

Relação entre a participação da China como destino das exportações e a taxa de crescimento do *quantum* das exportações no período 2003-2005



Fonte: CEPAL e ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

O índice de correlação simples foi baixo (0,16), indicando que o crescimento do *quantum* exportado não esteve muito relacionado à participação da China nas exportações dos países. Por exemplo, os dois países com maior crescimento médio do *quantum* exportado, o Uruguai e a Bolívia, não contaram com uma alta participação do mercado chinês como destino das exportações. No caso do Peru – um dos países que teve alto crescimento – a China tem efetivamente uma alta participação (12%). Mas, no caso do Brasil, a importância do mercado chinês está em uma situação intermediária, com uma participação de 6% na pauta.

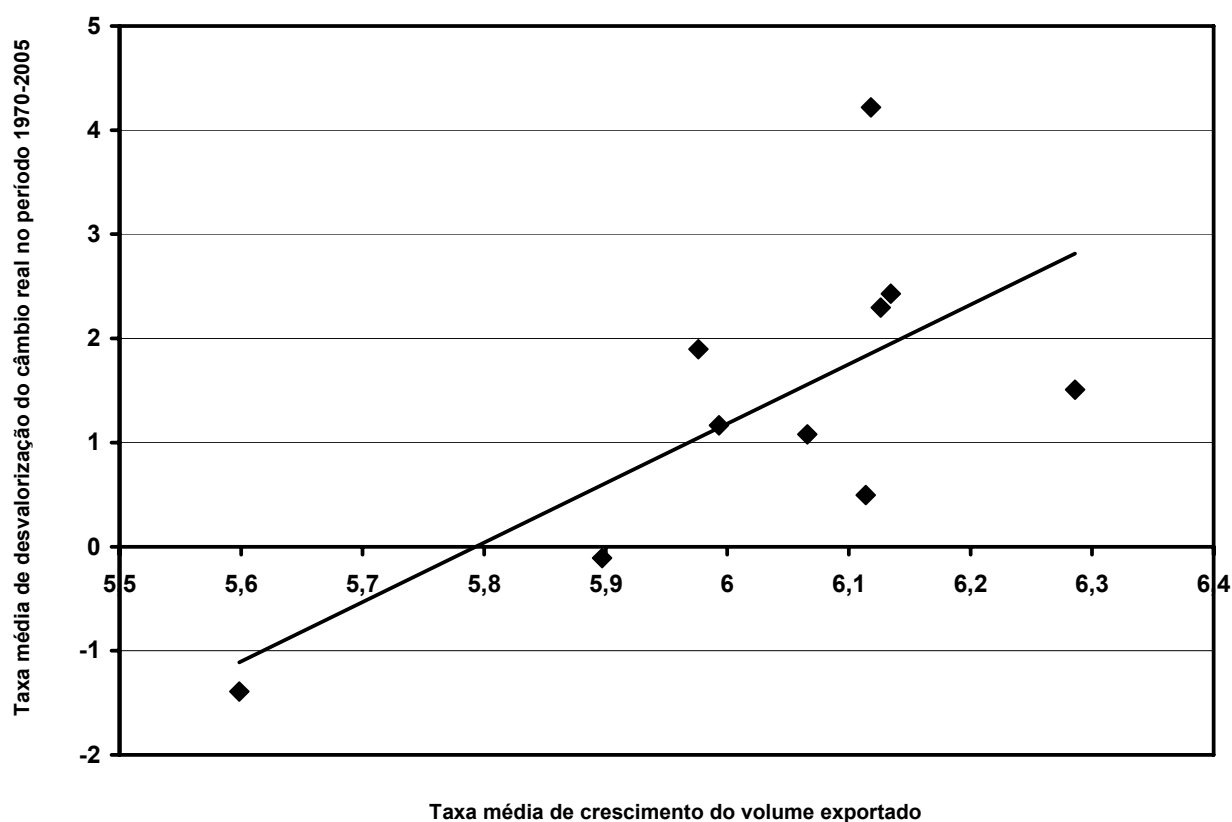
XIV.2. O papel da taxa de câmbio real no crescimento de longo prazo

A experiência internacional indica que um dos componentes de uma estratégia exportadora de sucesso é combinar as políticas fiscais e monetárias domésticas de maneira a sustentar uma taxa de câmbio real relativamente desvalorizada. Assim, os incentivos aos produtores de bens exportáveis são mantidos no tempo, favorecendo a expansão da produção e do investimento. Em outras palavras, há uma relação positiva entre as duas variáveis: quanto maior a taxa de desvalorização real, maior o crescimento do *quantum* exportado.

O **Gráfico XIV.4** apresenta a relação entre taxas médias de crescimento do *quantum* exportado de 10 países sul-americanos e a desvalorização média da taxa de câmbio real desses mesmos países. O período de análise é 1970-2005.

Gráfico XIV.4

Taxa média de crescimento do volume exportado e taxa média de desvalorização do câmbio real dos países sul-americanos no período 1970-2005



Fonte: CEPAL – Divisão de Desenvolvimento Econômico. Elaboração: Funcex.

De acordo com o Gráfico, a correlação simples entre as taxas de desvalorização do câmbio real e o *quantum* exportado foi de 0,69, o que implica que existe uma associação importante entre as duas variáveis, porém não muito estreita. Deve-se observar também que as taxas anuais médias de desvalorização na América do Sul, como exceção do caso chileno, são baixas, entre 1% e 2%, ou até negativas, como no caso peruano.

A correlação intermediária entre as duas variáveis pode se dever aos casos muito afastados da linha de regressão e, portanto, muito diferentes do comportamento médio dos países da região, como são os casos do Brasil, da Argentina e do Chile. É interessante notar que o Chile, por exemplo, fez um esforço de desvalorização importante – acima de 4% a.a. –, mas que essa desvalorização não foi muito eficiente em termos de expansão média do *quantum* exportado. De acordo com o ajuste resultante da amostra de países sul-americanos, o Chile poderia ter obtido a mesma expansão da quantidade exportada com uma desvalorização muito menor, próxima de 2% a.a. O Brasil se encontra no outro extremo. O país teve uma desvalorização real pequena – próxima de 1,5% ao ano –, porém muito eficiente, pois de acordo com o ajuste resultante da amostra de países teria necessitado uma desvalorização anual próxima de 3% para atingir o crescimento efetivamente logrado pelo país, de 6,3% a.a.

Em suma, entre 1970 e 2005 o Brasil teve o maior crescimento anual do *quantum* exportado da América do Sul e conseguiu esse resultado com uma desvalorização real relativamente baixa, de 1,5% a.a.. O sucesso exportador brasileiro, quando comparado ao resto da América do Sul, deve ser creditado também a outros fatores que devem ter estimulado a competitividade da economia.

XIV.3. As mudanças na distribuição das exportações segundo os principais países e blocos econômicos de destino

Existem alguns fatos estilizados comuns na distribuição das exportações da América do Sul segundo principais blocos econômicos e países de destino. A **Tabela XIV.6** apresenta a participação no total exportado para os dois subperíodos extremos da análise: 1965-1969 e 2003-2005.

Em 1965-1969, os dois principais parceiros da maioria dos países eram a União Européia e os EUA. A Argentina, por exemplo, era um dos poucos países para o qual o mercado americano não tinha muita importância. Em compensação a Argentina, junto com a Bolívia e o Chile, exportava mais de 50% do total para os países da União Européia. Mas havia outros países com alta concentração de vendas no bloco europeu: Brasil, Colômbia e Peru exportavam em torno de 40% do total para a União Européia.

Os principais fatos estilizados que surgem da comparação do início e do final do período são os seguintes:

- A perda de importância generalizada da União Européia como bloco de destino.
- A redução de importância do mercado americano para alguns países, como a Bolívia, o Brasil, o Chile e o Paraguai. Porém, o mercado americano se manteve como destino importante para a Colômbia, o Equador, a Venezuela e, em menor medida, para o Peru.
- O crescimento da importância do Mercosul para seus integrantes e associados, mas não para o resto do subcontinente. Mas há diferentes intensidades entre eles. Para a Argentina, a Bolívia, o Paraguai e o Uruguai, o peso do bloco é superior a 19%. Para o Brasil e o Chile, o Mercosul cresceu em importância, mas o peso é inferior ao que tem para os outros quatro países.
- O aumento da importância dos países da América do Sul que não os do Mercosul. Este mercado não tinha, no período inicial, muita significação como destino das exportações para nenhum dos países do subcontinente. Mas a construção de infra-estrutura de transporte e a redução das barreiras comerciais possibilitaram um forte aumento das vendas para os mercados vizinhos para a maioria dos países, em especial entre os membros da Comunidade Andina. Em 2003-2005, a percentagem destinada aos vizinhos do subcontinente aumentou em quase todos os países e, atualmente, os Demais Países da América do Sul (exclusive o Mercosul) são um mercado importante para Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador e Peru.
- A China é um mercado muito importante para poucos países do subcontinente. Como foi mencionado, o mercado chinês é expressivo para Peru, Chile, Argentina e, em menor medida, para o Brasil. Mas é irrelevante para países como a Bolívia, a Colômbia, o Equador, a Guiana e a Venezuela.

- Os Demais da Ásia (exceto China e Ásia-Pacífico), onde está incluído o Japão, não constituem destino importante para a maioria dos países sul-americanos. Ainda assim, nos anos setenta e oitenta o crescimento do Japão permitiu uma ampliação de suas compras de produtos sul-americanos. Entre 2003-05, somente o Chile e o Peru têm nos Demais da Ásia um importante comprador.
- O mercado africano também não foi importante até muito recentemente. Na atualidade, a importância desse mercado cresceu para quase todos os integrantes do subcontinente. Mas a Argentina, o Uruguai e a Venezuela parecem ter desenvolvido conexões mais fortes com esse continente.

Tabela XIV.6
Participação dos países e blocos selecionados no total das exportações
Em %

	EUA	Mercosul	Demais da América do Sul	América Central	México	União Europeia	Demais da Europa	China	Oriente Médio	África	Ásia Pacífico	Demais da Ásia	Demais países
Argentina													
1965-1969	8,7	9,3	9,8	0,3	0,7	56,3	7,4	2,3	1,0	0,7	0,3	2,9	0,5
2003-2005	10,9	19,1	16,2	1,6	2,9	17,3	3,1	7,9	2,7	8,5	4,7	3,9	1,1
Bolívia													
1965-1969	37,6	4,2	1,9	0,0	0,3	52,6	0,1	-	0,0	0,0	0,0	3,3	0,0
2003-2005	15,3	41,8	23,6	0,5	1,0	6,7	2,4	0,8	0,1	0,5	3,1	3,5	0,7
Brasil													
1965-1969	31,4	8,2	2,2	0,2	0,5	41,3	7,5	0,0	0,9	1,8	1,1	3,4	1,4
2003-2005	20,9	9,3	7,3	3,2	3,8	23,8	5,1	6,0	3,8	5,5	4,7	4,4	2,3
Chile													
1965-1969	22,3	6,8	1,6	0,1	0,7	55,8	0,3	0,2	0,0	0,0	0,0	12,0	0,2
2003-2005	15,8	6,4	5,5	2,0	4,3	23,9	2,0	10,6	0,9	5,4	7,1	13,4	2,8
Colômbia													
1965-1969	43,0	1,6	4,3	4,5	0,1	39,0	3,5	0,0	0,1	0,2	0,1	1,4	2,2
2003-2005	42,0	1,0	20,5	8,8	3,0	14,5	1,3	0,9	0,9	2,3	1,0	1,7	2,0
Equador													
1965-1969	46,2	1,8	7,4	0,3	0,4	28,2	5,4	-	1,4	1,2	0,1	7,2	0,4
2003-2005	45,4	1,3	17,2	12,5	0,6	13,9	4,1	0,3	0,4	0,5	1,8	1,4	0,8
Guiana													
1965-1969	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
2003-2005	20,4	0,1	1,7	24,7	0,3	42,9	1,2	0,5	1,2	1,5	0,9	1,5	3,1
Paraguai													
1965-1969	23,8	32,4	2,2	0,0	0,2	31,8	0,6	-	0,0	7,4	0,1	0,8	0,6
2003-2005	3,3	55,1	6,1	0,3	0,3	6,3	7,5	2,9	1,8	1,5	1,8	1,3	11,7
Peru													
1965-1969	38,7	2,6	3,4	0,2	0,9	36,5	2,8	0,0	0,3	0,3	0,4	13,2	0,7
2003-2005	26,3	3,8	15,0	3,5	2,2	19,9	2,0	12,2	0,2	3,2	3,1	5,7	2,8
Suriname													
1965-1969	72,6	0,0	0,8	0,8	-	11,1	0,1	0,0	-	3,0	0,0	0,9	10,8
2003-2005	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
Uruguai													
1965-1969	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
2003-2005	19,4	26,3	5,0	1,8	4,1	19,2	2,8	3,9	3,8	6,0	3,2	1,3	3,2
Venezuela													
1965-1969	35,1	3,3	1,9	9,6	0,1	16,3	1,0	-	0,0	0,5	0,3	1,0	31,0
2003-2005	32,0	0,5	3,5	2,5	1,1	5,4	0,2	0,5	0,0	48,3	0,3	0,5	5,2

Fonte: ONU/Comtrade. Elaboração: Funcex.

XIV.4. Diferenças de desempenho em função da natureza dos recursos naturais disponíveis

O desempenho exportador de cada país responde a fatores específicos, sendo difícil encontrar fatos estilizados e tendências comuns quando se olha para os doze países em conjunto. Mas, quando se agrupam os países de acordo com a natureza predominante de seus recursos naturais, encontram-se semelhanças dentro de uma mesma categoria e é possível identificar diferenças entre as categorias.

A **Tabela XIV.7** apresenta uma classificação dos países da América do Sul segundo a natureza de suas exportações na década de setenta. Um país foi classificado como sendo de “base agrícola” ou de “base mineral” se a proporção média, no período 1970-1979, de suas exportações de bens agrícolas e alimentos ou de suas exportações de minerais, energéticos e bens intensivos em recursos naturais foi maior que 50% das exportações totais.

Tabela XIV.7
**Classificação dos países sul-americanos de acordo com a natureza
do recurso natural predominante na suas exportações**
Valores em %

	Participação das exportações de bens agrícolas + Alimentos nas exportações totais em 1970-1979	Participação das exportações de Minerais+Energéticos+ Intensivos em Recursos Naturais nas exportações totais em 1970-1979
Países de base agrícola		
Argentina	72	
Brasil	56	
Colômbia	74	
Paraguai	80	
Uruguai	50	
Países de base mineral		
Bolívia		88
Chile		84
Equador	46	52
Guiana (1970)	42	52
Peru	37	57
Suriname (1990)		82
Venezuela		98

Fonte: CEPAL. Elaboração: Funcex.

A **Tabela XIV.8** mostra quais são e qual a participação dos dois principais mercados de destino das exportações de cada país sul-americano no início do período de análise e em 2003-2005. Em quase todos os países da América do Sul, o grau de concentração das exportações nos dois principais países de destino diminuiu ao longo do período de análise.

Tabela XIV.8
Os dois principais países de destino e sua participação nas exportações dos países sul-americanos

Participação dos dois principais mercados de destino nas exportações (%)					Principais dois destinos das exportações em 1965-1969		Principais dois destinos das exportações em 2003-2005	
Países de base mineral	1965	1966	1967	2003-2005	1°	2°	1°	2°
Bolívia	87	85	84	49	Reino Unido	EUA	Brasil	EUA
Chile	44	40	32	28	EUA	Reino Unido	EUA	Japão
Equador	71	65	63	56	EUA	Alemanha	EUA	Peru
Guiana	47 ¹	50 ²	57 ³	42	n.d	n.d	R. Unido	EUA
Peru	48	55	56	38	EUA	Japão	EUA	China
Suriname	80	47 ⁴	61 ⁵	51 ⁶	EUA	Canadá	Noruega ⁷	EUA
Venezuela	57	58	56	62 ¹¹	EUA	Antilhas	EUA ¹²	Antilhas
Países de base agrícola	1965	1966	1967	2003-2005	1°	2°	1°	2°
Argentina	27	26	28	27	Itália	Países Baixos	Brasil	EUA
Brasil	42	42	42	29	EUA	Alemanha	EUA	Argentina
Colômbia	59	59	59	51	EUA	Alemanha	EUA	Venezuela
Paraguai	51	55	49	50	Argentina	EUA	Uruguai	Brasil
Uruguai	28 ⁸	25 ⁹	26 ¹⁰	36	n.d	n.d	EUA	Brasil

Notas: (1) valor referente ao ano 1970; (2) valor referente ao ano 1971; (3) valor referente ao ano 1972; (4) valor referente ao ano 1973; (5) valor referente ao ano 1974; (6) média referente ao período 1999-2001; (7) para Suriname, os principais países no período 1999-2001; (8) valor referente ao ano 1970; (9) valor referente ao ano 1971; (10) valor referente ao ano 1972; (11) média referente ao período 2001-2003; e (12) principais países no período 2001-2003.

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Duas características da comparação entre estes grupos de países merecem destaque. Em primeiro lugar, o grau de concentração nos dois principais mercados é menor nos países de base agrícola, tanto no início do período de análise quanto em 2003-2005. O Chile foi o país com menor concentração entre os de base mineral, mas o resto dos integrantes do seu grupo tem concentrações acima de 38% ainda em 2003-2005.

Em segundo lugar, os países de base agrícola parecem ter tido maior capacidade de se relacionar com os países vizinhos depois de ver reduzida a importância da União Européia como destino de suas exportações. Em 2003-2005, a maioria deles tem os EUA e um país da América do Sul como seus dois principais parceiros. Nos países de base mineral, os parceiros europeus também perderam participação, mas, em 2003-2005, somente Bolívia e Equador tinham um vizinho sul-americano como um dos seus principais parceiros comerciais.

No que tange aos produtos exportados, a **Tabela XIV.9** apresenta a participação dos dois principais produtos a dois dígitos da Classificação Uniforme do Comércio Internacional (CUCI), entre 1965-1969 e 2003-2005. A maioria dos países reduziu significativamente a participação dos dois principais produtos no total exportado entre os períodos considerados.¹⁹

¹⁹ Na Tabela XIV.9 o Equador é mantido como país de base mineral, apesar de seus dois principais produtos exportados em 1965-69 serem de origem agrícola. A classificação dos países foi feita com base nos dados dos anos setenta, quando o Equador já se havia transformado em um grande exportador de petróleo, mas ainda contava com uma importante exportação de café e banana.

Tabela XIV. 9
Participação dos dois principais produtos no total das exportações
Em %

	1965-1969	2003-2005
PAÍSES DE BASE AGRÍCOLA		
Argentina	55,0 Cereais e seus preparados Carnes e preparações de carne	24,0 Petróleo e derivados Alimentos para animais, exc. cereais não-móidos
Brasil	56,5 Café, chá, cacau, condimentos e seus preparados Fibras têxteis, não manufaturadas, e desperdícios	20,9 Equipamentos de transporte Máquinas, exc. elétricas
Colômbia	76,1 Café, chá, cacau, condimentos e seus preparados Petróleo e derivados	38,6 Petróleo e derivados Coque e carvão
Paraguai	48,3 Carnes e seus preparados Madeira, madeira serrada e cortiça	47,6 Grãos e sementes oleaginosas Carnes e seus preparados
Uruguai	58,8 *** Carnes e seus preparados Fibras têxteis, não manufaturadas, e desperdícios	33,1 Carnes e seus preparados Cereais e seus preparados
PAÍSES DE BASE MINERAL		
Bolívia	82 Metais não ferrosos Petróleo e derivados	43,7 Gás natural e industrializado Minérios de metais e sucatas de metal
Chile	85,1 Metais não ferrosos Minérios de metais e sucatas de metal	51,6 Metais não ferrosos Minérios de metais e sucatas de metal
Equador	81,9 Frutas e vegetais Café, chá, cacau, condimentos e seus preparados	68,8 Petróleo e derivados Frutas e vegetais
Guiana	79,2 * Minérios de metais e sucatas de metal Açúcar, seus preparados e mel	45,3 Açúcar, seus preparados e mel Peixes e seus preparados
Peru	55,2 Metais não ferrosos Alimentos para animais, exc. cereais não-móidos	45,7 Minérios de metais e sucatas de metal Metais não ferrosos
Suriname	82,9 Minérios de metais e sucatas de metal Cereais e seus preparados	80,6 ** Elementos e compostos químicos Peixes e seus preparados
Venezuela	96,7 Petróleo e derivados Minérios de metais e sucatas de metal	90 Petróleo e derivados Ferro e aço

Notas:

* o valor corresponde ao período 1970-1974.

** o valor corresponde ao triênio 2000-2002.

*** o valor corresponde ao período 1970-1974.

Fonte: ONU/COMTRADE. Elaboração: Funcex.

Duas características diferenciam estes dois grupos de países sul-americanos. Primeiro, os dois principais produtos da maioria dos países de base agrícola sempre representaram uma proporção menor das exportações totais, tanto no período inicial como no período final. Em 2003-2005, o Brasil e a Argentina são dois casos extremos de baixa participação no total, mas mesmo proporções mais altas, como as da Colômbia ou do Uruguai, estão abaixo das menores proporções dos dois principais produtos nos países de base mineral, como as do Equador, da Bolívia ou da Guiana.

Segundo, os países de base agrícola parecem ter tido maior capacidade de diversificar seus principais produtos, seja dentro da própria cadeia da agricultura, seja explorando outros recursos naturais, como minerais, ou ainda, como no caso de Brasil, indo na direção de produtos industrializados, especificamente equipamentos de transporte e máquinas não elétricas. A Colômbia, que já tinha nos anos sessenta uma participação importante de petróleo, deixou de ser um país com fortes exportações agrícolas e transformou-se em um significativo exportador de petróleo e derivados e carvão.

Nos países de base mineral, a diversificação dos principais produtos parece mais limitada. Em geral, se concentram dentro da base mineral, como no caso da Bolívia ou do Peru, mas outros, como o Chile e a Venezuela, continuam tendo o mesmo principal produtos a dois dígitos que tinham em 1965-1969.

Como explicado, o Equador se transformou em um exportador de petróleo nos anos setenta e tem nos dois principais produtos uma combinação das duas bases de recursos naturais. Guiana e Suriname conseguiram transformar as características de seus dois principais produtos.

Tratando agora especificamente dos produtos industrializados, a **Tabela XIV.10** apresenta a participação nas exportações totais dos países sul-americanos de três tipos de produtos industriais, no início do período de análise, na década de noventa e no final do período. O objetivo da tabela é verificar a capacidade que esses países tiveram de diversificar suas estruturas exportadoras na direção dos produtos industrializados.

Os países de base agrícola, em geral, têm uma alta participação no total exportado de alimentos, bebidas e fumo, portanto sua diversificação deve ser analisada na direção das outras três categorias de produtos industriais. Os países de base mineral, em geral, têm uma alta participação dos produtos intensivos em economias de escala e recursos naturais (como resultado do processamento dos minerais).

No caso dos países agrícolas, as opções de diversificação parecem maiores. Países como o Brasil avançaram na direção do processamento de outros recursos naturais e bens intensivos em economias de escala (*commodities* e produtos industriais de diversos tipos) e conseguiram ter um aumento substancial na participação de produtos duráveis e difusores do progresso técnico. Em 2003-2005, o Brasil foi o país que atingiu a mais alta proporção desses dois tipos de bens na América do Sul: 26,4%.

A Colômbia avançou nas três direções: triplicou sua participação de outros bens tradicionais, quase triplicou a proporção de bens intensivos em economias de escala e mais de 7% de suas exportações, em 2003-05, eram de bens duráveis e difusores do progresso técnico. Até o Uruguai tinha, em 2003-2005, uma proporção maior de bens duráveis e difusores do progresso técnico do que quaisquer dos países de base mineral.

Tabela XIV.10
Participação dos produtos industrializados nas exportações
dos países sul-americanos, em períodos selecionados
Em %

	1965-1969	1995-1999	2003-2005
Países de base agrícola			
Argentina			
Outros tradicionais	3,3	9,0	6,6
Intensivos em economias de escala e recursos naturais	6,9	23,0	27,1
Duráveis e difusores do progresso técnico	2,7	15,0	12,6
Brasil			
Outros tradicionais	6,8	13,5	11,9
Intensivos em economias de escala e recursos naturais	3,8	26,2	24,6
Duráveis e difusores do progresso técnico	2,5	23,6	26,4
Colômbia			
Outros tradicionais	5,3	14,7	15,5
Intensivos em economias de escala e recursos naturais	5,9	15,6	22,9
Duráveis e difusores do progresso técnico	1,2	5,3	7,3
Paraguai			
Outros tradicionais	8,8	18,4	12,6
Intensivos em economias de escala e recursos naturais	5,1	8,7	10,7
Duráveis e difusores do progresso técnico	0,0	1,2	1,2
Uruguai			
Outros tradicionais	n.d	30,9	27,1
Intensivos em economias de escala e recursos naturais	n.d	8,9	10,4
Duráveis e difusores do progresso técnico	n.d	7,6	4,4
Países de base mineral			
Bolívia			
Outros tradicionais	0,5	16,5	11,4
Alimentos, bebidas e tabaco	0,5	13,7	16,3
Duráveis e difusores do progresso técnico	0,0	12,0	3,7
Chile			
Outros tradicionais	0,7	8,3	7,0
Alimentos, bebidas e tabaco	2,8	12,1	10,3
Duráveis e difusores do progresso técnico	0,7	3,2	2,3
Equador			
Outros tradicionais	1,1	4,5	4,3
Alimentos, bebidas e tabaco	8,1	9,9	10,8
Duráveis e difusores do progresso técnico	1,1	2,5	2,9
Guiana			
Outros tradicionais	n.d	13,1	28,7
Alimentos, bebidas e tabaco	n.d	41,4	34,0
Duráveis e difusores do progresso técnico	n.d	1,0	2,8
Peru			
Outros tradicionais	0,5	13,9	16,0
Alimentos, bebidas e tabaco	32,7	19,9	16,1
Duráveis e difusores do progresso técnico	0,1	1,9	1,9
Suriname			
Outros tradicionais	n.d	0,8	n.d
Alimentos, bebidas e tabaco	n.d	1,8	n.d
Duráveis e difusores do progresso técnico	n.d	1,2	n.d
Venezuela			
Outros tradicionais	0,2	2,1	1,2
Alimentos, bebidas e tabaco	0,2	1,8	0,5
Duráveis e difusores do progresso técnico	0,2	2,7	2,5

Nota: * Dados até 2004. Fonte: CEPAL. Elaboração: Funcex.

Como explicado, os países de base mineral têm uma alta participação de bens industrializados intensivos em recursos naturais nas suas exportações. Por isso, analisou-se a diversificação na direção de alimentos, outros bens tradicionais ou duráveis e difusores do progresso técnico. Em geral, em termos percentuais os aumentos são importantes, mas todos esses países tinham, em 1965-1969, uma base industrial muito pouco diversificada. Então, mesmo com esses saltos, as proporções desses outros produtos permanecem baixas.

Considere-se o Chile, por exemplo. Em 1965-1969, as três categorias de produtos analisadas somavam 4,2% do total, enquanto os bens intensivos em recursos naturais (processamento do cobre) chegavam a 78%. Em 2003-2005, o aumento da participação das três categorias foi notável – quase quatro vezes –, mas ainda representavam somente 19,6% do total, enquanto o cobre processado exportado representava 44% do total da pauta. A concentração na indústria tradicional do país continuava muito alta.

Nos outros países, os avanços na direção da diversificação da estrutura industrial tradicional também foram pouco representativos. Em 2003-2005, a soma das proporções exportadas dos três tipos de produtos industriais analisados totalizava 4,2% na Venezuela, 18% no Equador, 31,4% na Bolívia e 34% no Peru – sendo que este último já contava com uma indústria de alimentos exportadora em 1965-1969.

Por último, a proporção exportada de bens duráveis e difusores do progresso técnico entre os países de base mineral foi mínima, e inferior à de quase todos os países de base agrícola, com exceção do Paraguai. Em 2003-2005, as proporções foram: 3,7% na Bolívia; 2,3% no Chile; 2,9% no Equador; 2,8% na Guiana; 1,9% no Peru e 2,5% na Venezuela.

A aparente maior facilidade dos países de base agrícola para diversificar sua pauta de exportação merece uma investigação mais profunda, mas algumas hipóteses podem ser levantadas.

Em primeiro lugar, a base agrícola permite maiores possibilidades de diversificar dentro da própria atividade original, alternando cultivos, combinando agricultura, pecuária ou extrativa vegetal. Isso permite desenvolver habilidades na mão-de-obra e maiores oportunidades de novas atividades conexas à atividade original. Muito raramente, os países de base mineral têm possibilidades de diversificar dentro de sua própria base de recursos naturais e originar novas atividades. A Venezuela e o Chile, em menor medida, são exemplos disso.

Em segundo lugar, a base agrícola gera matéria-prima para o surgimento de pelo menos duas indústrias: a de alimentos e a indústria têxtil baseada em fibras e tecidos naturais, atividades que normalmente não requerem grandes investimentos de capital ou grande capacitação tecnológica. Argentina, Brasil, Colômbia e Uruguai seguiram, em diferentes graus, esse caminho. Adicionalmente, o amplo mercado de produtores agrícolas permite o surgimento de uma indústria de bens de capital ligados à atividade agrícola. Isto também pode ser feito com relativa facilidade tecnológica e a baixo custo (maquinaria e implementos agrícolas). No caso das atividades de extração mineral, os equipamentos são mais complexos e custosos e, portanto, de difícil desenvolvimento com escassos recursos ou pouco desenvolvimento tecnológico.

Em terceiro lugar, as atividades de extração mineral costumam ser mais capital-intensivas do que as atividades agrícolas. Isto absorve recursos da economia e restringe as possibilidades de desenvolvimento de outras atividades, especialmente em países com baixa taxa de poupança doméstica. As atividades agrícola, ao contrário, são menos capital-intensivas, abrindo espaço para o desenvolvimento de atividades alternativas com os escassos recursos da economia.

Em quarto lugar, as atividades de extração mineral foram iniciadas nos países de América do Sul por companhias transnacionais, com seus próprios fornecedores de bens de capital e com sua tecnologia. Esta situação debilitou o transbordamento do conhecimento das técnicas, o que poderia ter ajudado no desenvolvimento das capacidades domésticas para explorar esses recursos naturais. As diversas atividades agrícolas, ao contrário, são desenvolvidas por um número grande de empresas e possibilitam gerar diversas habilidades e conhecimentos que são mais facilmente disseminados e utilizados para gerar novas atividades.

CONCLUSÃO

O baixo crescimento relativo da América Latina esteve muito influenciado pelo desempenho circunstancial de alguns grandes exportadores da região. Argentina, Venezuela e Brasil passaram, em determinados períodos da análise, por circunstâncias muito específicas que diminuíram seu dinamismo exportador e afetaram o desempenho global da região.

Os países da região mudaram a distribuição de suas exportações segundo países e blocos econômicos de destino ao longo do período analisado. Conseguiram superar principalmente o declínio dos países da União Européia como mercado consumidor, mas isto não foi feito de forma igual por todos os países. Os de base agrícola tenderam a estreitar relações com a vizinhança e os países de base mineral tenderam a manter seus dois mercados principais fora do subcontinente. Em 2003-2005, os Estados Unidos foram um dos mercados principais para quase todos os países do subcontinente, com exceção do Paraguai.

A comparação realizada entre os grupos de países de base agrícola e de base mineral mostrou que os primeiros tiveram maior facilidade para reduzir a concentração de mercados de destino e também para diminuir a concentração da pauta e diversificar na direção de outros produtos industrializados, não necessariamente ligados à sua base de recursos naturais. Estes países desenvolveram maior capacidade de produzir bens duráveis e difusores do progresso técnico, mesmo quando a comparação é controlada pelo grau de desenvolvimento econômico.

Os países de base mineral desenvolveram uma indústria muito vinculada ao processamento direto do mineral e muito raramente conseguiram, no período analisado, participações expressivas das exportações de outras categorias de produtos industriais. O fenômeno da falta de diversificação das exportações da América do Sul parece estar mais concentrado nos países de base mineral, mesmo quando atingem um PIB *per capita* relativamente elevado, como é o caso do Chile.

Atualmente, os países de base mineral estão sendo altamente beneficiados pelo ciclo de alta dos preços das *commodities* minerais. Já foi destacado que o crescimento do valor exportado da Venezuela e do próprio Chile foi majoritariamente baseado na alta de preços internacionais, sendo que esses países contam com uma estrutura exportadora muito concentrada em poucos produtos. Em uma situação semelhante se encontra o Equador, que tem também uma estrutura exportadora muito focada em poucos produtos, neste caso em petróleo e frutas. Em favor de Chile, pode-se mencionar que suas políticas domésticas poderiam compensar parcialmente um ciclo desfavorável do comércio internacional.

A Bolívia, por sua vez, tem suas exportações muito concentradas em um país e um produto (gás natural para o Brasil). O quadro torna-se mais complicado quando se tem em conta os recentes atritos entre os dois países, que começaram com a demanda boliviana de elevar o preço do gás vendido ao Brasil (diferentemente do que estava previsto no contrato assinado entre os países) e tornaram-se críticos por conta da nacionalização das reservas de petróleo e gás. As potenciais perdas comerciais do país são enormes, não só pela redução das vendas ao Brasil, mas principalmente pela perda de credibilidade do país como parceiro comercial e de investimentos.

O Peru, com a estrutura mais diversificada dentro dos países de base mineral, está há muito tempo crescendo com expansões significativas das quantidades exportadas. De todos os países minerais, o Peru parece ser o que está mais bem posicionado para suportar a eventual reversão ou atenuação do ciclo atual de crescimento internacional e de alta de preços das *commodities*.

O Brasil é o país com exportações mais diversificadas na região e foi capaz de obter o maior crescimento do *quantum* exportado no período 1970-2005, mesmo com baixa desvalorização da taxa de câmbio real e com alta volatilidade dessa variável. A estrutura produtiva diversificada, a taxa flutuante e as metas inflacionárias lhe permitirão ajustar sua taxa de câmbio real e fazer frente a uma provável reversão do ciclo atual do comércio internacional.

A Argentina e a Colômbia também têm estruturas diversificadas de exportação, ainda que em menor grau do que a brasileira. A Colômbia é muito dependente do petróleo, mas tem outros produtos industriais e uma base agrícola que lhe permitiria diversificar seus produtos no caso de reversão do ciclo do comércio mundial. A Argentina está reconstruindo alguns setores de sua indústria e conta, a exemplo do Brasil, com boas perspectivas no campo da bioenergia.

O Uruguai e o Paraguai são os dois países mais frágeis do grupo de base agrícola. Nos últimos anos, as exportações desses dois países cresceram muito satisfatoriamente, aproveitando o ciclo expansivo de seus vizinhos e as oportunidades do comércio internacional. Mas suas estruturas produtivas são menos diversificadas, o que gera maiores riscos frente à eventual reversão do ciclo atual do comércio mundial.

FUNCEX



**fundação
centro de estudos
do comércio
exterior**

Ajudando o Brasil a expandir fronteiras

www.funccx.com.br

Endereço/Adress

**Av. Rio Branco, 120, Grupo 707, Centro
20.040-001 Rio de Janeiro RJ - Brasil**

Telefones/Calls

(55.21) 2509-2662, 2509-4423

Fax

(55.21) 2221-1656

E-mail

funccx@funccx.com.br